

ANA ZÉLIA DE LUCENA MORAIS

**VIOLÊNCIA EM AMBIENTE ESCOLAR:
A REALIDADE VIVENCIADA POR PROFESSORES
DA REDE PÚBLICA DE JOÃO PESSOA-PB**

Orientadora: Professora Doutora Otaviana Maroja Jales Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdades de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2018

ANA ZÉLIA DE LUCENA MORAIS

**VIOLÊNCIA EM AMBIENTE ESCOLAR:
A REALIDADE VIVENCIADA POR PROFESSORES
DA REDE PÚBLICA DE JOÃO PESSOA-PB**

Dissertação aprovada em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 14 de Fevereiro de 2019, com o Despacho Reitoral nº19/2019, mediante a seguinte composição de júri:

Presidente: Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa

Arguente: Professora Doutora Ana Carita

Orientadora: Professora Doutora Otaviana Maroja Jales Costa.

Coorientadora: Professora Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdades de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2018

EPÍGRAFE

Os pais cobram da escola. A escola responsabiliza os pais. A sociedade exige que a escola professe valores de solidariedade e respeito ao próximo que ela mesma ignora. É ingênuo acreditar que um único segmento seja capaz de, isoladamente, erradicar a violência. Se a causa é a ausência de amizade, respeito e solidariedade entre as pessoas, então, o primeiro passo é resgatar essa parceria.

Chalita (2008, p. 195)

DEDICATÓRIA

A minha família por todos os bons exemplos de nobreza e companheirismo, especialmente aos meus pais José Moraes e Dalila de Lucena Moraes por tudo que me ensinaram e me fizeram acreditar.

As minhas filhas Ana Karla e Danielle pela força impulsionadora durante todo o processo desse estudo.

A todos os leitores que despertem o interesse por esta pesquisa como proposta de futuros trabalhos acadêmicos e/ou como forma de enriquecimento pessoal e intelectual.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, fica difícil nomearmos todas as pessoas que direto ou indiretamente estiveram presentes na realização deste trabalho. Sendo assim, nos limitamos a citar os nomes de algumas que de forma mais direta contribuíram para este empreendimento. Por isso, os nossos agradecimentos especiais são dirigidos:

A Deus, por ter me guiado em todo o caminho que trilhei para a realização desta pesquisa, principalmente nos momentos em que ensaiava desistir;

Ao meu irmão Luiz Carlos, por todas as orações realizadas para que eu pudesse adquirir forças para prosseguir com este estudo;

As minhas sobrinhas Edjane, Edilúcia, Edilene, Edileuma, Edilane e Fernanda Niédja, pela colaboração e estímulo a esta pesquisa;

A minha orientadora Otaviana Maroja, que me acolheu de forma carinhosa, estimulando-me sempre com palavras de confiança, firmeza e acima de tudo, acreditando em meu potencial;

A professora Doutora Alcina Manuela Martins, pela gentil e valiosa colaboração para com este estudo;

Aos educadores da rede pública municipal e estadual de João Pessoa, especialmente os professores que diretamente forneceram as informações necessárias para que este trabalho fosse realizado e por terem permitido que conhecesse um pouco de suas práticas docentes;

Aos colegas do Curso de Mestrado em Educação, professores e funcionários do CINTEP, pela presteza no atendimento as minhas solicitações, particularmente, a minha amiga Michelle, pelo constante auxílio durante a efetivação desta pesquisa.

RESUMO

O problema da violência tem atingido o ambiente escolar e trazido consequências para os que nele convivem. Este trabalho estudou a violência escolar a partir da percepção de professores que ensinam na rede pública de João Pessoa-PB. Buscou-se avaliar as causas que norteiam este problema e as repercussões que podem acarretar no processo de trabalho. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, com base descritiva, incluindo quantificação. Realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas a quatorze professores, sendo: sete da rede municipal com o ensino fundamental e sete da rede estadual com o ensino médio. Constatou-se que todos os professores já presenciaram algum tipo de violência na escola. A falta de respeito, as agressões verbais e as intimidações ou ameaças são os tipos de violência que mais os afetam. A maioria atribui os episódios de violência à desestruturação familiar e afirmam que esses episódios interferem em suas práticas pedagógicas e trazem reflexos negativos para suas vidas. Apesar destes problemas, 86% afirmam gostar da profissão. Percebe-se a necessidade da presença e participação dos pais junto à escola, bem como o desenvolvimento de políticas públicas sociais e de combate a violência para que a escola possa realmente cumprir sua função social.

Palavras-chave: Violência Escolar; Professores; Alunos.

ABSTRACT

The problem of violence has reached the school environment and brought consequences to those who live in it. This research studied school violence from the perception of teachers teaching in the public network of João Pessoa-PB. The aim was to evaluate the causes that guide this problem and the repercussions that can cause in the work process. This is a qualitative field research, with a descriptive basis, including quantification. Fourteen teachers were interviewed by means of semi-structured interviews: seven from the municipal network with elementary education and seven from the state network with secondary education. It was verified that all the teachers already witnessed some type of violence in the school. Lack of respect, verbal assaults, and intimidation or threats are the kinds of violence that most affect them. Most attribute the episodes of violence to family disintegration and affirm that these episodes interfere in their pedagogical practices and bring negative reflexes to their lives. Despite these problems, 86% say they like the profession. The presence and participation of parents in the school, as well as the development of social and anti-violence public policies, are understood so that the school can actually fulfill its social function.

Keywords: School Violence; Teachers; Students.

RESUMEN

El problema de la violencia ha alcanzado el ambiente escolar y traído consecuencias para los que en él conviven. Este trabajo estudió la violencia escolar a partir de la percepción de profesores que enseñan en la red pública de João Pessoa-PB. Se buscó evaluar las causas que orientan ese problema y las repercusiones que pueden acarrear en el proceso de trabajo. Se trata de una investigación de campo, de naturaleza cualitativa, con base descriptiva, incluyendo cuantificación. Se realizó por medio de entrevistas semiestructuradas a catorce profesores, siendo: siete de la red municipal con la enseñanza fundamental y siete de la red estadual con la enseñanza media. Se constató que todos los profesores ya presenciaron algún tipo de violencia en la escuela. La falta de respeto, las agresiones verbales y las intimidaciones o amenazas son los tipos de violencia que más los afectan. La mayoría atribuye los episodios de violencia a la desestructuración familiar y afirman que esos episodios interfieren en sus prácticas pedagógicas y traen reflejos negativos para sus vidas. A pesar de estos problemas, el 86% afirma tener gusto de la profesión. Se percibe la necesidad de la presencia y participación de los padres en la escuela, así como el desarrollo de políticas públicas sociales y de combate a la violencia para que la escuela pueda realmente cumplir su función social.

Palabras clave: Violencia Escolar; Los Profesores; Los Alumnos.

ABREVIATURAS E SIGLAS

p.	- página
pp.	- páginas
ABRAPIA	- Associação Brasileira Multidisciplinar de Proteção à Infância e à Adolescência
CIOP	- Centro Integrado de Operações Policiais
CVLIs	- Crimes Violentos Letais e Intencionais
CVPs	- Crimes Violentos contra o Patrimônio
CCBSA	- Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas
D.A.R.E.	- Drug Abuse Resistance Education
DUDH	- Declaração Universal dos Direitos Humanos
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBN	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MP	- Ministério Público
MS	- Ministério da Saúde
NACE	- Núcleo de Análise Criminal
NAPE	- Núcleo de Orientação Pedagógica
OMS	- Organização Mundial de Saúde
PIB	- Produto Interno Bruto
PMEP	- Polícia Militar do Estado da Paraíba
P1	- Participante 1
P2	- Participante 2
P3	- Participante 3
P4	- Participante 4
P5	- Participante 5
P6	- Participante 6
P7	- Participante 7

P8	- Participante 8
P9	- Participante 9
P10	- Participante 10
P11	- Participante 11
P12	- Participante 12
P13	- Participante 13
P14	- Participante 14
PROERD	- Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
SEDC	- Secretaria de Educação e Cultura
SEDS	- Secretaria de Estado de Segurança e da Defesa Social
SVS	- Secretaria de Vigilância em Saúde
SIM	- Sistema de Informação de Mortalidade
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UEPB	- Universidade Estadual da Paraíba
UFPB	- Universidade Federal da Paraíba

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - VIOLÊNCIA: COMPLEXIDADE DO FENÔMENO	25
1.1 VIOLÊNCIA: CONCEITOS E TEORIAS	25
1.2 VIOLÊNCIA: VIVÊNCIAS EM CONTEXTO ESCOLAR.....	33
1.2.1 Incivildades	38
1.2.2 Violência Simbólica e/ou Institucional	40
1.2.3 Bullying.....	41
CAPÍTULO 2 - MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA MAIS COMUNS EM AMBIENTES DE ESCOLAS BRASILEIRAS.....	50
2.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NO BRASIL: ALGUNS RESULTADOS.....	50
2.2 A VIOLÊNCIA EM AMBIENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE JOÃO PESSOA.....	59
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DO ESTUDO.....	65
3.1 PROBLEMÁTICA DO ESTUDO.....	65
3.2 A QUESTÃO DE PARTIDA	68
3.3 OS OBJETIVOS	68
3.4 OPÇÕES E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	68
3.5 FONTES E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	70
3.5.1 Observações e anotações	71
3.5.2 Inquérito por entrevistas	71
3.6 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO INVESTIGADO	75
3.6.1 Contextualização	77
3.7 SUJEITOS DA PESQUISA	80
3.8 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA AOS GESTORES E DOCENTES.....	80
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS DA PESQUISA.....	83
4.1 PERFIL DOS DOCENTES	84
4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	92
	11

4.2.1 Percepção dos professores sobre o ambiente de trabalho.....	92
4.2.2 Percepção dos docentes sobre a relação professor/aluno.....	96
4.2.3 Percepção dos professores sobre as principais evidências de violência no ambiente de trabalho.....	99
4.2.4 Violência praticada no ambiente escolar e vivenciada por professores ...	102
4.2.5 Modalidades de violência praticadas contra os professores dentro e/ou fora da escola.....	104
4.2.6 As armas como expressões da violência: uma realidade no ambiente escolar	108
4.2.7 Surgimento da violência no ambiente escolar: o que pensam os professores?	110
4.2.8 Desafio de liderar: medidas tomadas frente à violência no ambiente escola	113
4.2.9 Interferência da violência escolar na vida profissional dos professores...	117
4.2.10 Estratégias apontadas pelos professores quanto à redução da violência no ambiente de trabalho.....	123
4.2.11 Percepção dos professores sobre os problemas encontrados na profissão	125
4.2.12 A docência: vocação e amor	126
CONCLUSÕES.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
APÊNDICES	I

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade	84
Gráfico 2: Gênero	85
Gráfico 3: Estado Civil.....	87
Gráfico 4: Tempo de Magistério	90
Gráfico 5: Carga horária de trabalho	91
Gráfico 6: Ambiente de trabalho	93
Gráfico 7: Interferência da violência escolar na vida profissional dos professores	118
Gráfico 8: Percepção dos professores sobre o que sentem em relação à profissão que exercem.....	127
Gráfico 9: Percepção dos professores em relação ao desejo de desistir da profissão.....	128
Gráfico 10: Maior satisfação do professor enquanto profissional da educação	131

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Dados das escolas investigadas.....	79
Tabela 2: Escolas por grau de escolaridade e sexo	86
Tabela 3: Número de professores da Educação Básica por escolaridade	89
Tabela 4: Pós-Graduação.....	90
Tabela 5: Quantidade de escolas onde os professores lecionam.....	92
Tabela 6: Proporção e número de professores segundo os tipos de armas	108

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Localização geográfica de João Pessoa – Paraíba.....	73
Figura 2: Mapa de João Pessoa – Divisão territorial dos bairros.....	74

INTRODUÇÃO

A temática da violência na escola, foco desta pesquisa, vem preocupando profissionais da educação entre outros seguimentos da sociedade. É importante destacar que o número de ocorrências relacionadas às violências nas instituições escolares, sejam elas públicas ou privadas, tem sido crescentes em todas as partes do mundo. A violência escolar, objeto de estudos e reflexões no meio acadêmico, político e social deixou de ser um problema específico ao interior das escolas e passou a ser um problema de preocupação a nível global.

Debarbieux (2006, p. 13), estudando sobre o assunto, considera que “a violência na escola tornou-se um desafio educativo e social à escala planetária, um desafio ao mesmo tempo científico, político e pragmático. Este desafio repousa, talvez, sobre a «globalização» desta violência”.

Nas instituições escolares do território brasileiro são detectados, diariamente, muitos casos de violência e uma das formas mais visíveis é a sua manifestação tanto por meio da violência simbólica e institucional, quanto por meio da violência física, dos pequenos roubos, vandalismo, ofensas verbais, grosserias diversas, empurrões, interpelações e humilhações (Abramovay et al., 2002).

Os pesquisadores afirmam que as manifestações de violências ocorridas dentro e nos arredores das escolas têm tomado proporções cada vez mais graves. É o caso das armas brancas e de fogo, do uso e do comércio de drogas e da presença constante de ‘gângues’ que tem influenciado de forma negativa no cotidiano das escolas.

Se anteriormente os casos de violência na escola eram tratados simplesmente como questões de disciplina, e posteriormente, como manifestações de delinquência juvenil, nos dias atuais, atingem proporções bem mais abrangentes, ou seja, são analisadas “sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles” (Abramovay et al., 2002, p. 29).

Essas manifestações de violência nas instituições escolares são objetos de estudos de vários pesquisadores tanto na literatura nacional como internacional. Os estudos sobre bullying desenvolvidos por Teixeira (2011, pp. 51-52), em instituições escolares do espaço brasileiro revelam que a educação dada pelos pais reflete consideravelmente nas atitudes dos filhos. Para o pesquisador,

“Crianças que habitam lares desestruturados e convivem com pais hostis, agressivos e sem laços afetivos harmoniosos têm uma chance aumentada de desenvolver condutas também marcadas pela agressividade. Trata-se de um modelo por espelhamento. Se a criança convive com pais pouco afetuosos e que demonstram um padrão de comportamento que preza a violência e a agressividade como estratégia de resolução de problemas, ela assumirá esse comportamento aprendido com os pais. Soma-se a esse padrão parental agressivo, a falta de afeto e carinho, a ausência de diálogo e a aplicação de punições físicas contra o filho ou a filha [...] Outro padrão familiar que colabora para o desenvolvimento de atitudes agressivas na infância é a falta de limite e a permissividade dos pais quanto aos comportamentos hostis dos filhos em relação a irmãos, amigos e colegas da escola”.

Beane (2010, p. 39), em pesquisa realizada sobre o mesmo assunto, acrescenta que o comportamento das crianças pode ser moldado não apenas por seus familiares, mas “pelo ambiente e até pela conduta em seus momentos de lazer. Agressores e vítimas são produtos de nossa sociedade e reflexos da qualidade de nossas famílias, escola e comunidades”.

Para Marra & Tosta (2008), a violência que vem ocorrendo com mais frequência tanto no interior das escolas como em seu entorno afetando alunos, professores, gestores, funcionários e familiares é reflexo de mudanças profundas ocorridas na sociedade brasileira a partir da década de 1980, com a política de redemocratização no país. Política que, entre outras mudanças sociais, acarretou crescimento desordenado da urbanização e aumento da desigualdade social, ocasionando, entre outros problemas, aumento da incidência da violência urbana, que por sua vez, trouxe reflexos para o cenário escolar, principalmente das escolas públicas.

As autoras retratam de forma sucinta a evolução do ambiente escolar a partir dos reflexos da violência pós década de 1980. Para elas,

“Os reflexos da violência se fizeram sentir, primeiramente encenando-se nos seus portões e, depois, adentrando-se por suas dependências. De início, os episódios de indisciplina – conversas fora de hora, empurrões e bate-bocas, agressões mais verbais que físicas – antes um fato corriqueiro e integrado à vida da escola, toma outra direção e significado. E os raros episódios de agressões com pedras, lâminas de gilete ou outros instrumentos encontrados no próprio ambiente escolar aos poucos vão se avolumando, tornam-se mais complexos, ‘inovadores’ e graves, e se entrelaçam de tal forma que já não se pode distinguir a violência que vem de fora ou a que se origina no interior da própria escola. O uso de armas de fogo e bombas caseiras potentes, facas e outros objetos cortantes, antes objetos estranhos ao ambiente escolar, agora invadem seu espaço.” (Marra & Tosta, 2008, pp. 154-155)

Na realidade, a violência não é um fenômeno novo, é histórica, tão antiga como a essência da existência humana. Em alguns lugares se constitui de forma mais branda e silenciosa, em outros pode se manifestar de maneira mais complexa e agressiva.

Como ocorre na grande maioria dos países, a violência na sociedade brasileira tem se manifestado em todos os momentos históricos. Porém, nas últimas décadas, seu crescimento tem tomado proporções maiores e vem se reproduzindo no ambiente escolar de forma assustadora, acarretando medo, angústia e impotência para todos os envolvidos.

Se a escola anteriormente se constituía como um lugar seguro, de paz, troca de conhecimentos, aprendizagens, relacionamentos interpessoais, socialização, onde os pais e/ou responsáveis deixavam seus filhos e iam para seus lares tranquilos, hoje essa realidade é bem diferente. A maioria das escolas do espaço brasileiro, principalmente as públicas, deixou de ser um ambiente seguro e acolhedor, tornando-se um ambiente inseguro e assustador.

Marra & Tosta (2008, p. 155), asseguram que,

“A escola contemporânea, contrariando sua função histórica de socialização dos indivíduos, está se colocando, cada vez mais isolada da comunidade que a cerca, pela adoção de várias medidas de proteção tomadas para conter a violência, a exemplo dos policiamentos, das cercas eletrificadas, muros altos, e que têm se mostrado ineficazes [...] Antes, tais medidas, em especial os muros altos, eram esporádicos na contenção da violência externa que ameaçava a escola e seus alunos. Hoje, são medidas adotadas com certa desenvoltura e naturalidade pelas instituições de ensino em qualquer grau, incentivadas, muitas vezes, por políticas públicas”.

Como os gestores, funcionários, educadores de diferentes áreas do processo educacional, em especial os professores, que lidam diretamente com os alunos, podem exercer suas atividades profissionais se não encontram um lugar harmonioso e tranquilo para trabalhar? Como pode o professor contribuir ativamente para a formação pessoal, educacional, profissional e social de seus alunos quando os componentes dessa instituição escolar (alunos, professores, gestores, coordenadores, supervisores, pessoal de apoio pedagógico e administrativo, funcionários, comunidade escolar etc.) se deparam constantemente com episódios de violência, ameaças, intimidação, agressões verbais, físicas e simbólicas no interior e/ou nos arredores da escola?

No entendimento de Lech (2007, p. 37), “a escola, diga-se, os professores, já não conseguem mais lidar com problemas como a violência e a ausência de determinados valores humanos, presentes, visivelmente, no espaço escolar e fora dele”. Os problemas existentes no

espaço escolar, principalmente os referentes à questão da indisciplina e das manifestações de violência têm interferido nas relações interpessoais desse espaço e refletido negativamente nas atividades pedagógicas dos professores, afetando, inclusive, as atividades pessoais. Alguns professores demonstram cansaço físico e mental, já não se importam mais com o trabalho, perderam a motivação, o desejo pessoal e profissional, não se importam mais com o aluno. Ou seja, os fatores que afetam as relações sociais no ambiente de trabalho afetam praticamente, na mesma intensidade, os vínculos afetivos, levando os trabalhadores à exaustão.

Para alguns pesquisadores, quando os trabalhadores entram na fase da exaustão física e mental, neste caso os professores, eles entram em Burnout. Codo & Menezes (2006, p. 242), ressaltam que “um trabalhador que entra em burnout assume posição de frieza frente a seus clientes, não se deixando envolver com seus problemas e dificuldades. As relações interpessoais são cortadas, como se ele estivesse em contato apenas com objetos”.

A partir dessas observações, ocorreram reflexões das quais suscitaram questionamentos, como por exemplo: Será que os problemas socioeconômicos que afetam a maioria da população brasileira, como a pobreza, a fome, o desemprego, as drogas têm contribuído para o crescimento da violência nas instituições escolares? Será que o crescimento da violência dentro e fora do espaço escolar é fruto de políticas ineficácias de investimento por parte do governo federal, estadual e municipal, através de suas respectivas secretarias, no setor educacional? Será que as ações violentas que ocorrem no ambiente escolar decorrem, em parte, de inúmeras tentativas de metodologias adotadas no sistema educacional brasileiro? Será por conta da inserção da mulher no mercado de trabalho que tem reduzido consideravelmente a assistência educacional dos filhos na escola?

Em meio a tantos questionamentos e tentando compreender os problemas relacionados à violência, Silva (2010), considera que, é importante entender que toda ação educativa é sempre complexa e requer cuidados específicos para diversos fatores. Essa ação, portanto, não é influenciada apenas pelos comportamentos individuais de quem a executa, em especial, pais e professores.

O ato educacional pode ser influenciado também pelos aspectos culturais e sociais, que por sua vez, podem intervir também sobre a base biopsicológica de cada indivíduo. Nesse contexto, é tarefa da sociedade conduzir as novas gerações valores e modelos educacionais em que os jovens possam projetar a sua vida adulta dentro de um segmento ético e profissional.

É importante destacar a preocupação da autora no que se refere às transformações em ritmo acelerado na qual a sociedade atual vive, ou seja, as ações educativas devem estar atentas a essas mudanças, no sentido de saber orientar os jovens no processo de amadurecimento para a uma vida adulta.

Silva (2010, p. 60), lembra que:

“Não há como negar que vivemos tempos difíceis, em que a violência e a agressividade infanto-juvenil são crescentes e ameaçam a todos nós. Seja como pais ou educadores, seja como membros de uma coletividade, de um estado ou de toda a sociedade, nenhum de nós está imune a essas circunstâncias. Direta ou indiretamente sofreremos os efeitos dessa forma de agir adotada por muitos dos nossos jovens. E, sem qualquer dúvida, sofreremos também no futuro; afinal, são esses jovens que estarão no comando do mundo em breve. Auxiliar e conduzir as novas gerações na construção futura de uma humanidade mais atenta a seus excessos e enganos, mais justa e menos violenta, é um imperativo categórico de que todos nós, que habitamos o planeta Terra, deveríamos nos incumbir”.

A Escolha do Tema

Diante da complexidade do tema, e mais especificamente, sua ação no contexto escolar entende-se que, enquanto profissional da educação, não se podia permanecer insensível a preocupantes consequências das ações violentas, na vida dos atores do processo educacional, nesse caso específico, os professores. Por outro lado, as experiências na área escolar exercendo a função de professora, as discussões sobre as manifestações de violência na sociedade, e em especial, no ambiente de trabalho, reuniões, encontros pedagógicos, seminários, planejamentos, despertou em mim¹, o desejo e a necessidade de analisar as manifestações desse fenômeno na vida profissional de professores da rede pública do município de João Pessoa. Situá-los no contexto educacional e local, no sentido de dar voz as suas experiências individuais e/ou coletivas, e assim, contribuir para as tarefas docentes.

Escolhi como ponto de partida para esse estudo, as experiências profissionais desenvolvidas durante a minha fase de docência no Ensino Fundamental e Médio², na rede pública e privada de ensino do município supracitado.

¹ Informo ao leitor que, neste contexto inicial do texto utilizarei a primeira pessoa do singular por entender que as reflexões aqui empreendidas estão vinculadas a minha própria experiência e trajetória de vida. Nos outros capítulos utilizarei o modo impessoal.

² O Ensino Fundamental e o Ensino Médio, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996) são etapas da educação escolar brasileira. Ambos são gratuitos nas escolas públicas. O Ensino Fundamental é obrigatório e tem duração mínima de oito anos. Já o Ensino Médio, a duração mínima corresponde a três anos.

As primeiras experiências ocorreram durante o período de estágio da última disciplina do curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba desenvolvido em parceria com uma escola pública estadual de João Pessoa.

O estágio foi desafiador tanto no que se refere à falta de experiência em sala de aula quanto na própria dinâmica do processo educativo. Dessa experiência até o presente, muitos foram os momentos que contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Trabalhei em várias escolas e passei por experiências positivas e também negativas.

Em algumas instituições públicas, presenciei jovens portando armas brancas³ (como facas, canivetes, estilete, tesoura, barra de ferro etc.); armas de fogo (do tipo revólver); alunos sob efeito de álcool e drogas, depredando veículos e o patrimônio público, agressivos, estressados, incitando a violência dentro e nos arredores da escola; alunos agredindo os colegas de forma verbal e física.

Paralelamente a esses comportamentos, observei professores alunos, gestores, funcionários, familiares e educadores sofrendo com problemas de intimidação, ameaças, perseguição, agressão física e verbal. Presenciei colegas de trabalho angustiados, revoltados com a profissão, agressivos, acomodados e sem perspectivas para enfrentar e/ou resolver os problemas decorrentes das manifestações de violência no ambiente escolar.

Como experiência pessoal, posso citar um caso de ameaça de morte que sofri por parte de um aluno da 5ª Série (atual 6º ano do Ensino Fundamental), em uma escola da rede pública municipal. Aluno com histórico de problemas comportamentais e sob efeito de drogas, perturbando o ambiente, incitando a violência na sala de aula e tentando desarmonizar o clima de paz em que se encontrava a sala. O fato de questionar suas atitudes foi o suficiente para ele se retirar da sala e me ameaçar de morte.

Como não tinha ainda participado de nenhum curso sobre drogas, bem como os efeitos que esta provoca no organismo das pessoas, demonstrei insegurança e imaturidade para resolver a situação. Dentre as consequências observadas após esse fato, posso citar: afastamento das atividades escolares em virtude do nervosismo, choro constante, medo de sair de casa, pânico, distanciamento da família, falta de confiança em assumir novamente a sala de aula, descontrole emocional etc. O meu retorno à escola só foi possível após várias conversas entre a diretora da escola (bastante experiente com casos de alunos envolvidos com drogas ilícitas) e a família do referido aluno.

³ Armas brancas de acordo com o artigo 3º, XI, do Decreto de Lei nº 3.665/2000 correspondem a “todo artefato cortante ou perfurante, normalmente constituído por peça em lâmina ou oblonga”, ou seja, qualquer tipo de arma que não seja de fogo, como: facas, canivetes, punhais, foices, machados etc.

Foi um momento delicado e marcante em minha vida, mas serviu de experiência. Ao ser acolhida por colegas de trabalho, pude perceber que o meu sofrimento os afetava também, especialmente porque muitos deles já havia vivenciado situações semelhantes.

Acompanhei também a luta incansável de profissionais da educação preocupados com essa problemática e com as questões referentes ao processo educativo. Pude observar professores comprometidos, esforçados, dedicados, empenhados em construir uma escola mais acolhedora, onde alunos, gestores, funcionários, comunidade e todos os envolvidos pudessem desfrutar de um espaço de paz e segurança.

Assim, como parte de um sistema que tem como objetivo a educação com princípio ético e social, espera-se com este estudo contribuir como fonte teórica para a comunidade acadêmica e futuras pesquisas na área. Além disso, desejo identificar e apontar problemas existentes como forma de subsidiar a ação de órgãos públicos, entidades e pessoas interessadas na melhoria da qualidade de vida dos agentes envolvidos no processo educacional.

A Metodologia

Perante o exposto, a nossa **questão de partida** é a seguinte:

- De que forma os professores percebem e atuam no seu contexto profissional, a fim de superar os problemas advindos das ações violentas no ambiente escolar?

Em concordância, definimos o seguinte **objetivo geral**:

- Analisar as vivências e as estratégias dos professores relativamente à violência em ambiente escolar, no contexto de escolas públicas de João Pessoa.

Definida a pergunta de partida e o objetivo, optamos para a realização desse estudo, por uma abordagem do tipo qualitativa segundo alguns teóricos, dentre eles: Minayo, 2010; Minayo, Deslandes & Gomes, 2011; Richardson, 2011; Bogdan & Biklen, 1994; Pops & Mays, 2009, e Ludke & André, 1986. Apesar de ser uma pesquisa qualitativa, esse estudo recorreu também à quantificação numérica de acordo com as concepções de Pops & Mays, 2009. Foi uma pesquisa de cunho exploratório apoiada principalmente nos pressupostos

teóricos metodológicos de Triviños, 1987 e Gil, 1999. Trata-se também de um ‘estudo de caso’ que buscou como fonte principal, as concepções de Ludke & André, 1986.

Entende-se que estudar o fenômeno da violência escolar dentro da realidade do município de João Pessoa e, especificamente, a categoria docente, poderá constatar uma realidade própria dentro de um contexto maior.

Além das observações e anotações nos diários de campo, preferimos utilizar a entrevista semiestruturada.

Dessa forma, contamos com um total de quatorze professores, distribuídos em quatro escolas públicas de João Pessoa, sendo: sete na rede municipal com o Ensino Fundamental e sete na rede estadual com o Ensino Médio.

Organização do estudo

Do ponto de vista formal, o trabalho ora proposto está organizado em quatro capítulos, além das considerações finais.

O primeiro capítulo, que se encontra dividido em dois tópicos, apresenta inicialmente conceitos e teorias do termo violência construído ao longo do tempo nas relações sociais, sobretudo no meio científico. Para isso, recorre a concepções de estudiosos com linha de pesquisas no campo da Sociologia, Filosofia, Antropologia e Educação. Em seguida, são explicitadas percepções de violência em ambiente escolar a partir de reflexões de autores como Bernard Charlot, Éric Debarbieux, Catharine Blaya, Pierre Bourdieu, Miriam Abramovay, Marília Sposito, Luiza Camacho e outros.

O segundo capítulo, com base no referencial teórico de autores como Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua apresenta algumas das manifestações de violência mais comuns em ambientes de escolas brasileiras. Em um segundo momento, expõe de forma sucinta a violência em ambiente de escolas públicas no município de João Pessoa, a partir de pesquisas realizadas por Waiselfisz. O pesquisador exhibe dados percentuais relevantes a distribuição espacial da violência no território brasileiro em nível regional, estadual e municipal, bem como índices das manifestações dessa violência entre a população de crianças e adolescentes.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia selecionada para o desenvolvimento da pesquisa. Expõe a problemática do estudo, os objetivos propostos, a abordagem metodológica

qualitativa, os instrumentos utilizados na coleta dos dados empíricos, a exemplo das entrevistas semiestruturadas, bem como os sujeitos selecionados para o estudo.

O quarto capítulo se detém à análise das informações obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com professores da rede pública do município, de quatro escolas de João Pessoa. O referido capítulo está dividido em dois tópicos: o primeiro investiga o perfil dos sujeitos da pesquisa, quanto à idade, sexo, estado civil, formação educacional e atividades laborais, ao passo que o segundo tópico se detém a análise das questões referentes às manifestações de violência escolar vivenciada pelos professores no seu contexto profissional.

Nas considerações finais estão expostas conclusões das quais essa pesquisa possibilitou por meio as respostas aos objetivos propostos, bem como alternativas sugeridas para prevenir e/ou reduzir a violência em ambientes escolares.

CAPÍTULO 1 - VIOLÊNCIA: COMPLEXIDADE DO FENÔMENO

1.1 VIOLÊNCIA: CONCEITOS E TEORIAS

Verificou-se que, por se tratar de um tema complexo e polêmico, ainda não há, entre os pesquisadores, um consenso em relação ao seu conceito, porém, observou-se que, grande parte dos estudiosos concorda que o termo traz em si próprio, uma conotação de poder que pode se manifestar em cada indivíduo, grupo ou sociedade de diferentes formas. É o caso da violência física, psicológica, sexual, patrimonial, social, simbólica, violência que envolve negligência, dentre outros tipos.

“Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e a segurança pessoal”, garante o artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Porém, como usufruir desses direitos diante do quadro de violência que vem ocorrendo em escala planetária nas últimas décadas?

O fenômeno da violência, tema de discussão no campo acadêmico e científico, na mídia, no meio político e na sociedade em geral tem sido um dos maiores entraves na conquista desses direitos.

Waiself (2012c, p. 11), abordando o tema, ressalta que a violência manifesta-se nas diversas esferas da vida social e que no seu cotidiano tal violência apresenta-se como uma grande preocupação para a atual organização da sociedade, principalmente, para as que convivem nos grandes centros urbanos. “A questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, tem-se convertido em uma das principais preocupações não só no Brasil, mas também nas Américas e no mundo todo”.

Os relatos históricos revelam que desde as sociedades mais primitivas até as atuais, os atos considerados violentos fazem parte da vivência social. Questões como garantir a própria sobrevivência, individualismo, satisfação pessoal, exercício do poder, desigualdade social e racial, competitividade são entre outros tantos fatores que impulsionaria uma ação violenta.

A própria literatura revela que a violência é uma questão milenar. De alguma forma ela esteve presente nas sociedades que constituíram praticamente todas as Idades (Antiga, Média, Moderna e Contemporânea). Cada uma delas marcadas por conflitos, guerras, bárbaries, manifestações de violência. Questões políticas, econômicas, sociais, religiosas, culturais, questões envolvendo a supremacia de uma nação sobre outra, bem como as

condições particulares presentes em cada uma dessas idades motivaram os comportamentos violentos, principalmente nas sociedades em que se evidenciava acentuada distorção econômica e social.

Segundo Pino (2007), as experiências coletivas da humanidade são extremamente ricas em fatos violentos. Odália (1985, p. 18), afirma que a própria Bíblia Sagrada é “um repositório incomum de violências, um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa, do estupro ao fratricídio, do crime passional ao crime político”.

Debarbieux (2006, p. 93), investigando esse fenômeno afirma que a violência “surge de modo relativo: relativo a uma certa época, a um meio social, a circunstâncias particulares”, e que ela “depende de códigos sociais, jurídicos e políticos das épocas e dos lugares onde ela toma sentido.” Esse relativismo, também citado por alguns autores, segundo Debarbieux (2006), deveria aplicar-se também a definição de violência estabelecida a partir do Código Penal vigente em cada sociedade, pois a delimitação da violência pelo Código Penal, para esse autor (2006, p. 95), “é uma parte da sua representação social atual: ela participa na sua construção e, em feedback, alimenta-se dela. O Código Penal é, com efeito, estabelecido em função dos pedidos de opiniões e do público”.

O pesquisador considera que as violências praticadas numa determinada época não são forçosamente as violências de outra época. Assim, os termos adotados num dado momento histórico de uma determinada sociedade podem, ao longo do tempo, sofrer transformações, adquirir novos sentidos e serem incorporados novamente no meio social com outras denominações.

Pino (2007, p. 765), estudando essa temática menciona que “uma das maiores dificuldades no tratamento da violência, mas precisamente das ações ditas violentas, é a imprecisão dos seus contornos semânticos”. As razões que explicam esse fato para o autor são mais de caráter psicológico, filosófico e antropológico.

Pino (2007), afirma que as razões mais de caráter psicológico são denominadas assim, muito mais pelo impacto emocional que causam no imaginário das pessoas do que por razões propriamente objetivas. As de caráter mais filosófico consistem na dificuldade de encontrar um princípio racional que explique essas ações, principalmente sob o impacto emocional dos seus efeitos. E as razões mais antropológicas são denominadas assim, porque a qualificação dos atos considerados violentos “permite desqualificar seus autores, tornando-os a expressão máxima da desumanidade, rebaixando-os, equivocadamente, ao nível da

animalidade, mundo onde não há lugar para a violência por não existir nele liberdade, intencionalidade, nem consciência, todas elas características da condição humana dos homens” (*op. cit.*).

Entender as razões da violência seja de caráter mais psicológico, mais filosófico ou mais antropológico é buscar compreender o campo de estudo do pesquisador, seus pontos de vista e suas pretensões, uma vez que muitas são as razões que podem justificar uma ação violenta. Lopes & Gasparin (2003, p. 296), afirmam que “a definição do caráter violento de um ato depende dos valores culturais de cada grupo social, das circunstâncias em que foi praticado e até de disposições subjetivas”. Assim, defini-la de acordo com sua natureza, torna-se uma tarefa difícil, seja no campo da Filosofia, seja na área da Sociologia, ou da Educação, até porque cada sociedade conceitua o termo de acordo com seus valores e sistemas sociais e políticos vigentes.

Pino (2007, p. 765), analisando a palavra violência e seus adjetivos, observou que ela traduz um sentido de tal forma que é capaz de provocar nas pessoas intensas reações racionais ou emocionais. Ele entende que a força do seu sentido se torna maior do que o seu significado, pois “o sentido se alimenta da experiência coletiva da humanidade, extremamente rica em fatos violentos, em que o imaginário de certos indivíduos encontra farto material para alimentar seus devaneios destrutivos”.

Pinheiro & Almeida (2003, p. 13), afirmam que “apesar de a palavra ‘violência’ ser um substantivo, ela funciona como qualificador do agir humano. Quando se age, exerce-se a violência ou não. Não há posição intermediária”. Para os autores violência consiste numa ação intencional que provoca dano, cujos elementos essenciais nesse processo são: a ação do ato, a produção de dano/destruição e a intencionalidade desse ato. Semelhantemente, afirmam que “tentar compreender a violência é uma tarefa que nos coloca diante da própria essência do ser humano” (*op. cit.*).

De acordo com o léxico, a palavra *violência* significa: “1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar; constrangimento físico ou moral; uso da força; coação” (Ferreira, 1999, p. 2.076).

Sobre o sentido etimológico da palavra, Pinheiro & Almeida (2003), afirmam que ‘violência’ vem do latim *violentia*, que significa ‘veemência’, ‘impetuosidade’, e deriva da raiz latina *vis*, que quer dizer tratar com força. Zaluar (1999, p. 8), nos permite compreender que:

“Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato violento, percepção esta que varia cultural e historicamente. As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor dos seus efeitos maléficos, seja em termos do sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta”.

Michaud (1989, p. 8), afirma que a palavra latina ‘vis’ também significa força em ação, ou seja, “o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital”. Aquino (1998), relata que o termo não significa necessariamente uma conotação negativa. Na realidade, ele comporta uma ambivalência semântica, por comportar significados como força, vigor ou potência. Esses termos para o autor tanto podem carregar, ao mesmo tempo, uma conotação negativa como positiva. Minayo & Souza (1999, p. 10), entendem que,

“É muito difícil conceituar violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma resultante das interações sociais; por vezes ainda, um componente cultural naturalizado. Os estudiosos que nos últimos tempos tem se debruçado sobre o tema, ouvindo e descultuando toda a produção filosófica, mitológica e antropológica da humanidade lhe conferem um caráter de permanência em todas as sociedades e também de ambiguidade, ora sendo considerada como fenômeno positivo, ora como negativo, o que retira de sua definição qualquer sentido positivista e lhe confere o status de fenômeno complexo”.

Minayo (2006), ressalta que a violência é um tema bastante complexo, polissêmico e controverso, sendo praticamente impossível estudá-la por meio de um único foco disciplinar e de forma compartimentada. O termo muitas vezes é relacionado a outros termos, como por exemplo, a agressão, agressividade, conflito, e até mesmo ao de crime.

Costa (1984, p. 30), pesquisando sobre essa temática, observou que existe uma substancial diferença entre a violência e a agressividade. Para o autor, a agressividade é um elemento “natural (biológico) no ser humano e está ligada aos instintos de sobrevivência. A violência, por sua vez, é concebida como produto da cultura e definida como o ‘emprego desejado (portanto racional) ‘da agressividade’ (de base instintual) ‘com fins destrutivos’”.

A agressividade apresenta-se como uma característica própria de cada indivíduo. O ser humano a partir do seu nascimento começa a adotar posturas que serão importantes para a sua sobrevivência e a agressividade não se manifestará, necessariamente, como uma ação destrutiva nesse processo. Assim, a violência só se configura quando existe a intencionalidade

da ação; um ato agressivo passaria a ser considerado violento quando fosse fruto de uma ação voluntária.

Baró (1983), discorrendo sobre a relação violência e agressão afirma que enquanto a violência se apresenta de forma mais ampla e consiste na utilização de força excessiva, no ato considerado violento, a agressão pode se tornar violência quando o indivíduo que sofre a violência percebe na pessoa que violentou o desejo de fazer sofrer.

Nessa perspectiva, o psicólogo enxerga o homem comum ser acessível à violência e a agressão, ou seja, suas ações comportamentais dependerão em um primeiro momento, do seu organismo que, por sua vez, poderá se materializar de acordo com o contexto social e com as próprias situações individuais que irá enfrentar no seu caminho. A partir dessa concepção entende-se que os termos violência e agressividade/agressão apresentam de certo modo uma conotação negativa, porém, a forma como esses termos são utilizados é que vai diferenciá-los.

Pino (2007, pp. 767-768), estudando essa temática, não só distingue os termos violência e agressão como também, relaciona a violência ao conceito de crime. A partir da sua discussão:

“Crime é um conceito de natureza legal que, em si mesmo, significa apenas um ato de transgressão da lei penal, o que assujeita seu autor a penas legais variáveis segundo as sociedades. Enquanto ato de transgressão, o crime não tem, em si mesmo, qualquer conotação de violência física, social ou moral, embora possa ser agregada a alguns desses atos em razão da forma de que eles se revestem. (...) o conceito de agressão, por sua vez, traduz tecnicamente uma disposição natural dos organismos mais evoluídos para o ataque e a defesa, quando determinados sinais físicos emitidos por outros organismos são interpretados como ameaça a própria sobrevivência. Como tal, o termo se aplica aos organismos animais e humanos. Mas, enquanto em aqueles essa disposição é regulada por mecanismos genéticos de natureza instintiva, nestes é subordinada às leis históricas da cultura, que passam a regular seus impulsos naturais na realização das ações humanas”.

O crime, nesse caso, é considerado um ato de transgressão da lei e, portanto, está sujeito a penalidades jurídicas de acordo com cada sociedade independentemente da sua natureza. Já a agressão seria uma ação de natureza instintiva própria do ser humano que, por sua vez, está associada aos valores culturais legitimados em forma de leis que atuariam no seu inconsciente.

A violência para Santos (2001), pode ser entendida a partir de uma relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro - pessoa, classe, gênero ou raça - mediante o uso da força, ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea.

Na concepção de Benelli (2002, p. 20), a violência pode ser entendida “como um evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes ou nações que ocasionam danos físicos ou morais a si próprios ou a outros”.

Pino (2007, p. 773), a define como “um fenômeno natural, regido por determinantes genéticos próprios a cada espécie e pelas condições ambientais em que elas vivem ao longo da sua evolução e que implicam adaptações para conseguir a sobrevivência”.

Michaud (1989, pp. 10-11) apresenta uma definição ampliada da violência. Afirma que ela existe quando em uma determinada situação de interação. “Um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em grau variável, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”.

Pinheiro e Almeida (2003), corroboram com a definição de violência proposta por Krug⁴ (2004), e aceita pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os pesquisadores entendem que essa definição contempla as diferentes situações em que a violência pode se manifestar. Portanto, pode ser entendida como:

“Uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.” (Pinheiro & Almeida, 2003, p. 16)

Foi possível observar um ponto em comum em praticamente todas as definições supracitadas de violência: a relação de poder que está intrínseca entre elas. Bourdieu (2011), estudando de forma aprofundada a relação de poder entre diferentes segmentos sociais, desenvolveu o conceito de violência simbólica que, para ele constitui-se como uma forma que as instituições dominantes utilizam para legitimar o poder sobre determinada classe. Na sua concepção,

“As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção

⁴ Krug, E. G. (2002). Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. Brasília. OMS/UNDP/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos.

simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima.” (Bourdieu, 2011, pp. 11-12)

Para Pino (2007, p. 770), as formas de violência simbólicas são as mais perversas, uma vez que, “atingem o homem no seu próprio ser. É o caso, por exemplo, das várias formas de exclusão social que se perpetuam historicamente, afetando milhões de habitantes aos quais se nega na prática, os direitos humanos fundamentais reconhecidos na teoria”.

Bourdieu & Passeron (1975), acreditam que a violência simbólica é marcada pela dominação da classe hegemônica sobre o proletariado, isto é, quando os indivíduos são privados dos seus direitos de cidadão e são postos em uma situação de inferioridade.

Percebe-se na evolução histórica das sociedades uma intrínseca relação entre os atos de violência e os poderes institucionais dos diferentes segmentos ou classes sociais. Observa-se que violência pode ser vista sob vários aspectos, e cada conceito pode ser transformado de acordo com o ambiente social em que ela se instala e que pode ocorrer em diferentes níveis, desde ações simples até ações mais complexas.

Percebe-se também que não há uma unanimidade em relação ao conceito de violência, porém, os teóricos citam alguns elementos que são peculiares a sua natureza. Dentre esses elementos pode-se citar: a questão da relação desigual de poder entre os indivíduos que praticam a violência e os indivíduos que sofrem essa violência que de forma implícita ou explícita está presente em todas as definições citadas; a questão da intencionalidade, isto é, o desejo de praticar um ato violento que se destaca como uma das características mais marcantes na ação violenta; a questão da relação existente entre homem/sociedade/natureza bem como as múltiplas formas em que a violência se apresenta e ainda a questão do dano causado após uma ação violenta.

Percebe-se que a violência pode ser entendida, principalmente, a partir das especificidades de cada sociedade e da época em que ela pode ocorrer, ou seja, independentemente da classe social, raça, idade ou sexo está, na maioria das vezes, atrelada ao sistema socioeconômico, político e cultural de cada sociedade. Entender as sociedades e suas distintas culturas, também é entender a violência e suas implicações na vida de cada cidadão.

Pinheiro & Almeida (2003, p. 19), ao dissertarem sobre a violência afirmam que uma combinação de fatores que podem indicar a emergência da violência intervém em diferentes níveis:

“No nível individual, por exemplo, a impulsividade sem autocontrole e o abuso de álcool e drogas são fatores de risco para todos os tipos de violência. No que diz respeito à família, a falta de habilidade no exercício da paternidade ou da maternidade é fator de risco para o abuso contra a criança. Na esfera comunitária, o isolamento das mulheres e a influência negativa dos pares são fatores de risco para a violência. A desigualdade entre os sexos, a ampla desigualdade entre ricos e pobres, o acesso fácil às armas e a aceitação social da violência podem prover campo fértil para a violência. A fim de impedir a violência, é necessário intervir em todos esses níveis”.

Para Minayo (2006), as ações consideradas violentas apresentam-se em quatro modalidades de expressão: violência física, violência psicológica, violência sexual e violência que envolve negligência. A primeira refere-se ao uso da força para produzir feridas, dor ou incapacidade em alguém. A segunda diz respeito às agressões verbais ou gestuais dos quais a finalidade é aterrorizar, rejeitar, humilhar, isolar ou restringir a liberdade da vítima. A terceira modalidade de expressão trata da violência quando a vítima tanto é utilizada para obtenção da excitação sexual, quanto para práticas sexuais por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. A quarta modalidade - a negligência, também denominada pela autora de abandono refere-se à ausência, a recusa de cuidados necessários a alguém que deveria receber cuidados e atenção.

As manifestações de violência podem ser tipificadas em três grandes categorias: Violência Auto Infligida, Violência Interpessoal e Violência Coletiva. A primeira abrange os comportamentos suicidas e os comportamentos auto abusivos. A segunda pode ser subdividida em violência da família e/ou dos parceiros íntimos e violência comunitária. A violência da família refere-se em geral (mas, nem sempre) à violência que geralmente ocorre dentro de casa, como é o caso do abuso infantil, da violência praticada por parceiros íntimos e contra idosos.

Já a violência comunitária diz respeito à violência que geralmente ocorre fora de casa entre pessoas sem grau de parentesco. É o caso dos atos aleatórios de violência, do estupro ou ataque sexual e da violência em grupos institucionais como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos. A terceira, violência Coletiva, se divide em três tipos: violência social, violência política e violência econômica. Essa categoria abrange os atos violentos que ocorrem nos âmbitos macrossociais, como é o caso dos crimes de ódio cometidos por grupos organizados, os atos terroristas e a violência das multidões (Minayo, Deslanches & Gomes, 2011).

Embora todos os conceitos de violência retratados neste capítulo tenham sua significação para a compreensão da violência escolar nas instituições educacionais as quais

essa pesquisa se desenvolveu, faz-se necessário considerar o conceito supracitado de Michaud (1989). Para o autor, a violência, independentemente do uso, ou não da força física, ocorre a partir do momento em que um indivíduo ou grupo invade o espaço do outro; quando não existe compaixão, solidariedade, amor, e principalmente, quando não há respeito aos direitos assegurados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

1.2 VIOLÊNCIA: VIVÊNCIAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Conceituar violência, enquanto fenômeno presente nas diferentes sociedades e classes sociais nos remete a uma discussão ampla, visto que apesar dela se apresentar de diversas formas e com múltiplos sentidos, também se faz presente em diferentes instituições e ambientes sociais. Um desses ambientes é a escola, alvo por vezes, de diferentes tipos de violência. Como por exemplo, comportamentos antissociais e ante-escolares, micro violência, distúrbio de conduta, transgressões, incivildades, perturbações escolares, delinquências, intimidações e/ou bullying, violência simbólica e/ou institucional, enfim, formas variadas de violência escolar que têm afetado o processo ensino-aprendizagem e as ações pedagógicas. Desse modo, em razão da importância que o tema assume nesse estudo, discorre-se a seguir sobre a violência presente no contexto escolar.

Nas pesquisas sobre violências em instituições escolares brasileiras Abramovay et al. (2002, p. 94), utilizam a seguinte definição de violência:

“Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) e também contra si mesmo – abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de ‘acidentes’, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se, igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional”.

Lopes & Gasparin (2003, p. 297), ressaltam que a violência escolar pode ser caracterizada “como todo ato que impede, em sentido amplo, o pleno desenvolvimento dos atores sociais aí presentes. Trata-se da negação de direitos básicos, um ataque à cidadania”. Ainda afirmam (2003, p. 295), que a violência escolar “tem se constituído, nos últimos anos, em um problema social de amplitude mundial. Amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação, tornando-se tema de debate público, despertando o interesse de um número crescente de pesquisadores”.

Spósito (1998, p. 64), ao abordar o fenômeno da violência, no âmbito escolar, considera que ela “nasce no interior da escola ou como modalidade de relações direta com o estabelecimento de ensino”.

A percepção da violência, no contexto escolar varia de acordo com a visão pelo qual esse meio é abordado. No passado, os estudos eram direcionados para a violência do sistema escolar, nomeadamente por parte dos professores contra os alunos (punições e castigos corporais). Nos estudos mais recentes, psicólogos, sociólogos, antropólogos, educadores, bem como “outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos” (Abramovay et al., 2002, p. 67).

Charlot (2002), ressalta que historicamente a violência no ambiente escolar não é um fenômeno novo como pensam muitos professores e/ou a opinião pública. O autor cita episódios de violência datados do século XIX, em algumas escolas e relações ásperas entre alunos nas décadas de 50 e 60, do século XX. Para ele, o problema da violência escolar que existia no passado continua existindo nos dias atuais, porém, com uma nova forma. Atualmente, observa-se com mais frequência homicídios, estupros e agressões com armas; ataques constantes de insultos de aluno contra professores (e vice-versa); aumento das intrusões externas na escola (como as invasões de gangues).

Abramovay et al. (2002), acrescentam para esse perfil atual da violência nas escolas, o surgimento de armas, o narcotráfico e a presença de gangues. Segundo Charlot (2002, p. 433), os jovens estão se envolvendo nos episódios de violência cada vez mais cedo: “os alunos de 8 a 13 anos, às vezes, revelam-se violentos até frente aos adultos; professoras da escola maternal dizem que elas também se defrontam com fenômenos novos de violência em crianças de quatro anos”.

Segundo Flannery (1997), a violência escolar já despertava preocupação nos Estados Unidos desde a década de cinquenta e de setenta, quando nesta, foi realizada uma pesquisa, por determinação do Congresso Norte-Americano a respeito das ocorrências de crimes nas escolas, bem como dos fatores associados a ela.

Na Europa, o debate sobre a violência escolar teve início nos países escandinavos a partir da década de setenta, porém, adquiriu notoriedade científica por meio de estudos realizados por Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, Noruega. Nessa pesquisa, Olweus reuniu cerca de oitenta e quatro mil estudantes, aproximadamente quatrocentos professores, e em torno de mil pais de alunos. Seu objetivo principal era avaliar

as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o bullying se apresentava na vida de crianças e adolescentes em atividade escolar de seu país. A partir dos últimos anos da década de oitenta atinge outros países da Europa e se expande para outros continentes (Silva, 2010).

No Brasil, essa discussão surge a partir da década de oitenta. Os trabalhos de Guimarães (1998), Fukui (1992), Adorno (1992) e Morais (1995) estão, entre outros, como os que mais se destacaram nesse período. Porém, de acordo com Lopes & Gasparin (2003), essa discussão no território brasileiro só veio a ganhar expressividade tanto no espaço público quanto nos meios de comunicação a partir do final da década de noventa, quando foi realizado no município de Maringá, estado do Paraná, um evento em âmbito regional para discutir a extensão e gravidade da violência escolar.

Esse evento, que reuniu funcionários da Secretaria Municipal de Maringá, representantes de 38 escolas, da polícia e do judiciário, constatou um quadro caótico e preocupante da violência escolar no estado do Paraná. Para Sposito (2001), as pesquisas nesse período estavam mais centralizadas para as depredações e danos aos prédios escolares. No final da década de 1990, e início da década de 2000, as pesquisas estavam mais direcionadas para as relações interpessoais agressivas, envolvendo alunos, professores, bem como outros agentes da comunidade escolar.

Camacho (2000, p. 253), ressalta que nos últimos anos a visão que se tem do espaço escolar, principalmente quando enfocado pela mídia, é que:

“A escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício, da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violência, incluindo, brigas, invasões, depredações e até mortes. É um espaço em que os alunos em plena fase de desenvolvimento, se deparam com violência escolar, constroem, e elaboram experiências de violência. Frequentemente, a vulnerabilidade social refletida na vivência escolar reduz a força socializadora da escola, interferindo no ambiente relacional e permitindo que os alunos construam a violência como uma forma habitual de experiência escolar”.

Debarbieux (2006), entende que, de fato, o problema da violência no contexto escolar existe, porém, é perceptível a crítica que faz do posicionamento de chefes ou dirigentes de nações e alguns segmentos da sociedade a respeito do tema. Para o autor, há um jogo de interesse político envolvendo grande parte de setores dominantes da sociedade que de alguma forma se beneficiam das ações ou atos isolados de violência nas instituições escolares. Ele ainda chama atenção, em especial, para o exagero que a imprensa faz logo após a

ocorrência de um ato violento dentro e no entorno de uma determinada escola, principalmente a repercussão negativa que o fato pode provocar tanto para a instituição escolar como para a região em que está localizada, conforme relata que:

“A violência na escola vende-se e vende-se bem. Ela vende-se mediaticamente e vende-se através de programas, de concursos, de patrocínios, de fundações, de receitas miraculosas, de militâncias bem intencionadas ou de charlatães. Ela vende-se através da extensão de um mercado da segurança, através de programas informáticos, de grelhas, de controlo por vídeo, de medicamentos, de terapias. Ela implica ONG, grupos de trabalho, reuniões, comitês, subcomitês. Ela é objeto de conflitos de proprietários permanentes: quem deve, quem sabe, quem pode tratar dela? Os psicólogos, os criminologistas, os antropólogos, os politólogos? Os trabalhadores sociais, os professores, os policiais, os políticos? O meu comitê, o teu comitê? O Estado? [...] Em França, ela é passagem obrigatória de qualquer ministro da Educação que deverá propor o seu “plano de luta contra a violência”, em Inglaterra ela resulta na promulgação da obrigação de implementar em todas as escolas programas de luta contra o importunar, no Japão ela manifesta-se na opressão escolar do Ijimé, foco do debate, que se dramatiza depois da morte recente de um jovem aluno por outro, na Índia ela é o castigo físico que preenche as primeiras páginas dos jornais.” (Debarbieux, 2006, p. 24)

Abramovay (2002), citando Debarbieux⁵ (1999), destaca que a violência ocorrida no cotidiano das escolas pode estar associada a três dimensões sociorganizacionais distintas: a degradação no ambiente escolar, ocasionada pela dificuldade de gestão das escolas, culminando em estruturas deficientes; aos fatores internos próprios de cada instituição, isto é, às suas especificidades e à violência que se origina do exterior para o interior das escolas, tornando-as sitiadas.

Charlot (2002, pp. 434-435), chama a atenção para a importância de se distinguir violência no contexto escolar, principalmente quando se tratar de instituições que se apresentam total e/ou parcial impotentes frente ao problema da violência. Para ele, a violência no ambiente escolar pode se apresentar de três formas: a violência ‘na’ escola, a violência ‘à’ escola e a violência ‘da’ escola.

“A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro [...] A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a

⁵ Debarbieux, E. (1999). *La Violence em Milieu Scolaire – 2. Le désordre des choses*. Paris: ESF.

violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam”.

Charlot (2002), ao mencionar a violência ‘na’ ou ‘dentro’ da escola, afirma que a escola é apenas o lugar onde ocorre a violência, ou seja, uma violência que poderia acontecer em qualquer lugar, no entanto, ela acontece dentro da escola, como por exemplo, invasões de gangues, e mais recentemente, os arrastões no espaço escolar brasileiro. Quanto à ‘violência ‘à’ escola’ o autor faz referência à natureza e as atividades da escola, a exemplo, das diferentes formas de agressões tanto ao patrimônio quanto às autoridades da escola (professores, diretores e funcionários em geral).

No que diz respeito à ‘violência da escola’, o autor se refere à forma como a escola simbolicamente no contexto da sua estrutura trata mal e violenta os alunos, como por exemplo, a maneira como são atribuídas as notas, as formas de orientação, os modos de composição das classes. Para Debarbieux & Blaya (2002b), a expressão ‘violência na escola’ e ‘violência da escola’ remete a outras vertentes, como, por exemplo, à ‘delinquência’ que traz implicações multidisciplinares, inclusive jurídicas.

Após pesquisas realizadas em escolas brasileiras, Abramovay & Rua (2003, pp. 24-25) constataram que as diversas violências que ocorrem nas escolas são provenientes tanto de aspectos externos quanto internos. Entre os aspectos externos, denominados por diversos especialistas de variáveis exógenas, segundo as autoras, estão: “questões de gênero (masculinidade/feminilidade); relações raciais (racismo, xenofobia); situações familiares (características sociais das famílias); influências dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.); espaço social das escolas (o bairro, a sociedade)”.

Em relação aos aspectos internos, designados de variáveis endógenas pelos especialistas e ressaltados pelas autoras, estão: “a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes; as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos [...] o impacto do sistema de punições; o comportamento dos professores em relação aos alunos e a prática educacional em geral”.

Os episódios de violência, no ambiente escolar podem se apresentar de diferentes formas e múltiplos sentidos. Sendo assim, recebem denominações específicas próprias ao lugar e/ou país em que ocorrem. Nos países da América do Norte, os pesquisadores têm se dedicado principalmente aos estudos sobre gangues, xenofobia e bullying. Na Europa, mais especificamente na França, os pesquisadores têm se dedicado principalmente aos estudos das

transgressões e incivildades. No Brasil, os estudiosos contemplam além da violência física, a ética, a política e a preocupação em dar visibilidade a violências simbólicas (Abramovay et al., 2002).

De acordo com as bibliografias consultadas, percebe-se que os pesquisadores têm se dedicado de forma mais acentuada aos estudos sobre incivildades, violência simbólica e/ou institucional, bullying, violência física, e de forma mais sutil, aos estudos sobre gangues. Embora todos os termos referentes à violência escolar tenham sua importância nesse trabalho, destacam-se, a seguir, as modalidades de violência praticadas no ambiente escolar que mais têm afetado negativamente a qualidade do ensino e da aprendizagem nos diversos lugares em que ocorre:

1.2.1 Incivildades

Segundo Charlot (2002), os pesquisadores franceses desenvolveram nos últimos anos uma distinção útil de três termos utilizados com frequência no cotidiano das instituições escolares da França, a saber: violência, transgressão e incivildades. O autor apresenta o significado de cada um desses termos, ressaltando a importância deles para as possíveis tomadas de decisões diante dos problemas enfrentados no dia a dia das escolas.

“O termo violência, pensam eles, deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de droga na escola, insultos graves. A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno do estabelecimento (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absenteísmo, não-realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc. Enfim, a incivildade não contradiz, nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras da boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque cotidiano – e com frequência repetido – ao direito de cada um (professor, funcionários, aluno) ver respeitada sua pessoa.” (Charlot, 2002, p. 437)

Blomart (2002, p. 35), relata que a violência sob a forma de incivildades vem crescendo paulatinamente nas escolas primárias da França. Para a pesquisadora as incivildades são comportamentos antissociais cotidianos que se apresentam por meio de “(ruído permanente, rudeza, recusa a trabalhar, passividade, hostilidade e zombaria) e envenena a atmosfera das salas de aula, avilta os professores e desgasta sua energia [...] degrada as relações entre os adultos, entre as crianças e entre crianças e adultos”.

Debarbieux (1998), classifica as incivildades como violências antissociais e antiescolares. Ele defende a ideia de que as incivildades podem ser traumáticas, principalmente quando ocorrem de forma banalizada e são silenciadas, com a finalidade de proteger as escolas. O mesmo autor (2006), identificou além das incivildades, mais dois tipos de violência: a violência penal, dos crimes e delitos (a exemplo dos furtos, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumo de drogas) e o sentimento de insegurança no espaço escolar. O autor definiu pela correlação entre exclusão social e violência escolar, uma vez que a violência é determinada socialmente.

Abramovay & Rua (2003), relacionam as incivildades às agressões verbais, acrescentando a essas agressões, os xingamentos, o desrespeito, as ofensas, os modos grosseiros de se expressar e as discussões. As autoras recorrem às pesquisas formuladas por Dupâquier⁶ (1999), bem como outros pesquisadores para explicar melhor as incivildades, entendidas como:

“Delitos contra objetos e propriedade (quebra de portas e vidraças, danificação de instalações etc.); intimidações físicas (empurrões, escarros) e verbais (injúrias, xingamentos e ameaças); descuido com o asseio das áreas coletivas (banheiros, por exemplo); ostentação de símbolos de violência; adoção de atitudes destinadas a provocar medo (poder de armas, posturas sexistas); alguns atos ilícitos, como o porte e consumo de drogas.” (Abramovay & Rua, 2003, pp. 23-24)

Para Camacho (2001, pp. 130-131), o cenário atual de grande parte das instituições escolares espalhadas pelos cinco continentes evidencia marcas de instituições que “não têm cumprido seu papel de hominizar, porque sua função socializadora não se tem evidenciado, provocando assim, um espaço em que o aluno tem construído uma experiência de violência”. Ela acredita que:

“Esta premissa de que a violência decorre da falta de controle sobre as condutas e da ausência da civilidade, incorpora a ideia de fundo de que é a civilização que canaliza e estabelece a contenção dos instintos. Parte dessa premissa também a ideia de que a escola, responsável pela hominização, deve ‘civilizar’ os alunos, de forma a levá-los a controlar suas condutas, suas emoções e seus impulsos agressivos.” (Camacho, 2001, p. 130)

⁶ Dupâquier, J. (1999). La violence em milieu scolaire. In: Education et formation: enfants et adolescents em difficulté. Paris: Press Universitaires de France. In: Abramovay, M., & Rua, M. das G. (2003). Violência nas escolas. (Versão Resumida). Brasília: UNESCO.

1.2.2 Violência Simbólica e/ou Institucional

Outra expressividade das marcas da violência no espaço escolar pesquisado por muitos estudiosos refere-se à violência simbólica, termo introduzido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que adverte para o fato de que a própria instituição escolar apresenta características de uma violência simbólica produzida ao longo dos anos pelos educadores, funcionários e *habitus*⁷ sociais.

Nessa relação de poder, observa-se um conjunto de valores incorporados ao meio social escolar e intrinsecamente ligados aos valores da sociedade. Para Bourdieu (2007), o sistema escolar é um dos sistemas mais eficientes de conservação social, uma vez que fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e ratifica a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. Na realidade, o autor se refere à forma oculta de impor os ideais de um segmento social dominante, de forma que seja possível administrar a sociedade em favor da prática da dominação.

Nogueira M. & Nogueira C. (2009), analisando as obras de Bourdieu, destacam a importância da instituição escolar na figura de seus representantes como instrumento de poder, ou seja, o que se poderia alcançar por meio da força física, se consegue, no espaço escolar, por meio das palavras e do convencimento. Bourdieu (2011), defende que a escola é a principal responsável pela reprodução das classes sociais. Nesse sentido, o professor tanto pode desempenhar papel de dominador (quando atua como representante do poder), como de dominado (quando é submetido às normas e exigências da instituição ao qual está inserido).

Abramovay et al. (2002), afirmam que a violência simbólica é mais difícil de ser percebida, porque muitas vezes ela é exercida de forma sutil, sem fundamentalmente ser vista como violência por quem a sofre. A vítima não se dá conta de sua impotência junto a poderes e, portanto, não exerce sua capacidade crítica em relação ao fato. Para ilustrar isso, as autoras citam a violência sofrida por professores quando são agredidos tanto em seu trabalho quanto em sua identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença de seus alunos. Por outro lado, ressaltam a violência sofrida pelos alunos quando as instituições escolares impõem conteúdos que não fazem parte do interesse dos discentes, ou quando os professores não os respeitam,

⁷ *Habitus* refere-se a um dos conceitos da Teoria do Sociólogo francês Pierre Bourdieu. Segundo Felipe Antônio, essa teoria “pretende desfazer os antagonismos primários presentes no conhecimento científico e no senso comum, e que nos levam a pensar na ação humana de forma dual. (...) Ele é o princípio não escolhido de todas as escolhas”.

desvalorizando-os com palavras de desmerecimento, ou quando não se esforçam pela qualidade de suas aulas.

1.2.3 Bullying

Outra forma de manifestação da violência escolar, que vem se destacando nos últimos anos no cenário acadêmico de países espalhados pelos cinco continentes é o fenômeno bullying, caracterizado por alguns de violência simbólica e intimidação, mas que às vezes pode se manifestar por meio de práticas concretas, como é o caso da violência física.

De acordo com Teixeira (2011, p. 20), “o bullying entre estudantes é um fenômeno antigo, porém, só a partir dos estudos do pesquisador nórdico Dan Olweus, no início da década de 1970, o problema passou a ser estudado com maior interesse pela comunidade científica internacional”. O autor ressalta que o bullying é uma palavra de origem inglesa e deriva do verbo tobully, que quer dizer ameaçar, intimidar e dominar.

Essa denominação inglesa também é adotada atualmente na Austrália, Japão, Estados Unidos, Canadá e em países europeus e africanos. Apesar de não existir ainda uma tradução exata para o termo bullying, alguns autores têm utilizado a expressão ‘intimidação’ para se referir ao termo (Hayden & Blaya, 2002).

Silva (2010, p. 21), recorrendo ao léxico afirma que a palavra bully significa indivíduo valentão, tirano, mandão e brigão. Para a autora, a expressão bullying “corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender”.

Frente a essa realidade Beane (2010, p. 18), conceitua o bullying como “uma forma de comportamento agressivo e direto que é intencional, doloroso e persistente (repetido). Crianças vítimas de maus-tratos são debochadas, assediadas, socialmente rejeitadas, ameaçadas, caluniadas e assaltadas ou atacadas (verbal, física e psicologicamente), por um ou mais indivíduos”.

Debarbieux (2006, pp. 107-108), pesquisando sobre essa temática define o bullying como “uma violência a longo termo, física ou psicológica, perpetuada por um ou vários agressores (bully) relativamente a uma vítima (bullied) que é incapaz de se defender, em posição de fraqueza, agindo o agressor na intenção de fazer mal à sua vítima”.

Observa-se nas definições supracitadas, a existência de um nível desigual de força e dominação entre o agressor (bully) e a vítima (bullied). O primeiro, usando-se de sua prepotência, intimida, amedronta, provoca pânico, medo e o segundo, impotente, sem forças, sente-se dominado totalmente pelo agressor. Observa-se também que o que caracteriza o bullying é a relação desigual de poder e os comportamentos intencionais e repetitivos do agressor contra a sua vítima. Beane (2010, p. 39), acredita que “agressores e vítimas são produtos de nossa sociedade e reflexos da qualidade de nossas famílias, escolas e comunidades. Ambos são vítimas e precisam de ajuda”.

Silva (2010), acredita que todas as pessoas, de alguma forma, foram vítimas de bullying em um dado momento da vida, pois os ‘valentões’ não se restringem apenas ao espaço escolar, eles estão espalhados em praticamente todos os segmentos da sociedade. Os denominados bullies juvenis também crescem e serão encontrados no mundo adulto com características amadurecidas, ou melhor, apodrecidas.

No ambiente familiar, os bullies podem ser representados na figura de pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos com capacidade de aniquilar a saúde física e mental, bem como a autoestima de suas vítimas. No âmbito profissional, podem vir representados na figura de chefes ou colegas ‘mascarados’ e cruéis. A exemplo da corrupção, da coação, do uso indevido do dinheiro público, da imprudência arbitrária no trânsito, da negligência com os enfermos, do abuso de poder de liderança, do sarcasmo de quem se utiliza da ‘lei da esperteza, do descaso das autoridades, do prazer em ver o outro sofrer. “Assim, o termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais” (Silva, 2010, p. 22).

Atualmente, o bullying é um problema presente em escolas do mundo inteiro. No Brasil, um estudo desenvolvido pela Associação Brasileira Multidisciplinar de Proteção à Infância e a Adolescência - ABRAPIA, realizado com um total de aproximadamente seis mil estudantes do sexto ao nono ano, em 11 escolas do Rio de Janeiro, “revelou que 45,5% dos estudantes admitiram ter algum envolvimento com o comportamento bullying, sendo 16,9% como vítimas, 12,7% agressores, e 10,9 afirmaram ser vítima e também agressores” (Teixeira, 2011).

Silva (2010, pp. 22-24), afirma que o bullying pode se expressar de várias formas, como: verbal (que inclui insultos, ofensas, xingamentos, gozações, apelidos pejorativos, piadas ofensivas, zoação); físico e material (que incluem bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, atirar objetos contra as vítimas, roubar, furtar ou destruir os pertences da

vítima); psicológico e moral (que se caracteriza por irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos); sexual (que inclui abusos, insinuações, assédios, violação), e virtual (que se caracteriza por difundir de maneira avassaladora calúnias e maledicências, por meio do celular e da internet).

Teixeira (2011, p. 41), entende que o bullying no ambiente virtual, o cyberbullying refere-se a “versão multimídia da violência escolar, que cresce a cada dia, como uma epidemia, acompanhando o interesse de crianças e adolescentes pelo mundo virtual. Pode ser considerada uma das formas potencialmente mais perigosas e traiçoeiras de violência na escola”.

Silva (2010), observou que os bullies virtuais se escondem por trás de apelidos, os ‘nicknames’, nomes fictícios simples ou de personagens famosos. Os bullies cibernéticos, ou virtuais são considerados pela autora como “verdadeiros covardes mascarados de valentões, que se escondem nas redes de ‘esgoto’ do universo fantástico dos grandes avanços tecnológicos da humanidade”. Orkut, blogs, MSN, E-mails, fotoblogs, YouTube, Skype, Twitter, MySpace, Facebook, fotoshop, torpedos, estão, de acordo com a autora, entre as diversas possibilidades de ferramentas utilizadas pelos bullies virtuais.

Essa pesquisadora afirma que os bullies virtuais inventam mentiras, espalham rumores, boatos depreciativos e insultos sobre outros estudantes, os familiares desses, professores e demais funcionários da escola. “Todos podem se tornar vítimas de um bombardeio maciço de ofensas, que se multiplicam e se intensificam de forma veloz e instantânea, quando disparados via celular (torpedos) e internet” (Silva, 2010, pp. 126-127).

A referida autora (2010, pp. 37-46), aponta três tipos de protagonistas do bullying escolar: as vítimas, os agressores e os espectadores. Ainda ressalta que as vítimas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Geralmente, são tímidos ou reservados, e apresentam dificuldade em reagir aos comportamentos provocadores e agressivos que são dirigidos contra eles. Em geral, as vítimas são mais frágeis fisicamente ou se destacam entre os demais, por serem gordinhos ou magros demais, altos ou baixos demais, por usarem óculos, por serem deficientes físicos, por apresentarem sardas ou manchas na pele, por terem orelhas ou nariz um pouco mais destacados, por usarem roupas fora da moda, por serem de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferente.

Os agressores são alunos que apresentam em seus perfis, traços de desrespeito e maldade, e que geralmente, estão associados a um perigoso poder de liderança, que geralmente, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. Esse agressor pode agir sozinho ou em grupo. Os espectadores se referem aos alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação ao fato.

De acordo com a mesma autora, os espectadores podem ser divididos em três grupos distintos: espectadores passivos (são os alunos que assumem essa postura temendo se tornar a próxima vítima. Eles recebem ameaças explícitas); espectadores ativos (são alunos que apesar de não participarem efetivamente dos ataques contra as vítimas, manifestam ‘apoio moral’ aos agressores, com risadas e palavras de incentivo) e espectadores neutros (são alunos que não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam, se omitem).

Beane (2010, pp. 29-30), ressalta que o bullying deve ser prevenido e interrompido para evitar consequências mais graves no futuro, pois “crianças vítimas de bullying são maltratadas com tanta frequência que não têm tempo para se recuperar de experiências anteriores. A intimidação pode, portanto, ter consequências que vão além dos incidentes individuais [...] o que pode levá-las a fazer escolhas autodestrutivas”. Ela salienta que quando uma criança é vítima de bullying fica com medo de ir à escola, pode adoecer no domingo à noite ou apresentar sintomas de náuseas na segunda de manhã, pelo fato de ter que encarar seus agressores. É importante destacar a cada dia, essa criança encara como uma batalha vencida. Logo, o medo, a ansiedade e o estresse podem levá-la a fingir que está doente, matar aula ou fugir da escola.

A autora afirma que o medo, a ansiedade e o estresse são acompanhados por raiva e impotência. Acredita que isso ocorre por conta do desespero da criança. Esses elementos, segundo a autora, transformam-se em uma mistura tóxica de emoções que pode criar a vergonha tóxica, entendida por Beane (2010), como uma vergonha venenosa que pode levar a criança a própria incapacidade de lidar com a intimidação. A criança passa a não confiar mais nos adultos, achar que merece ser maltratada, porque passa a acreditar que é deficiente de alguma forma enfim, a vergonha tóxica pode levar a criança a se ferir (automutilação) e/ou até cometer o suicídio.

As consequências para os alunos vítimas de bullying segundo Beane (2010), são devastadoras, uma vez que os mesmos experimentam um grande sofrimento psíquico que

pode interferir fortemente no desenvolvimento social, emocional e em seu desempenho escolar.

Segundo Teixeira (2011, p. 60), as principais consequências para as vítimas de bullying, no ambiente escolar são: “desinteresse pelos estudos, prejuízos acadêmicos, reprovação escolar, mudanças sucessivas de escolas, abandono escolar, estresse, insegurança, medo, problemas de autoestima, isolamento social, insônia, ansiedade, fobia escolar, depressão e suicídio”.

Para Beane (2010, p. 55), o clima social da escola e a qualidade da supervisão oferecida no espaço escolar são de grande importância para evitar e prevenir o bullying, pois,

“Um ambiente escolar em que faltam afeto e aceitação para todos os alunos é mais passível de abrigar problemas relacionados ao bullying e a questões de disciplina. Além do mais, a escola que não tem altas expectativas de comportamento dos alunos e uma política de repreensão eficiente está sujeita a criar um ambiente no qual os bullies prosperam”.

Abramovay & Rua (2003, pp. 49-50), categorizaram três situações possíveis de se compreender a violência no ambiente escolar, a saber:

“A violência contra a pessoa, que pode ser expressa verbal ou fisicamente e que pode tomar a forma de ameaças, brigas, violência sexual, coerção mediante o uso de armas; a violência contra a propriedade, que se traduz em furtos, roubos e assaltos; a violência contra o patrimônio, que resulta em vandalismo e depredação das instalações escolares”.

No entendimento de Camacho (2001, pp. 128-130), a violência quando se manifesta na esfera escolar, se confunde, se interpenetra, se inter-relaciona com a agressão de modo geral e/ou com a indisciplina. Para Silva (2009, p. 21), “o termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização”.

Em relação à escola, o autor ressalta que todas as vezes que os alunos desrespeitam alguma norma da instituição serão vistos como indisciplinados, não importando se essas regras forem impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaboradas democraticamente.

Camacho (2001, p. 129), defende a ideia de que o termo indisciplina,

“Não pode se restringir apenas à indicação de negação ou privação da disciplina ou à compreensão de desordem, de descontrole, de falta de regras. A indisciplina pode, também, ser entendida como resistência, ousadia e inconformismo. Essa compreensão de indisciplina está vinculada ao entendimento do processo educativo enquanto processo de construção do conhecimento, no qual emergem falas, movimento, rebeldia, oposição, inquietação, busca de respostas por parte dos alunos e dos professores. Mas, mesmo nesse sentido positivo, a indisciplina incomoda, porque a escola não está preparada, de fato, para conviver com cenas em que o professor não tem mais o controle total e em que cada aluno tem o seu querer”.

A supracitada autora (2001, p. 130), ressalta que a indisciplina na sala de aula acompanha as transformações através dos tempos e nos diferentes lugares. Assim, “a elasticidade da permissividade no tempo e no espaço torna as fronteiras da indisciplina maleáveis, frágeis e difíceis de serem definidas. É por isso que ela muitas vezes se confunde com a violência ou com a agressão”. Nas palavras de Guimarães (2005, p. 77), a escola, enquanto instituição, “não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural [...] apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina”.

De acordo com Charlot (2002, p. 442), a violência no ambiente escolar é uma questão que está vinculada,

“Ao estado da sociedade, às formas de dominação, à desigualdade, uma questão que está vinculada também as práticas da instituição (organização do estabelecimento, regras de vida coletiva, relações interpessoais, etc.). Mas, é também uma questão que está ligada às práticas de ensino quotidianas que, em último caso, constituem o coração do reator escolar: é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola”.

Gonçalves & Sposito (2002, p. 2), salientam que violência em meio escolar brasileiro “tanto decorre da situação de violência social que atinge a vida dos estabelecimentos, sobretudo públicos, como pode expressar modalidades de ação que nascem no ambiente pedagógico, neste caso a violência escolar”.

Segundo Camacho (2000), essa violência no espaço escolar brasileiro pode ocorrer de acordo com duas naturezas: violência física e violência não física. A primeira inclui brigas, agressões físicas e depredações. A segunda se refere às ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento. Segundo a autora, a violência não física muitas vezes vem disfarçada, mascarada, por isso é

de difícil diagnóstico. Ela afirma que as ações violentas podem ocorrer nos diferentes níveis da instituição escolar, ou seja, tanto podem atingir alunos, professores e funcionários, quanto podem esses, serem os protagonistas, ou as próprias vítimas dessas ações.

O que se tem percebido no meio acadêmico e científico é que ainda não há um consenso entre os pesquisadores em relação ao conceito de violência, especificamente violência escolar. Uma das dificuldades é porque a violência no meio escolar remete a fenômenos heterogêneos que são difíceis tanto de delimitar como de ordenar. Outra dificuldade para os autores está nas concepções que se formaram ao longo do tempo a respeito de termos como infância e escola. A primeira associada à ideia de inocência e a segunda associada à ideia de lugar seguro e de paz (Charlot & Emin, 1997; Abramovay et al., 2002).

Essa concepção que se formou do termo escola como um lugar de paz, tranquilo, seguro, dotado de regras e constituído por profissionais capazes de preparar as crianças e os jovens para a vida em sociedade hoje está ameaçado pelas ações violentas. Santos, Vidal, Bittencourt, Boery & Sena (2011, p. 269), enxergam a violência escolar como uma prática ‘inegavelmente reprovada’. Para os referidos autores, a escola é,

“O local na sociedade onde se deve apreender a disciplina. Constitui o santuário do conhecimento; a extensão do lar; o ambiente apropriado para a continuidade da formação do caráter do indivíduo; a condição fundamental para o crescimento pessoal, profissional e intelectual. E o docente representa a figura do educador, do mediador do conhecimento, aquele que, por participar efetivamente da vida do discente, merece, ou pelo menos deveria merecer respeito e amabilidade”.

Blomart (2002, p. 35), se referindo as escolas francesas, relata que há alguns anos “as escolas eram vistas como lugares privilegiados e preservados, protegidos dos conflitos – um lugar de socialização”. E, os textos produzidos por Batista & Pinto (2006, p. 314), sobre a ‘segurança nas escolas e burnout (assunto que será abordado mais adiante), dos professores’ revelam a preocupação dos autores em relação ao futuro das escolas, especificamente no que diz respeito as suas estruturas e interação escola-comunidade / comunidade-escola. Para eles, as escolas poderão apresentar, num futuro próximo, as seguintes características:

“Muros poderão ser levantados outorgando-lhe um aspecto quase feudal, grades e cadeados lembrarão tristes presídios. As janelas antes abertas assumirão a feição de um limitado e chocante “olho de cárcere”. Patrulhamento externo e inclusive interno poderá ser exigido pela escola às autoridades públicas. A escola parecerá isolada materialmente da comunidade que a rodeia, erguendo-se, por efeito dessa sorte de defesa radical, como uma árvore solitária numa paisagem desértica. Os vínculos sociais entre a escola e a comunidade ficam afetados, desde os mais

banais como o pipoqueiro que frequenta a porta, os namorados que vêm encontrar seus amores, a carona que espera os professores, até a sadia interação com os pais e amigos da escola que poderiam se utilizar do espaço para outras reuniões”.

Diante do quadro de violência que se vive hoje em escala planetária, essas características estruturais das escolas pensadas pelos autores para um futuro próximo já fazem parte do cenário de muitas escolas do mundo todo. Basta observar as escolas de países como os Estados Unidos e o Brasil, por exemplo, para perceber que algumas se constituem como verdadeiros presídios: portões de ferro, grades, cadeados, muros altos, segurança interna e externa, câmeras de vigilância, alarmes, detectores de metal e todo um aparato de segurança tanto técnica quanto pessoal. Esses cuidados podem até inibir ou afastar temporariamente as ações violentas provenientes do exterior para o interior das escolas, porém, os grupos sociais que fazem parte do universo interno dessas instituições sofrem as influências sociais e isso reflete nas relações internas das escolas.

A respeito dessas relações internas vivenciadas nas escolas, Lopes & Gasparin (2003, p. 298), relatam que:

“Os problemas disciplinares da escola e os conflitos do dia-a-dia já ultrapassam, largamente, os corriqueiros atritos verbais e ‘briguinhas’ de crianças. O incremento nas ações violentas que ocorrem no interior da escola, como as agressões físicas e verbais contra alunos e professores, o porte de armas de diversos tipos, brigas de gangues (muitas vezes constituídas por alunos da própria escola), suscita inclusive a presença, cada vez mais frequente e de forma sistemática, da força policial nesse espaço. A autoridade da escola, bem como de seu principal representante, o professor, parece não ser mais suficiente para resolver os problemas e restaurar a ‘ordem’ necessária ao desenvolvimento do trabalho pedagógico”.

Segundo Abramovay & Rua (2003, p. 25), “a vulnerabilidade da escola a várias violências, macrossociais, viria aumentando também sua perda de legitimidade como lugar de produção e transmissão de saberes, quando contraposta ao alcance social, ampliação do escopo e do acesso de novos meios de formação”.

Camacho (2001, p. 129), ao retratar a questão da escola nos dias atuais afirma que:

“A escola, hoje, está passando por uma crise relacionada à socialização, e ela tem enfrentado dificuldades na transmissão das normas e dos valores gerais da sociedade. Além disso, a escola regida pelo modelo tradicional, com o manejo de classe nas mãos exclusivamente do professor e dos alunos em posição de obediência e subalternidade, perdeu-se no tempo. A sala de aula onde vigoram novos modelos de relações entre professores e alunos, onde tudo pode ser passível de discussão, onde a hierarquia fica menos visível, onde os alunos têm o direito de

opinar, é uma nova realidade. Esses novos modelos, com capacidade de maior elasticidade de tolerância, implicam novas definições de disciplina”.

Debarbieux (1998, p. 39), afirma que a escola está mais vulnerável a fatores e problemas externos, a exemplo do desemprego e da precariedade da vida das famílias nos bairros pobres. O autor também cita o impacto da massificação do acesso à escola, uma vez que passam a receber jovens negativamente afetados por experiências de exclusão e pertencimento a gangues, o que implica consequências para todos os que compõem a comunidade escolar, como: alunos, pais e professores.

Escola para Lech (2007, p. 45), consiste em um “espaço onde ocorrem intensas emoções, que determinam os comportamentos da criança. A partir de sua corporeidade é que ganham expressão os seus sentimentos, sejam eles de amor ou de ódio, de ternura ou de raiva, de paz ou de agressão”.

No capítulo seguinte, discorre-se sobre as manifestações de violência no espaço escolar brasileiro, procurando entender as principais causas que norteiam esse problema. Recorre-se às concepções teóricas dos autores supracitados, a exemplo de Camacho e, de modo particular, a resultados de estudos efetuados por Codo & Menezes, Batista & Pinto, bem como as pesquisas realizadas por Abramovay e colaboradores que consideram as manifestações violentas que ocorrem no ambiente escolar brasileiro, proveniente tanto de fatores internos quanto de fatores externos.

CAPÍTULO 2 - MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA MAIS COMUNS EM AMBIENTES DE ESCOLAS BRASILEIRAS

2.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NO BRASIL: ALGUNS RESULTADOS

No espaço brasileiro, a violência escolar desperta grande preocupação por parte de professores, educadores, dirigentes de órgãos públicos e privados e praticamente todos os segmentos sociais. É comum se presenciar, nas escolas brasileiras, violência de gangues, violência contra professores, funcionários e alunos, arrombamentos de escolas, perseguição a professores, assaltos, ameaças, uso de drogas fora e dentro das escolas, depredação do patrimônio, desrespeito aos professores e funcionários, intimidação, incitação à violência, alunos assistindo aula sob efeito de álcool e/ou drogados, portando armas nas dependências internas e externas da escola dentre outros.

Entre os muitos estudos publicados sobre essa questão destaca-se a pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no ano de 2002. Essa pesquisa, coordenada no território nacional por Miriam Abramovay investigou por meio de questionários 33.655 alunos, 3.099 professores, 10.225 pais e um total de 2.155 pessoas através de entrevistas. O trabalho foi desenvolvido em treze capitais brasileiras (Goiânia, Cuiabá, Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre), e no distrito Federal.

A pesquisa ocorre tanto em escolas públicas como privadas, no nível Fundamental (a partir da 5ª série - atual 6º ano), e nível Médio nos turnos diurnos e noturnos. Foram investigados dados referentes às características socioeconômicas dos alunos como: dados pessoais, familiares, educacionais e funcionais e aspectos relacionados à violência dentro e no entorno da escola. O estudo encontra respaldo teórico-metodológico de autores consagrados no cenário nacional e internacional, como Abramovay, Arendt, Arias, Bourdieu, Castro, Charlot, Codo, Debarbieux, Filgueira, Guimarães, Minayo, entre outros.

A pesquisa supracitada revelou dois tipos principais de violência: a violência física e a violência simbólica cometida tanto por parte dos docentes, funcionários e educadores em geral, como por parte dos próprios discentes. Em relação à violência simbólica, a pesquisa revelou professores que humilham, ignoram a presença dos alunos, não sabem conversar com estes, colocam apelidos, os expõem ao ridículo e recorrem a agressões verbais. Por outro lado,

a pesquisa também mostrou professores que reclamam da falta de respeito dos alunos, dos xingamentos, ameaças verbais, intimidação, perseguição por conta das notas, entre outros.

Abramovay & Rua (2003), em versão resumida dessa pesquisa, ressaltam que alguns fatores atuam negativamente no ambiente escolar. Elas verificaram que as ‘cercanias’ da escola, que inclui a rua em frente, o entorno, ponto de ônibus, bem como o caminho até esse ponto de ônibus, foram apontados tanto por alunos como por corpo técnico pedagógico, como os lugares que mais ocorrem violências. Apontaram a vizinhança escolar como um dos principais problemas da escola. Para as autoras, esse fato descaracteriza o ambiente escolar como espaço seguro e protegido.

Dentre os problemas apontados no entorno das escolas, as autoras constataram: a precariedade da sinalização e insegurança no trânsito, o acesso fácil a bebidas alcoólicas, a falta de consenso sobre a segurança e policiamento no ambiente escolar e a presença das gangues e dos traficantes no espaço escolar e/ou no seu entorno.

Segundo as autoras, as estruturas físicas das escolas pesquisadas afetam o ambiente escolar, a exemplo da presença de muros, cercas e grades nas suas estruturas. Além do mais, relataram que uma parcela significativa dos alunos demonstrou insatisfação quanto ao espaço físico (salas de aulas, corredores e pátios). As pesquisadoras verificaram que 1/3 dos alunos apresentaram comportamento indisciplinado e muitos demonstraram ‘gazetear’ ou ‘matar’ aula.

Em relação ao funcionamento da escola, especificamente no que se refere às transgressões e punições Abramovay & Rua (2003, p. 35), verificaram a presença de uma violência simbólica “exercida pelo uso de símbolos de poder que não necessitam do recurso da força física, nem de armas, nem de grito, mas que silenciam protestos [...] exercida não somente entre alunos, mas nas relações entre eles e os professores”. Nas transgressões mais graves (pichações e vandalismo), verificaram ainda que os alunos podem ser transferidos e/ou expulsos como podem ser levados à delegacia acompanhados pelos pais.

Algumas punições são criticadas por uma boa parte de alunos, a exemplo de tratamentos diferenciados em virtudes de amizades entre diretor/aluno, ou pelo simples fato do grau de parentesco entre ambos. Verificaram também o descrédito por parte dos alunos em relação às sanções, como é o caso da banalização das punições. Por outro lado, constataram que em algumas escolas a ameaça de punição por parte da direção, pode surtir um efeito mais eficiente do que a própria punição. Há ainda as punições que podem levar os alunos a situações de humilhação e constrangimento, e por fim, as pesquisadoras observaram casos em

que não se aplicam as punições previstas nas normas das escolas, acarretando outros problemas no espaço escolar.

No que se refere à percepção dos alunos em relação à escola, as autoras constataram: ‘alunos desinteressados e indisciplinados’, ‘carências materiais e humanas’ e ‘professores incompetentes e faltosos’. Já em relação à percepção da equipe técnico-pedagógica, as autoras verificaram: ‘carências materiais e humanas’, ‘alunos desinteressados e indisciplinados’ e ‘pais desinteressados’.

No que tange à relação dos alunos para com os professores, as pesquisadoras verificaram que os alunos valorizam professores que os incentivam a continuar seus estudos, que se preocupam com eles, dando apoio, dialogando, sendo amigos enfim, professores que dialogam e dão atenção aos alunos, criam um ambiente favorável ao processo ensino-aprendizagem. Por outro lado, a falta de comunicação entre eles causa muita revolta, independentemente da idade ou do sexo, contribuindo para a baixa autoestima dos estudantes que não aceitam ser ignorados.

Segundo as pesquisadoras, o estudo revelou que os professores reclamam da falta de respeito e da maneira autoritária como são tratados pelos alunos, principalmente entre estudantes das escolas privadas que se utilizam da posição privilegiada de seus pais para forçar a demissão deles.

Quanto aos tipos de violências constatadas nos ambientes das escolas pesquisadas, as autoras categorizaram as situações de violências em três tipos: contra a pessoa (ameaças, brigas, violência sexual e uso de armas); contra a propriedade (roubos e furtos) e, contra o patrimônio.

Dentre as principais modalidades de violência contra a pessoa, as autoras constataram que:

- a maioria das ameaças dos alunos contra os professores é ocasionada por notas e pelas falhas disciplinares nas salas de aula; que essas ameaças podem se tornar em violências físicas, principalmente quando os alunos são colocados para fora de sala, suspensos e/ou proibidos de entrar por terem chegado atrasados;
- as brigas, que se manifestam, inicialmente, por ataques verbais, representam uma das principais modalidades de violência nas escolas. Elas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como alternativa para resolver os conflitos. Futebol, lanche, notas, apelidos, esbarrões, brincadeiras estão entre as

causas que motivam os alunos a brigarem. Até fixar o olho no outro, ‘encarar’, é motivo de brigas;

- O assédio sexual (olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exhibições, propostas, insinuações, contatos físicos e até estupros) são práticas de violência de professores para alunos e vice versa e/ou entre os próprios alunos. Segundo as autoras, os estupros, que ocorrem também com meninos, acontecem nas imediações das escolas e acarretam nas vítimas o medo e o abandono da escola.

- As autoras ainda constataram que os alunos levam para a escola armas brancas, a exemplo de: faca, tesoura, correntes, cacetes, porretes, estilete, canivetes, além de armas de fogo.

Com relação às principais modalidades de violência contra a propriedade e contra o patrimônio, as autoras constataram que:

- Há ocorrência de registros de roubos e furtos (carros e objetos pessoais) no ambiente da escola e as vítimas podem ser tanto alunos quanto professores e o corpo técnico pedagógico.

- Grande parte dos pequenos furtos que são cometidos por pessoas de dentro do espaço escolar são ignorados, o que leva alunos, coordenadores e diretores diminuírem a sua gravidade, tornando ao ato como natural. Já as ocorrências mais graves são praticadas por pessoas de fora desse ambiente.

- Pichação, depredação de muros, janelas, paredes e destruição de equipamentos, acompanhados de furtos são as principais formas de vandalismo mais comuns citados nas diferentes categorias de entrevistados. Também há os relatos de carros dos professores que são riscados pelos alunos.

Segundo Abramovay & Rua (2003), independentemente do tipo de violência, os atores praticantes são predominantemente os alunos e os membros de gangues, que são divididos entre alunos e não alunos. As vítimas mais constantes também são os alunos. Em seguida vêm os professores, funcionários/diretores e por último, os policiais.

Não é fácil relacionar as causas que levam os jovens a praticar atos de violência nas instituições escolares, principalmente aquelas associadas à rede pública de ensino quando sabe-se que estas, estão diretamente ligadas ao sistema socioeconômico e político brasileiro. Analisando por este parâmetro, pode-se deduzir que as escolas refletem as características da sociedade e os jovens nela inseridos, na maioria das vezes, acabam reproduzindo as ações e comportamentos dos adultos. As pesquisadoras constataram que, apesar das situações de

violências encontradas nas escolas pesquisadas, “a violência é construída e, logo, pode ser também ‘desconstruída’, com estratégias que protejam as escolas de violências, tanto as que vêm de fora para dentro, como as interiores, aquelas que fazem parte do contexto escolar”, pois

“Algumas escolas são historicamente violentas, enquanto outras passam por situações conjunturais de violência. Não existem situações deterministas, e a origem da violência faz parte de um quadro institucional e social, que, por sua vez, está sujeito a mudanças. Escolas organizadas, bem cuidadas, com regras claras de comportamento, com segurança no seu interior, onde existe um clima de entendimento, valorização dos alunos e dos professores, diálogo, sentimento de pertencimento e poder de negociação entre os diferentes atores podem mudar situações críticas. Assim como cultivar os vínculos com a comunidade, abrir as escolas nos finais de semana, para atividades sociais, culturais e esportivas, e ainda contar com a participação ativa dos pais dos alunos pode tornar as escolas espaços mais seguros e novamente respeitados na sociedade.” (Abramovay et al., 2002, p. 84)

Um dos grandes projetos voltados ao combate à violência, em diversos municípios do território brasileiro é o programa ‘Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz’, criado pela UNESCO. Abramovay et al. (2002), ressaltam que esse programa é resultado de várias pesquisas envolvendo jovens no Brasil, tanto na condição de vítimas como na condição de agentes diretos. Elas citam como exemplos desse trabalho o Projeto Escola de Paz (no Rio de Janeiro), Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz (na Bahia), Abrindo Espaços (no Mato Grosso), e o Projeto Escola Aberta (em Pernambuco). As escolas envolvidas com esses projetos abrem suas portas aos finais de semana para estimular os talentos culturais das áreas de maior vulnerabilidade social.

Para as autoras, as medidas de implementação e combate à violência nas escolas devem contar com o apoio material e pessoal das secretarias estaduais e municipais de educação.

As pesquisas desenvolvidas por Batista & Pinto (2006), discutem a questão da violência nas escolas a partir da perspectiva do sofrimento psíquico do trabalhador, particularmente a síndrome de burnout, ou seja, a violência existente no contexto escolar que pode contribuir para o surgimento do burnout. Antes de se discorrer sobre os resultados dessa pesquisa, faz-se necessário entender o que é a Síndrome de burnout.

Segundo Codo & Menezes (2006, p. 238), o termo Burnout, em português quer dizer “algo como ‘perder o fogo’, ‘perder a energia’ [...] o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço

pode lhe parecer inútil”. Eles consideram o burnout como um conceito multidimensional que abrange três fatores:

“Exaustão emocional – situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos a nível afetivo. Percebem esgotada a energia e os recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas [...] Despersonalização – desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho (usuários/clientes) – endurecimento efetivo, ‘coisificação’ da relação [...] Falta de envolvimento pessoal no trabalho – tendência de uma ‘evolução negativa’ no trabalho, afetando a habilidade para realização do trabalho e o atendimento, ou contato com as pessoas usuários do trabalho, bem como a organização”.

Os referidos autores afirmam que a exaustão emocional do trabalhador, sua despersonalização e o seu baixo envolvimento pessoal no trabalho são fatores independentes, apesar de aparecer associados. Eles acreditam que os educadores sentem a síndrome como:

“Uma desistência de quem ainda está lá. Encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir. O trabalhador arma, inconscientemente, uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho, apesar de continuar no posto. Está presente na sala de aula, mas passa a considerar cada aula, cada aluno, cada semestre, como números que vão se somando em uma folha em branco.” (Codo & Menezes, 2006, p. 254)

O termo Burnout, em português quer dizer “algo como ‘perder o fogo’, ‘perder a energia’ [...] o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço pode lhe parecer inútil” (Codo & Menezes, 2006, p. 238). E, tendo em vista que o burnout refere-se à desistência do trabalhador em virtude de um processo de trabalho emocionalmente exaustivo provocado a partir de relacionamentos diretos e constantes com outras pessoas, foi possível verificar na pesquisa desenvolvida por Batista & Pinto (2006), sobre ‘Segurança nas Escolas e Burnout dos Professores’, que há uma relação direta entre incidência de violência no contexto escolar e a desistência psicológica que o burnout revela, especificamente, para os professores que lecionam em escolas públicas estaduais.

Segundo os autores, os profissionais dessa rede de ensino “tem que se esforçar por realizar suas atividades num espaço caracterizado por ser alvo frequente de ocorrências de roubos e/ou vandalismo, num território em que não são raras as agressões entre alunos e inclusive aos próprios professores”. Para os autores, as formas de violência que participam do processo de trabalho do professor não são novidades, ou algo do tipo excepcional; elas já

existem no contexto escolar. O fato novo é justamente a frequência com que esses atos ocorrem, o que para Batista & Pinto (2006, p. 313), é um processo inicial de rotinização da violência nas escolas, ou seja, “é a mutação do caráter dos fatos violentos (de excepcionais a praticamente rotineiros) o que permite compreender o deslanchar do sofrimento psíquico nos educadores”. Os autores entendem que “não é simplesmente a violência que leva ao burnout, senão sua instalação no panorama da escola como possibilidade recorrente, como ameaça, o que sem sombra de dúvida faz toda a diferença” (Batista & Pinto, 2006, pp. 312-313).

Para tratar da relação entre burnout e violência, os autores supracitados, tomam como base os efeitos da violência de forma direta e os efeitos de forma indireta sobre o burnout. Em relação aos efeitos da violência de forma indireta, os autores citam três aspectos a considerar: o primeiro diz respeito à desorganização do ambiente de trabalho como um todo. O segundo se refere à confiança no trabalho, e o terceiro faz referência às relações afeto-trabalho.

No que tange a desorganização do ambiente de trabalho, os autores explicam que, um trabalho que depende de organização e planejamento a curto e médio prazo, muitas vezes é interrompido por diferentes situações de violência o que implica mudanças imediatas tanto por parte do professor, como por parte da coordenação e gestão escolar.

Dentre essas mudanças citam: reuniões formais e informais para tratar do fato acontecido e, dependendo da gravidade têm-se as denúncias e perícias no local de trabalho, afora o clima de excitação que fica na comunidade escolar etc. Com isso, o professor é obrigado a reorganizar seu planejamento, refazer suas aulas para cumprir as metas estabelecidas pela Secretaria da Educação. No que se refere à sala de aula, afirmam que o estresse provocado por um ato de violência acarreta também excitação nos alunos, deixando-os dispersos e desconcentrados nas aulas.

Essa situação obriga os professores a um esforço maior no trabalho, pois precisam acalmar os alunos, controlar a turma (que já se encontra em um estado de euforia), correr contra o tempo para ministrar o conteúdo e cumprir suas metas, trazer os alunos de volta ao que se estava ministrando ou dialogando enfim, o estresse provocado por um ato violento na escola implica a desorganização das atividades cotidianas do trabalho do professor, o que traz consequências para o aumento da incidência do burnout.

Em relação aos efeitos da violência sobre a confiança no trabalho, Batista & Pinto (2006), se referem a complexidades de relações sociais que são estabelecidas na escola e como essas relações podem ser atingidas pela violência. Citam por exemplo, o aspecto exterior das escolas que após situações de violência, passam por mudanças físicas e

estruturais, como o aumento de muros, a colocação de grades em portas e janelas (lembrando a fisionomia de presídios), o patrulhamento externo e interno e a presença de policiais dentro do espaço escolar e nos arredores da escola.

Essas medidas afetam os vínculos sociais entre a escola e a comunidade. Ainda citam, como exemplo, os pipoqueiros na porta da escola, os namorados a espera de seus amores, as pessoas que direto ou indiretamente frequentam o espaço escolar enfim, essas novas relações sociais que se estabelecem entre escola-comunidade devem ser consideradas nas relações de trabalho.

Além desses fatores, os autores ainda citam a questão do clima de confrontação entre os próprios educadores e, entre eles e os alunos, bem como o clima de desconfiança gerado pelas próprias medidas de segurança que para os autores, “não apenas a violência, mas as medidas que se tomam contra ela exercem um efeito corrosivo nas relações sociais de trabalho, exatamente em um trabalho que se caracteriza por depender tanto assim delas” (Batista & Pinto, 2006, p. 315).

No que se referem aos efeitos da violência nas relações afeto-trabalho, os autores entendem que a disciplina rígida do trabalho pode invadir o espaço familiar. Por outro lado, as emoções e afetos característicos da vida pessoal podem invadir o local de trabalho, ou seja, os fatores que afetam as relações sociais que se estabelecem no ambiente de trabalho afetam na mesma intensidade os vínculos afetivos.

Em relação aos efeitos diretos da violência sobre o burnout, os supracitados autores revelam que as agressões contra os professores e as agressões entre os alunos, bem como os episódios de roubo e vandalismo podem levar o professor a desenvolver o burnout. Explicam que o “vandalismo se correlaciona positivamente com o sentimento de exaustão emocional dos professores; as agressões aos professores têm correlação positiva com problemas de despersonalização e as agressões entre alunos têm correlação positiva com o baixo envolvimento emocional dos professores no trabalho” (Batista & Pinto 2006, p. 317).

No que diz respeito à exaustão emocional, os autores entendem que o professor acaba perdendo as suas energias; a sua capacidade de se dar efetivamente em virtude do sentimento de insegurança, abandono, desvalorização e desconfiança no ambiente de trabalho. A escola, local de trabalho dos professores, sendo alvo constante de vandalismo, pichações, roubos etc., é atacada e alguns trabalhadores, neste caso, os professores, sentem a sua intimidade exposta, “questionam os limites do dever e do sentir; a obrigação profissional faz com que continuem agindo, mas a que preço? O sofrimento psíquico se torna eminente e o

burnout, enquanto exaustão emocional surge como expressão desse sofrimento” (Batista & Pinto, 2006, p. 317).

No que se refere à despersonalização, os autores afirmam que ela acontece a partir das constantes agressões que ocorrem a pessoa do professor, ou seja, para que esse profissional desenvolva suas atividades, é necessário uma entrega afetiva com seus alunos. No entanto, as agressões frequentes condicionam o professor a certa indiferença “ao aluno enquanto objeto de afeto, de um lado a indiferença, o número, a coisificação; de outro, o sofrimento psíquico sob forma de burnout, despersonalização” (Batista & Pinto, 2006, p. 318).

No que tange à falta de envolvimento pessoal no trabalho, os autores relatam que pode ocorrer a partir do posicionamento do professor frente a recorrentes brigas violentas que ocorrem entre os alunos ou na sala de aula, ou que comecem dentro da sala e continuem lá fora. Frente a esses acontecimentos, o professor de alguma forma deve se posicionar, tomar uma decisão, o que o deixa estressado, pois além da sua aula ser interrompida (o que sugere novas estratégias de ensino), o professor se vê numa situação de tensão emocional, o que o leva a se questionar sobre a sua profissão. Ele passa a enxergar sua profissão como um trabalho qualquer. Seu aluno é visto apenas como mais um número. “Nessa dinâmica, pela mesma razão, o seu envolvimento com o trabalho: eu ensino porque sou pago para isso, dou minha aula, cumpro com meu dever, se eles quiserem que aprendam se não” (Batista & Pinto, 2006, p. 321).

Diante das informações supracitadas, percebe-se que as relações sociais estabelecidas nas unidades escolares brasileiras são, em parte, frutos das relações sociais estabelecidas nos diferentes segmentos da sociedade, como também reflexos das próprias relações sociais vivenciadas no interior das instituições escolares. Assim, a violência que ocorre no contexto escolar brasileiro também traz repercussões negativas ao ambiente escolar paraibano intervindo nas relações sociais estabelecidas por todos os componentes desse espaço.

A partir dos índices de violência do país, mais precisamente das capitais mais violentas, tanto no âmbito nacional quanto no Nordeste, das repercussões dessa violência no estado da Paraíba e na vida das crianças e dos adolescentes, apresenta-se o capítulo que se segue, que estuda de forma resumida a violência no ambiente de escolas públicas do município de João Pessoa. As pesquisas realizadas por Waiselfisz e os estudos desenvolvidos por Andrade, Queiroz, Martins dentre outros autores, serviram de suporte teórico para a realização do mesmo.

2.2 A VIOLÊNCIA EM AMBIENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE JOÃO PESSOA

Como apontam Freitas; Silva; Morais (2011), a violência não se caracteriza apenas como um problema social e econômico, mas também como um problema de saúde pública, em razão dos danos físicos, psíquicos e os óbitos que ela gera. As grandes cidades ou metrópoles têm sido as regiões com maior índice de violência, se manifestando nas diferentes esferas da vida em sociedade.

O estudo coordenado pelo sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz (2012c), a partir de dados fornecidos pelo Sistema de Informação de Mortalidade – SIM – da Secretaria de Vigilância em Saúde – SVS – do Ministério da Saúde (MS), revelou que, das capitais brasileiras que ocupavam no ano de 2010, os 10 primeiros lugares na lista como aquelas que apresentavam, respectivamente, as maiores taxas de homicídios no país (Maceió, João Pessoa, Vitória, Recife, São Luis, Curitiba, Salvador, Belém, Porto Velho e Macapá), cinco pertenciam à região Nordeste. João Pessoa, capital paraibana, ocupava a segunda posição com taxa de homicídio de 80,3 para cada 100 mil habitantes; índice menor apenas que o da capital alagoana (Maceió com 109,9).

Waiselfisz (2012c), ressalta que no ano 2000 os índices de violência no estado da Paraíba eram baixos quando comparados ao contexto nacional: 10 a 15 homicídios para cada 100 mil habitantes. Isso representava uma taxa de crescimento anual de 15,1%, colocando o estado na 20ª posição nos índices de violência no país. Porém, esses índices mais que duplicaram na última década. Em 2010, segundo o pesquisador, a taxa de crescimento da violência foi de 38,6 homicídios, para cada 100 mil habitantes e o estado sobe para a 6ª posição em relação ao total no país. Ele observou duas fases de evolução da violência no estado da Paraíba: a primeira de 1980 a 2004, e a segunda de 2004 a 2010.

Na primeira fase, o estado paraibano foi classificado como um estado relativamente tranquilo quando comparado ao contexto nacional, por apresentar baixo índice de violência, com um dos menores ritmos de crescimento no país. Nesse período, ocorre uma acentuada diferença da violência entre os municípios do estado, ou seja, um crescimento maior da violência nos municípios que compõem a Região Metropolitana (RM)⁸ de João Pessoa.

⁸ Conforme Waiselfisz (2012c), a Região Metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba, inclui além de João Pessoa, os municípios de Bayeux, Cabedelo, Conde, Cruz do Espírito Santo, Lucena, Mamanguape, Rio Tinto e Santa Rita. A Lei Complementar Estadual 90/2009 inclui os municípios de Alhandra, Pitimbu e Caaporã e a Lei Complementar Estadual 93/2009 inclui o município de Pedras de Fogo.

Em relação à segunda fase, o estado apresentou um crescimento intenso em suas taxas: de 18,6 passou para 38,6 homicídios em 100 mil, chegando até a superar a média nacional. Porém, em seis anos, as taxas de violência no estado duplicaram e a Região Metropolitana foi a responsável pela enorme elevação nesse período. A taxa passou de 32 para 72,9 homicídios, em 100 mil habitantes, crescimento de 128,1%.

No que se refere à violência de crianças e adolescentes, especificamente na modalidade homicídios, Waiselfisz (2012b), assegura que, em um total de 99 países, o Brasil ocupava em 2010 a 4ª posição, só superado por El Salvador, Venezuela e Trinidad Tobago. Waiselfisz verificou nesse mesmo ano, um total de 8.686 crianças e adolescentes assassinadas no país. Constatou que no ano de 1980, 52,9% do total de mortes que vitimavam os jovens no Brasil eram provocadas por causas externas (homicídios, acidentes de transportes e suicídios) e trinta anos depois - 2010 essas causas continuavam vitimando a população juvenil, principalmente os homicídios.

Waiselfesz (2012b), constatou na última década (2000 a 2010), um crescimento assustador nas taxas de homicídios de crianças e adolescentes, na região Nordeste. As taxas (em 100 mil) passaram de 17,2 em 2000, para 43,5 em 2010, revelando um crescimento de 152,6%. Dentre as capitais nordestinas, João Pessoa, segundo o pesquisador, ocupava o 5º lugar nesse período, não havendo alteração de posição no ano de 2000 e 2010. Porém, as taxas de homicídios de crianças e adolescentes cresceram significativamente. Passaram de 55 em 2000, para 132 para cada 100 mil habitantes em 2010; um aumento de 140,0% nas taxas de homicídios no município.

O pesquisador ressalta que de um total de 100 municípios com as maiores taxas de homicídios de crianças e adolescentes em 2010, no país (incluído aqui só os municípios com mais de 20 mil crianças e adolescentes), quatro cidades paraibanas estavam entre as 50 primeiras colocações: João Pessoa, Bayeux, Santa Rita e Campina Grande, respectivamente 10ª, 17ª, 32ª e 47ª posição. Com exceção de Campina Grande, as três primeiras cidades fazem parte da Região Metropolitana de João Pessoa.

A violência que tem se manifestado na região metropolitana da capital paraibana é preocupante não só pelo número de óbitos que ela tem ocasionado, mas principalmente porque tem vitimado a população juvenil.

O município de João Pessoa, como um ambiente de propagação da violência, tem registrado expressivos casos de manifestações de violências tanto com a presença de armas brancas como de fogo. Dentro e no entorno das escolas, os relatos de violência também são

bastante significativos, atos de violência nesses tipos de instituições, principalmente as públicas, já se tornaram corriqueiros nos noticiários.

Observam-se constantemente em sites de renome nacional e internacional como o g1.globo.com, noticiários do tipo ‘Adolescente é flagrado com arma em escola pública da Paraíba, diz polícia’; ‘Rapaz invade escola pública na Paraíba e atira contra alunos, diz polícia’; ‘Suspeitos de tiros em escola na Paraíba tinham dois alvos, diz delegado’; ‘MP quer instalação de detectores de metais e câmaras em escola da Paraíba’; ‘Aluno é flagrado com arma dentro de escola pública em João Pessoa’.

Sabe-se que, apesar da violência atingir qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer momento e em diferentes situações, tanto de forma direta como indireta, é necessária uma preocupação maior voltada para o ambiente escolar, pois é nesse ambiente que a criança e o adolescente passam grande parte de suas vidas. É também nesse ambiente que a violência é cultuada. Portanto, se faz necessário criar um clima na escola em que todos os envolvidos (alunos, professores, gestores, equipe técnica-pedagógica, funcionários e comunidade escolar) possam exercer sua cidadania de forma digna, isto é, com respeito, solidariedade, democracia, amor, alegria e paz.

Schelb (2008, pp. 87-88), afirma que a influência da família e dos amigos, a personalidade do indivíduo e a emoção do momento são as principais causas que levam um jovem a prática da violência. Para o autor,

“A criança e o adolescente são muito influenciáveis pelas pessoas com quem convivem. A família é a maior influência! Pais permissivos ou rigorosos demais podem gerar filhos sem responsabilidade ou ‘revoltados’. Amizades ‘erradas’ podem facilmente induzir o jovem a atos criminosos, especialmente se houver um grupo ou ‘turma de amigos. Basta um deles ter uma ideia ‘infeliz’, e todos se envolvem na situação de criminalidade[...] Por mais que uma família dê educação e orientação para o filho, sempre há uma contribuição decisiva da personalidade e caráter do jovem [...] A maioria dos crimes não é premeditada, mas ocorre por uma emoção do momento. O consumo de drogas e álcool é um dos principais fatores para a prática deste tipo de crime”.

Segundo Andrade (2004), o fenômeno da violência no espaço escolar paraibano já despertava interesse entre pesquisadores desde a década de 1990. Cita como exemplo trabalhos desenvolvidos pela Comissão de Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba - UFPB e da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, direcionados para a superação do problema, a exemplo da cartilha ‘Paz e Cidadania nas Escolas’, de autoria de Zenaide, 2002.

Andrade (2004), realizando pesquisas sobre o acervo científico já existente em relação às manifestações de violência nas escolas paraibanas, bem como desenvolvendo pesquisas em duas instituições escolares do município de João Pessoa, constatou que:

“Uma escola com organização institucional suficiente para garantir as atividades pedagógicas convivia com a violência no bairro e nas famílias de seus alunos, mas não era percebida como violenta em seu interior, nem por alunos nem por educadores. A outra, todavia, não conseguia manter-se funcionando satisfatoriamente. Nesta, o discurso sobre a violência na escola articulava-se com questões de indisciplina e gestão escolar e apontava, como alternativas para a violência, o melhor uso da estrutura material disponível (prédios, pátios, bens), a retomada das atividades pedagógicas regulares (particularmente as aulas, a reorganização das relações entre educadores (bastante desgastadas) e o restabelecimento das relações com a comunidade (praticamente inexistente à época).” (Andrade, 2004, p. 31)

Outros estudos relacionados a essa questão foram desenvolvidos nesse período, no estado paraibano. É o caso da pesquisadora Martins, 2007 que estudou sobre os ‘Sintomas de stress em professores brasileiros’ na cidade de João Pessoa. Os resultados desse estudo revelaram que 66,1% dos 76 professores de cinco escolas da rede pública estadual do município, com idade entre 25 a 55 anos, de ambos os sexos, que lecionam a alunos nas primeiras séries do ensino fundamental, apresentam sintomas de stress no trabalho; 10,5% deles se encontram em fase de quase exaustão. Segundo a autora, no ensino fundamental, existem várias queixas relacionadas ao stress, tais como:

“Número excessivo de alunos, calor intenso, principalmente nos meses mais quentes do ano, violências, drogas e insegurança na escola. Esses componentes, além de provocarem sentimentos de raiva e frustração, constituem fontes negativas que poderão levar o professor à exaustão física e emocional.” (Martins, 2007, p. 125)

De acordo com a pesquisadora, os professores convivem com a violência na escola, com alunos indisciplinados e agressivos. Além disso, se queixam, principalmente, do pouco tempo que dispõem para realizar as tarefas relacionadas ao trabalho, das preocupações diárias que a profissão exige, da falta ou do pouco tempo que dispõem para dar assistência à família, uma vez que o pouco tempo que têm, usam para fazer as tarefas do lar. Acrescenta que, o professor, “na maioria das vezes, é desrespeitado, se defronta com prédios mal cuidados, com a falta de material didático, com a violência provocada pela falta de segurança nas escolas” (Martins, 2007, p. 116).

Reverendo a literatura sobre os sintomas de stress em professores, a autora afirma que há “um consenso de que ensinar é uma das ocupações altamente estressantes, com reflexos negativos e evidentes na saúde física e mental, bem como no desempenho profissional dos professores” (Martins, 2007, p. 118).

O estudo desenvolvido por Araújo, Coutinho, Miranda & Saraiva (2012), em uma escola pública do município de João Pessoa a 177 adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos constatou que 64,6% dos jovens demonstraram ter bom relacionamento com seus pares. Por outro lado, observaram que 57,8% deles não se sentem seguros na escola e 27,2% não gostam do ambiente em que estudam.

As supracitadas pesquisadoras verificaram que a violência escolar para os alunos foi representada como sinônimo de assédio e que pode se apresentar a partir de diversas ações como: roubar, matar, machucar, brigar, dar murros, falar mal e falar palavrão. Ressaltaram que a violência no ambiente escolar pode ser vista como uma:

“Bagunça que afeta a vida do aluno e que é sustentada pelo abuso de poder, pela falta de educação e de respeito para com o outro, sendo elemento crucial para a manutenção das relações pautadas nos sentimentos de ódio, dor e lamento.”
(Araújo, Coutinho, Miranda & Saraiva, 2012, p. 4)

Freitas, Silva & Moraes (2011), fizeram uma análise de uma década (2001 a 2010) de mortes violentas por homicídios no município de João Pessoa levando em consideração sua distribuição espacial, nas quatro zonas territoriais da capital paraibana (Norte, Sul, Leste e Oeste). O estudo ainda constatou que no período de uma década, a maior concentração de homicídios no município estava centralizada na Zona Norte. Verificaram que, dos 15 bairros que compõem a respectiva área, os que apresentaram maior risco de homicídios foram: Centro, Varadouro, Padre Zé, Treze de Maio, Mandacaru e Roger.

Em razão da violência existente em grande parte dos bairros do município de João Pessoa, e que de forma direta e/ou indireta reflete negativamente no andamento das atividades pedagógicas nas escolas, alguns projetos e programas têm sido implantados para minimizar e/ou resolver as ações violentas nas escolas e proximidades, principalmente nos casos em que as instituições não conseguem resolver sozinhas. É o caso do Programa ‘Patrulha Escolar Solidária’, um tipo de policiamento que, apesar dos problemas relativos à sua funcionalidade, atende as ocorrências relacionadas às instituições de ensino. Esse projeto, desenvolvido pela

Polícia Militar do Estado da Paraíba – PMEP - atua tanto de forma preventiva como repressiva.

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência – PROERD – versão brasileira do programa norte-americano D.A.R.E. – Drug Abuse Resistance Education, também atua como parceira das instituições escolares. Esse programa, surgido no ano de 1983 e implantado no Brasil em 1992, tem como objetivo prevenir e reduzir o uso indevido de drogas e a violência. O policial militar atua como facilitador junto aos professores nas instituições escolares (PROERD, 2009).

Outro projeto desenvolvido no combate as manifestações da violência em ambientes escolares é o ‘Projeto Bullying: brincadeiras que ferem’, desenvolvido em todas as escolas públicas da rede municipal da capital paraibana, através da Secretaria de Educação e Cultura – SEDEC, e por meio da Lei Municipal nº 11.381 de 16 de Janeiro de 2008. O objetivo principal consiste em desenvolver a cultura da paz nas escolas. Atua no combate e na redução da prática do bullying tanto em ambientes escolares quanto nas comunidades as quais as escolas estão inseridas.

A violência que ocorre no contexto escolar paraibano, e em particular em ambiente de escolas públicas de João Pessoa, traz relevância para esse estudo na medida em que ela pode contribuir para a evasão escolar; prejudicar as relações entre escola/comunidade/escola; interferir nas relações afetivas do ambiente escolar; intervir no processo pedagógico dos professores prejudicando a aprendizagem dos alunos; interferir no clima escolar trazendo a sensação de insegurança e medo nos alunos, professores, equipe técnica-pedagógica e funcionários, bem como afetar a saúde dos professores. Enfim, as ações violentas que ocorrem no cotidiano de escolas públicas de João Pessoa podem trazer reflexos negativos para todos os seus envolvidos.

Portanto, o que é possível fazer no sentido de resolver a questão das manifestações de violência em escolas públicas de João Pessoa e afastar a sensação de medo e insegurança dos professores no seu processo de trabalho? Que ações poderão ser adotadas para solucionar essa questão ou pelo menos atenuar os problemas advindos dessa violência? O que fazer para resgatar nos discentes atitudes de cooperação e práticas de solidariedade que possam ser usadas de forma benéfica nas relações sociais estabelecidas nas unidades escolares? Que caminhos poderão ser traçados para que os docentes possam realizar-se pessoal e profissionalmente?

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DO ESTUDO

O presente capítulo do estudo está direcionado à violência no ambiente escolar, mais precisamente no processo de trabalho de professores que lecionam na rede pública de João Pessoa, em turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Buscou-se, pois, identificar quais os motivos que impulsionam a referida violência e quais são as possíveis soluções para enfrentá-los.

3.1 PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

A sensação de insegurança e medo tem atingido a maioria das sociedades atuais, seja nos países ricos ou nos países pobres. O medo faz parte do cotidiano das pessoas. Por exemplo, há o medo de sair de casa, ou de ficar sozinho em casa, o medo de ser assaltado ou violentado, o medo de ser morto a qualquer momento numa situação de violência como o caso de assalto, estupro, bala perdida, terrorismo ou até mesmo por motivos banais.

Atualmente, a sociedade convive com sentimentos de pânico e terror. Percebe-se, por exemplo, que as pessoas vivem em verdadeiras prisões, em suas próprias casas, ou em seus estabelecimentos comerciais e observa-se o alto investimento em segurança, como por exemplo: grades, cães de guarda, câmeras, seguranças, ou seja, não há sensação de tranquilidade, pelo contrário o que prevalece é o sentimento de insegurança.

O Brasil, assim como outros países, está inserido nesse contexto, por ser um país que apresenta graves problemas de ordem social. A falta de infraestrutura, o déficit habitacional, o desemprego, a segregação econômica e social de grande parte da população, são exemplos de problemas que podem interferir na dinâmica espacial do país, culminando em outros problemas sociais a exemplo da violência e da criminalidade.

De acordo com Waiselfisz (2012c), entre 1980 e 2010 mais de 1 milhão de pessoas foram vítimas de homicídios no território brasileiro. No ano de 1980, foram registrados 13.910 casos de homicídio, em contrapartida, no ano de 2010 foram computados 49.932 casos. Verifica-se então, que ocorrera um aumento de 259% de mortes violentas no país, o que representa um acelerado crescimento da violência nos últimos trinta anos.

Para Waiselfisz (2012c), as mudanças mais significativas da violência entre 1980 e 2010, ocorreram na década 2000/2010. Estados que antes ocupavam posições de destaque como os mais violentos, a exemplo de: Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais,

Rondônia e Distrito Federal, que ocupavam as primeiras colocações no *ranking* nacional da violência, com colocações de 1^a, 2^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a posições, respectivamente, contemplaram suas posições decrescerem no final da década em discussão, para 4^o, 17^o, 25^o, 12^o, 16^o e 10^o lugar, respectivamente. Sendo os estados de São Paulo e Rio de Janeiro aqueles que expressaram quedas mais significantes.

Em contrapartida, o autor ressalta que no mesmo período, os estados que apresentavam índices baixos de crimes violentos constataram aumento expressivo no final da década. Como por exemplo, os estados de Alagoas, Pará, Paraíba e Bahia que saíram das posições 11^a, 21^a, 20^a e 23^a, respectivamente, para 1^a, 3^a, 6^a e 7^a, no ano de 2000. Ressaltando que esta é a classificação no cenário nacional de número de homicídios para cada 100 mil habitantes. No que diz respeito ao estado da Paraíba, observa-se que este ocupava, no ano de 2000, a 20^a colocação e passou para 6^a posição no ano de 2010, ocupando hoje posição de destaque como um dos estados mais violentos do país.

Ainda de acordo com Waiselfisz (2012c), das capitais brasileiras que ocupavam no ano de 2010 os 10 primeiros lugares na lista como aquelas que apresentavam maior taxa de homicídio, cinco pertenciam à região Nordeste. São elas: Maceió, João Pessoa, Recife, São Luis e Salvador, com 1^a, 2^a, 4^a, 5^a e 7^a, respectivamente. A capital do estado da Paraíba, João Pessoa, ocupava a segunda posição e apresentava taxas de homicídios de 80,3 para cada 100 mil habitantes. Perde a disputa apenas para a cidade de Maceió, capital de Alagoas.

Utilizando a média da população estimada no período de 2010/2012, em 1.669 municípios brasileiros com mais de 20 mil habitantes, a pesquisa revelou que João Pessoa aparece em 23^o lugar, com uma taxa de 72 mortes, por 100 mil habitantes.

O autor também ressalta que as taxas de mortes violentas entre a população jovem (15 a 29 anos) da capital paraibana em 555 municípios com mais de 15 mil jovens era muito elevada, superando a marca das 170 mortes por 100 mil jovens.

Sabe-se que o município de João Pessoa possui 723.515 habitantes (IBGE, 2011) que, de acordo com dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, estão distribuídos no espaço urbano em 65⁹ bairros oficiais. Os bairros por sua vez, estão organizados em quatro zonas territoriais, a saber: Zona Norte (com 15 bairros), Zona Sul (com 26 bairros), Zona Leste (com 17 bairros), e Zona Oeste (com 07 bairros).

⁹ Dados provenientes do site www.joãopessoa.pb.gov.br.

De acordo com dados do NACE/SEDS¹⁰, os bairros do município em discussão que registraram o maior número de CVPs, no ano de 2011 foram os bairros localizados nas Zonas Norte, Leste e Sul, respectivamente o Centro, Manaíra e Mangabeira. E, no que diz respeito ao número de CVLIs, as áreas que registraram o maior número, no ano de 2011, foram os bairros de Mangabeira (Zona Sul) e São José (Zona Leste).

No ano de 2012, os dados do NACE/SEDS, registraram 526 ocorrências de Crimes Violentos Letais e Intencionais na capital paraibana distribuídos nas quatro zonas territoriais do município. Zona Sul registrou o maior número de CVLIs, totalizando 201 casos. O bairro de Mangabeira foi o que apresentou o maior número com 44 ocorrências, ao passo que Gramame, Paratibe e Valentina, foram os outros bairros que apresentaram números significativos nesta área.

Na Zona Oeste, o bairro do Cristo Redentor aparece na segunda colocação com 30 casos de mortes violentas para um total de 146 vítimas. Os bairros de Oitizeiro e Cruz das Armas também apresentaram números elevados de CVLIs, nesse período. É importante destacar que na Zona Norte de um total de 136 ocorrências, o bairro do Alto do Céu aparece com 27 casos, registrando o maior número de vítimas. Mandacaru e o Centro apresentaram também números elevados de mortes violentas. A Zona Leste apresentou o menor número de ocorrências de CVLIs, em 2012. Os bairros São José, com 16 casos, e o Castelo Branco, com 9 casos, estes apresentaram o maior número de vítimas dentre os bairros que compõem a Zona Leste.

Observa-se que a violência tem deixado suas marcas em praticamente todos os bairros da capital paraibana, atingindo direta ou indiretamente a comunidade nas mais diferentes áreas. Assim, verifica-se a necessidade de uma preocupação maior voltada ao ambiente escolar, pois esse ambiente é propício ao bom desenvolvimento da criança e o adolescente, uma vez que estes passam grande parte de suas vidas no referido ambiente. Esse espaço escolar também se apresenta no estado da Paraíba, e de modo particular no município de João Pessoa, como um ambiente de propagação de violências, registrando vários casos com a presença de armas brancas e de fogo.

Portanto, a partir desses índices de violência na cidade de João Pessoa e considerando as escolas que se encontravam nessa região foi definida a amostra da referida

¹⁰ Dados provenientes do site www.paraiba.pb.gov.

pesquisa, uma vez que o objetivo da pesquisa consiste em analisar as vivências e as estratégias dos professores frente ao problema da violência no contexto de escolas públicas de João Pessoa. Assim sendo, ao considerar as regiões mais violentas da cidade, foram selecionadas para a amostra as escolas mais presentes nesse território a fim de aproximar os resultados da pesquisa com os objetivos propostos. Desse modo, discorre-se abaixo o caminho percorrido para definição da amostra, com base nessa problemática proposta.

3.2 A QUESTÃO DE PARTIDA

Recordemos então a nossa **questão de partida**:

- De que forma os professores percebem e atuam no seu contexto profissional, a fim de superar os problemas advindos das ações violentas no ambiente escolar?

3.3 OS OBJETIVOS

Em concordância, recordemos igualmente o nosso **objetivo geral**:

- Analisar as vivências e as estratégias dos professores relativamente à violência em ambiente escolar, no contexto de escolas públicas de João Pessoa.

Pretendeu-se como **objetivos específicos**:

- Delinear o perfil dos professores, quanto aos aspectos familiares e profissionais;
- Identificar as principais modalidades de violência enfrentadas pelos professores em instituições públicas municipais de João Pessoa;
- Verificar como a violência escolar interfere na vida profissional dos professores que trabalham em escolas da rede pública municipal de João Pessoa;
- Constatar as estratégias utilizadas pelos professores para resolver e/ou tentar superar os problemas advindos das ações violentas no ambiente escolar.

3.4 OPÇÕES E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A presente pesquisa analisa a violência escolar a partir da percepção dos professores pesquisados e de acordo com o ambiente escolar ao qual estão inseridos. Como o tema em

questão é complexo, optou-se por uma abordagem sociológica de natureza qualitativa, de base descritiva e incluindo nesse processo quantificação, uma vez que, de acordo com Pope & Mays (2009, p. 13), “embora seja verdade que a pesquisa qualitativa geralmente lida com falas ou palavras em vez de números, isso não significa que seja destituída de mensuração”. Entendem também que “em geral, a pesquisa qualitativa não busca quantificar os dados, embora contagens simples possam ser úteis em estudos qualitativos” (Pope & Mays, 2009, p. 80).

Richardson (2011, p. 79), entende que “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Porém, ressalta que “na análise da informação, as técnicas estatísticas podem contribuir para verificar informações e reinterpretar observações qualitativas, permitindo conclusões menos objetivas” (Richardson, 2011, p. 89).

Para Pope & Mays (2009, p. 14), a abordagem qualitativa “está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e à maneira como as pessoas compreendem este mundo”.

Minayo (2010, p. 57), afirma que a pesquisa qualitativa “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes aos grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação”. Richardson (2011), ressalta que essa abordagem trabalha numa linha de investigação voltada para os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e as atitudes das pessoas.

Bogdan & Biklen (1991, p. 47), explicam que “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”, ou seja, a presença do pesquisador no ambiente natural em que está sendo realizado o estudo é essencial para entender a dinâmica social dos participantes envolvidos na pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa realizada em instituições escolares e, levando em consideração a singularidade do tema em questão, entende-se que esse estudo de natureza qualitativa descritiva consiste em um **estudo de caso**. Ludke & André (1986, p. 24), ressaltam que “ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade”. Fonseca (2002, p. 33), afirma que pode se caracterizar o estudo de caso como:

“Um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu ‘como’ e os seus ‘porquês’, evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularidade, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico. O fato de selecionarmos somente um objeto permite a seu respeito, uma grande quantidade de informações. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto, mas revela-la tal como ele o percebe. O estudo de caso apresenta deste modo, uma forte tendência descritiva. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador”.

Ludke & André (1986, p. 17), corroborando com Fonseca, ressaltam que “o caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular”. Salientam ainda que os estudos de caso visam à descoberta, enfatizam a ‘interpretação em contexto’, retratam a realidade de forma completa e profunda e ainda usam uma variedade de fontes de informação. Acrescentam que os estudos de caso podem revelar também experiência vicária e permitir generalizações naturalísticas, procurando representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vistas numa situação social. Simultaneamente utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

3.5 FONTES E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Inicialmente, o estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, a qual utiliza fontes constituídas por material já elaborado como livros e artigos científicos, localizados tanto em bibliotecas como em páginas da web sites.

Para consecução da pesquisa optou-se pelo recurso das **observações e anotações** como instrumento eficaz na recolha dos dados. As observações, em sua totalidade, foram registradas por meio de anotações escritas ou mediante o processo das **gravações**. Porém, o **inquérito por entrevistas** foi o principal instrumento metodológico, uma vez que representa a técnica de estudo mais eficaz para o presente trabalho.

3.5.1 Observações e anotações

Na presente pesquisa, as **observações** foram registradas através de anotações escritas, e também por meio de gravações. De acordo com Ludke & André (1986), “ao iniciar cada registro, o observador deve indicar o dia, a hora, o local da observação e o seu período de duração”. Esses registros são denominados por Triviños (1987, p. 154), de ‘anotações de campo’, pois as reflexões que ocorrem durante o processo da observação do entrevistador “representam ou podem representar as principais buscas espontâneas de significados, as primeiras expressões de explicações. Podem ficar como um produto final do estudo, ou sofrer reformulações ou desaparecer, finalmente [...]”.

Segundo Ludke & André (1986, p. 25), “o que cada pessoa seleciona para ‘ver’ depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural”. Isso quer dizer que um mesmo fato pode ser interpretado por duas ou mais pessoas de formas diferenciadas dependendo do seu histórico de vida.

De acordo com Gil (1999, p. 110), “a observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida”.

Evidentemente, essas observações devem ser anotadas ou de alguma forma registradas, sejam através de anotações escritas (blocos de papel, fichários, folhas avulsas), seja por meio de registros de transcrição de gravações ou por meio de fotografias, filmes, slides ou outros meios de registros.

Foram realizadas **anotações** aleatórias de informações (notas de campo da investigadora) consideradas relevantes para a referida pesquisa. Essas anotações ocorreram não apenas na fase das entrevistas, mas em toda a fase da coleta dos dados. Ludke & André (1986, p. 47), recomendam ao entrevistador “registrar também as suas observações, sentimentos e especulações ao longo de todo o processo de coleta”. Nesse sentido, as anotações constituíram uma ferramenta importante para essa pesquisa.

3.5.2 Inquérito por entrevistas

Na concepção de Minayo (2011, p. 64), a entrevista pode ser compreendida como “uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador.

Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de oferecer um ambiente favorável aos professores, para que estes pudessem expressar por meio de suas falas, quais os seus pensamentos a respeito da violência que ocorre dentro e nos arredores do ambiente escolar. Além de propiciar as condições necessárias para que o entrevistado pudesse expressar sobre a maneira como lidam com a problemática em questão e como as manifestações de violência podem interferir em suas vidas. Adicionalmente, buscou-se dar voz aos professores para compreender, também as causas que desencadeiam a violência nas escolas, bem como, aquilo que pode ser realizado para minimizar seus impactos na sociedade.

Gil (1999, p. 116), explica que “psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação”.

No entendimento de Bogdan & Biklen (1994, p. 134), “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Além da técnica da entrevista ser considerada relevante para obtenção dos dados em profundidade no que se refere ao comportamento humano, Gil (1999), explica que os dados obtidos durante o processo das entrevistas podem ser por sua vez, suscetíveis de classificação e de quantificação.

Lüdke & André (1986, p. 35), explicam que “uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”. Bogdan & Biklen (1994, p. 136), corroboram ao afirmar que “as boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes”. Já Minayo (2011, p. 67), assegura que o envolvimento do entrevistado com o entrevistador é a condição fundamental para a uma boa entrevista.

No que se refere à classificação das entrevistas, Triviños (1987), classifica-as em estruturada ou fechada, semiestruturada e livre ou aberta. Além disso, afirma que para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semiestruturada é o melhor meio para o pesquisador coletar seus dados, pois “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece

todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1987, p. 146).

A presente pesquisa utilizou a **entrevista semiestruturada**, que, de acordo com Minayo (2011, p. 64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Trivinos (1987, p. 146), afirma que a entrevista semiestruturada “parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”.

Portanto, a entrevista semiestruturada propiciou o espaço necessário para questionamentos e pensamentos dos professores a respeito da violência. O instrumento de coleta de dados proporcionou um ambiente de confiança durante o processo das entrevistas, para que os entrevistados pudessem expor suas ideias, opiniões e vivências a respeito da problemática em questão.

Tendo em vista que esse tipo de entrevista desenvolve-se a partir de um esquema básico, em que não se faz obrigatório seguir um roteiro rigoroso, o entrevistador pode, ao longo da entrevista, realizar adaptações que julgar necessárias ao estudo (Ludke & André, 1986). Já Triviños (1987), corrobora e adverte para a flexibilidade da duração da entrevista, uma vez que, o tempo irá depender do assunto abordado e das circunstâncias que envolvem o informante.

Bogdan & Biklen (1994, p. 135), afirmam que na entrevista semiestruturada “fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão”. Ao passo que, Ludke & André (1986), despertam a atenção para algumas exigências e cuidados que devem ser observados ao realizar uma entrevista, como por exemplo, o respeito ao entrevistado, sendo esta uma questão fundamental para garantir o sucesso da entrevista. O referido respeito a que se referem os autores trata-se do local e horário apropriado para a entrevista, sigilo e anonimato do entrevistado, capacidade de ouvir, bem como, estimular a fala do participante e ainda, assegurar o clima de confiança para este expressar-se com espontaneidade.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram, fundamentalmente, por meio de **gravações** efetuadas com aparelho eletrônico. Minayo (2011, p. 69), assegura que “dentro os instrumentos de garantia da fidedignidade, o mais usual é a gravação da conversa”. Ludke &

André (1986, p. 37), acrescentam que se por um lado com a gravação pode-se “registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado, por outro lado, ela só registra as expressões orais, deixando de lado às expressões faciais, os gestos, as mudanças de postura [...]”.

Bogdan & Biklen (1994, p. 139), advertem para os riscos os quais o entrevistador pode passar ao gravar uma entrevista sem autorização do participante. De acordo com os autores, alguns participantes não se incomodam que suas entrevistas sejam gravadas, no entanto, podem existir aqueles que questionem sobre o destino dessas gravações. Somado a esses fatos, Bogdan & Biklen (1994) acrescentam que outros entrevistados poderão imaginar que “uma vez gravadas as suas palavras podem tornar-se objeto de perseguição (ou podem vir a causar problemas, como por exemplo, revelar alguma coisa que tenha sido feita de uma forma menos legal)”. Para Minayo (2011, p. 69), “é necessário ressaltar que qualquer tentativa de assegurar o registro em toda a sua integridade precisa do consentimento dos interlocutores”.

Após o encerramento da coleta de dados que se sucedeu por meio de anotações, e fundamentalmente por meio de entrevistas, foram realizadas as **transcrições** das mesmas. Richardson (2011, p. 218), assegura que:

“Transcrever fitas é um trabalho cansativo e tedioso, mas enormemente útil. Permite estudar cada entrevista e fazer uma análise preliminar dos resultados alcançados. Em vista da transcrição, o pesquisador deve calcular que nessa fase demorará, pelo menos, duas vezes o tempo dedicado à realização da entrevista. Cada entrevista em profundidade proporciona um riquíssimo material de análise. O pesquisador, portanto, deve estar preparado para passar um tempo considerável fazendo esta análise”.

Ao todo, foram realizadas 14 entrevistas, cada uma com 14 perguntas iguais. As respostas obtidas nas perguntas foram estruturadas da seguinte forma: para cada pergunta foram anexadas às respostas de todos os participantes considerando a sequência das escolas em A, B, C e D. As perguntas e respostas foram divididas numa sequência de subtemas conforme os objetivos da presente pesquisa.

Inicialmente, foram organizadas as perguntas e respostas referentes ao Perfil Profissional dos Professores, em seguida estruturaram-se aquelas referentes às manifestações de violência no ambiente escolar. Posteriormente, foram selecionadas as perguntas e respostas relacionadas à influência da violência escolar na vida profissional dos professores e, por último, as referentes aos sonhos e aspirações dos mesmos.

3.6 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO INVESTIGADO

A área de investigação escolhida foi o município de João Pessoa, localizado no Litoral Norte do estado da Paraíba, entre as coordenadas geográficas 07°00'00'' e 07°07'30'' de latitude Sul, e 34°52'30'' e 34°45'00'' de longitude Oeste (Sousa, 2010). Possui uma área de 210.551 km² e limita-se ao Norte, com o município de Cabedelo, ao Sul, com o município do Conde, a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com os municípios de Bayeux e Santa Rita (Sousa, 2010).

Apresenta como principais características fisiográficas, clima tropical úmido com temperaturas médias anuais em torno de 26°C; umidade relativa do ar com média de 80% ao ano; 24 km de litoral; altitudes médias de 37 metros em relação ao nível do mar e vegetação do tipo litorânea com algumas áreas preservadas de mata Atlântica (Sousa, 2010).



Fonte: <www.google.com.br>.

Figura 1: Localização geográfica de João Pessoa – Paraíba.

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE (2011), o município de João Pessoa conta com uma população de 723.515 habitantes e uma densidade demográfica de 3.421,30 hab./km², concentrados predominantemente na zona urbana, isto é, 99,6% dos habitantes do município residem na área urbana. Esta elevada concentração da população na área urbana pode estar relacionada ao aumento da oferta de empregos, particularmente os ligados ao setor terciário com destaque para o setor de serviços (61%), atividade industrial (17%) e o comércio com 19% (Scabello e Spörl, 2011).

De acordo com dados do IBGE (2012), João Pessoa possui o maior PIB¹¹ (Produto Interno Bruto) do estado - R\$ 11.226 bilhões - e um PIB per capita¹² de R\$ 18.645 mil. O PIB é proveniente principalmente da indústria, do comércio e do turismo. E de acordo com dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, o espaço urbano do referido município está organizado em 65 bairros, conforme mapa abaixo:



Fonte: <www.googlo.com.br>.

Figura 2: Mapa de João Pessoa - Divisão territorial dos bairros.

Os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2010), revelam alguns números que colocam o município supracitado numa posição de destaque dentre as capitais do Nordeste brasileiro, são eles: IDH¹³ (0,763), mortalidade infantil até 1 ano (16,4) e 5 anos (13,3) de idade por mil nascidos vivos e esperança de vida ao nascer/longevidade de 74,9 anos.

¹¹ O PIB – Produto Interno Bruto refere-se à soma de todos os bens de um país, num determinado período. Quanto mais alto o PIB, mais demonstra que o país pode ser classificado no grupo dos países desenvolvidos.

¹² PIB Per Capita refere-se ao Produto Interno Bruto dividido pela população absoluta de um país.

¹³ IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, refere-se a um índice de comparação entre os países, adotado pela Organização das Nações Unidas – ONU, para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população, num determinado período. O IDH vai de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Quanto mais próximo de 1, for o país, mais demonstra que ele é desenvolvido.

Por ser a terceira cidade mais antiga do Brasil (1585), João Pessoa se destaca por seu acervo cultural. São monumentos históricos em excelente estado de conservação como os casarões antigos, praças, igrejas, hotéis, prédios de arquitetura e arte barroca que testemunham um passado de desenvolvimento econômico, como por exemplo, a monocultura canavieira. A capital destaca-se ainda pelas belíssimas praias e pelo verde exuberante da sua vegetação. Foi considerada durante a ECO-92 a segunda cidade mais verde do mundo. Essa característica natural proporciona a seus habitantes e turistas, respirar um dos ares mais puros e saudáveis do mundo (Rodrigues, 2011).

3.6.1 Contextualização

Segundo dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, e da Secretaria do Estado da Paraíba, a capital paraibana possui um total de 225 escolas públicas, sendo: 95 da rede municipal e 130 da rede estadual. Estas escolas estão distribuídas nos 65 bairros que compõem a cidade de João Pessoa. Os referidos bairros, por sua vez, estão agrupados nas quatro regiões territoriais que compõem o município, a saber: Zona Norte (com 15 bairros), Zona Sul (com 26 bairros), Zona Leste (com 17 bairros) e Zona Oeste (com 07 bairros).

Logo, as 225 escolas públicas se distribuem nas referidas zonas, sendo: na Zona Norte um total de 59 escolas (16 municipais e 43 estaduais), na Zona Sul 87 escolas (40 da rede municipal e 47 da rede estadual), na Zona Leste um total de 18 escolas (07 do município e 11 do estado) e na Zona Oeste 61 escolas (32 municipais e 29 estaduais).

Com o objetivo de definir como seriam escolhidas as escolas a serem investigadas na presente pesquisa, bem como a quantidade da amostra, levou-se em consideração os índices de violência praticados no município de João Pessoa nos últimos anos e os bairros que registraram os números mais elevados de casos de CVPs e os CVLIs no período de 2011/2012.

Portanto, foi escolhido para compor a amostra dessa pesquisa um total de 12 bairros considerados violentos na capital paraibana nos últimos anos. Desse total, foram selecionados os 04 bairros que registraram índices preocupantes de violência para a população, principalmente para os jovens que convivem nesses espaços. Por fim, os bairros selecionados foram: Centro, Mangabeira, Manaíra e Cristo Redentor localizados, respectivamente na Zona Norte, Zona Sul, Zona Leste e Zona Oeste.

Em cada um desses bairros foi selecionada uma instituição escolar, **totalizando quatro escolas públicas: duas municipais e duas estaduais**, localizadas em bairros que apresentam localizações geográficas distintas, contextos socioeconômicos heterogêneos e um e a do grau de criminalidade e violência.

A escolha por estas instituições escolares, as quais receberam as denominações de escola A e B (nível municipal) e escola C e D (nível estadual), se deve em particular a três critérios: o primeiro se refere às manifestações de violência que ocorrem nos bairros onde estas instituições escolares estão inseridas, procurando verificar se essas manifestações externas interferem na dinâmica interna das escolas.

O segundo critério consistiu em comparar as possíveis ações de violência em escolas da rede pública municipal que trabalham com o Ensino Fundamental e escolas da rede pública estadual que trabalham com o Ensino Médio. Por fim, verificar se as possíveis manifestações de violência escolar interferem nas atividades profissionais dos professores que fazem parte do quadro de funcionários das referidas instituições.

A escola A, localizada no bairro de Manaíra – Zona Leste, uma das áreas de maior poder aquisitivo de João Pessoa, foi selecionada para o estudo em virtude de situar-se em um dos bairros mais violentos do município, além de localizar-se nas proximidades de bairros com elevado grau de criminalidade e violência e estar próxima a áreas que apresentam graves problemas de ordem social e econômica.

A instituição A, por sua vez, é composta por 35 funcionários, 878 alunos e 56 professores que se distribuem nos turnos matutino, vespertino e noturno entre as séries do Ensino Fundamental I (1º ao 5º Ano), II (6º ao 9º Ano) e da Educação de Jovens e Adultos, respectivamente.

A escola B, localizada no bairro de Mangabeira – Zona Sul, foi escolhida por situar-se em um dos bairros mais violentos de João Pessoa. Com mais de 100.000 habitantes (IBGE, 2010) é o bairro mais populoso do município e o segundo maior em importância econômica e política, pois além de abrigar mais de 17.000 domicílios, abriga também uma grande quantidade de prédios comerciais e serviços.

A referida escola possui atividades nos três turnos com o Ensino Fundamental I (1º ao 5º Ano - Manhã), II (6º ao 9º Ano - Tarde) e o Programa de Jovens e Adultos (1º ao 9º Ano - Noite). Ao todo, a escola possui mais de 873 alunos, 55 funcionários e 46 professores.

A escola C, localizada no Centro da cidade – Zona Norte, foi escolhida por situar-se em um bairro com elevado grau de ações violentas. Um dos motivos dessas manifestações de

violência segundo informações anteriormente citadas consiste no fato de que o bairro abriga o principal setor comercial do município atraindo dezenas de pessoas dos demais bairros com diferentes classes sociais.

A referida escola se destaca no município pela sua importância histórica e por ser a mais importante instituição pública do estado da Paraíba. Também se destaca no cenário nacional por ser um dos mais tradicionais educandários do Brasil. Espera-se que esse contexto heterogêneo possa contribuir para o embasamento dessa pesquisa. Até o presente momento da pesquisa, a escola possui mais de 1.500 alunos distribuídos nas turmas do Ensino Médio, 60 professores e 50 funcionários divididos nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A escola D, localizada no bairro do Cristo Redentor - Zona Oeste, também foi selecionada em virtude dos números elevados de violência no local. É uma instituição que dispõe do Ensino Médio, nos turnos tarde e noite, constituída por 1.040 discentes, 54 professores e 46 funcionários. Esta apresenta um diferencial em relação às outras escolas do município por abrigar em seu espaço físico a Universidade Estadual da Paraíba.

Essa parceria entre escola/Universidade trouxe para os alunos do Ensino Médio muitos benefícios, os quais são oferecidos aos estudantes universitários, como: segurança reforçada no ambiente escolar, utilização dos recursos como biblioteca, salas de aula e laboratórios, participação em cursos de extensão.

Os principais dados acerca das instituições investigadas estão resumidos na **Tabela 1**.

Dados	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
Zona	Leste	Sul	Norte	Oeste
Bairro	Manaíra	Mangabeira	Centro	Cristo Redento
Nº de funcionários	35	55	50	46
Nº de alunos	878	873	1.500	1.040
Nº de professores	56	46	60	54
Total	969	974	1.110	1.140

Tabela 1: Dados das escolas investigadas.

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

3.7 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa totalizam quatorze professores, sendo: quatro pertencentes à escola A, três a escola B, quatro a instituição C e três a instituição D. Os professores entrevistados foram selecionados, conforme dois critérios, a saber: lecionar nas séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e aceitar de forma espontânea as normas para participar da pesquisa, ou seja, assinar os termos de consentimento.

Do total de 14 professores investigados, 07 atuam nas séries do Ensino Fundamental (com alunos que possuem idade entre 6 e 14 anos) e os outros 7 atuam nas séries do Ensino Médio (com alunos que possuem idade entre 15 e 17 anos). Ocorrendo raras exceções para mais ou para menos, nos casos de alunos atrasados ou adiantados para sua série.

É importante ressaltar que os sujeitos dessa pesquisa poderão, de acordo com o texto, receber denominações diferentes, a exemplo de: professor (es), professora (s), entrevistado (s), entrevistados (as) docente (s), sujeito (s) e as abreviações (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14) referente ao termo participante (s).

3.8 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA AOS GESTORES E DOCENTES

De posse do projeto de pesquisa e suas respectivas cartas de apresentação aos gestores e professores, a pesquisadora dirigiu-se às escolas selecionadas para iniciar o trabalho de campo. O contato inicial nas escolas participantes da pesquisa sucedeu-se com a equipe da secretaria que, por sua vez, direcionou aos gestores.

O contato com os gestores foi importante para estabelecer uma relação de confiança com os professores. Após o contato inicial realizou-se a apresentação do projeto aos professores, os quais foram informados sobre a metodologia adotada e sobre a necessidade da aplicação de entrevistas por meio da gravação eletrônica como técnica eficaz para preservação dos dados.

Verificou-se que as entrevistas só ocorreriam com a permissão dos professores, após as respectivas assinaturas dos termos de consentimento, ressaltando o sigilo com as falas e tranquilizando os entrevistados sobre salvaguardar a identidade deles, sem ter nomes e local de trabalho revelado na pesquisa e análise dos dados fornecidos. Foi informado aos professores também, que as entrevistas seriam agendadas de acordo com o local e horário

estabelecidos por cada um deles. Eles foram tranquilizados sobre salvaguardar a identidade, ou seja, informou-se que seus nomes receberiam denominações fictícias.

A maneira como os professores encararam o primeiro contato variou de acordo com cada escola. Na **instituição A**, por exemplo, o contato ocorreu na sala dos professores durante o intervalo e em uma sala reservada. O agendamento das quatro entrevistas foi realizado de acordo com os dias e horários escolhidos pelos professores. Adicionalmente, percebeu-se que os professores sentiram a necessidade de expor suas opiniões acerca do problema da violência.

Na **instituição B**, o contato ocorreu na sala dos professores e na sala de aula. Vale ressaltar que o encontro foi marcado pelo gestor respeitando o momento em que os professores estariam livres. Foram agendadas três entrevistas considerando os horários dos professores.

Na **instituição C**, o contato com os professores ocorreu em uma sala reservada. Os professores convidados a participar se mostraram dispostos a contribuir com a pesquisa. De acordo com a necessidade deles foram agendadas quatro entrevistas.

Na **instituição D**, o contato ocorreu de duas formas: por telefone e na sala dos professores. Após a autorização da gestora, o contato com os professores ocorreu por meio de uma professora da referida unidade escolar que demonstrou interesse no tema da pesquisa e, portanto, atuou como facilitadora, agendando as melhores datas para as entrevistas com os professores.

É importante ressaltar que todas as entrevistas foram realizadas respeitando o agendamento realizado pelos professores.

Na escola A, foram entrevistados quatro professores e as entrevistas, por sua vez, ocorreram em salas isoladas conforme as datas e horários estabelecidos por cada um. Foram realizadas em três dias e tiveram uma duração média de quarenta a cinquenta minutos. Percebeu-se empatia tanto por parte da pesquisadora quanto por parte do entrevistado, pois de um lado os entrevistados ficaram bastante à vontade para discorrer sobre o tema proposto de forma natural e espontânea, acreditando na ética e na veracidade da pesquisa, chegando inclusive a demonstrar e transmitir uma carga emocional no decorrer das entrevistas.

Isso incluiu variação de voz, alterações das expressões faciais e da própria postura física. Por outro lado, percebeu-se que os entrevistados imprimiram suas emoções no decorrer de todos os depoimentos, pois se pode perceber que os professores expressavam nas suas

falas, nos gestos e, principalmente nas suas emoções um verdadeiro pedido de socorro quanto ao problema da violência na comunidade escolar ao qual estão inseridos.

Na escola B, foram entrevistados três professores em dois momentos distintos, respeitando o ambiente escolhido por eles, para as entrevistas. Uma aconteceu na sala dos professores no momento em que não havia ninguém e as outras duas ocorreram na própria sala de aula no momento em que os alunos estavam participando de outras atividades. O tempo de duração das entrevistas foi em média trinta e cinco a quarenta minutos. De início, os professores ficaram pouco à vontade para falar sobre o tema proposto, porém, no decorrer da entrevista, demonstraram interesse em conversar sobre o assunto.

Na escola C, as entrevistas realizadas com quatro professores aconteceram em uma sala indicada pelo próprio gestor. A média de cada entrevista foi de trinta e cinco minutos. No geral os entrevistados mostraram interesse pelo tema e ficaram bastante à vontade para contribuir com a pesquisa expressando da melhor forma possível seus relatos e experiência de vida, principalmente no ambiente de trabalho ao qual se encontravam.

Na escola D, foram entrevistados três professores, em três momentos diferentes. Devido ao tempo limitado de cada professor, esta instituição apresentou dificuldades para coleta dos dados. Percebeu-se frieza e desconfiança, por parte de um deles durante toda a entrevista, ou seja, o entrevistado mostrou-se incomodado com a gravação e com o que seria feito dela posteriormente. Para transmitir segurança, buscou-se falar sobre a metodologia adotada e da ética profissional da pesquisa.

CAPÍTULO 4 - RESULTADOS DA PESQUISA

O presente capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa e está dividido em duas partes. Inicialmente, apresenta-se o perfil profissional dos professores, delineando-se aspectos quanto à idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade (graduação, pós-graduação), vínculo empregatício, tempo de serviço no magistério e carga horária de trabalho.

No segundo tópico, são descritos os resultados que discorrem acerca das experiências vividas pelos professores em relação às manifestações de violência no contexto escolar e em suas atividades profissionais apresentando causas, consequências e possíveis formas de enfrentamento. São apresentados também resultados das experiências e expectativas dos professores quanto à profissão docente.

De acordo com os objetivos propostos e a metodologia adotada, foram organizados dois tipos de quadros: **Quadro A** e **Quadro B** (nos Apêndices). O primeiro quadro agrupa os dados relacionados ao perfil profissional dos professores quanto à idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade (graduação, pós-graduação), atividades laborais (vínculo empregatício, tempo de serviço no magistério e carga horária de trabalho). O segundo quadro alia as experiências dos professores em relação às manifestações de violência no ambiente escolar, bem como em suas atividades docentes.

Como referido antes, foram entrevistados quatorze professores cujas entrevistas estão organizadas em quatorze quadros, denominadas B1, B2, B3, B4, B5, B6, B7, B8, B9, B10, B11, B12, B13 e B14 (nos Apêndices). Cada um desses quadros está subdividido em quatro partes contemplando as quatro escolas nas quais foram realizadas as entrevistas, a saber: escola A (P1, P2, P3 e P4); escola B (P5, P6 e P7); escola C (P8, P9, P10 e P11) e escola D (P12, P13 e P14).

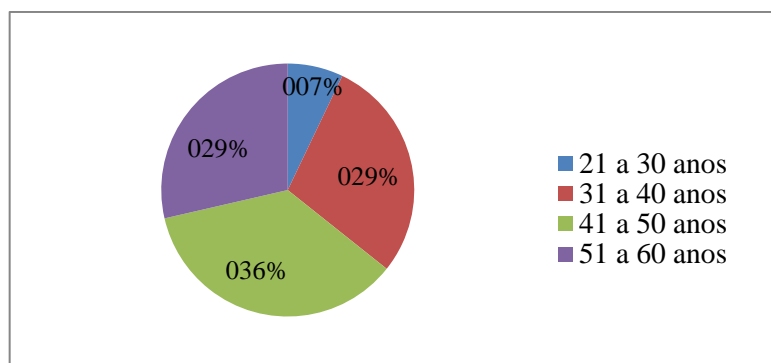
É importante destacar que na análise dos quadros tipo B (Apêndices) buscou-se agrupar entre si as respostas que possuíam semelhanças. Primeiramente, foram elencadas todas as respostas referentes às perguntas sobre o ambiente de trabalho e o relacionamento dos professores com os alunos. Posteriormente, foram organizadas as respostas das perguntas relacionadas às manifestações de violência no ambiente escolar. Por último, foram agrupadas as respostas obtidas para as perguntas referentes às estratégias e sugestões apontadas pelos professores para resolver e/ou tentar superar os problemas advindos das ações violentas no ambiente escolar e suas experiências em relação à profissão docente.

4.1 PERFIL DOS DOCENTES

Buscou-se conhecer, ainda que de forma sucinta, quem são os professores sujeitos da pesquisa. Para isso, foram analisados os seguintes aspectos: idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade, vínculo empregatício, tempo de serviço no magistério e carga horária de trabalho. É importante ressaltar que os dados referentes ao perfil dos professores se encontram resumidos no Quadro A nos Apêndices.

No que se refere à **idade**, verificou-se que a maioria dos professores entrevistados estava entre 41 a 50 anos, conforme **Gráfico 1**, abaixo:

Gráfico 1: Idade



Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Constatou-se que a faixa etária dos professores pesquisados varia entre 21 e 60 anos. 64,3% estão entre a faixa etária de 31 e 50 anos e 28,6% entre 51 e 60 anos. Assim, ressalta-se que embora existissem professores jovens (apesar de poucos), nas unidades escolares pesquisadas, não foi possível entrevistá-los, uma vez que estes não se dispuseram a participar da pesquisa.

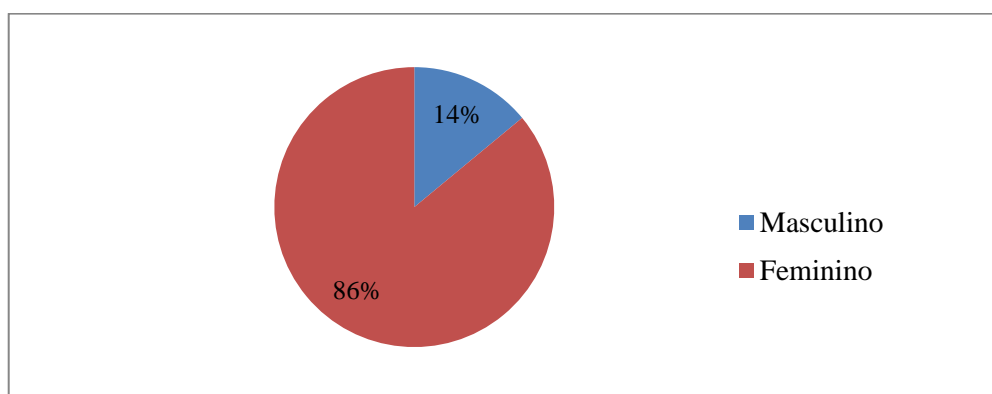
A pesquisa realizada por Tartucel, Nunesoll & Almeida, (2010), com jovens concluintes do Ensino Médio sobre a atratividade da carreira docente no Brasil, revelou que o baixo salário pago ao docente, as péssimas condições de trabalho, as situações que os etes precisam enfrentar constantemente no processo de trabalho e a falta de reconhecimento social da profissão são apontados pelos discentes como as causas principais para a não atratividade da profissão.

Martins (2007, p. 116), ressalta que até a década de sessenta, o professor, especialmente aquele que leciona no Ensino Fundamental era

“Considerado de status elevado e recebia salário razoável. Atualmente, a profissão de professor passou a ser considerada como uma das últimas alternativas de escolha profissional pelos jovens, em função do baixo status e de um salário muito aquém do desejável, para manter um padrão de vida compatível com a exigência fundamental que se faz ao professor primário: dar às crianças uma educação básica, do ponto de vista cognitivo, afetivo e social”.

No que concerne ao **sexo** dos entrevistados, pode-se observar de acordo com os resultados apresentados no **Gráfico 2**, uma diferença bastante significativa entre os percentuais, uma vez que, 86% pertencem ao sexo feminino e apenas 14% ao sexo masculino, evidenciando a predominância das mulheres nas escolas entrevistadas.

Gráfico 2: Gênero



Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

A participação das mulheres no exercício do magistério é presença marcante em instituições de ensino no território brasileiro. Os dados revelados no Anuário Brasileiro da Educação Básica¹⁴ (2012), no país revelam que 81% do total de professores que lecionavam nas escolas do Ensino Básico em 2010, correspondiam ao sexo feminino e apenas 19%, ao sexo masculino. Com exceção do ensino profissionalizante, as mulheres, nesse período, eram maioria em todas as séries do ensino básico, principalmente na Educação Infantil.

Na **Tabela 2** pode-se constatar que, entre os sujeitos pesquisados, as mulheres ocupam a totalidade das salas do ensino Fundamental, ou seja, dos sete professores

¹⁴ De acordo com dados revelados no **Anuário Brasileiro da Educação Básica**, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Educação Básica – Art. 21 -, é composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Educação Infantil (Art.29), “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. O Ensino Fundamental, artigo 32, tem duração mínima de oito anos (dos 6 aos 14 anos), é obrigatório e gratuito na escola pública. O Ensino Médio (Art. 35), “a etapa final da educação básica, tem duração mínima de três anos”. (Editora Saraiva, 1996, pp. 13-15). É importante ressaltar que o Ensino Fundamental divide-se em duas fases: Fundamental I (do 1º ao 5º ano) e Fundamental II (do 6º ao 9º ano).

distribuídos entre as escolas A e B, todos pertencem ao sexo feminino. Observa-se também que 71% dos pesquisados que lecionam nas escolas C e D pertencem ao sexo feminino, enquanto que apenas 29% pertencem ao sexo masculino, evidenciando também uma predominância das mulheres no ensino Médio e, conseqüentemente na Educação Básica das escolas pesquisadas.

Tabela 2: Escolas por grau de escolaridade e sexo

ESCOLA	A	B	Total	Total %	C	D	Total	Total %
NÍVEL	EF	EF			Médio	Médio	l	
SEXO	M	-	-	-	1	1	2	29
	F	4	3	7	3	2	5	71

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

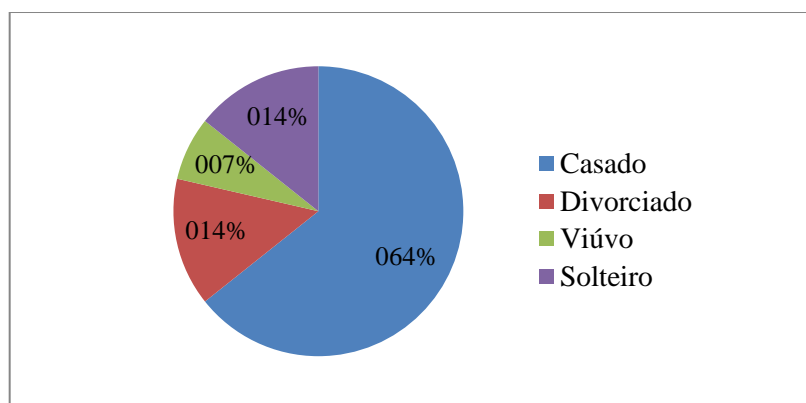
Batista & Codo (2006, p. 65), ressaltam que “no marco da expansão do capitalismo, a docência, como a enfermagem, foram consideradas atividades de trabalho, que na medida em que envolviam o ‘cuidado dos outros’, fossem crianças ou doentes, demandavam para realizar-se atributos tidos como essencialmente femininos”, o que contribuiu para o ingresso de forma acentuada das mulheres no ensino da Educação Básica no país.

Embora, a incumbência de educar os filhos seja concebida aos pais, na prática é a mãe que amamenta, dá colo, afago, amor, proteção, ou seja, oferece a criança o suporte físico e psicológico para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Portanto, o papel materno parece ser transferido social e historicamente para as escolas brasileiras, particularmente, aquelas etapas consideradas básicas como: Educação Infantil e as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

É possível observar ainda, nos números da Tabela 2, que, na medida em que há acréscimo no grau das séries do Fundamental para o Médio, há também acréscimo, embora pequeno, da participação masculina nesse nível de ensino. E no que se refere ao **estado civil** dos professores, constatou-se que 85,7% são casados ou possuem compromissos conjugais (inclui-se aí divorciado e viúvo), como pode ser visualizado no **Gráfico 3**. Esse percentual elevado remete as responsabilidades familiares desses profissionais da educação. Para Odelius e Codo (2006, pp. 206-207), “ser arrimo de família, ter filhos, pagar pensões, morar de

aluguel, estar pagando financiamento da casa própria, morar de favor, ter casa própria quitada, são condições que influenciam o modo como as pessoas vivem”.

Gráfico 3: Estado Civil



Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Apesar de o Brasil despontar no cenário internacional como um dos países mais ricos do mundo, os baixos salários pagos aos docentes, principalmente os que trabalham na Educação Básica, e em particular, no Ensino Infantil e no Ensino Fundamental, são insuficientes para atender as suas necessidades principais, como alimentação, saúde, moradia, educação, transporte, vestuário e lazer. Tal situação salarial torna-se ainda mais digna de apreço à medida que estes profissionais assumem responsabilidades familiares, a exemplo da maioria dos entrevistados.

Vale destacar que a questão salarial não foi indagada aos professores para não constrangê-los, porém, observou-se no transcurso das entrevistas, principalmente quando foi indagado sobre os principais problemas encontrados na carreira profissional, que a questão salarial se apresentava como um dos mais graves problemas na profissão. 79% deles declararam que os salários pagos aos servidores da educação, neste caso, o estado da Paraíba, tanto no âmbito municipal quanto no estadual eram muito baixos. Segundo os entrevistados é necessário que eles trabalhem em duas ou três escolas e em turnos diferentes para poder receber um salário que possa oferecer um mínimo possível de conforto para suas famílias.

No que tange ao **nível de escolaridade**, verificou-se que todos os sujeitos da pesquisa estão habilitados para a função que exercem, ou seja, 100% dos entrevistados possuem formação acadêmica de Nível Superior nos cursos de Pedagogia (3), Psicopedagogia (2), Português (3), Matemática (1), História (3), Geografia (1) e Física (1).

Talvez, esse percentual possa estar relacionado à Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB), que assegura, no art. 62 que para o docente atuar na Educação Básica deverá fazer sua formação “em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação”. No art. 87 observa-se a instituição da Década da Educação, a iniciar-se um ano após a publicação da supracitada Lei. O inciso 4º desse mesmo artigo estabelece que a partir desse período, só poderão atuar na Educação Básica, professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.

Na prática, essa Lei não funciona em sua totalidade no país, pois o próprio art. 62 também admite como formação mínima para o exercício do magistério, na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, os cursos oferecidos em nível médio, na modalidade Normal, ou seja, o governo admite lacunas na Lei para os profissionais da educação continuarem a exercer suas atividades profissionais sem uma formação em nível superior.

Dezesseis anos se passaram após a promulgação dessa Lei, e o número de profissionais lecionando na Educação Básica, no Brasil, sem formação superior ainda é bem expressivo. Dados fornecidos pelo Anuário Brasileiro da Educação Básica (2013), (**Tabela 3**) mostram que o total de professores lecionando na Educação Básica, no período de 2011 era de aproximadamente 2.045.351 profissionais. Desse total, 530.029 docentes ainda não possuíam diploma universitário, ou seja, não atendiam a exigência mínima de escolaridade para lecionar; cursavam apenas o magistério (antigo Curso Normal¹⁵), ou o Ensino Médio.

Nos dados da Tabela 3, quanto ao nível de distribuição espacial, verifica-se que as regiões Sudeste e Nordeste, áreas mais populosas do país de acordo com dados do IBGE (2012), são as que concentram o maior número de docentes na Educação Básica, seguidas respectivamente das regiões Sul, Norte e Centro-Oeste. E os números mais expressivos do país, em relação à formação superior se encontram nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul. E a maior proporção de docentes sem diploma de ensino superior na Educação Básica concentra-se na região Norte, uma das menos desenvolvidas do país, segundo dados do IBGE de 2012.

¹⁵ O antigo curso normal ou magistério pedagógico refere-se a um tipo de habilitação que dava ao aluno acesso para o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental (atualmente as cinco primeiras séries do fundamental I – 1º ao 5º ano). Mas poderia se estender por mais um ano caso o aluno desejasse ter habilitação para ensinar até a 6ª série (atual 7º ano do fundamental II). As áreas específicas eram: Estudos Sociais, que habilitava para as disciplinas de História e Geografia, Ciências Matemáticas, para o ensino de Ciências e Matemática e a Alfabetização, que habilitava professores alfabetizadores.

Tabela 3: Número de professores da Educação Básica por escolaridade

Unidade da Federação	Funções docentes na Educação Básica					
	Total de docentes na Educação Básica	Escolaridade				Docentes com Ensino Superior
		Docentes com Ensino Fundamental	Docentes com Ensino		Total de docentes com Ensino Fundamental e Médio	
			Médio	Normal Magistério		
Norte	176.195	1.637	15.149	46.799	63.585	112.610
Nordeste	603.360	6.049	58.399	188.252	252.700	350.660
Sudeste	820.375	1.661	33.687	108.197	143.545	676.830
Sul	298.736	1.372	13.279	32.571	47.222	251.514
Centro-Oeste	146.685	644	10.568	11.765	22.977	123.708
Total Geral	2.045.351	11.363	131.082	387.584	530.029	1.515.322

Fonte: ABEB (2013).

Essa discrepância regional revela uma característica da má distribuição da renda no território brasileiro, gerada, em parte, pelas políticas sociais, econômicas e regionais. No entanto, nota-se que obstáculos já foram superados e avanços alcançados após a implantação da Lei 9.394/96, bem como dos demais programas sociais adotados e inseridos nas diferentes esferas da sociedade.

No que se refere a Pós Graduação (**Tabela 4**), constatou-se um dado positivo: 78,6% dos pesquisados possuem Pós-Graduação, sendo que o grau predominante é o de Especialização em Nível Superior Completo (64,3%), seguido de Superior Mestrado Completo (14,3%).

É possível que esse achado possa estar relacionado à própria LDB, que passou a facultar as instituições particulares de ensino superior atribuições educacional antes conferida essencialmente às universidades públicas. Essas, em virtude de um sistema limitado de vagas acabavam por restringir o acesso de muitos profissionais aos cursos de pós-graduação. No entanto, com a organização desses cursos também em instituições privadas de ensino, cresceu consideravelmente o número de docentes nos cursos de especialização, mestrado e até mesmo doutorado, ou seja, nos últimos anos o governo nas esferas federal, estadual e municipal tem ampliado os estímulos para a formação de docentes aos cursos em pós-graduação tanto nas instituições públicas como privadas de ensino.

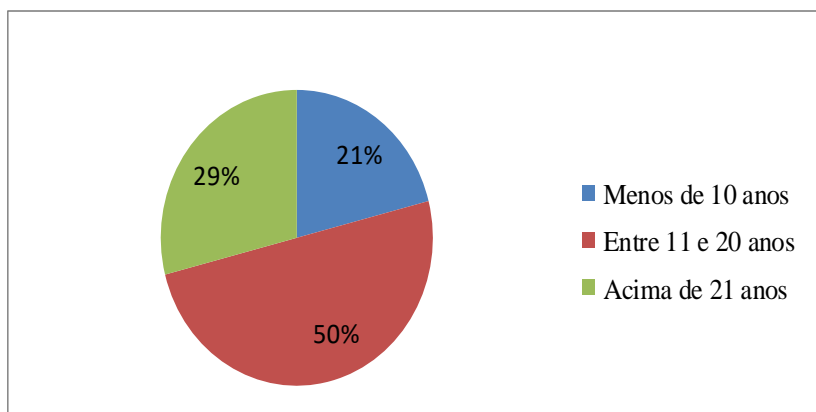
Tabela 4: Pós-Graduação

Nível de escolaridade		
Graduação	Superior Completo	21,4%
Pós-Graduação	Especialização Completo	64,3%
	Mestrado Completo	14,3%

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

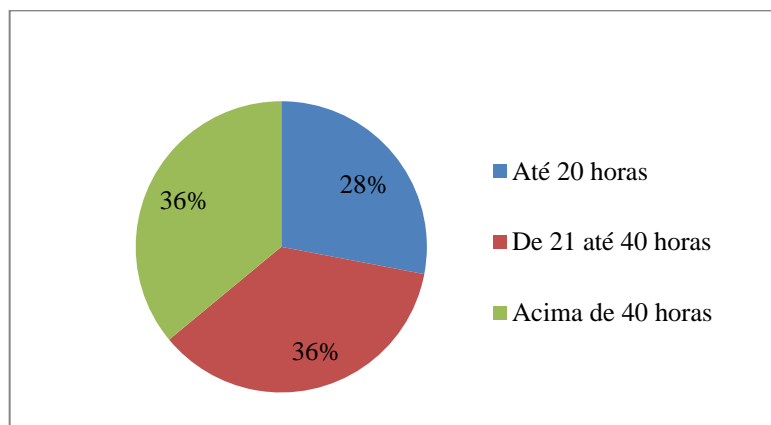
Em relação ao **vínculo empregatício**, verificou-se que dos 14 professores pesquisados, 11 fazem parte do quadro efetivo e apenas 03 ao quadro de funcionários contratados.

No que tange ao **tempo de magistério**, foi verificado que 21% dos professores analisados faziam parte do grupo de profissionais com experiência de ensino inferior a 10 anos de serviço; 50% com experiência docente entre 11 e 20 anos de trabalho e 29% com tempo de atuação no magistério acima de 21 anos, como pode ser verificado no **Gráfico 4**.

Gráfico 4: Tempo de Magistério

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

No que se refere à **carga horária de trabalho**, pode-se constatar que 28% responderam trabalhar em média 20 horas semanais, seguidos de 36% que trabalham respectivamente entre 21 até 40 horas e acima de 40 horas por semana. Estes dados indicam uma sobrecarga de trabalho entre os profissionais da educação nas escolas pesquisadas, conforme pode ser visto através do **Gráfico 5**.

Gráfico 5: Carga horária de trabalho

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

É importante destacar que nestes valores não foram computados o tempo fora da sala de aula para preparo de aulas, elaboração e correção de trabalhos e atividades, planejamento de disciplinas, estudo, aperfeiçoamento, participação em eventos pedagógicos; as horas-aula por semana dedicada às outras escolas que leciona; o tempo gasto para acompanhar as transformações do mercado e usar as novas tecnologias como: computador, sites de relacionamento e principalmente tempo disponível para a leitura e lazer.

Aliado a todas essas atividades existem também as obrigações pessoais, tais como os afazeres domésticos, uma vez que o sexo feminino é predominante entre os entrevistados. Dessa forma, o cansaço físico tende a se agravar ainda mais em virtude da sobrecarga das atividades do lar, pois segundo os entrevistados, o salário pago aos professores não oferece as condições adequadas para contratação de empregadas domésticas.

No que se refere ao total de escolas que os professores lecionam (**Tabela 5**) verificou-se que 64,3% trabalham apenas em uma escola. Desse total, um dos pesquisados afirmou ter dois contratos na mesma instituição, exercendo suas atividades tanto no período diurno como noturno; outro declarou exercer atividades além do magistério, ou seja, trabalha em mais de um horário. Dois professores afirmaram estar aposentados e, portanto, trabalham apenas em um horário. Dois disseram ter tempo de serviço para se aposentar, porém, estão protelando o pedido de aposentadoria em virtude dos baixos salários, isto é, com a aposentadoria, os rendimentos salariais diminuem consideravelmente, o que pode acarretar perdas no padrão de vida familiar.

Tabela 5: Quantidade de escolas onde os professores lecionam

Quantidade de Instituições de Ensino Escolar onde os docentes trabalham	Quantidade de docentes	
	(f)	(%)
Trabalha em uma escola	9	64,3
Trabalha em duas escolas	3	21,4
Trabalha em três escolas	2	14,3
Total	14	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Já o percentual daqueles que se submetem à dupla jornada de trabalho representa 21,4%, o que corresponde a um número médio de horas-aula por semana superior a 40 horas, enquanto 14,3% lecionam em três instituições escolares com uma carga de trabalho superior a 60 horas semanais.

4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Embora os conceitos de violência mencionados ao longo do presente estudo contribuam para compreender a violência escolar nas instituições pesquisadas, pode-se destacar os conceitos apresentados por Michaud (1989), e Camacho (2000), como sendo aqueles que retratam com mais proximidade a opinião dos professores pesquisados acerca do termo violência.

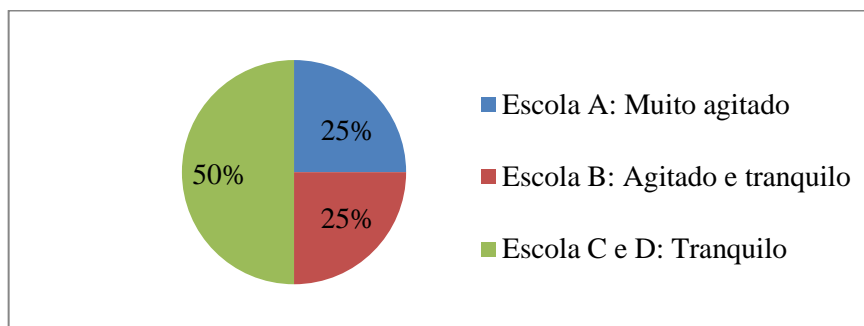
Enquanto alguns destes consideram-na como violação aos direitos do indivíduo, outros entendem-na como atos de agressão física, verbal, moral, psicológica e simbólica. Além disso, há também uma parcela de professores que caracterizam-na como ‘brincadeiras pesadas’ e/ou ações normais do indivíduo.

4.2.1 Percepção dos professores sobre o ambiente de trabalho

Inicialmente, indagou-se a respeito do ambiente de trabalho na escola. A seguinte pergunta foi realizada: **Como você classifica o ambiente de trabalho nesta escola?** As respostas obtidas seguem expostas no **Quadro B – 1**, nos Apêndices. Porém, diante das

respostas obtidas foi possível classificar o ambiente escolar em três principais níveis, conforme demonstrado no **Gráfico 6**:

Gráfico 6: Ambiente de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Pode-se perceber que as instituições municipais A e B, correspondente a 50%, (soma das duas escolas), apresentam um ambiente escolar variando entre ‘muito agitado’ a ‘agitado’ e ‘tranquilo’. Ao passo que, nas unidades C e D, o ambiente escolar foi considerado ‘tranquilo’. Os professores da instituição A atribuíram parte da agitação do ambiente à violência existente na comunidade, à desestruturação familiar, aos conflitos sociais e à violência social. Acrescentaram ainda, que a estrutura física da escola contribui para essa agitação interferindo negativamente no processo ensino aprendizagem e nas relações sociais entre seus membros. Como se verifica nos depoimentos dos Participantes (1, 2, 3 e 4), abaixo:

“[...] porque a comunidade é bastante violenta.” (P1)

“[...] eles já vivem em um ambiente de violência no bairro que moram e esse reflexo vem para dentro da escola.” (P2)

“É um ambiente difícil porque a escola não tem estrutura. É muito fechada e o barulho fica mais intenso dificultando muito o trabalho. Inclusive eu tenho crise de labirintite, meus ouvidos doem muito e eu fico tonta durante o trabalho prejudicando um pouco o andamento das atividades. É também um ambiente muito agitado e na hora do intervalo fica inviável a comunicação entre a gente.” (P3)

“É bastante agitado porque na verdade a gente vive numa zona da cidade onde nossa clientela é do bairro São José (um dos mais violentos da cidade de João Pessoa). Então acreditamos que essa agitação, eles trazem do ambiente que vivem, da família, de conflitos sociais, da própria violência.” (P4)

Segundo Abramovay & Rua (2003, p. 31), “a estrutura física das escolas também afeta o ambiente escolar. Em geral, as escolas estão separadas do entorno por muros, cercas e

grades”. Batista & Pinto (2006, p. 314), complementam afirmando que “o visual das escolas tenderá a mudar. Muros poderão ser levantados outorgando-lhe um aspecto quase feudal, grades e cadeados lembrarão tristes presídios. As janelas antes abertas assumirão a feição de um limitado e chocante olho de cárcere”.

Esse perfil das estruturas físicas das escolas, na visão dos professores, já faz parte do cenário educacional de muitas instituições públicas e privadas do município de João Pessoa como também do território nacional, principalmente nas capitais brasileiras, onde a violência é mais acentuada. Comumente, observa-se no referido município escolas públicas e privadas totalmente cercadas por grades e portões de ferro, muros elevados e segurança eletrônica nas dependências internas e externas, como forma de garantir maior segurança aos alunos, professores e funcionários.

No tocante à unidade escolar B notou-se que 25% dos professores declararam que o ambiente escolar sofre oscilação de acordo com os turnos e com os intervalos, ou seja, no turno diurno e nas horas do intervalo o ambiente dentro das escolas é mais agitado. Tal agitação está relacionada com o tipo de brincadeira, na maioria das vezes violenta, praticada pelos discentes que apresentam comportamento agressivo. Esta conduta é observada entre os adolescentes, inclusive discentes do sexo feminino. Pode-se constatar esse achado nos depoimentos dos Participantes (5 e 6) abaixo discriminado:

“[...] o turno de manhã é mais tranquilo, porque são crianças, alguns pré-adolescentes, mas nada de chamar muita atenção. Existe violência, mas não é aquela coisa gritante, com nível muito alto. O turno da tarde eu já considero um pouco mais violento, os adolescentes se agridem mais, inclusive as meninas. À noite a turma do EJA são mais maduros, têm alguns jovens, mas eu não vejo violência.” (P5)

“Tranquilo. Eu não percebo os alunos tristes, revoltados, brigando, a sala de aula é tranquila, mas na hora do intervalo é bem agitado. Eles brincam muito e as brincadeiras são um pouco pesadas, como por exemplo, empurrões.” (P6)

No que concerne às escolas de Ensino Médio, unidades estaduais (C e D), percebeu-se que ambas possuem boa localização geográfica, o que facilita o acesso tanto dos alunos quanto dos professores ao transporte público e que dispõem de estrutura física adequada ao número de estudantes.

De acordo com as declarações dos professores, verificou-se que o ambiente na escola C é considerado tranquilo quando comparado a outras instituições escolares. Eles atribuem tal tranquilidade ao fato de existir anualmente um processo seletivo para o ingresso dos alunos na

instituição, contribuindo para formação de um grupo de alunos com melhor nível educacional. Além disto, a participação da família no ambiente escolar, a assistência efetiva da gestão e equipe pedagógica no processo educacional, também são fatores que colaboram para um ambiente escolar tranquilo, como evidenciado na declaração do Participante 9, a seguir:

“[...] o aluno não entra aqui gratuitamente. É feito um teste de seleção. Antes era feito um teste escrito de língua portuguesa e matemática. Depois evoluiu para as médias, ou seja, os alunos selecionados são aqueles que têm as melhores médias de língua portuguesa e matemática. Isso é uma forma de incentivar o aluno a estudar. Também atribuo esse público privilegiado a gestão e equipe pedagógica, as reuniões de pais e mestres. Eu acredito que a escola só funciona melhor se houver essa integração família/escola, pois se não encaixar a família nesse contexto a tendência das instituições escolares é piorar cada vez mais. Tem também a localização da escola que facilita o acesso dos discentes e docentes de praticamente todos os bairros da Grande João Pessoa.” (P9)

Quanto à unidade escolar D, existe um fator peculiar que cooperou para estabelecer a tranquilidade no ambiente escolar. Suas instalações físicas abrigam o Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas - CCBSA, Campus V da Universidade Estadual da Paraíba. Este fato proporcionou a todos maior segurança na escola, pois o trabalho efetivo da segurança inibe a influência externa no local.

Dessa forma, os investimentos nas estruturas físicas da instituição contribuíram positivamente para a formação de um ambiente mais harmonioso. Os alunos responderam a essas mudanças participando efetivamente das atividades oferecidas na instituição e contribuindo para formação de uma escola mais comprometida com o processo ensino aprendizagem. Isso pode ser constatado pela seguinte declaração: “[...] hoje, com esse relacionamento com a UEPB ficou mais seguro, porque a gente conta com seguranças e isso amenizou muitos problemas, pois inibe determinadas ações de alunos que antes não tinham limites” (P12).

Adicionalmente, observou-se que alguns elementos de natureza social, econômica, política e cultural podem influenciar nas relações interpessoais em cada instituição pesquisada, no entanto, não são fatores determinantes para o estabelecimento do clima escolar. Isto porque, embora essas instituições apresentem aspectos congruentes, o clima escolar de cada uma possui suas peculiaridades que as diferenciam entre si.

4.2.2 Percepção dos docentes sobre a relação professor/aluno

Na perspectiva de Libâneo (1998, p. 55), “o ensino somente é bem-sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo em vista o desenvolvimento das suas forças intelectuais”. Nesse entendimento, verificou-se que a relação do professor com o aluno é fundamental para a construção de um ensino de qualidade. Portanto, faz-se necessário levantar algumas informações sobre essa relação.

Assim, foi interpelado aos professores o seguinte questionamento: **como você classifica a relação professor/aluno?** As respostas obtidas encontram-se aduzidas no **Quadro B – 2**, nos Apêndices. Porém, observando suas respostas, verificou-se que a maioria dos professores (P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13 e P14), considera ter uma boa relação com os alunos, no entanto, alguns admitem que essa relação depende, em parte, da forma como estes os tratam, a exemplo dos depoimentos a seguir:

“[...] se a gente trata bem seus alunos, conseqüentemente é bem tratada [...] Eles me valorizam muito porque eu dou o melhor de mim eu tento respeitá-los, por isso é que eu tenho o respeito deles [...] Eu me sinto também amada por eles e vejo que a relação é recíproca [...] Portanto, a gente tenta criar um ambiente o mais harmonioso possível.” (P5)

“[...] minha relação é sempre de muito diálogo e companheirismo com eles, mostrando os valores, valor do perdão, da amizade, de conversar, dialogar.” (P6)

“É uma relação boa, de muito zelo por conta da faixa etária, do momento que a gente vive que é bem violento [...] procuro ter um relacionamento bem humanizado.” (P7)

“Comigo é sempre boa.” (P8)

“É uma relação boa, de sensibilidade, aproximação. Na minha perspectiva de educadora, há mais de vinte anos de educação, acho que para você construir o conhecimento precisa primeiro de que tudo se humanizar e eu sinto essa relação humana entre professor/aluno [...] uma relação de amizade.” (P9)

“Comigo eu não tenho problema, mas escuto comentários de colegas que tem muitos problemas.” (P10)

“Acredito que aqui deveria ter mais disciplina, porque tem escola que eu ensino e vejo que os alunos respeitam mais tanto o professor quanto direção. Aqui a disciplina deveria ser mais atuante. O convívio é bom.” (P11)

“[...] como eu procuro tratar meus alunos da melhor forma possível, ou seja, da maneira que eu gostaria de ser tratado, a relação deles para comigo é muito boa.” (P12)

“[...] Essa relação tem que ser de amizade, respeito, amor [...] uma relação de carinho [...] uma relação mútua porque quando a gente trata um aluno bem você também é bem tratada.” (P13)

“Alguns conflitos, mas tudo dentro da normalidade.” (P14)

Os professores ressaltaram a importância do respeito (P5, P11 e P13), da amizade (P6, P9 e P13), do relacionamento humanizado (P7 e P9 e P10), do ambiente harmonioso (5, 8), e do carinho e amor (P13), como ferramentas importantes para uma boa relação com os alunos.

Esta relação considerada boa pelos professores das escolas B, C e D difere da encontrada entre os professores da escola A. Para eles, a relação é conflituosa, estressante e muito difícil. É possível que essas características apontadas pelos professores possam estar associadas à violência existente na própria comunidade, o que pode interferir nas relações internas desta escola, conforme é possível observar nos depoimentos dos participantes (1, 2, 3 e 4):

“[...] Eu vejo muitas falhas, o professor não sabe se impor acha que ele é inferior ao aluno, que ele tem que aguentar tudo do aluno, mas não é assim. Não é a gente ser grosso com o aluno, mas mostrar para ele que você é o “professor” e ele é o aluno na sala de aula, dar limites, pois o aluno não tem em casa.” (P1)

“[...] Ele já chega agitado, grita involuntariamente, grita sem a gente saber de onde vem e porque aquilo, mas no fundo a gente sabe.” (P2)

“Na medida do possível é boa, embora o alunado seja muito difícil de lidar, é muito agressivo, trazem muitos problemas de fora para dentro e não sabem separar. Querem ver um ambiente escolar como um ambiente de vandalismo, quebram tudo e a gente fica meio de mãos atadas sem poder até mesmo dar disciplina e com medo do ambiente lá fora.” (P3)

“[...] Eu denominaria de uma relação atribulada. É uma relação difícil, muito difícil. O dialogo é difícil porque muitas vezes a gente tenta empreender uma metodologia e não consegue, sobretudo por conta da agitação dos meninos em sala de aula.” (P4)

Os professores destacaram a importância do envolvimento dos familiares (aqui entendido como um pai, uma mãe, a avó, uma tia, um tio), na escola como peça fundamental para uma relação harmoniosa entre professor e aluno, bem como para o sucesso das práticas educacionais. O depoimento do participante 2, retrata muito bem essa afirmação:

“[...] Eu costumo no início do ano conhecer a família do aluno por mais que essa família esteja fragmentada. Às vezes o aluno mora só com a avó, às vezes não tem mãe, a mãe foi assassinada, o pai foi assassinado, o pai está preso. Então eu procuro dentro deste contexto ter um relacionamento bem responsável com ele, para que ele se sinta mais seguro. Eu tomo essa iniciativa para que caso surjam situações que necessite da presença dos pais ou responsáveis eu entro logo em contato. Mas no momento da aprendizagem se torna muito difícil. Porque muitas dessas crianças já trazem traumas de violência para sala de aula. Elas têm dificuldade de aprendizagem e a violência é um ponto muito forte no nesse processo. Alguns demoram muito para aprender. Para os poucos quatro ou cinco que têm uma família mais estruturada, mais organizada, o processo de aprendizagem é mais rápido, aprendem melhor. se a gente trata bem seus alunos, consequentemente é bem tratada.” (P2)

Abramovay & Rua (2003, pp. 38-39), afirmam que “Tratando-se dos estudantes, depois dos seus colegas, o professor é o principal interlocutor, sejam suas relações cordiais ou não”. Segundo as autoras, os docentes são agentes fundamentais no relacionamento para com os discentes, pois da mesma forma que aqueles podem atrair a atenção destes, podem também afastar. Isto é, a postura correta do professor em sala de aula, seus métodos e técnicas utilizadas de forma adequada podem proporcionar ao aluno uma boa relação no processo pedagógico.

A maioria dos professores pesquisados (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8 e P14) relatou que alguns fatores de ordem externa, tais como a violência no bairro, violência doméstica, desestruturação familiar, condições sociais e econômicas precárias, por exemplo, podem interferir negativamente nessa relação. Segundo os professores, muitas vezes o aluno possui um comportamento difícil por trazer essa característica do meio em que ele vive, logo, é importante que esse profissional esteja mais atento a essas variáveis para dispor de uma conduta mais humanizada. Foram selecionados apenas os depoimentos dos Participantes (1, 7 e 8), para exemplificar essa questão, a seguir:

“[...] as vezes o aluno acha que é como se ele tivesse na casa dele, falando com a mãe dele. Já que ele responde a mãe, também responde ao professor. A mãe não tem autoridade em casa e nem a gente também deve ter autoridade para ele, na sala de aula, é assim que ele pensa.” (P1)

“[...] é violência em todos os sentidos; doméstica, da própria rua, de morte, então eu tenho um cuidado bem especial de manter um relacionamento comum, não naquela que o professor é o bicho.” (P7)

“[...] os problemas que existem na escola são porque já vem de casa, é distorção familiar.” (P8)

Nos relatos do participante 1, que leciona na escola A, pode-se perceber o quanto é cada vez mais difícil encontrar pessoas que desejem exercer a função de professor e, principalmente mais raro, encontrar professor com perfil de educador no cenário educacional. Um dos fatores que tem contribuído para esse indicativo parece ser a questão da violência no âmbito escolar, conforme se pode observar no seu depoimento.

“O professor perdeu autoridade como professor [...] eu creio que o dom de ser professor é o que é mais importante. Quem não tem esse dom sofre bastante [...] eu vejo muitas falhas, o professor não sabe se impor acha que ele é inferior ao aluno, que ele tem que aguentar tudo do aluno, mas não é assim. Não é a gente ser grosso com o aluno, mas mostrar para ele que você é o ‘professor’ e ele é o aluno na sala de aula, dar limites, pois o aluno não tem em casa [...] porque se a gente só é professor tudo bem, mas se além de professor a gente é educador, isso incomoda. Eu sou professora, mas sou educadora, eu vou educar. Então a gente vai ‘bater de frente’ com essas coisas, com conflitos, ameaças, tudo isso, mas a gente tem que ser maior que isso, ou então deixar de ensinar.” (P1)

4.2.3 Percepção dos professores sobre as principais evidências de violência no ambiente de trabalho

Foi realizada a seguinte pergunta aos professores: **Para você, quais as principais evidências de violência nesta escola?** Ao se analisar as respostas dos professores (ver **Quadro B – 3**, nos Apêndices), pode-se observar a complexidade do tema. Eles informaram diferentes formas de se perceber a violência dentro das unidades escolares. Alguns só percebem que existe violência na escola quando ocorrem atos de violência física e/ou violência verbal. Outros citam como evidência de violência a falta de respeito. Esse desrespeito, segundo os entrevistados, pode ser tanto de alunos para professores, funcionários e direção, como de pais para com os professores, e destes, para com os alunos.

Outra forma que os professores apresentaram para observar a existência da violência nas escolas pesquisadas, foram as ocorrências de intimidação como é o caso do depoimento do participante 3 da unidade escolar A: “[...] se ocorre um problema na sala de aula e a gente leva o caso à direção, e conseqüentemente, a direção os chama, eles dizem assim: “eu vou pegar lá fora, não tem medo de morrer não professora”?

Os professores também identificam o *bullying* como evidências de violência nas instituições analisadas. Na percepção dos entrevistados, 57,1% dos alunos apresentam atitudes que se configuram como *bullying*. É o caso dos palavrões, apelidos, insultos, brincadeiras de

empurrar, machucar e agredir. Foi possível verificar que uma das maiores preocupações dos entrevistados se refere aos apelidos e as brincadeiras que vão além das dinâmicas de socialização, como demonstra o depoimento do participante 6:

“Brincadeiras inadequadas de empurrar, machucar, agredir mesmo [...] as brincadeiras são mais agressivas como, por exemplo, de subir em cima do colega, no pescoço do colega, de chegar e dar uma tapa na cabeça, chutar a canela na hora do futebol, não aceitar perder. Tem os apelidos, bullying, pois causa muita violência porque o colega revida. Tem os palavrões que usam com frequência como xingar a mãe, a família, tudo isso é motivo para que eles batam um no outro, sem contar o que eles trazem de casa e reflete na escola, como por exemplo, os alunos que chegam machucados de casa e por estarem machucados tratam os colegas com agressividade falando com grosseria [...] tento humaniza-los, pois eles chegam aqui (desculpe a expressão) como ‘bichos’, bichinhos que precisam ser domados, domesticados.” (P6)

Em relação às brincadeiras inadequadas Abramovay & Rua (2003, p. 51), afirmam que tal comportamento evidencia “a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos [...], pois muitas vezes, as brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não consequências mais graves”.

O bullying também é praticado contra homossexuais, gordinhas, estrábicos e professores, sendo que, na visão do participante 9, “o mais disfarçado, mas agressivo é o bullying praticado contra homossexuais. No convívio, na fala, na sala de aula, nas atitudes, no trabalho em equipe, vez por outra, eles deixam escapar”.

É digno de nota, o relato do Participante 4, da escola A. Para ele, observar o comportamento do aluno é essencial para identificar qualquer sinal de violência que esteja ocorrendo com as crianças, adolescentes e os jovens, seja violência praticada na escola, na família ou no meio social.

“A gente, às vezes, chega a ver um aluno machucado, vê que ele está com alguns sinais de violência, muitas vezes o próprio comportamento indica sinais de violência. O comportamento é fundamental, porque às vezes o aluno quieto se torna muito violento, a ponto de a gente chegar para conversar e ele já reagir. Às vezes ele é muito agitado e de repente está calado como aconteceu com um aluno o ano passado. Quando a gente foi investigar, ele estava sofrendo muito abuso sexual por parte do padrasto e era um menino. Então para você ver como a situação é complicada.” (P4)

O que se observa no depoimento do referido participante diverge do que diz o artigo 2º da Lei 9.394/96 da LDB, ao tratar da educação dos filhos. Segundo essa Lei, a família é a

primeira instituição educadora e, portanto, espera-se que ela possa no mínimo oferecer a criança segurança, carinho, amor e educação. O que em alguns casos mencionados pelos professores das escolas pesquisadas não vem ocorrendo. A exemplo do caso supracitado pelo participante 4, que descobriu por meio do comportamento do aluno que ele estava sofrendo abuso sexual, por parte de um membro da própria família. Segundo o participante, “não é preciso ser especialista em psicologia para entender os reflexos maléficos na vida de uma pessoa que sofre abuso sexual, especialmente ao se tratar de uma criança”.

Soma-se a isso, a violência física praticada também pelos familiares dos alunos como relata o referido participante “desde o comportamento até uma observação física mesmo, que pode ser um machucado, um bracinho roxo, a gente percebe logo”. Assim, a família que deveria oferecer proteção aos seus filhos, em muitos casos se apresenta como a própria autora da violência.

A violação ao patrimônio público foi outro indício de violência na escola percebida pelos professores. Segundo Abramovay & Rua (2003, p. 60), “a dilapidação do espaço e do equipamento escolar, sem o furto de bens, surge como ato de reação social contra a escola”.

Pode-se perceber que as manifestações de violência vêm se alastrando no ambiente das quatro unidades pesquisadas, porém, foi possível identificar nas falas dos entrevistados que a unidade escolar A, é a que apresenta os mais graves sinais de violência, como relata o participante 1, quando assegura que:

“O aluno acha brecha na fraqueza do professor, depois na fraqueza dos técnicos, depois na falta de atitude da direção, então a desgraça está feita. É um mal, uma cascata de mal. O mal começa pequeno (a questão da impunidade), você não pune, aí leva para outra pessoa que leva para o maior que não pune. Então tudo termina em pizza.” (P1)

Debarbieux (1999), afirma que o crescimento da violência no âmbito escolar pode está também relacionado à dificuldade de gestão nas instituições escolares, resultando em estruturas deficientes. Para alguns entrevistados, a violência é tratada como algo normal, ou seja, que faz parte do cotidiano da vida do ambiente escolar. Essa afirmação pode ser constatada no depoimento do participante 8, ao se referir as evidências de violência na escola que leciona. Afirma que existe a “violência do dia-a-dia; eles discutem entre si mesmo”. Esta declaração revela que os professores já estão tão acostumados com o fenômeno da violência que encaram as atitudes agressivas dos alunos como atos naturais.

4.2.4 Violência praticada no ambiente escolar e vivenciada por professores

Tendo em vista que as escolas devem ser consideradas um lugar de aprendizagem e socialização, onde as pessoas podem encontrar nesses espaços segurança, acolhimento e respeito, interpelou-se junto aos docentes sobre o seguinte questionamento: **Você já vivenciou algum tipo de violência na sala de aula ou dentro das acomodações da escola?** Todos os professores, exceto dois, relataram ter presenciado e/ou vivenciado algum tipo de violência na escola (**Quadro B - 4**, nos Apêndices). Abramovay et al. (2002, p. 300), asseguram que:

“As situações de violências comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, reconhecimento da diversidade e da herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas mesmas situações repercutem na aprendizagem e na qualidade do ensino”.

Os professores declararam que a violência nas escolas pesquisadas ocorre principalmente entre os próprios alunos, segundo revelam os depoimentos dos Participantes 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10 e 13.

“[...] Dois alunos já grandes, adolescentes, brigando de murro, empurrando carteira. Eu vi a hora a carteira bater na barriga da professora.” (P1)

“[...] Aluno partir para cima do outro, furar com o lápis.” (P2)

“[...] ontem à noite um aluno da turma da educação de Jovens e Adultos – EJA foi agredido com socos dentro da escola por outros três alunos, e segundo o pessoal de fora, ele foi ameaçado de morte.” (P4)

“[...] já presenciei alunos brigando e ao mesmo tempo alunos em volta deles incentivando-os, instigando-os a violência [...] Um aluno que tomava medicação controlada derrubava carteira, rasgava prova.” (P6)

“[...] os meninos e as meninas discutem porque um olha para o namorado ou a namorada do outro.” (P8)

“[...] o aluno que estava drogado jogou uma bomba nos pés de uma gestante com o professor dando aula.” (P9)

“[...] já presenciei um aluno que estava com uma faca, mas os policiais que estavam lá fora o pegaram antes de ele entrar na escola.” (P10)

“[...] quando fui diretora em uma escola a gente sofreu muito porque a violência era muito grande, do tipo dos alunos puxarem faca em sala de aula, jogarem pedras. Vi um aluno furando outro dentro da sala de aula.” (P13)

De acordo com os entrevistados a violência na escola é praticada também contra professores, familiares dos alunos e funcionários, como mostram as declarações dos Participantes 3, 5, 7, 11 e 13:

“Há poucos metros da escola fui assaltada, espancada e tudo, saiu até na televisão. Na minha sobancelha tenho 11 pontos (deixa eu te mostrar a foto). Isso aconteceu com meu aluno que era matriculado no turno da noite, mas não frequentava as aulas. Nessa época eles faziam muito isso, diziam muito: cuidado que a gente faz pior do que fez com aquela professora, para intimidar.” (P3)

“[...] Um aluno da noite agrediu outro e como a mãe do aluno que apanhou estava presente, ela foi defender seu filho e também apanhou do aluno.” (P5)

“Só nesta escola eu tenho 24 anos, então eu tenho uma história. A gente teve momentos aqui muito violentos e como a escola era aberta entrava todo tipo de pessoas. Eu fui ameaçada em sala de aula, mas hoje é que esta escola está mais tranquila [...] antes tinha alunos com drogas, com armas.” (P7)

“[...] Na escola que eu ensino de manhã um aluno faltou com respeito à inspetora jogando um objeto na cabeça dela.” (P11)

“[...] outra vez um aluno entrou com uma faca peixeira e agrediu o funcionário.” (P13)

Foi observado por meio dos supracitados depoimentos que os professores convivem e/ou presenciam constantemente atos de violência nas unidades escolares. Que essa violência também acontece fora dos limites das instituições, como exemplificou o participante 3, ao falar da surra que levou do aluno, quando foi assaltado a poucos metros da escola.

Vale ressaltar que os atos de violência praticada pelos alunos também afetam a saúde, o trabalho e a própria vida desses profissionais, como pode ser verificado nas declarações dos participantes (1, 3 e 9), a seguir:

“[...] passei três dias doente na minha casa, com desgosto, de você querer salvar esse tipo de coisa dentro de uma escola.” (P1)

“[...] eu sofri muito psicologicamente até porque nesse mesmo período eu estava enfrentando um divórcio.” (P3)

“[...] Eu era diretora adjunta desta escola quando um aluno chegou cheio de drogas. As salas daqui são climatizadas e, portanto, tem que ficar fechadas. O aluno que estava drogado jogou uma bomba nos pés de uma gestante com o professor dando

aula [...] Eu tive que expulsar o aluno, botando minha cabeça a risco. Passei um mês sem dormir, mas expulsei porque todo mundo sabia que ele era da **boca de fumo**¹⁶ e muito perigoso, portanto sofri a violência e sei como é terrível. Então educar hoje é risco, você se expõe a riscos, risco de vida! É terrível essa situação de educador! Eu não sei como não criei fobia de entrar aqui à noite, porque eu entrava com muito medo. Deus que me perdoe, mas para mim, eu ia levar um tiro nas costas a qualquer momento. Eu tinha essa sensação toda noite.” (P9)

4.2.5 Modalidades de violência praticadas contra os professores dentro e/ou fora da escola

Ao serem questionados sobre **as principais modalidades de violência praticadas contra os professores dentro ou fora das acomodações da escola (Quadro B - 5, nos Apêndices)**, os resultados encontrados foram bastante preocupantes, uma vez que, 79% dos pesquisados apontaram a falta de respeito como o tipo de violência que mais os têm afetado. Eles expressaram preocupação e indignação ao afirmar que convivem com essa problemática quase que diariamente. Declararam que o desrespeito pode se expressar por meio da desobediência, do desinteresse, da falta de responsabilidade para com os estudos e do não cumprimento às regras da escola, como pode ser constatado nos depoimentos dos Participantes (5, 9, 12 e 13).

“[...] falta de limites, o aluno quer fazer o que quer.” (P5)

“O desrespeito, a desobediência, se eles tiram uma nota baixa amassam a prova e joga na cara do professor.” (P9)

“[...] a gente tem que viver amordaçado porque a coisa está complicada. Não se respeita mais hoje o professor como antes. A gente vê agressões de alunos em sala de aula, em todo o Brasil e no mundo inteiro.” (P12)

“Para mim, é o professor querer dar aula e não poder, pois os alunos não querem, não prestam atenção e o professor se sente solitário, ali na frente porque não interage professor e aluno.” (P13)

Os casos de agressões verbais totalizam 71,4% dos entrevistados. Para eles, essas agressões se apresentam também na forma de ofensas, xingamentos, ameaças e intimidação. De acordo com Abramovay et al. (2006, p. 131), “as agressões verbais pedem mais reflexão quanto a seu significado. Apesar de, muitas vezes, serem consideradas brincadeiras

¹⁶ Boca de fumo, neste caso específico, se refere a um local dominado por traficantes que comercializa ilegalmente drogas.

corriqueiras, elas têm como objetivo a humilhação, a exposição ao ridículo, a ofensa”.É possível constatar nas entrevistas dos participantes 2, 3 e 4 que professores são humilhados, sofrem com essas ofensas e ainda convivem com o medo:

“Dentro da escola a agressão é mais verbalmente, principalmente quando se trata dos alunos maiores. Qualquer coisa eles agridem, chamam palavrões, mandam o professor tomar naquele canto.” (P2)

“Violência verbal e ameaças como, vão ser assaltadas! Não tem medo de morrer não! Violência verbal e ameaças como: vão ser assaltadas! não tem medo de morrer não! Meu carro está todo riscado. Jogaram uma pedra em cima do retrovisor do carro da diretora adjunta. Primeiro, jogaram uma pequena, como não quebrou, jogaram outra que quebrou mesmo.” (P3)

“Dentro da escola é a violência verbal, agressão, apelidos e expressão do tipo ‘vai pra aquele lugar! No ambiente externo da escola vários colegas, já foram assaltados por alunos da escola, inclusive eu. Alguns deixam a gente perceber que são eles mesmo que estão assaltando e depois estão aqui dentro da escola e a gente não pode fazer nada porque são menores e o que pode acontecer é uma advertência.” (P4)

Também é significativo o percentual (64,2%) de professores que sofrem com o problema da intimidação ou ameaças feitas pelos alunos. Conviver com o medo, a intimidação e a impunidade faz parte do processo de trabalho dos entrevistados, o que contraria o artigo 147 da lei nº 2.848 do Código Penal Brasileiro, que prevê pena – detenção de um ano a seis meses, ou multa para a pessoa que “ameaçar alguém, por palavra, escrito ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico, de causar-lhe mal injusto e grave”.

Essa mesma pena no artigo 331 deve ser aplicada para quem “desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela”, porém, no caso das escolas pesquisadas, os professores não relataram nenhum caso em que essas leis foram aplicadas. Segundo os entrevistados, as ameaças se apresentam por meio da forma verbal, se manifesta através do medo e/ou do silêncio e se concretiza muitas vezes, por meio da depredação de veículo, dos assaltos e das agressões físicas.

Nos depoimentos dos participantes 2, 3 e 4, pode-se constatar os tipos de ameaças que sofre os professores no seu processo de trabalho:

“[...] Já aconteceram casos de ameaças, de intimidação. Aluno que, dentro da escola, todo mundo tem medo dele, ele é o *maioral*, ele bate, intimida, ameaça e quando o professor quer tomar uma atitude, o mesmo enfrenta, mostra que não tem medo, que pode fazer alguma coisa contra o professor. Isso deixa o professor numa situação difícil, sem saber que atitude tomar.” (P2)

“[...] Depois que fui assaltada e espancada por um aluno daqui da escola, da qual levei vários pontos, eu fiquei com medo, mesmo morando muito perto (na outra rua) eu fiquei com medo de vim para escola.” (P3)

“[...] No ambiente externo da escola vários colegas, já foram assaltadas por alunos da escola, inclusive eu. Alguns deixam a gente perceber que são eles mesmo que estão assaltando e depois estão aqui dentro da escola e a gente não pode fazer nada porque são menores e o que pode acontecer é uma advertência. Uma professora, colega nossa do Fundamental I, foi agredida com socos na porta da escola. A gente não aguenta mais!” (P4)

A depredação de veículo é mais uma forma de violência contra os educadores (aqui incluídos docentes, gestores, supervisores e funcionários). Todos os pesquisados da escola A declararam ter seu único meio de se deslocar ao trabalho danificado pelos alunos. Também relataram as experiências traumáticas sofridas em relação aos assaltos praticados dentro e fora das acomodações da instituição. O relato do participante 4, revela com clareza o quadro de violência contra a pessoa e a propriedade dos professores da referida escola:

“[...] No começo desse ano quando chegaram 32 computadores, a escola foi assaltada às seis horas da manhã antes de abrir o turno e pelas próprias pessoas da comunidade e todo mundo sabe quem foi, mas enfim... o vigia foi agredido e sempre que chega material, eles já sabem como é que funciona, ligam daqui mesmo para fora. Houve ocorrência de drogas na escola de alguém que trouxe para vender, então a gente vive num contexto de violência muito grande e pesado. Alguns meses atrás jogaram uma pedra (paralelepípedo) no carro da diretora em virtude de um problema que ocorreu com um professor, mas os alunos imputaram a culpa na gestora. O professor foi obrigado a sair da escola. Eles também arrombaram o carro da supervisora, quebraram o cano de escape e arrancaram a tampa de combustível. A gente não deixa mais o carro aqui, deixa na outra rua, mesmo correndo o risco de ser assaltada. Se chegar aqui de 13h e sair de 5h40m (início e término das aulas) corre-se o risco de o carro está completamente arranhado com os pneus baixos, pois enquanto os alunos estão dentro da escola os carros estão “seguros”, mas qualquer carro que fique aí fora no início e no término das aulas, período em que os alunos estão entrando e saindo da escola, o carro é arranhado e tem os pneus baixos. Eles não precisam gostar ou não gostar da gente, fazem isso, porque para eles a violência é uma coisa cotidiana, é como se fizesse parte da vida deles. Além do mais, a gente não tem estacionamento e como a quadra da escola fica do outro lado, então eles podem danificar os carros na ida e na volta à quadra.” (P4)

De acordo com os entrevistados, vários são os motivos que levam os alunos a agirem com violência contra os professores nas escolas pesquisadas, dentre os quais se pode mencionar: a insatisfação dos alunos quanto às práticas docentes (incluem-se aqui as metodologias aplicadas, os tipos de avaliação e as atitudes comportamentais dos professores);

a falta de diálogo tanto de professor quanto de aluno; o contexto de violência social na comunidade escolar; a ausência de estacionamento na escola o que deixa os veículos dos professores expostos à ação dos depredadores que muitas vezes são os próprios alunos e pessoas da comunidade escolar e a banalização da violência na visão dos alunos que incorporaram certas expressões e comportamentos agressivos no cotidiano de suas vidas, como exemplificado nos depoimentos dos Participantes (2, 4, 8 e 9), a seguir:

“[...] Às vezes o aluno não gosta de certa atitude do professor, e como eu já falei antes, ele não sabe dialogar, não sabe chegar à direção para tentar resolver, aí resolve com agressão.” (P2)

“[...] Houve ocorrência de drogas na escola de alguém que trouxe para vender, então a gente vive num contexto de violência muito grande e pesado [...] Eles não precisam gostar ou não gostar da gente, fazem isso, porque para eles a violência é uma coisa cotidiana, é como se fizesse parte da vida deles. Além do mais, a gente não tem estacionamento e como a quadra da escola fica do outro lado, então eles podem danificar os carros na ida e na volta à quadra.” (P4)

“Às vezes quando tiram uma nota baixa eles dizem: olha tenha cuidado que eu vou lhe pegar.” (P8)

“[...] se eles tiram uma nota baixa amassam a prova e joga na cara do professor.” (P9)

Segundo os professores, as agressões que sofrem podem estar relacionadas em parte as suas próprias atitudes: “Em virtude de conflitos internos um professor aqui da escola teria também agredido um aluno”, afirma o participante (10). “É necessário que o professor busque novas alternativas no sentido de mudar o quadro de violência existente na escola”, declara o participante (5). Também afirma que professores devem rever suas próprias atitudes, usar o diálogo como uma ferramenta importante na relação professor e aluno, trabalhar em conjunto com a escola, família, órgãos competentes e acima de tudo, nunca desistir do aluno:

“[...] se um aluno está chamando tanta atenção, se está agressivo, vamos ver o que está acontecendo com ele, vamos ouvir os pais, buscar ajuda aqui na escola, com a equipe técnica e não desistir do aluno, não rejeitá-lo. Eu sei que a missão do professor é muito difícil e árdua, e se a gente não está conseguindo sozinho deve buscar ajuda. Muitas vezes, o professor por ser essa pessoa limitada tem certa rejeição pelo comportamento do aluno que lhe é apresentado, mas se você começa a compreender, saber o porque, o que está acontecendo, a gente já começa a entender melhor o aluno e até mudar nossas atitudes também. Buscar outras alternativas, conversar, buscar o dialogo. Às vezes a gente sabe que aqui na escola não se pode fazer milagre, não se pode fazer o papel dos pais que é direcionado para eles mesmos. Não se pode abraçar tudo, tem que se fazer o papel que é

realmente da incumbência da gente, mas se pode buscar também ajuda encaminhamento e não desistir.” (P5)

4.2.6 As armas como expressões da violência: uma realidade no ambiente escolar

A violência também está associada à presença de armas, por isso, a necessidade de investigar se os professores já presenciaram algum tipo de arma com os alunos. Portanto, foi feito a seguinte pergunta aos professores: **você já viu algum aluno portando arma nesta escola?** No **Quadro B – 6**, nos Apêndices é possível observar as respostas.

O uso das armas nas unidades escolares pesquisadas, segundo os professores, é uma prática comum, pois 86% dos entrevistados já presenciaram alunos portando algum tipo de arma na escola, como por exemplo, estilete, faca, revólver, canivete, pedaços de pau, ferrinho, a caneta ou lápis e armas caseiras construídas com a lâmina da lapiseira e o próprio lápis do aluno, como podem ser constatados na **Tabela 6**.

Tabela 6: Proporção e número de professores segundo os tipos de armas

Tipos de armas vistas*	Quantidade de docentes	
	(f)	(%)
Estilete	8	57,1
Faca	5	35,7
Revólver	3	21,4
Arma caseira	2	14,2
Canivete	1	7,1
Ferrinhos	1	7,1
Pedaço de pau	1	7,1
Lápis	1	7,1

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

*Os docentes indicaram mais de uma alternativa para essa questão; portanto, o somatório não totaliza os 100%.

Observando a Tabela 6, verifica-se que as armas brancas são os tipos de armas que mais os professores veem os alunos portando nas escolas pesquisadas e/ou em outras unidades escolares das quais alguns trabalham. O estilete foi apontado por 57,1% dos pesquisados como o instrumento mais visto pelos professores, apesar de ser proibidos nas escolas pesquisadas, como mostra o depoimento do participante 8:

“A arma que eu já vi eles portando aqui, que até eu não concordo em trazer para a escola, é justamente esses estiletes; eu digo: olha isso é uma arma, eu não quero isso dentro da escola, mas eles trazem e usam como apontador de lápis.” (P8)

A faca foi apontada por 35,7% dos professores, como um tipo de arma vista com frequência nas mãos dos alunos. Acredita-se que esse tipo de arma pode ser utilizada por ser um objeto de pequeno porte, fácil de manusear, de esconder e que pode passar despercebido tanto por aqueles que têm como função a segurança das escolas como pelos próprios professores, como revela o depoimento do participante 2:

“[...] Também já foi pego faca na bolsa de alguns alunos maiores e ainda bem que pegaram antes, pois não se sabe para que trouxeram. O aluno diz: “eu trouxe pra fazer a ponta do lápis”, mas você não vai trazer a faca na bolsa pra fazer a ponta do lápis! Isso não é normal.” (P2)

A arma caseira, (14,2%), o canivete (7,1%) e os ferrinhos (7,1%), foram apontados pelos professores como outros tipos de instrumentos cortantes nas mãos dos alunos. É importante destacar que a arma caseira, segundo os entrevistados, é construída pelos próprios alunos, como revela a declaração do participante 2:

“[...] arma caseira que eles fabricam: eles pegam a caneta, quebra e cola a parte da lâmina da lapiseira formando uma arma. Eles constroem muito. Eu já peguei na sala e tomei várias. Eu já fico de olho, quando o menino quebra a lapiseira na sala eu já coloco num saquinho e guardo. Eu não coloco nem na lixeira porque eles vão atrás aí, eles tiram parte da lâmina e colam. A gente não pode confiar porque eles furam o outro de lápis, imagine na hora da raiva.” (P2)

As armas de fogo também foram apontadas como um tipo de arma vista pelos professores, nas unidades pesquisadas e/ou em outras escolas que os mesmos declararam trabalhar. 21,3% afirmaram já ter visto alunos portando revólver como revela os depoimentos dos Participantes (4 e 8):

“[...] em outra escola eu já vi um aluno portando um revolver dentro da sala de aula. Eu fiquei apavorada. Logo informei a direção que tomou as providências devidas. Na realidade, o aluno disse que estava portando a arma para se proteger, pois fazia parte de uma facção rival e estava ameaçado.” (P4)

“[...] Agora nos arredores ou portão de outras instituições já vi gente armada de revolver.” (P8)

Abramovay et al. (2006, p. 230), ao referir-se ao uso das armas nas instituições escolares, diz que o “fato das armas - de fogo ou não - estarem generalizadamente associadas às ocorrências violentas nas escolas contribui para disseminar o sentimento de insegurança e para naturalizar o seu porte, assim como para justificar a sua adoção como instrumento de defesa”.

4.2.7 Surgimento da violência no ambiente escolar: o que pensam os professores?

Foi realizada a seguinte pergunta aos entrevistados: **A que você atribui o surgimento da violência na escola?** A partir das respostas observadas no **Quadro B – 7**, nos Apêndices, verifica-se que 71,4% dos professores declararam que os comportamentos agressivos dos alunos - que se traduzem muitas vezes em atos de violência nas escolas, inicia-se na própria família, isto é, na desestruturação familiar. Os depoimentos dos participantes (P1, P2, P5, P6, P8, P10, P11, P12, P13 e P14) revelam que o contexto social em que vivem os discentes, bem como os principais problemas que de forma direta ou indireta interferem nos relacionamentos desses familiares:

“A questão da família. A família está se desintegrando.” (P1)

“Eu acho que é uma questão social. Eles já trazem do ambiente onde convivem, onde moram, do próprio ambiente familiar [...] mas a gente sabe também que o bairro é muito violento. Lá dentro acontece o tráfico de drogas, a violência, crimes que as crianças presenciam, chegam aqui contando como se fosse uma coisa natural.” (P2)

“[...] falta de educação familiar, da estrutura familiar e da falta de preparação do próprio professor [...] Um professor que chega agressivo está possibilitando também agressividade.” (P5)

“Duas coisas: 1º a relação familiar, como história de família, a vivência; o alcoolismo (mais do pai); ciúmes do parceiro que tem provocado brigas em casa, agressão física e as crises até relatam em textos situações em que o pai arrombou a porta e bate na mãe, caso de abuso sexual na própria família [...] a TV influencia muito, principalmente os programas de violência.” (P6)

“Ao desajuste familiar, pois já é uma questão social. Eles se sentem a margem da sociedade e procuram resolver de outra maneira buscando as drogas.” (P8)

“A família.” (P10)

“Totalmente a desestrutura familiar, ao ambiente em que vivem.” (P11)

“Eu acho que tudo está relacionado à família que hoje está desestruturada [...] Então, esses meninos hoje estão perdidos, se influenciam facilmente por conta de drogas e bebidas alcoólicas.” (P12)

“Falta de amor e de família estruturada [...] Ainda tem as drogas, a bebida e o ambiente em que eles vivem.” (P13)

“Desestruturação familiar, problemas das drogas, da falta de perspectiva dos jovens e uma série de problemas que os alunos não deixam no portão da escola, esses problemas entram com eles a escola.” (P14)

Segundo os professores, as drogas, a criminalidade, os programas que abordam temas relacionados à violência na TV, a questão salarial e os problemas sociais são fatores que contribuem negativamente nas estruturas familiares dos alunos.

Percebe-se também, nos depoimentos que, embora os problemas vivenciados por cada família sejam questões que envolvem a sociedade brasileira, em geral, cada família aqui evidenciada, apresenta suas particularidades que as distinguem uma das outras. É o caso de famílias que convivem com problemas relacionados ao alcoolismo e/ou as drogas; dos grupos familiares em que a violência física e os abusos sexuais dos pais ou parentes afeta emocionalmente o comportamento dos alunos; famílias que convivem com conflitos de relacionamentos entre os cônjuges ou filhos enfim, os problemas existentes em cada uma delas trazem implicações para a vida dos alunos, que por sua vez, refletem de forma negativa em relação ao contexto escolar.

Os entrevistados também elencaram o comportamento agressivo de alguns professores como um dos motivos impulsionadores da violência nas escolas pesquisadas. Santos (2001, p. 115), em pesquisa realizada nas escolas municipais de Porto Alegre entre os anos de 1996 a 2000, constatou que a violência deve ser entendida como:

“[...] relação de sociabilidade presente na escola, trazida ao espaço escolar por uma dupla fonte: ou como expressão de um autoritarismo pedagógico ou como transferência de uma norma social. A primeira, afirmando uma fórmula repressiva de conduta professoral na sala de aula; a segunda, marcada pela violência que rege as relações interpessoais em grupos sociais particulares, as quais se manifestam como normalidade no cotidiano dos alunos e de suas famílias e, por este entendimento, esta violência doméstica se transfere para o espaço escolar”.

O autor afirma que a violência que ocorre nas escolas é proveniente por dois motivos em especial: da forma repressora dos próprios professores e das violências que ocorrem nos diversos grupos sociais nas suas relações interpessoais. Essa tese pode ser confirmada no

depoimento supracitado do participante 5, ao relatar que a violência escolar é fruto tanto da falta de estruturação familiar como da falta de preparação do próprio docente, pois um professor agressivo também provoca no aluno agressividade.

Outros fatores foram enumerados pelos entrevistados como norteadores da violência nas escolas, foram: o contexto social, os problemas relacionados às drogas e a criminalidade nas comunidades que envolvem as unidades escolares. Santos (2001, p. 114), considera que há uma relação entre exclusão social e violência escolar. Portanto, ressalta que:

“A violência é determinada socialmente. Tanto mais o público jovem é desfavorecido, em termos econômicos como culturais, tanto mais ele se confronta com a vivência do desemprego, mais ele experimenta uma exclusão, não só de oportunidades econômicas, mas também de um prestígio social, o que resulta em um agravamento de sua autoestima e de sua perspectiva de futuro. Os jovens vivem hoje a desesperança em relação às promessas de futuro que, antigamente, estavam contidas na proposta da escola”.

É digno de nota, o depoimento do participante 1, quando afirma que “a família se desestruturou, aí a mãe, o pai, a tia, jogam a responsabilidade toda para a escola, querem que a professora seja a mãe dele, a avó dele, a tia dele. Então, é a transferência de educação, de responsabilidade”, isto é, a família transferindo para a escola a responsabilidade para com os filhos.

Percebe-se por meio das declarações supracitadas que as famílias estão colocando seus filhos cada vez mais cedo para as escolas. Esta por sua vez, está exercendo a função tanto de ensinar como de proteger a criança. Ensinar enquanto transmissão de valores inerentes ao processo educativo e proteger, no sentido de guardar a criança enquanto os pais estão trabalhando.

Martins (2003), ressalta que a crise do mundo moderno fundamenta a crise na educação e cita como exemplo, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, a massificação do povo por meio das propagandas e da TV, a globalização, ao novo modelo de famílias estruturadas de formas diferenciadas, a miséria, a pobreza, o inchamento da escola, os valores inerentes a cada cultura, a ineficácia das políticas educativas e as especificidades inerentes à educação oficial e particular. Acrescenta também, nesse processo de modernização do mundo capitalista, as ferramentas tecnológicas como celulares, vídeos, internet e os recursos dela provenientes como sites de relacionamentos, e-mails, entre outros.

No caso das famílias brasileiras, verificam-se mudanças significativas em seus perfis, pois são famílias que ao longo do tempo têm sofrido modificações tanto em suas estruturas,

quanto em suas organizações. A mulher tem conquistado gradativamente o mercado de trabalho, e consequentemente assumido outros papéis dentro dessa estrutura, que há algumas décadas eram exclusivas dos homens. Essas modificações refletiram diretamente na educação dos filhos, pois antes era a mãe a responsável imediata por ela, enquanto o pai era o provedor e o chefe familiar. Hoje, até por uma questão financeira, com o custo de vida elevado, a mãe também se tornou provedora e até muitas vezes a chefe, ora por querer ser independente, ora para contribuir com o orçamento. O depoimento do Participante 9 expressa bem esse novo perfil familiar.

“Eu tenho plena certeza que é um reflexo da insatisfação social, desse capitalismo que destruiu as famílias, pois as famílias foram fragmentadas devido à necessidade das mulheres trabalharem fora, por isso colocam os filhos na escola, não dão a estrutura que davam e essa fragmentação reflete no comportamento do adolescente que só aprende o que a sociedade tem de ruim como droga, violência, moda, quer dinheiro sem ter. Então a escola é esse reflexo desses dois elos.” (P9)

Vale ressaltar que muito embora todos os entrevistados reconheçam a existência da violência nas instituições pesquisadas, percebe-se que aqueles que lecionam nas unidades escolares A e B (conhecem mais de perto a realidade das famílias que constituem a comunidade escolar, talvez pelo fato de os professores passarem mais tempo com os alunos e por isso acompanhar o dia a dia deles). Assim, pode-se constatar em alguns depoimentos que o comportamento mais uma vez foi apontado como essencial para perceber as variações de atitudes das crianças e adolescentes e subseqüente comportamentos agressivos e ações violentas, a exemplo do depoimento do Participante 1:

“[...] a mulher é casada aí se separa do marido. Ela não espera muito tempo já coloca outro homem dentro de casa. Então começam os conflitos de paternidade, o menino está vendo um homem diferente na casa dele ou a menina vendo uma mulher diferente que não é sua mãe, não é seu pai, tem que engolir aquilo. E a mãe acha tudo muito natural, que o filho tem que ver aquilo, tem que participar e tem que gostar. E a criança começa a se revoltar, e a gente já percebe na sala de aula a mudança de comportamento. Outra coisa também que eu percebo, essa mudança é quando morre uma mãe ou quando morre um pai.” (P1)

4.2.8 Desafio de liderar: medidas tomadas frente à violência no ambiente escola

Outro questionamento feito aos entrevistados foi o seguinte: **Como a problemática da violência escolar é tratada por parte da gestão escolar e coordenação pedagógica?** No

Quadro B – 8, dos Apêndices pode-se observar as respostas quanto a esse questionamento.

Analisando o referido quadro, abstraíram-se as seguintes medidas tomadas por parte da coordenação pedagógica e gestão escolar frente ao problema da violência nas unidades pesquisadas:

- Utilização do diálogo e/ou conversa com os discentes, como iniciativas na resolução dos conflitos (**P1, P8, P10, P11 e P14**);
- Apoio da gestão e equipe pedagógica (**P1, P7, P9, P11**), de psicólogo (**P12, P13**);
- Trabalhar com projetos sobre violência e disciplina (**P1**), projetos como o bullying (**P4, P5**), resgatando valores (**P5**), a paz (**P5**), projetos contra as drogas (**P7**);
- Palestras, debates (**P1**), trabalhos, gincanas (**P7**);
- Conscientização dos discentes por meio do ‘Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA’ (**P4**);
- Participação dos pais na escola (**P4, P5, P12**) e nas reuniões de pais e mestres (**P4**);
- Encaminhar o discente para o Núcleo de Orientação Pedagógica – NAPE (**P9, P10, P11**);
- Suspender o aluno (**P9**);
- Chamar a família na escola e a criança só entra na escola com os pais (**P6**);
- Participação do Conselho Tutelar (**P1, P4, P12**);
- Solicitação da ‘Patrulha Escolar’ (**P4**).

É importante ressaltar que muito embora as quatro unidades pesquisadas apresentem um quadro de violências semelhantes, percebe-se que as medidas adotadas por cada uma delas se manifestam de acordo com as regras e normas estabelecidas por seus próprios estatutos.

Verifica-se que 50% dos professores acreditam na utilização do diálogo, das palestras, debates e/ou conversas como estratégia benéficas para resolver os pequenos conflitos relacionados à violência nas escolas pesquisadas. Observando o depoimento do professor 11, verifica-se que esse professor utiliza todas as estratégias possíveis antes de levar um problema a direção ou a equipe pedagógica: “[...] quando a direção toma conhecimento do fato é porque a gente já tentou até o último extremo e não conseguiu resolver”.

Constata-se que esse mesmo percentual, 50%, atribuído pelos entrevistados está relacionado ao apoio da equipe escolar (aqui incluídos gestão, equipe pedagógica, supervisão

e psicólogo) como medidas positivas no combate à violência nas instituições pesquisadas. Como foi constatado no depoimento do participante 8:

“Quando acontece discussão besta de aluno. Às vezes lá fora ocorre de algum aluno ingerir álcool ou coisa assim, então o pessoal da coordenação ou supervisor pedagógico chama eles, conversa e orienta direitinho para que não caiam nisso, não se repita, trata da melhor maneira possível orientando para que não seja prejudicado, pois pode acarretar uma suspensão ou até mesmo uma transferência.”
(P8)

Outra estratégia elencada pelos entrevistados se refere ao trabalho com projetos que envolvem temas relacionados direto ou indiretamente ao combate a violência, ou seja, 28,5% acreditam que o envolvimento dos discentes nos projetos da escola, elaborados a partir de temas pertinentes a indisciplina e violência, podem contribuir para a redução da violência encontrada nessas instituições. “[...] A gente desenvolve projetos como bullying, na escola porque ocorre muito aqui. Eles são agredidos e pensam que apelidar, xingar não é uma forma de violência, mas a gente fala que é” (P4).

É importante destacar que 43% dos entrevistados citaram como medidas importantes no combate à violência, participação dos pais na escola, seja no acompanhamento contínuo dos filhos, seja nas reuniões pedagógicas e eventos escolares, ou nos casos em que são convocados para resolver questões mais graves que envolvem diretamente seus filhos. Quando o problema é mais sério que a família e equipe escolar não conseguem resolver é acionado o Conselho Tutelar: “Quando acontece um problema relacionado à violência, os pais são chamados. A escola tem uma psicóloga que acompanha esses meninos e é feita uma averiguação. Se constatado que o problema é sério, chama-se o Conselho Tutelar para resolver” (P12).

Para Abramovay et al. (2006, p. 348), esse conselho “atua como um agente fiscalizador da família, da sociedade e do poder público, no sentido de verificar se estão assegurando a efetivação dos direitos previstos na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA”. Alguns professores acreditam que esse Conselho tem a finalidade de punir o aluno, porém, a sua natureza não pode ser repressiva.

Quando os problemas relacionados à violência são mais graves e necessitam da presença de uma autoridade maior, é chamada a Patrulha Escolar na tentativa de solucionar os problemas que fogem do controle da direção da escola. Porém, alguns professores afirmam que esse serviço não tem atuado efetivamente nas escolas, como exemplificado no

depoimento do participante 4: “[...] no caso da Patrulha Escolar, ela só passa aqui eventualmente quando a gente chama” (P4).

A leitura dialogada da exposição das normas e regras da escola no primeiro dia de aula, bem como o estudo do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA são medidas também adotadas como estratégia no combate a violência nas instituições pesquisadas: “[...] a gente no começo e meio do ano lê o estatuto da escola, explica para eles o que é o Estatuto da Criança e do Adolescente, que eles têm direitos, mas também deveres” (P4).

É importante destacar que o artigo 227, do Capítulo VII da Constituição Brasileira assegura a criança e ao adolescente os seguintes direitos:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” (Brasil, 2008, p. 144)

Na teoria, desrespeitar esses direitos constitui-se como um ato criminal. No entanto, alguns entrevistados declararam que se os professores mudassem sua postura em relação aos alunos, questões simples do dia a dia da sala de aula não se transformariam em um problema maior, isto é, não levariam a casos mais graves de violência. No depoimento do participante 13, pode-se constatar essa afirmação:

“[...] eu presenciei um dia na sala da equipe pedagógica quando um aluno chegou reclamando que foi colocado para fora da sala por ter corrigido uma palavra que a professora tinha escrito errada no quadro, e a coordenação disse para ele não discutir com o professor porque ele sairia perdendo. Eu achei isso um absurdo, porque vai gerando violência, pois na outra aula esse aluno não vai mais respeitar esse professor e criar antipatia. Tem professores aqui na escola que precisam de uma orientação e um serviço psicológico.” (P13)

Também há depoimentos que relatam a impunidade dos atores da escola (aqui incluídos gestão, equipe pedagógica e técnica, docentes e funcionários em geral), quanto à resolução dos problemas relacionados à violência. Verificou-se essa informação no depoimento do participante 1, quando relata que:

“[...] é uma ‘passada de bola de um para o outro’. Mandam para os técnicos então eles que não têm mais o que fazer, mandam para direção, que volta a ‘passar a bola’ para os técnicos. O professor fica nesse meio sem ter o que fazer [...] Querem que fique tudo bem bonito, mas não querem saber do problema, nem como é o problema, nem de que tamanho é o problema [...] A direção da escola tenta tomar uma posição, mas tem muitos entraves. Às vezes chama o Conselho Tutelar, que por sua vez puxa muito para o lado do aluno, isto é, tem os braços presos.” (P1)

Observa-se, no depoimento supracitado, que a impunidade é um dos problemas que contribui para o agravamento da violência nas escolas, principalmente aquelas que estão localizadas em comunidades com alto índice de violência, como é o caso da unidade escolar A. Inclusive, a impunidade pode trazer como consequência o estímulo a práticas de incivildades. Na declaração do participante 3, é possível perceber que o gestor e demais equipes responsáveis pela instituição, até que tentam solucionar os problemas relacionados à violência. No entanto, as decisões tomadas podem por em risco as suas próprias vidas e/ou ocasionar consequências negativas para os envolvidos. Isso sem mencionar os entraves diante das barreiras encontradas frente aos órgãos que, por sua vez, deveriam atuar na segurança das escolas.

“É preocupante, pois até eles mesmos são vítimas. Tem que ter muito cuidado, muito jogo de cintura. A violência não pode ser tratada como se não existisse, como se eles fossem os únicos. Colocar para fora quem acha que está fazendo violência, não! Tem que apelar para o sentimentalismo mesmo para ver se eles deixam, porque até para suspender ou expulsar um aluno da escola é difícil, pois corre o risco das autoridades também acobertarem, porque são menores [...] realmente a escola é um veículo de transformação, de mudança, só que está muito pesada, estão jogando muita responsabilidade nela, os pais também já não têm mais controle sobre os filhos. Tem pais que chegam aqui e dizem: - “olha eu não aguento mais meu filho, eu não aguento mais”! Os próprios pais fazem isso.” (P3)

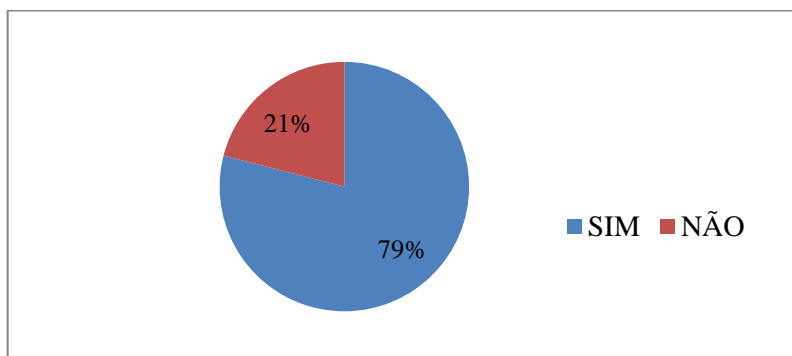
Conforme foi mencionado anteriormente, os entrevistados afirmam que as famílias têm transferido para a escola a responsabilidade de educar os filhos.

4.2.9 Interferência da violência escolar na vida profissional dos professores

No intuito de responder ao objetivo geral da pesquisa efetuou-se a seguinte indagação aos professores: **Você acha que a violência escolar pode interferir na sua vida profissional?** As respostas obtidas referentes a esse questionamento estão descritas no **Quadro B – 9**, nos Apêndices.

Analisando-se o quadro supracitado, pode-se verificar que 79% dos professores afirmaram que a violência escolar interfere na vida profissional, ao passo que 21% declararam não sofrer essa interferência, conforme demonstra o **Gráfico 7**.

Gráfico 7: Interferência da violência escolar na vida profissional dos professores



Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Dentre os 79% que afirmaram que a violência traz interferência em sua vida profissional pode-se destacar pontos em comum nos depoimentos dos professores. Entre eles, as queixas de doenças obtidas em face da exposição à violência no ambiente de trabalho, tais como: estresse, ansiedade, tontura, dor de ouvido, náusea, insônia, irritabilidade, dor de cabeça, cansaço mental, dores no corpo, depressão, fobia, nervosismo, síndrome do pânico, problemas nas cordas vocais e problemas psicológicos. Estas são queixas de saúde que podem afetar os professores tanto físico quanto emocionalmente, interferindo no cumprimento de suas atividades escolares e no fazer pedagógico.

Eles elencaram várias situações vivenciadas no espaço escolar que de forma direta ou indireta tem contribuído negativamente para as práticas docentes, quais sejam: a perseguição, a intimidação, as ameaças, a violência verbal, física e/ou psicológica, a depredação de seus veículos, desestruturação familiar, a incitação à violência e os casos relacionados a drogas ilícitas e o alcoolismo. Para eles, os episódios de violência desestruturam o ambiente escolar e interferem em suas práticas pedagógicas.

É ilustrativo observar separadamente cada depoimento referente ao percentual supracitado, para entender como ocorre essa interferência da violência escolar na vida desses profissionais.

O **Participante 2** declara que no entorno da escola em que leciona ocorrem muitos assaltos. Afirma que colegas de trabalho já sofreram assaltos, que por sua vez vem

acompanhado de violência e espancamento. O participante questiona se há uma relação desses assaltos com as decisões que tomam dentro da escola em relação à violência, pois quando chamam a família ou acionam o conselho tutelar estão se expondo “dentro da sala de aula, que já é um ambiente agressivo em que os alunos brigam o tempo todo. A gente acaba naquele ritmo, ficando mais estressada, mais ansiosa e isso reflete no relacionamento com o aluno, na aprendizagem”. Observa-se que o participante já apresenta sinais característicos da síndrome de Burnout.

Segundo Batista & Pinto (2006, p. 313), um dos efeitos mais comuns e perversos provocados pelos episódios de violência nas escolas “é a desorganização do ambiente de trabalho como um todo”, ou seja, o processo de aprendizagem é prejudicado, por vários motivos: o professor é obrigado a interromper suas aulas, que por sua vez, já estão prejudicadas pela dispersão das atenções dos alunos; pelas providências que deverão ser tomadas após um acontecimento violento como, por exemplo, as reuniões de emergências, as denúncias formais e informais, as perícias que deverão ser realizadas no local de trabalho, criando um clima de excitação no ambiente escolar, enfim, o professor é obrigado a refazer o seu planejamento para cumprir suas metas. Os autores entendem que “a excitação, a desconcentração que o ato violento provoca nos alunos, obriga o professor a um maior esforço, tanto para retomar o interesse no conteúdo ministrado, como para tranquilizar a turma de alunos”.

O barulho e a agressão verbal são problemas, na visão do **Participante 3**, que interfere negativamente no processo ensino aprendizagem. Essa interferência ocorre principalmente no momento da explicação, pois “você está ensinando, aí de repente, um aluno dá um chute na porta, a gente toma aquele susto! Isso tudo interfere, tanto no meu caso como professora como para eles que estão aprendendo”. Por outro lado, afirma que sua saúde também é afetada, pois o barulho prejudica sua audição, deixando-a tonta: “o barulho, por exemplo, prejudica muito meus ouvidos e eu fico tonta. tem dias que eu fico com náuseas e já cheguei a me afastar das minhas atividades com problemas de saúde”.

“Nós somos apavorados. Chegamos à escola com medo de ser assaltada, saímos com medo de sofrer alguma violência dentro da escola, inclusive apanhar mesmo”. Foram com essas palavras que o **Participante 4** iniciou sua fala sobre a supracitada pergunta. Relata que quase ficou com síndrome do pânico em virtude da violência sofrida tanto dentro da escola quanto na própria comunidade: “[...] ando aqui nas ruas e já fico preocupada em ser assaltada, com a violência, fico com medo de um aluno me reconhecer; ele mata!”.

A participante ainda declara que tanto ela quanto os colegas de trabalho vivem apavorados com medo de morrer, e que na hora do intervalo conversam muito sobre o assunto. Acrescenta que essa violência está tornando-os sujeitos paranóicos e que, os problemas relacionados à violência escolar interferem muito na sua vida pessoal, pois perdeu até mesmo a motivação de sair de casa, ter uma vida normal, fazer uma atividade física ou ir a uma festa porque já sai da escola exausta e muitas vezes não é só o cansaço físico, mas o cansaço mental. Comenta que sua saúde foi abalada: tem dores no corpo, medo de sair de casa, problemas psicológicos, dificuldades para dormir, estresse, irritabilidade, quase adquiriu a síndrome do pânico e já tirou licença médica por conta dos problemas provenientes do ambiente escolar. A participante afirma ainda que não consegue desenvolver um bom trabalho e não tem saúde por conta do pavor que é aterrorizante no seu ambiente de trabalho.

O **Participante 5** inicia seu depoimento ressaltando o caso de um colega de trabalho que desistiu da profissão em virtude das ameaças sofridas em uma escola com um alto índice de violência. O medo vivenciado no dia a dia trouxe sérios problemas tanto nas atividades profissionais quanto na vida pessoal: “se o professor é ameaçado, se não tem nenhuma liberdade e está com medo, claro que ele vai adoecer, não vai ter condição de dar aula, muitas vezes ele desiste, é o caso dessa professora”.

O referido participante falou ainda que a violência que existia nesta escola era tão declarada que a professora não tinha condições de trabalhar. Acrescentou que muitas vezes o professor não tem liberdade de exercer sua profissão porque o medo, o estresse, a fobia e o pavor provocados pela falta de respeito na sala de aula os impedem. Lembra com saudade os tempos antigos: “o tempo de hoje não é mais o tempo que a gente poderia trabalhar com mais segurança e com mais liberdade”.

Para este participante, é necessário manter um bom relacionamento com os alunos, principalmente, nos casos em que há envolvimento com drogas ilícitas; declara: “Tem professor que tira licença médica por muito tempo, uma logo após a outra, porque não está com saúde, não está bem emocionalmente, por conta de tanta coisa que tem sofrido”.

Segundo o **Participante 6**, a violência na escola interfere na sua vida profissional de forma positiva e na vida pessoal de forma negativa. No primeiro caso, declara que em virtude do comportamento agressivo dos alunos procura se qualificar cada vez mais, no sentido de buscar alternativas para ajudá-los, “pois eu os ajudando eu vou ter um dia mais tranquilo e eu trabalho com mais satisfação, com mais alegria e mais tranquilidade”. No segundo caso, afirma que vê constantemente colegas de trabalho doentes: “eles saem da sala de aula, muito

nervosos, muito estressados e essa violência atrapalha, porque eles falam alto (afeta as cordas vocais), saem mal-humorados da sala de aula, não cumprimentam ninguém”.

De acordo com o referido participante, é impossível a violência na escola não afetar a vida profissional do docente. Acrescenta que é necessário o professor buscar vias alternativas para que a violência não venha a afetar “sua vida pessoal, seu namoro, a relação com seus pais, sua família, seu marido”. Ainda chama a atenção para a questão das ameaças que os professores sofrem por parte dos pais dos alunos e declara já ter presenciado pai de aluno intimidando sua colega de trabalho dizendo: ”estou de olho em você, vou prestar atenção nas suas atitudes, cuide do seu filho que é melhor pra você!”.

O **Participante 7** relata que por conta de uma discussão com um aluno em sala de aula foi ameaçado de morte e que essa ameaça sofrida afetou muito a sua vida tanto pessoal quanto profissional. Precisou mudar de bairro, passar um bom tempo sem sair de casa e conviver com o medo, pois relata: “a qualquer momento ele podia me pegar de surpresa e eu não saberia dizer se iria sobreviver”. O referido participante afirma que vários colegas vivem com depressão por serem obrigados a se afastar do ambiente de trabalho, em virtude das ameaças sofridas por alunos. Esses profissionais acabam desenvolvendo a síndrome do pânico e/ou a síndrome de burnout.

O **Participante 8** declara que a violência no ambiente de trabalho deixa-o preocupado. Essa preocupação instiga nele o desejo de trabalhar buscando orientar os alunos para uma vida profissional adequada aos bons princípios que rege a sociedade.

A violência escolar vivenciada pelo **Participante 9** trouxe marcas profundas na sua vida tanto profissional quanto pessoal. Em suas palavras, “essa violência não fica aqui, a gente leva para casa para o resto da vida, as marcas da violência sofridas na escola, estão marcadas, infelizmente. Eu falo pela experiência que eu tive e tenho essa marca que mancha a educação”. Acrescenta que a violência escolar bloqueia psicologicamente até as ações pedagógicas do docente, pois ele se sente amedrontado e, “se a gente se sente amedrontado, o medo dói, inibe então eu não vou ser aquela pessoa de sempre; trava”.

O **Participante 10** afirma que a interferência das manifestações da violência escolar interfere principalmente no processo ensino-aprendizagem e declara que o que mais o entristece é ver o baixo rendimento dos alunos após as avaliações.

Na opinião do **Participante 11**, a intimidação dos alunos no ambiente escolar tem o poder de limitar o potencial do professor e, desafiar o aluno, é expor a própria vida diante da violência, seja verbal, física e/ou psicológica. Relata que nos seus mais de vinte anos de sala

de aula constantemente chega a sua casa com os nervos alterados procurando suporte psicológico na família; “[...] tento conversar com meu esposo, minha mãe, meu sobrinho e mostro que o quadro hoje de ser professor está bem diferente do de antes. Hoje ser professor é uma profissão de risco”.

Segundo o **Participante 14**, o professor que lida constantemente com a violência na sala de aula não fica a vontade para ministrar suas aulas, em um ambiente em que se sente ameaçado, “pois quando se está com medo a aula não flui normalmente, o professor fica travado, com medo e em estado de alerta e não consegue trabalhar com tranquilidade”. Ressalta que o medo, a instabilidade emocional e a ansiedade vivenciada no espaço escolar trazem reflexos negativos para suas atividades profissionais.

Quanto ao percentual (21%) dos participantes declararam não sofrer intervenção da violência escolar em suas atividades profissionais, o que corresponde aos **Participantes 1, 12 e 13**, pode-se verificar que: embora o **Participante 1** tenha afirmado que não há esta intervenção, constata-se que sua resposta é um tanto contraditória, uma vez que, seus depoimentos ao longo do trabalho revelam outra realidade, como pode ser observado em alguns trechos extraídos de depoimentos registrados, nos Quadros B - 2, B - 3 e B - 4, nos Apêndices.

“[...] Então a gente vai bater de frente com essas coisas, com conflitos, **ameaças**, tudo isso, mas a gente tem que ser maior que isso, ou então deixar de ensinar [...] Por isso que a violência está assim, a gente chama a mãe e o pai na escola, mas eles não vêm! [...] Dois alunos já grandes, adolescentes, brigando de murro, empurrando carteira... Sai da minha sala porque a zoadada foi grande, só eu não, todos correram, mas eu paguei o maior preço por minha atitude, pois entrei na sala de outra professora [...] tirei a professora grávida e os alunos continuaram dando murro um na cara do outro como se não tivesse entrado ninguém. Vieram outros professores, tiraram os alunos e encerrou a confusão. Eu pensei que a professora titular que estava na sala viesse depois me agradecer, porém a própria colega de trabalho me chamou na sala dela e na frente dos alunos me matou de vergonha, dizendo que eu não podia ter invadido a sala dela, porque ela tinha estudado muito para estar ali e eu era apenas prestadora de serviço (porque eu fiz o concurso, passei, mas ainda não fui chamada e ela foi). Eu me calei, mas passei três dias doente na minha casa com desgosto, de você querer salvar esse tipo de coisa dentro de uma escola, mas a gente vê que tem muita convivência do professor, da direção de todo mundo.” (P1)

Os **participantes 12 e 13** fazem parte da unidade escolar D, que como já fora citado é uma instituição que apresenta um ambiente escolar de certo modo tranquilo quando comparado às demais instituições pesquisadas. Além de abrigar a Universidade Estadual da

Paraíba, no seu próprio espaço, dispõe de uma razoável segurança pessoal que inibe de algum modo às ações relacionadas à violência, seja no entorno da escola, seja dentro de suas acomodações.

O **Participante 12** cita dois elementos para justificar a não interferência da violência escolar nas suas atividades profissionais. Primeiro o ambiente de trabalho e a localização geográfica da referida instituição e segundo, o seu relacionamento com os alunos, pois para o entrevistado, não existe uma barreira entre professor e aluno, no entanto, as atitudes de alguns colegas de trabalho contribuem para a violência na escola: “Infelizmente há professores que não são educadores, tratam o aluno de uma forma... Lá fora eles já estão tão marginalizados que quando chegam aqui e se deparam com certos tipos de tratamento de professores que muitas vezes gera até violência”.

O **Participante 13** afirma que atualmente a violência escolar não interfere na sua vida profissional em virtude de fazer parte do quadro de funcionários de uma escola considerada tranquila, neste caso, a unidade escolar D. No entanto, declara (Quadro B – 9, nos Apêndices) que, quando foi diretora de uma escola presenciou muita violência e sofreu bastante.

4.2.10 Estratégias apontadas pelos professores quanto à redução da violência no ambiente de trabalho

Sabendo que os docentes sofrem com os diversos tipos de violência escolar interpelou-se aos professores: **o que você sugere para minimizar as manifestações da violência, no ambiente de trabalho?** A partir das respostas obtidas do **Quadro B – 10**, nos Apêndices pode-se abstrair as seguintes propostas:

- desenvolvimento de projetos que trabalhem indisciplina e violência na sala de aula;
- resgate as brincadeiras que possam diminuir a agitação dos alunos;
- parceria entre escola, conselho tutelar e comunidade escolar;
- maior sensibilização dos professores em relação aos problemas dos alunos;
- manter uma boa relação com os alunos;
- conscientização dos alunos quanto aos seus deveres e direitos enquanto estudantes;
- valorizar o professor;
- melhorar as condições de trabalho nas escolas;
- investir em políticas públicas de combate as drogas e ao álcool;

- resgatar a autoestima do professor enquanto profissional da educação;
- trabalhar a autonomia da escola e investir nas estruturas familiares.

Vale ressaltar que, a presença da família no processo educacional da criança foi apontada por 64,3% dos professores, como uma das principais alternativas para criar um ambiente favorável a não violência nas escolas pesquisadas, como pode ser constatado em trechos de depoimentos dos Participantes 4, 8, 9, 11, 12 e 14:

“[...] Acho que só fazendo intervenção na família, trazendo-a para a escola ou a escola indo a família é que pode minimizar ou resolver esse problema [...] Sem isso, não consegue, porque a família é a referência, é a base e eu sei que é difícil, mas não é impossível. Infelizmente a escola virou um depósito onde os pais jogam seus filhos.” (P4)

“[...] Se a família está bem tudo ocorre as mil maravilhas.” (P8)

“[...] O problema da violência é tão sério e tão difícil que para minimizar esse problema primeiro deveria começar pelo fundamental que é a família [...] trazer de volta os valores que foram esquecidos como respeito e amor ao próximo.” (P9)

“[...] Primeiro passo é trabalhar com a família. Se conseguir um grupo na escola constituído por psicólogo, assistente social e apoio técnico para trabalhar mensalmente com as famílias acho que já é um passo, pois muitas vezes na escola a gente tem que ser psicóloga, mãe, orientadora.” (P11)

“[...] Investir nas estruturas familiares.” (P12)

“[...] Trabalhar com a família, os alunos e a comunidade escolar.” (P14)

Segundo os professores, quando a família está presente na escola, acompanhando o dia a dia do aluno, participando dos encontros e reuniões pedagógicas e acompanhando suas atividades diárias, as ações violentas dos alunos tendem a diminuir. Percebe-se na fala dos entrevistados que investir na família é a principal forma de se ter um ambiente tranquilo e não favorável à violência.

Chalita (2008, p. 168), entende que “a violência que invade ou nasce no espaço familiar se expande para todos os outros segmentos da sociedade como uma teia de relações destrutivas que se reproduz e contamina os ambientes e as pessoas”. Para o pesquisador, a família constitui-se, essencialmente de laços biológicos e vínculos sanguíneos, porém, sua coexistência perdura quando se desenvolve nesse ambiente determinados valores como afeto, amizade, solidariedade e, sobretudo, o amor. São sentimentos que os pais precisam ter e

transmitir para seus filhos, como ferramentas capazes de superar dores, incertezas, encontros e desencontros.

4.2.11 Percepção dos professores sobre os problemas encontrados na profissão

Além dos problemas advindos das ações violentas, no ambiente de trabalho das unidades escolares pesquisadas, percebeu-se durante as entrevistas, que os professores se queixam de muitos outros problemas encontrados na carreira profissional. Logo, sentiu-se a necessidade de indagar sobre esses problemas, e a seguinte pergunta foi realizada: **Quais são os principais problemas encontrados na sua profissão?** As respostas a esse questionamento podem ser verificadas no **Quadro B - 11**, nos Apêndices, porém, abaixo seguem de forma resumida, os problemas que mais afetam os professores, na profissão docente:

- A questão salarial que não condiz com o esforço que cada professor exerce foi apontada por 79% dos entrevistados, como o principal problema encontrado na profissão professor;
- A carga horária excessiva somada à falta de interesse do aluno e de material escolar foram apontadas por 36% dos professores;
- A falta de limite e respeito, dentro da família foi relatada por 29%;
- As dificuldades no processo de aprendizagem foram apontadas por 21%;
- A desvalorização da profissão professor, somada à falta de autonomia na profissão e as péssimas condições físicas das escolas foi registrada por 14,2% dos entrevistados;
- O ambiente de trabalho tumultuado, as péssimas condições de trabalho nas escolas, a evasão escolar, a falta de repouso entre uma aula e outra, a indisciplina, o excesso de aulas por turmas, o uso indevido do celular, computador e maquiagem no interior da sala de aula e a própria dinâmica dos planejamentos foram registrados por 7% dos entrevistados.

Com exceção do percentual referente à questão salarial supracitada, os demais índices podem mostrar diferenças em relação a outros índices indicados anteriormente com as mesmas questões referentes a problemas vivenciados na profissão já citados pelos entrevistados. Porém, essas diferenças percentuais têm relação com a ênfase dada a cada pergunta, ou seja, quando foram questionados sobre quais os principais problemas encontrados na profissão, alguns professores citaram apenas como resposta a questão salarial, não apontando outros problemas. Isto não significa dizer que para esses professores não existam, além da questão salarial, outros problemas na profissão, porém, como os professores

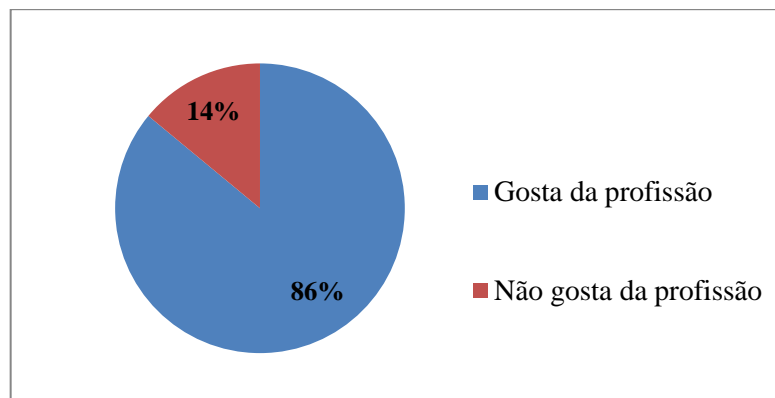
ficaram a vontade para responder as entrevistas, não houve insistência para que eles falassem todos os problemas.

4.2.12 A docência: vocação e amor

Considerando as respostas obtidas a partir dos quadros até então analisados, bem como as informações contidas nos **Quadros B - 12, B - 13 e B - 14**, nos Apêndices - cujas perguntas se referem respectivamente **à percepção dos professores sobre o fato de gostar ou não da profissão que exercem, à percepção deles quanto a vontade de desistir ou não da profissão e à percepção sobre suas aspirações enquanto profissionais da educação**, verificou-se que: 86% dos pesquisados gostam da profissão que exercem, enquanto apenas 14% não gostam. Por outro lado, constatou-se que apesar de todos os problemas relacionados ao trabalho educacional apontados pelos pesquisados, no decorrer das entrevistas, 71% deles afirmaram nunca ter pensado em desistir da profissão, e 29% asseguraram já ter, pelo menos uma vez, pensado em desistir da profissão que exercem.

Esses dados podem ser constatados tanto nos **Gráficos 08 e 09**, como em alguns depoimentos dos pesquisados contidos nos supracitados **quadros B - 13 e B - 14**.

Gráfico 8: Percepção dos professores sobre o que sentem em relação à profissão que exercem



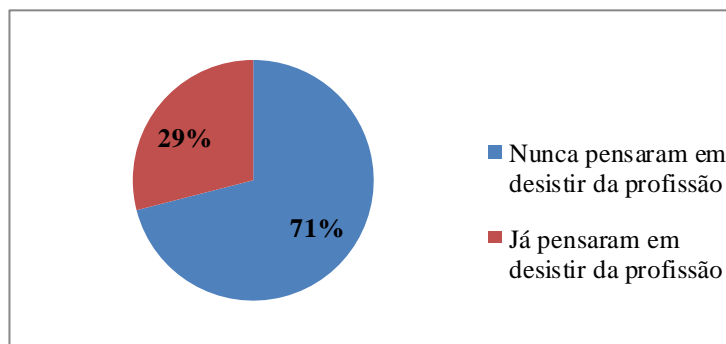
Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Apenas dois participantes declararam não gostar da profissão. O **Participante 6** reclama da falta de transporte, do apoio da família e do salário. Além de não gostar mais, inclusive, assegura já estar procurando outro curso e alternativa para sobreviver em virtude “da carga horária excessiva, do baixo salário terrível [...] como é que pode o professor trabalhar tanto e ganhar tão pouco? Falta transporte, falta apoio da família”. Já o **Participante 10** declara trabalhar apenas por necessidade. Afirma: “[...] Eu não morro de amor por ela não”.

Os demais professores entrevistados relataram gostar e amar a atividade que exercem. É importante destacar o depoimento do **Participante 4**, que afirma gostar da profissão apesar dos problemas existentes: “gosto, mesmo com toda dificuldade. Eu nasci para isso, mas eu não acho que a gente tem que ser ‘sofressor’ (professor com sofrimento) e sim, professor por vocação”.

O **Participante 8** afirma já ter gostado mais. Para ele, muitos anos em sala de aula, a idade avançada, e as dificuldades encontradas na profissão têm contribuído para o seu desânimo. “A gente vai cansando e eu vou vendo também o desestímulo com a educação, principalmente os gestores e as autoridades [...] mas enquanto der para eu contribuir com a educação eu faço em primeiro plano”.

No **Gráfico 9** é possível observar por meio dos índices que a maioria dos professores entrevistados deseja continuar exercendo suas atividades educacionais apesar de todos os problemas por eles vivenciados na profissão.

Gráfico 9: Percepção dos professores em relação ao desejo de desistir da profissão

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

É digno de nota, o fato relacionado a 71% dos professores pesquisados nunca ter manifestado o desejo de desistir da profissão. O **Participante 1** afirma conviver com momentos ruins em sala de aula, mas entende esses momentos ruins como um teste e declara gostar de desafios. “[...] porque eu sei que cada momento ruim é tipo um teste. Eu gosto de desafios. É tanto que eu já tive vários casos em minha sala que teve jeito. Sempre tem”.

O **Participante 2** afirma que mesmo nos momentos em que esteve doente com perda da voz não pensou em desistir. “[...] nem quando fico rouca, porque eu penso logo em me tratar e voltar”.

O **Participante 7** relata que nunca pensou em desistir, porém, afirma que na unidade escolar em que leciona praticamente todos os professores manifestam o desejo de se aposentar porque, já não aguentam mais. Afirma que se sente como “um peixe fora d’água, pois dos quarenta e sete colegas de trabalho, acho que sou a única que digo isso, porque todos dizem: eu não vejo a hora de me aposentar!”.

O relato do **Participante 11** retrata muito bem a relação de comprometimento e dedicação que o mesmo apresenta em relação à atividade educacional.

“[...] por várias vezes veio aquele desânimo, então a gente reativa as energias e vê que pode dar mais. Tem alunos que precisam da gente, a comunidade precisa da gente, por isso busco ‘aquele gás’, aquela energia que vem de Deus mesmo e vou à luta, vou em frente! Porque se a gente for pensar nos obstáculos, não caminha, não sai do canto.” (P11)

Quatro participantes manifestaram o desejo de parar de ensinar. O **Participante 3** afirmou já ter realizado outro curso para tentar mudar de profissão, mas não conseguiu. Falou sobre as dificuldades de lecionar em virtude das obrigações familiares, ou seja, não ter como

deixar seu filho para trabalhar. Também se queixou da incompreensão dos pais dos alunos nos momentos em que esteve de licença para cuidar do seu filho enquanto este estava doente.

Por todos os depoimentos até então analisados nessa pesquisa, pode-se observar que a questão salarial é um grave problema que afeta a vida dos professores, principalmente aqueles que não são efetivos, pois além de sofrerem com a discriminação de pais e colegas de trabalho, por serem do grupo terceirizado, sofrem por receberem salários inferiores aos efetivos. Talvez se o **Participante 3** recebesse um salário digno, com certeza teria condições de contratar uma secretária para cuidar do seu filho, ou pagar uma creche para deixá-lo. Quando questionado sobre o desejo de desistir da profissão, afirmou:

“Já, inclusive eu fiz outro curso. Eu terminei letras, já estava exercendo a profissão, fiz vestibular para pedagogia, estudei dois anos e fiz reopção de curso para ciências contábeis o qual conclui. Posteriormente, retornei para terminar pedagogia. Eu pensei em desistir porque no primeiro curso que fiz eu estava grávida. Passei toda minha gravidez trabalhando os três expedientes, aí meu filho nasceu e eu tinha que deixar com alguém. Quando meu filho adoeceu que eu tirei licença para dá assistência eu fui incompreendida por mais que eu tivesse direito a essa licença. Chegou até um pai a ir para o rádio e dizer que eu só vivia de licença que seria melhor eu ser demitida. Eu estava totalmente regularizada, mas a incompreensão dos pais me afetou bastante.” (P3)

O **Participante 4** afirmou já ter pensado em desistir por várias vezes, mas depois volta atrás de sua decisão, ainda queixou-se da violência, do salário e da falta de infraestrutura na escola. Pensa em desistir principalmente “nas horas de violência ou decepção, de falta de motivação, quando penso no salário que é baixo, na falta de infraestrutura da escola. Então eu penso, depois volto atrás”.

O **Participante 6**, no momento da entrevista, declarou estar pensando desistir da profissão por estar desmotivado e pelo descaso da Secretaria da Educação para com a classe docente. Declarou que mesmo estando com vontade de mudar de profissão não desmotiva seus alunos, pois acima de tudo preserva seu compromisso com a educação.

“Estou com vontade de desistir da profissão agora, mas isso só ocorrerá futuramente, contudo eu não desisto dos meus alunos. Apesar de todos os problemas, dessa desmotivação, é impressionante, como eu me renovo a cada instante [...] Apesar dessa vontade de não ser mais professora eu não desmotivo meus alunos. Eu fiz um compromisso com a educação e eu vou levar até o fim, mas gostaria de acrescentar que eu acho que falta elo entre a Secretaria da Educação e os professores.” (P6)

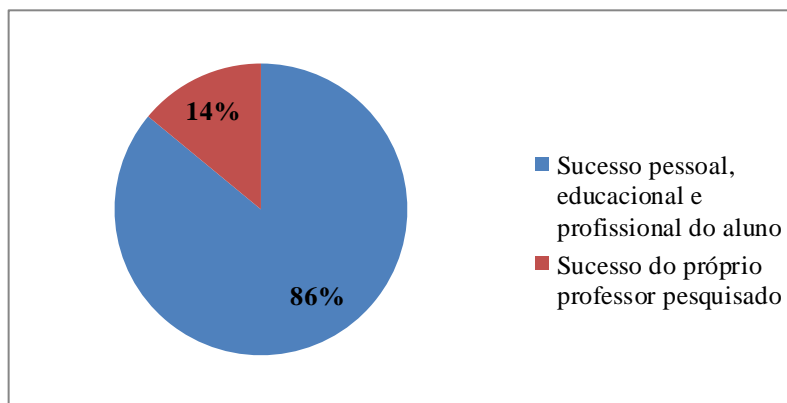
Avaliando a relação entre a violência no ambiente escolar e as condições precárias de trabalho que os profissionais da educação enfrentam diariamente com as perspectivas do professor enquanto agente participativo na formação educacional, profissional e até mesmo pessoal e social da criança e do adolescente, pode-se fazer as seguintes indagações: o que faz esses profissionais da educação terem esse sentimento de empatia com a profissão apesar dos baixos salários, das precárias condições de estruturas físicas das escolas, dos graves conflitos afetivos envolvendo professor/aluno e aluno/aluno, dos problemas de ordem social e governamental que por sua vez interferem direto e/ou indiretamente nas relações internas das unidades escolares pesquisadas, de professores que já se encontram na exaustão física e psicológica de suas atividades educacionais, da insegurança no local de trabalho, da desmotivação de alguns docentes, da desvalorização do profissional da educação, das questões relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, bem como todos os problemas inerentes à violência no ambiente escolar ao qual estão submetidos?

Como explicar, por exemplo, que esses profissionais ao longo da carreira não desistam de sua profissão e que a cada ano se observa que mais profissionais se engajam nessa carreira mesmo sabendo dos problemas advindos da mesma?

Percebeu-se que os professores pesquisados têm dentro de si uma força constante que os impulsiona a acreditar que são capazes, que podem contribuir para o sucesso pessoal, educacional e profissional do seu aluno. Acredita-se também que existe entre os profissionais da educação, especificamente no que se refere à função professor, um desejo intenso de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o desafio de mudar o destino de alguns alunos que enveredam por caminhos tortuosos, a possibilidade de modificar mentes consideradas ‘perigosas’ diante dos valores já incorporados na sociedade atual.

Isso pode ser atribuído à vocação e ao amor à profissão, que contribui para esses profissionais da educação enfrentem diariamente os desafios e entraves da carreira docente permanecendo firmes em seus propósitos.

Quando foram indagados sobre seu maior sonho enquanto professor, as respostas foram surpreendentes, pois apesar de todos os conflitos vivenciados no ambiente de trabalho já mencionados por eles e analisados nessa pesquisa, verificou-se que 86% dos entrevistados relataram como maior satisfação na carreira profissional, o sucesso pessoal, educacional e profissional dos seus alunos, ou seja, com exceção de dois professores, todos os demais pensaram primeiramente no bem-estar dos alunos. O **Gráfico 10** é ilustrativo desse número:

Gráfico 10: Maior satisfação do professor enquanto profissional da educação

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Para os **Participantes 1, 2 e 4**, da escola A, a maior satisfação enquanto profissionais da educação é saber que podem contribuir para mudar a história de vida dos seus alunos. Isso é compreensível, por se tratar de uma unidade escolar localizada em um dos bairros mais violentos da capital. Seus depoimentos riquíssimos abordam a questão das drogas, da criminalidade, do futuro de seus alunos.

“É quando eu consigo fazer um aluno ler, escrever corretamente, quando eu faço um aluno mudar de comportamento que a mãe sente em casa e vem me agradecer, aí isso para mim é tudo. Eu mudei um moleque para ser cidadão, e eu acho que a maior satisfação dos professores é mudar uma vida, você está tirando uma pessoa da marginalidade e o que você resgata com sua atitude, você se sente bem [...] a minha satisfação de ver um aluno sendo gente, uma pessoa melhor, é o resgate daquela pessoa que estava perdida, coisa que família nem conseguia e você conseguiu, então você se sente assim, como se Deus tivesse agindo com você. Eu acho que cada professor tem um anjo da guarda muito forte.” (P1)

“Ver o resultado do aluno é a maior alegria. Quando ele demonstra que está avançando, que está conseguindo aprender, ler, escrever, no meu caso porque eu alfabetizo, vir que ele está entendendo as coisas que está escrevendo, isso para mim é uma alegria muito grande, uma satisfação isto me deixa renovada, com vontade de começar tudo de novo [...] o bom mesmo, é ver o fruto do trabalho, o resultado. A cada dia recomçar e sentir vontades de voltar para sala de aula.” (P2)

“Quando eu vejo um aluno bem sucedido, quando vejo que eu consegui tirar o aluno das drogas, quando vejo que ele está trabalhando, que me cumprimenta e que reconhece o meu trabalho [...] então, quando a gente consegue mudar a realidade do aluno, acho que é o momento de maior satisfação do professor.” (P4)

São depoimentos fortes, pois tratam de relatos de história de vida de alunos que foram transformados por meio do trabalho efetivo de professores, ou seja, tiveram a

oportunidade de mudar para uma vida melhor, com mais dignidade. Os **Participantes 1 e 2**, que trabalham com o Fundamental I, também relatam que ficam felizes ao ver seus alunos lendo e escrevendo. O **Participante 1** comenta sobre a sua alegria ao perceber quando os pais reconhecem que ela pode contribuir para a mudança de seu filho e o **Participante 4** fala sobre a satisfação que sente em ver que os alunos reconhecem o seu trabalho.

A opinião dos **Participantes 5, 6 e 7**, da unidade escolar B, não difere da opinião dos participantes supracitados da escola A, pois a maior satisfação deles é ver o progresso dos seus alunos, como pode ser constatado nos depoimentos a seguir:

“Quando eu vejo o progresso do aluno, quando vejo o aluno evoluir. Apesar de toda essa violência eu acredito que a gente pode contribuir para um mundo melhor, depende de cada um de nós.” (P5)

“O respeito dos meus alunos. Quando eu os vejo tendo atitudes *de* honestidade e aprendizagem, ou seja, o retorno que eles me dão.” (P6)

“É ver dá certo e quando eu falo em dar certo, eu não digo formado como a gente encontra advogado, juiz, médico... Isso é o extremo. É quando a gente vê que não caiu no mau caminho [...] A gente sabe que não é fácil ouvir de alguém que seu filho está numa situação difícil, mas se a gente não se abre para ajudar quem é que vai se envolver? Infelizmente dois desses alunos dos quais chamei para conversar, um foi encontrado morto e outro foi massacrado e queimado. Então minha maior satisfação é quando eles dão certo, mesmo que não seja o ápice da história que seria a formatura em si, mas que pelo menos não está fazendo algo errado.” (P7)

Os **Participantes 8, 9 e 11**, da instituição C, também compartilham das mesmas opiniões dos demais professores supracitados. Declaram como maior satisfação na carreira docente o sucesso de seus alunos, a ascensão profissional. O **Participante 8** fala sobre a satisfação, quando o aluno reconhece seu trabalho. Já o **Participante 9** fala sobre a questão de contribuir na formação de alunos reflexivos que possam participar de forma ativa na sociedade e o **Participante 11** menciona a questão da formação profissional e educacional como maior satisfação.

“É ver o aluno aprender e no outro dia ele me agradecer, principalmente quando ele passa em um concurso ou vestibular.” (P8)

“É quando eu vejo que alguém se apropriou do conhecimento, se tornou dono de um conhecimento e atuar com eficácia nesse conhecimento, então eu fico feliz.” (P9)

“Quando eu passo em algum lugar e vejo que tem um aluno que está na Universidade, trabalhando, se profissionalizou; nesse momento eu digo graças a Deus o recado foi completo e fico em Paz.” (P11)

Os **Participantes 12, 13 e 14**, da escola D, também falam que a maior satisfação deles é ver o resultado de seus alunos. Ficam felizes quando seus alunos estão bem encaminhados na vida, ou seja, quando estão em uma universidade e/ou quando profissionalmente estão realizados. Ficam felizes também quando os alunos reconhecem seu trabalho.

“É a gente poder ajudar no engrandecimento desses alunos. É tão bom quando a gente se depara mais na frente com um deles e ele diz: professor está lembrado de mim? Eu consegui isso, aquilo... Por menor que seja o cargo, mas só por a gente ter orientado aquela pessoa, gera uma satisfação enorme. Então essa é a minha maior satisfação: vê a pessoa seguindo um rumo, um caminho certo.” (P12)

“Vê os resultados dos meus alunos.” (P13)

“Quando eu vejo que eu consigo viabilizar conteúdos, discutir temas importantes, quando eu vejo que eu estou conseguindo fazer com que eles reflitam e fazer deles seres reflexivos isso me dá muito prazer.” (P14)

Diante desses depoimentos, pode-se enumerar aqui vários elementos característicos que unem esses professores. São sentimentos de paixão, amor, dedicação, compromisso, persistência, garra. É como se a força deles viesse do sucesso de seus alunos, isto é, quanto maior for à ascensão profissional de seus alunos maior será a força e a garra desses profissionais da educação.

CONCLUSÕES

O estudo proposto teve como objetivo Analisar as vivências e as estratégias dos professores relativamente à violência em ambiente escolar, no contexto de escolas públicas de João Pessoa. Para isso, buscou-se conhecer alguns aspectos familiares e profissionais dos educadores, além de indagar sobre o que eles pensam a respeito da violência no ambiente escolar, as causas que norteiam essa violência, suas manifestações e consequências no processo de trabalho bem como as estratégias que eles utilizam para enfrentá-la.

Sabendo da complexidade do tema, procurou-se inicialmente, a partir de reflexões no campo da Sociologia, Filosofia, Antropologia e da Educação analisar alguns conceitos de violência construídos ao longo do tempo nas sociedades e, principalmente no meio científico. Assim, a partir de concepções de teóricos, como Bernard Charlot, Éric Debarbieux, Catharine Blaya, Pierre Bourdieu, Miriam Abramovay, Marília Sposito, Luiza Camacho e outros se procurou entender a violência no âmbito educacional, analisando suas manifestações no espaço brasileiro. E buscou-se ainda, a partir de pesquisas realizadas por Waiselfsz conhecer alguns dados sobre a violência no território brasileiro em âmbito regional, estadual e municipal e suas manifestações entre a população de crianças e adolescentes. Por fim, buscou-se analisar a violência escolar a partir da percepção dos docentes pesquisados e de acordo com o ambiente no qual estão inseridos.

No que se refere ao estudo, este ocorreu em quatro escolas públicas do município de João Pessoa: duas municipais (onde foram investigados sete professores do Ensino Fundamental) e duas estaduais (onde foram entrevistados sete docentes que lecionam no Ensino Médio). Portanto, optou-se por uma abordagem de natureza qualitativa, não dispensando nesse processo, dados quantitativos.

Assim, considerando as reflexões dos teóricos a respeito do fenômeno da violência na sociedade e suas repercussões nos ambientes escolares, observou-se que não há um consenso entre os teóricos, seja nas áreas da Sociologia, Filosofia, Antropologia, seja no campo da Educação a respeito do conceito de violência, porém, percebeu-se claramente uma relação social de excesso de poder que está intrínseca entre suas concepções. Observou-se ainda que a violência pode ser entendida a partir das especificidades de cada sociedade e da época em que ela pode ocorrer. Além disso, independentemente da classe social, raça, idade ou sexo, a violência está, na maioria das vezes, atrelada ao sistema socioeconômico, político e cultural de cada sociedade.

Dessa forma, verificou-se que no campo educacional também não há uma unanimidade entre os pesquisadores quanto ao conceito de violência, principalmente, porque os episódios de violência no ambiente escolar podem se apresentar de diferentes formas e múltiplos sentidos, recebendo denominações específicas próprias ao lugar e/ou país em que ocorrem.

Constatou-se que as relações sociais estabelecidas dentro das unidades escolares do espaço brasileiro são, em parte, frutos das relações sociais estabelecidas nos diferentes segmentos da sociedade, como também reflexos das próprias relações sociais vivenciadas no interior das instituições escolares. No estado da Paraíba, e de modo particular no município de João Pessoa, o espaço escolar, ambiente que a criança e o adolescente passam grande parte de suas vidas, também se apresenta como um ambiente de propagação da violência.

Diante de tudo que foi pesquisado e analisado, faz necessário, antes de se relatar os fatores mais significativos dessa pesquisa, lembrar a questão de partida proposta desse estudo: De que forma os professores percebem e atuam no seu contexto profissional, a fim de superar os problemas advindos das ações violentas no ambiente escolar?

Considerando a problemática supracitada, o objetivo principal e os objetivos específicos, e analisando as respostas dadas pelos professores pesquisados a respeito do tema escolhido ao longo do capítulo, bem como das reflexões realizadas a partir dessas respostas, destacam-se como fatores relevantes dessa pesquisa as seguintes considerações:

A maioria dos educadores pertence ao sexo feminino, se encontra entre a faixa etária de 41 e 50 anos de idade, é casada ou assume compromissos conjugais. Possui Pós-Graduação e pertence ao quadro de funcionários efetivos, com experiência docente entre 11 e 20 anos de trabalho. A sobrecarga de trabalho é predominante. A carga horária de trabalho entre a maioria deles varia entre 21 a mais de 60 horas semanais. Isso sem computar o tempo fora da sala de aula para preparo de aulas, elaboração e correção de trabalhos e atividades, planejamento de disciplinas, estudo, aperfeiçoamento, participação em eventos pedagógicos; horas-aula por semana dedicada às outras escolas que leciona; o tempo gasto para acompanhar as transformações do mercado e usar as novas tecnologias como: computador, sites de relacionamento e principalmente, tempo disponível para a leitura e lazer. Aliado a todas essas atividades, existem também as obrigações pessoais, tais como os afazeres domésticos, uma vez que o sexo feminino é predominante entre os entrevistados.

Os problemas mais graves relacionados às manifestações de violência e interferência no processo educativo e vida profissional dos professores foram detectados nas unidades

públicas municipais A e B (Ensino Fundamental), especialmente na instituição escolar A. Observou-se ambiente agitado, com ocorrências de conflitos sociais, violência existente na comunidade, no meio social e na escola, desestruturação familiar, além de graves problemas comportamentais dos alunos.

Por outro lado, verificou-se um clima mais harmonioso nas unidades escolares C e D. Os fatores que contribuem para esse fato são: boa localização geográfica das escolas, facilidade ao acesso aos meios de transportes, estrutura física adequada ao número de alunos, a presença de processo seletivo para o ingresso na instituição, a participação efetiva da gestão e coordenação pedagógica nas atividades escolares, envolvimento da família, acesso a materiais didáticos e cursos de formação tanto de alunos como professores e razoável disponibilidade a segurança interna e externa contribuem para um clima harmonioso para o ambiente escolar das unidades C e D.

As principais evidências de violência encontradas nas unidades escolares pesquisadas foram: violência física, violência verbal, violência ao patrimônio público, intimidação, bullying, brincadeiras inadequadas e a falta de respeito tanto de alunos para com os professores, funcionários e direção, como de pais para com os professores, e destes, para com os alunos. Alguns professores só percebem que existe violência na escola quando ocorrem atos de violência física e/ou verbal, ou seja, já estão tão acostumados com os episódios de violência que encaram as atitudes agressivas dos alunos como atos naturais.

Constatou-se que uma maioria significativa dos professores já presenciou alunos portando algum tipo de arma na escola, como revólver e armas brancas. Grande parte acredita que os comportamentos agressivos dos discentes - que se traduzem muitas vezes em atos de violência nas escolas - inicia-se na própria família, ou seja, na desestruturação familiar. As drogas, a criminalidade, os programas que abordam temas relacionados à violência na TV, à questão salarial e os problemas sociais são os fatores que contribuem negativamente nas estruturas familiares segundo os educadores.

As modalidades de violência praticadas diretamente contra os professores são: falta de respeito, agressões verbais, ameaças ou intimidações e a depredação de veículos. Verificou-se que os principais motivos que levam os alunos a desenvolverem tais atitudes são: A insatisfação quanto às práticas docentes, a falta de diálogo tanto de professor quanto de alunos, o contexto de violência social na comunidade escolar e a banalização da violência na visão dos estudantes que incorporaram certas expressões e comportamentos agressivos no cotidiano de suas vidas.

Nesse contexto, é importante ressaltar que muito embora as quatro unidades pesquisadas apresentem um quadro de violências semelhantes, as medidas adotadas por cada uma delas se manifestam de acordo com as regras e normas estabelecidas por seus próprios estatutos. No entanto, algumas questões relacionadas à indisciplina e ao combate à violência são semelhantes. Eles acreditam na força do diálogo, das palestras, da ajuda da equipe escolar e na participação efetiva dos pais na escola. Além disso, apostam na participação dos alunos nos projetos elaborados a partir de temas pertinentes a indisciplina e violência.

Constatou-se que 79% dos professores consideram que a violência escolar interfere na vida profissional e que alguns elementos contribuem de forma mais explícita para essa interferência, como: ameaças, intimidação, violência verbal, física e/ou psicológica, depredação de veículos, incitação à violência, alcoolismo, os casos relacionados às drogas ilícitas, desestruturação familiar e seus efeitos maléficos.

Verificou-se que as ações violentas, além de desestruturar o ambiente escolar e interferir nas ações pedagógicas dos pesquisados trazem consequências para a saúde dos professores, a exemplo de: estresse, ansiedade, tontura, dor de ouvido, náusea, insônia, irritabilidade, dor de cabeça, cansaço mental, dores no corpo, depressão, fobia, nervosismo, síndrome do pânico, sintomas relacionados à síndrome de burnout, problemas nas cordas vocais e problemas psicológicos. Queixas de saúde que tanto pode afetar o lado físico e emocional, como interferir no cumprimento de suas atividades escolares e no fazer pedagógico.

Verificou-se que os principais problemas encontrados na profissão para os professores são: a questão salarial, carga horária de trabalho, falta de limite e de respeito por parte dos alunos, dificuldades no processo ensino e aprendizagem, desvalorização profissional, a falta de autonomia na profissão e as péssimas condições físicas do ambiente de trabalho. Por outro lado, observou-se que apesar dos problemas encontrados, prevalece o amor e a dedicação à profissão, uma vez que a maior parte declarou nunca ter pensado em desistir da carreira docente.

Constatou-se que a maior parte dos professores acredita que a presença da família no processo educacional da criança é a alternativa mais viável para criar um ambiente favorável a não violência na escola.

Cumprir assinalar, nesse momento, que o objetivo de analisar a influência da violência escolar na vida profissional de professores em escolas públicas do município de João Pessoa foi alcançado, uma vez que, a partir dessa pesquisa, pode-se concluir que as

ações violentas no espaço escolar das áreas pesquisadas existem de fato e refletem negativamente na vida profissional dos professores, interferindo, inclusive, em suas vidas pessoais.

Além disso, constatou-se que todos os envolvidos nesse processo sofrem com os atos violentos (professores, alunos, gestores, funcionários, pessoal de apoio, familiares e/ou responsáveis, entre outros) e que a violência está intrínseca a fatores como desestrutura familiar, religião, cor, desemprego, renda, escolaridade, questões políticas, culturais entre outras. Porém, apesar dos problemas existentes na vida profissional dos docentes, foi possível perceber a determinação existente em cada um deles, uma força constante que os impulsionam a acreditar que são capazes, que podem contribuir para o sucesso pessoal, educacional, profissional e social de seus alunos, um desejo intenso de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o desafio de mudar o destino de alguns alunos que enveredam por caminhos tortuosos, a possibilidade de modificar mentes consideradas ‘perigosas’, diante dos valores já incorporados na sociedade atual.

Portanto, acredita-se que, a escola, enquanto espaço de socialização e formação humana, tem condições de enfrentar os problemas advindos das manifestações de violência e oferecer aos agentes envolvidos um ambiente de paz, em que o professor, nesse contexto, possa desempenhar suas atividades docentes com amor, prazer e alegria conduzindo as novas gerações valores e modelos educacionais que possam projetar as suas vidas adultas pautado em um segmento ético e profissional.

Finalmente, espera-se que o esforço empreendido nessa pesquisa, possa ajudar na reflexão e estratégias para as políticas voltadas a essa questão acerca das manifestações da violência no âmbito escolar. Simultaneamente, espera-se ter contribuindo, como fonte teórica, para possíveis trabalhos acadêmicos e/ou científicos com temática voltada para essa questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M. (Coord.). (2006). *Cotidiano nas escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M., & Rua, M. das G. (2003). *Violência nas escolas*. (Versão Resumida). Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M., Rua, M. das G., Castro, M. G., Barbosa, D. T., Santos, L. V., Almeida, S. C. de, et al. (2002). *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPQ, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.
- Abramovay, M. et al. (2002). *Escola e Violência*. Brasília: UNESCO.
- Adorno, S. (1992). A socialização incompleta: alunos delinquentes expulsos da escola. In Conferência Brasileira de Educação. (vol. 6, pp. 125-134). São Paulo. Coletânea: Sociedade Civil e Educação. Campinas: Papyrus.
- Andrade, F. C. (2004). Violência nas escolas: a Paraíba em foco. 7(1), (pp. 25-42). Olhar de professor.
- Aquino, J. G. (1998). A violência escolar e a crise da autoridade docente. 19(47), (pp. 7-19). Cadernos Cedes.
- Araújo, L. S. Coutinho, M. da Miranda, R. S. & Saraiva, E. R. (2012). Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. 17(2), (pp. 243-251). Psico. USF.
- Baró, M. I. (1983). *Acción e ideologia. Psicología Social desde Centroamérica*. San Salvador, El salvador, UCA Editores.
- Batista, A. S., & Codo, W. (2006). Crise de identidade e sofrimento. In Codo, W. (Org.), *Educação, carinho e trabalho*. (4ª. ed.). Petrópolis: Vozes.

- Batista, A. S., & Pinto, R. M. (2006). Segurança nas escolas e Burnout dos professores. In Codo, W. (Org.), *Educação, carinho e trabalho*. (4ª. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying*. (Isidoro, D. G. Trad.). Rio de Janeiro: BestSeller.
- Benelli, S. J. (2002). O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. *Psicologia em Estudo*. 7(2), (pp. 19-29). Maringá, PR.
- Blomart, J. (2002). Evitando a violência no ambiente das escolas primárias. In Debarbieux, E & Blaya, C. (Orgs.). *Violência nas escolas: dez abordagens europeias*. Brasília: UNESCO.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez; S. B. dos Santos & T. M. Baptista. Trad.). Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (2011). *O poder simbólico*. (15ª. ed.). (F. Tomaz. Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2007). *Escritos de Educação*. (9ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1975). *A reprodução: elementos para uma teoria de sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Brasil. Código Penal. Decreto – Lei nº 2.848 de 07.12.1940 alterado pela Lei nº 9.777 em 26/12/98 (+). Disponível em: www.oas.org/juridico/mla/pt/bra/pt_bra-int-text-cp.pdf.
- Brasil (2008). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/1992 a 56/2007 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/1994. (26ª. ed.). Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações.

- Brasil. Lei 9394 – LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1996.
- Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf.
- Camacho, L. M. (2001). As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Rev. Educ. Pesq.* 27(1). São Paulo.
- Camacho, L. M. (2000). Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. São Paulo. Tese (dout.). Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000083&pid=S0021-7557201300060001400004&lng=es. Acesso em: 11/04/2012.
- Chalita, G. (2008). Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, 4(8), (pp. 432-444). Porto Alegre.
- Charlot, B., & Émim, J. C. (Orgs.). (1997a). *Violences à l'école: état des saviors*. Paris: Armad Colin.
- Codo, W. & Menezes, I. V. (2006). O que é Burnout? In Codo, W. et al. (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. (pp. 237-254). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Costa, F. J. (1984). *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graval.
- Debarbieux, E. (2006). *Violência na escola: um desafio mundial?* (T. Katzenstein. Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Debarbieux, E. (1998). Le Professeur et le Sauvageon [violence à l'école, incivilité et post modernité]. (123), (pp. 7-19). Revue française de pédagogie. Année.
- Debarbieux, E., & Blaya, C. (2002b). Violência nas escolas e políticas públicas. (P. Zimbres. Trad.). Brasília: UNESCO.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos. (2000). UNIC/Rio/005 – dezembro. Disponível em: www.redeih.fiocruz.br/media/decl_d_human.pdf.
- Editora Moderna. (2012). Anuário Brasileiro da Educação Básica. Todos pela Educação. São Paulo: Autor.
- Editora Saraiva. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9.394/96). São Paulo: Autor.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). Novo Aurélio Século XXI. (3ª. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Flannery, D. J. (1997). School violence: risk, preventive intervention and policy. New York: Eric Clearing house on Urban Education, Institute for Urban and Minority Education, Teaches College, Columbia University. (Urban diversity series).
- Fonseca, J. J. S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC. Apostila. Disponível em: lume.ufrgs.br/bitstream/Handel/10183/38136/000819622.pdf/.
- Freitas, W. W. da L., Silva, V. F. da., & Moraes, R. M. de. (2011). Análise espacial de uma década de mortes violentas por homicídios, na cidade de João Pessoa. (pp. 24-27). XI Safety, Health and Environment World Congress – SHEWC.
- Fukui, L. (1992). Segurança nas escolas. In Zaluar, A. (Org.). Violência e Educação (pp. 103-124). São Paulo: Cortez.
- Gil, A. (1999). Métodos e técnicas de pesquisa social. (5ª. ed.). São Paulo: Atlas.

- Gonçalves, L. A. O., & Sposito, M. P. (2002). Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 115. São Paulo. Disponível em <http://dx.doi.org/101590/S0100-15742002000100004>.
- Governo da Paraíba. (2009). Programa Educacional de Resistência às Drogas – PROERD. Livro dos pais. (A. da Silva & T. Cademil. Trad.).
- Guimarães, A. M. (2005). *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade*. (2ª. ed.) Campinas, SP: Autores Associados.
- Guimarães, E. (1998). *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Hayden, C., & Blaya, C. (2002). Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas. In Debarbieux, E. & Blaya, C. (Orgs.). *Violência nas escolas: dez abordagens europeias*. (pp. 63-102). Brasília: UNESCO. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000159&pid=S0100-1574200900030001500022&lng=pt.
- Krug, E. G. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Brasília. OMS/Opas/UNDP/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos.
- Lech, M. (2007). *Agressão na escola: como entender e lidar com essa questão*. Porto Alegre: Mediação.
- Libâneo, J. C. (1998). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Lopes, C. S., & Gasparin, J. L. (2003). Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. *Acta Scientiarum, Human and Social Sciences*. 25(2), (pp. 295-304). Maringá.
- Ludke, M., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

- Marra, C. A. & Tosta, S. P. (2008). Violência escolar: percepção e repercussão no cotidiano das escolas. In: Gonçalves, L. & Tosta, S. P. (Orgs.). A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola. (pp. 153-190). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Martins, M. das G. T. (2007). Sintomas de stress em professores brasileiros. V. 10, (pp. 109-128). Revista Lusófona de Educação.
- Martins, O. M. (2003). O insuportável brilho da escola. In Renaut, A. et al. (Orgs.). Direitos e responsabilidades na sociedade educativa (pp. 31-59). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Michaud, Y. (1989). A violência. São Paulo: Ática.
- Minayo, M. C. de S. (2010). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. (12^a. ed.). São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. (2006). Violência e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz.
- Minayo, M. C. de S. & Souza, E. R. de. (1999). É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo de saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva, 4(1), (pp. 7-32). Rio de Janeiro.
- Minayo, M. C. (Org.). Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. (30^a. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Morais, R. de (1995). Violência e educação. Campinas: Papirus.
- Nogueira, M. A., & Nogueira, C. M. M. (2009). Bourdieu & a Educação. (3^a. ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Odália, N. (1985). O que é violência? São Paulo: Brasiliense.

- Odelius, C. C., & Codo, W. (2006). Poder de compra. In Codo, W. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. (pp. 204-236). Petrópolis: Vozes.
- Olweus, D. (1978). Aggression in schools: bullies and whipping boys. WASHINGTON, D. C.: Hemisphere.
- Pinheiro, P. S., & Almeida, G. A. de. (2003). Violência urbana. São Paulo: Publifolha.
- Pino, A. (2007). Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. Educ. Soc. 28(100), (pp. 763-785). Campinas, SP.
- Pope, C., & Mays, N. (2009). Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. (3ª. ed.). (A. P. Fajardo. Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência. (2009). Livro dos Pais. – 7º ANO. Polícia Militar da Paraíba.
- Primo, J., & Mateus, D. (2008). Normas para a elaboração e apresentação de teses e dissertações. ULHT- Reitoria. (v. 4. 54 p., inclui apêndice com 10 p., anexos com 37 p.). Lisboa.
- Richardson, R. J., Peres, J. A. de S., Wanderley, J. C. V., Correia, L. M., & Peres, M. (2011). Pesquisa social: métodos e técnicas. (3ª. ed.). São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, J. L. (Org.). (2011). Atlas Escolar, Paraíba: espaço geo-histórico e cultural. (4ª. ed. Ampl. e atual). João Pessoa, PB: Editora Grafset.
- Santos, F. P., Vidal, L. M., Bittencourt, I. S., Boery, R. N. & Sena, E. L. S. (2011). Estratégias de enfrentamento dos dilemas bioéticos gerados pela violência na escola. 21(1), (pp. 267-281). Physi: Revista de Saúde Coletiva.
- Santos, J. V. (2001). A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. 27(1), (pp. 105-122). Educação e Pesquisa. São Paulo.

- Scabello, A. L. M. & Spörl, A. (2011). Geografia da Paraíba, 4.º ano ou 5.º ano: Ensino Fundamental. São Paulo: Scipione.
- Schelb, G. Z. (2008). Segredos da violência: estratégias para solução e prevenção de conflitos com crianças e adolescentes. Brasília: Thesaurus.
- Silva, A. B. (2010). Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Silva, N. P. (2009). Ética, Indisciplina & violência nas escolas. (4ª. ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sousa, V. S. de. (2010). Mapa climático urbano da cidade de João Pessoa - PB. (Dissertação de Mestrado). Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/Centro de Tecnologia. João Pessoa: UFPB.
- Sposito, M. P. (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. 27(1), (pp. 87-103). Educação e Pesquisa, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022001000100007>. Acessado em: 11/04/2012.
- Sposito, M. P. (1998). A instituição escolar e a violência. Caderno de Pesquisa. Revista de estudos e Pesquisa em Educação, n. 104. São Paulo.
- Tartucel, G. L. B. P., Nunesoll, M. M. R. & Almeida, P. C. A. de. (2010). Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. Cad. Pesqui. 40(140). São Paulo.
- Teixeira, G. (2011). Manual antibullying: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Trivinos, A. N. S. (1987). Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.
- Waiselfisz, J. J. (2012a). Mapa da violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR.

Waiselfisz, J. J. (2012b). Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil.

Waiselfisz, J. J. (2012c). Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangali.

Zaluar, A. (1999). Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. Perspectiva. São Paulo.

Zenaide, M. N. T. (Org.). (2002). Paz e cidadania nas escolas. João Pessoa: Editora Universitária.

SITES PESQUISADOS

ATLAS DO BRASIL. (2010). Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org/atlasdodesenvolvimentohumanonobrasil2010>.

G1.Globo. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2011/09/.../adolescente-e-flagrado-com-arma-em-escola-publica-da-paraiba-diz-policia>. Acessado em: 09/09/2011.

G1.Globo. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pb/paraiba/.../rapaz-invade-escola-publica-na-paraba-e-atira-contr-a-alunos-diz-polícia>. Acessado em: 11/04/2012.

G1.Globo. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/04/.../suspeitos-de-tiros-em-escola-na-paraiba-tinham-dois-alvos-diz-delegado>. Acessado em: 12/04/12.

G1.Globo. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pb/paraiba/.../mp-quer-instalação-de-detec-tores-de-meta-is-e-camaras-em-escolas-da-paraiba>. Acessado em: 13/04/2012.

G1.Globo. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pb/paraiba/noticias/2012/.../aluno-e-flagrado-com-arma-dentro-da-escola-publica-em-joao-pessoa>. Acessado em: 18/04/2012.

GOOGLE. Imagens (Mapas). Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Mapas.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades@>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/2012>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/2011>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censodemografico/2010>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/>.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de Consentimento dos gestores

TERMO DE CONSENTIMENTO DOS GESTORES

Prezada Senhora,

Sou professora de Geografia da rede pública municipal de João Pessoa e Cabedelo-PB, discente do Curso de Mestrado em Educação, realizado pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP/Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – FNSL, órgão conveniado com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Portugal, na cidade de João Pessoa-PB.

Sob a orientação da professora Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa, venho solicitar a V. Sr^a. autorização para coletar dados nesta escola para minha Dissertação de Mestrado cujo tema é ‘Violência em ambiente escolar: a realidade vivenciada por professores da rede pública de João Pessoa-PB’.

Utilizaremos um total de quatro entrevistas semiestruturadas de forma individual aos professores que trabalham com o Ensino Fundamental I e II.

Certificamos que a participação dos professores na referida pesquisa será voluntária e que, manteremos o anonimato e privacidade dos seus nomes, ou seja, empregaremos nomes fictícios nos resultados dos dados obtidos.

Estaremos à inteira disposição no sentido de elucidar possíveis dúvidas que possam surgir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Coordenadores da pesquisa

Ana Zélia de Lucena Morais
Aluna

Prof^a. Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa
Orientadora

Ilm^a. Sr^a.
Diretora da Escola Municipal (A)

APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento dos gestores

TERMO DE CONSENTIMENTO DOS GESTORES

Prezada Senhora,

Sou professora de Geografia da rede pública municipal de João Pessoa e Cabedelo-PB, discente do Curso de Mestrado em Educação, realizado pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP/Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – FNSL, órgão conveniado com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Portugal, na cidade de João Pessoa-PB.

Sob a orientação da professora Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa, venho solicitar a V. Sr^a. autorização para coletar dados nesta escola para minha Dissertação de Mestrado cujo tema é ‘Violência em ambiente escolar: a realidade vivenciada por professores da rede pública de João Pessoa-PB’.

Utilizaremos um total de três entrevistas semiestruturadas de forma individual aos professores que trabalham com o Ensino Fundamental I e II.

Certificamos que a participação dos professores na referida pesquisa será voluntária e que, manteremos o anonimato e privacidade dos seus nomes, ou seja, empregaremos nomes fictícios nos resultados dos dados obtidos.

Estaremos à inteira disposição no sentido de elucidar possíveis dúvidas que possam surgir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Coordenadores da pesquisa

Ana Zélia de Lucena Morais
Aluna

Prof^a. Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa
Orientadora

Ilm^a. Sr^a.
Diretora da Escola Municipal (B)

APÊNDICE 3 - Termo de Consentimento dos gestores

TERMO DE CONSENTIMENTO DOS GESTORES

Prezada Senhora,

Sou professora de Geografia da rede pública municipal de João Pessoa e Cabedelo-PB, discente do Curso de Mestrado em Educação, realizado pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP/Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – FNSL, órgão conveniado com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Portugal na cidade de João Pessoa-PB.

Sob a orientação da professora Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa, venho solicitar a V. Sr^a. autorização para coletar dados nesta escola para minha Dissertação de Mestrado cujo tema é ‘Violência em ambiente escolar: a realidade vivenciada por professores da rede pública de João Pessoa-PB’.

Utilizaremos um total de quatro entrevistas semiestruturadas de forma individual aos professores que trabalham com o Ensino Médio.

Certificamos que a participação dos professores na referida pesquisa será voluntária e que, manteremos o anonimato e privacidade dos seus nomes, ou seja, empregaremos nomes fictícios nos resultados dos dados obtidos.

Estaremos à inteira disposição no sentido de elucidar possíveis dúvidas que possam surgir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Coordenadores da pesquisa

Ana Zélia de Lucena Morais
Aluna

Prof^a. Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa
Orientadora

Ilm^a. Sr^a.
Diretora da Escola Estadual (C)

APÊNDICE 4 - Termo de Consentimento dos gestores

TERMO DE CONSENTIMENTO DOS GESTORES

Prezada Senhora,

Sou professora de Geografia da rede pública municipal de João Pessoa e Cabedelo-PB, discente do Curso de Mestrado em Educação, realizado pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP/Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – FNSL, órgão conveniado com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Portugal na cidade de João Pessoa-PB.

Sob a orientação da professora Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa, venho solicitar a V. Sr^a. autorização para coletar dados nesta escola para minha Dissertação de Mestrado cujo tema é ‘Violência em ambiente escolar: a realidade vivenciada por professores da rede pública de João Pessoa-PB’.

Utilizaremos um total de três entrevistas semiestruturadas de forma individual aos professores que trabalham com o Ensino Médio.

Certificamos que a participação dos professores na referida pesquisa será voluntária e que, manteremos o anonimato e privacidade dos seus nomes, ou seja, empregaremos nomes fictícios nos resultados dos dados obtidos.

Estaremos à inteira disposição no sentido de elucidar possíveis dúvidas que possam surgir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Coordenadores da pesquisa

Ana Zélia de Lucena Morais
Aluna

Prof^a. Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa
Orientadora

Ilm^a. Sr^a.
Diretora da Escola Municipal (D)

APÊNDICE 5 - Informações básicas aos professores, sujeitos da pesquisa, e Termo de Consentimento

INFORMAÇÕES BÁSICAS AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Prezado(a) Senhor(a),

Sou professora de Geografia da rede pública municipal de João Pessoa e Cabedelo-PB, discente do Curso de Mestrado em Educação, realizado pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP/Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – FNSL, órgão conveniado com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Portugal na cidade de João Pessoa-PB.

Sob a orientação da professora Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa, estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo tema é ‘Violência em ambiente escolar: a realidade vivenciada por professores da rede pública de João Pessoa-PB’.

Nesse sentido faz-se necessário analisar junto aos professores da rede pública municipal e estadual que trabalham com o Fundamental I e II, e o Ensino Médio, as principais modalidades de violência verificadas nas escolas, essencialmente nas instituições em que desenvolvem suas atividades. Pretende-se verificar como a violência escolar interfere no processo de trabalho dos professores e assim, trabalhar ações que possam ser adotadas para solucionar ou pelo menos atenuar os problemas advindos com essa problemática apontando caminhos para que os docentes possam realizar-se pessoal e profissionalmente.

Para isso, utilizaremos a entrevista semiestruturada de forma individual por entendermos ser o melhor caminho para alcançarmos os objetivos propostos.

Sua participação é de fundamental importância para o êxito dessa pesquisa e, caso concorde fazer parte desse estudo procuraremos seguir os critérios adotados pelas normas científicas como, por exemplo, respeito aos seus horários e local da entrevista, sigilo as informações de ordem pessoal, preservando sua identidade, relação de confiança, segurança e respeito a sua cultura.

Esperamos que leia atentamente o termo de consentimento e, caso concorde com o texto, solicitamos sua assinatura.

Informamos ainda nossa inteira disposição no sentido de elucidar possíveis dúvidas que possam surgir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Coordenadores da pesquisa

Aluna: Ana Zélia de Lucena Morais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Otaviana Maroja Jales Costa

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu _____ RG _____ declaro estar de acordo com os critérios estabelecidos neste documento. Afirmando que ao assiná-lo me comprometo a ser entrevistado(a) pela professora de Geografia e aluna do Curso de Mestrado em Educação Ana Zélia de Lucena Morais na pesquisa ‘Violência em ambiente escolar: a realidade vivenciada por professores da rede pública de João Pessoa-PB’. Entendo que a partir desta data concederei todos os direitos de minha entrevista individual para ser utilizada de forma integral ou parcial pela referida pesquisadora juntamente com sua orientadora. Espero que seja mantido o anonimato da minha identidade no resultado dos dados coletados. Sendo assim, declaro que as informações que forneci para essa pesquisa podem ser usadas, divulgadas e publicadas.

Data ____/____/____

Assinatura _____

APÊNDICE 6 - Quadro A: Perfil profissional dos docentes**QUADRO A - PERFIL PROFISSIONAL DOS DOCENTES**

PERFIL PROFISSIONAL DOS DOCENTES		Nº ABSOLUTO	%	
IDADE		21 - 30 Anos	01	7
		31 – 40 Anos	04	29
		41 - 50 Anos	05	36
		51 – 60 Anos	04	29
SEXO		Feminino	12	86
		Masculino	02	14
ESTADO CIVIL		Casado (a)	09	64
		Divorciado (a)	02	14
		Viúvo (a)	01	7
		Solteiro (a)	02	14
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	GRADUAÇÃO	Pedagogia	03	21
		Psicopedagogia	02	14
		Geografia	01	7
		História	03	21
		Português	03	21
		Matemática	01	7
		Física	01	07
	ESPECIALIZAÇÃO	Sim	09	64
		Não	05	36
		MESTRADO	Sim	02
	Não		12	86
VÍNCULO EMPREGATÍCIO		Efetivo	11	79
		Contratado	03	21
TEMPO DE MAGISTÉRIO		Menos de 10 Anos	03	21
		Entre 11 e 20 Anos	07	50
		Acima de 21 Anos	04	29
TOTAL DE ESCOLAS EM QUE LECIONA		Uma	09	64
		Duas	03	21
		Três	02	14
CARGA HORÁRIA DE TRABALHO		20 Horas	06	43
		40 Horas	03	21
		60 Horas	05	36

APÊNDICE 7: Quadro B - 1: (Percepção dos professores sobre o ambiente de trabalho)

Como você classifica o ambiente de trabalho nesta escola?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	O ambiente em si não é tranquilo, porque a comunidade é bastante violenta, mas a minha sala é tranquila. Eu nunca tive problema em sala de aula, até hoje.
	2	Eu classifico como sendo um ambiente cooperativo entre funcionários, um ambiente bom de trabalhar, mas o ambiente sofre influência da violência. Assim se torna difícil trabalhar com alunos porque a gente convive num ambiente de violência. Eles já vivem em um ambiente de violência no bairro que moram e esse reflexo vem para dentro da escola. É um ambiente muito agitado, porque está tendo sempre traços de violência. Os alunos costumam resolver as situações por mais simples que sejam com violência e agressão, eles já trazem isso dentro deles.
	3	É um ambiente difícil, porque a escola não tem estrutura. É muito fechada e o barulho fica mais intenso dificultando muito o trabalho. Inclusive eu tenho crise de labirintite, meus ouvidos doem muito e eu fico tonta durante o trabalho prejudicando um pouco o andamento das atividades. É também um ambiente muito agitado e na hora do intervalo fica inviável a comunicação entre a gente.
	4	É bastante agitado porque na verdade a gente vive numa zona da cidade onde nossa clientela é do bairro São José (um dos mais violentos da cidade de João Pessoa). Então acreditamos que essa agitação, eles trazem do ambiente que vivem, da família, de conflitos sociais, da própria violência. Eles já chegam à escola carregados dessa agitação que veem aí fora. Então eu acredito que seja um reflexo da comunidade, do meio em que eles estão inseridos.
B	5	A escola, no geral, apresenta um pouco de violência dependendo do turno. O turno de manhã é mais tranquilo, porque são crianças, alguns pré-adolescentes, mas nada de chamar muita atenção. Existe violência, mas não é aquela coisa gritante, com nível muito alto. O turno da tarde eu já considero um pouco mais violento, os adolescentes se agridem mais, inclusive as meninas. À noite a turma do EJA são mais maduros, têm alguns jovens, mas eu não vejo violência.
	6	Tranquilo. Eu não percebo os alunos tristes, revoltados, brigando, a sala de aula é tranquila, mas na hora do intervalo é bem agitado. Eles brincam muito e as brincadeiras são um pouco pesadas, como por exemplo, empurrões.
	7	Muito tranquilo, aqui acolá um tumultozinho, mas é tranquilo.
C	8	Tranquilo. Bom, os alunos pacíficos. A gente tratando direitinho eles são pérolas.
	9	Eu acho que nosso ambiente de trabalho é privilegiado diante desse contexto social, político e histórico da violência e da qualidade de ensino. O Lyceu Paraibano ainda é uma escola diferenciada não só na questão da didática, dos instrumentos, dos elementos que a gente tem como sala de computação, data show, mas também pela clientela que é diferenciada. O aluno não entra aqui gratuitamente. É feito um teste de seleção. Antes era feito um teste escrito de língua portuguesa e matemática. Depois evoluiu para as médias, ou seja, os alunos selecionados são aqueles que têm as melhores médias de língua portuguesa e matemática. Isso é uma forma de incentivar o aluno a estudar. Também atribuo esse público privilegiado a gestão e equipe pedagógica, as reuniões de pais e mestres. Eu acredito que a escola só funciona melhor se houver essa integração família/escola, pois se não encaixar a família nesse contexto a tendência das instituições escolares é piorar cada vez mais. Tem também a localização da escola que facilita o acesso dos discentes e docentes de praticamente todos os bairros da Grande João Pessoa. A gente sabe que esse público privilegiado ainda não é o ideal porque como todo jovem, o nosso aluno ainda não está preparado para essa construção do conhecimento, contudo, diferentemente de outras escolas que eu já trabalhei na periferia que apresentam gravíssimos problemas de violência e todos motivados pelas drogas, agradeço a Deus por termos essa clientela.
	10	Bom, mas já tivemos alunos melhores em relação ao comportamento. De uns dois a três

		anos é que a gente está recebendo alunos mais difíceis.
	11	Agradável. Graças a Deus é um ambiente tranquilo, com paz e harmonia. Fui bem acolhida aqui.
D	12	Tranquilo. No ano passado já foi um pouco problemático, pois havia muito problema de drogas. Ainda existe lá fora, mas aqui dentro mesmo da escola não há problemas tão grandes que a gente tem conhecimento. E hoje, com esse relacionamento com a UEPB ficou mais seguro, porque a gente conta com seguranças e isso amenizou muitos problemas, pois inibe determinadas ações de alunos que antes não tinham limites. Então o ambiente de trabalho aqui entre colegas e até mesmo em relação aos alunos é normal e sem maiores problemas. Lógico que há problemas, principalmente entre um turno e outro. À tarde nós estamos lidando com adolescentes e à noite já é um pessoal mais adulto. A noite aqui é bem melhor, é mais tranquilo e a gente consegue manter o equilíbrio da sala de aula. À tarde já se torna um pouco complicado, mas isso não é local, específico desta escola, é geral. Na rede pública, na rede privada é a mesma coisa. Engana-se que na rede privada não há problemas com relação à disciplina, o problema é sério, é geral.
	13	Bom, tem problema tem, porque a relação do ser humano nunca é estável, sempre têm pessoas que são mais compreensíveis, se relacionam bem, mas no geral eu sinto prazer em trabalhar aqui porque há equilíbrio. No geral, as pessoas são solidárias, o convívio é harmonioso enfim, o ambiente é tranquilo.
	14	Tranquilo

APÊNDICE 8: Quadro B - 2 (Percepção dos docentes sobre a relação professor/aluno)

Como você classifica a relação professor/aluno?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Eu classifico assim: o professor muitas vezes não tem autonomia na sala de aula, a questão a gente sabe, é social, porque a criminalidade está muito grande, mas também a postura do professor não tem sido correta na sala de aula. Eu vejo muitas falhas, o professor não sabe se impor acha que ele é inferior ao aluno, que ele tem que aguentar tudo do aluno, mas não é assim. Não é a gente ser grosso com o aluno, mas mostrar para ele que você é o “professor” e ele é o aluno na sala de aula, dar limites, pois o aluno não tem em casa. O professor perdeu autoridade como professor. Na Universidade a gente não é preparada para isso, só depois que a gente se forma que vem para realidade, para prática da sala de aula é que sente na pele o que realmente é ser professor. Eu já passei por essa etapa da Universidade e ela não nos ajuda nesse sentido. Tem assim no finalzinho do curso um estágio, mas não é “lá essas coisas”. Então penso assim, que o professor não está preparado para ser professor. Ele é preparado nas cadeiras que estudou, ou seja, a parte teórica, mas na prática o professor não é preparado. Eu creio que o dom de ser professor é o que é mais importante. Quem não tem esse dom sofre bastante. Às vezes o aluno acha que é como se ele tivesse na casa dele, falando com a mãe dele. Já que ele responde a mãe, também responde ao professor. A mãe não tem autoridade em casa e nem a gente também deve ter autoridade para ele, na sala de aula, é assim que ele pensa. Portanto quando ele bate de frente com o professor (a) que tem autoridade, sabe qual é seu lugar, se este professor (a) for também um educador! Porque se a gente só é professor tudo bem, mas se além de professor a gente é educador, isso incomoda. Eu sou professora, mas sou educadora, eu vou educar. Então a gente vai “bater de frente” com essas coisas, com conflitos, ameaças, tudo isso, mas a gente tem que ser maior que isso, ou então deixar de ensinar. Eu penso desse jeito.
	2	Eu classifico uma relação boa. Eu costumo no início do ano conhecer a família do aluno por mais que essa família esteja fragmentada. Às vezes o aluno mora só com a avó, às vezes não tem mãe, a mãe foi assassinada, o pai foi assassinado, o pai está preso. Então eu procuro dentro deste contexto ter um relacionamento bem responsável com ele, para que ele se sinta mais seguro. Eu tomo essa iniciativa para que caso surjam situações que necessite da presença dos pais ou responsáveis eu entro logo em contato. Mas no momento da aprendizagem se torna muito difícil. Porque muitas dessas crianças já trazem traumas de violência para sala de aula. Elas têm dificuldade de aprendizagem e a violência é um ponto muito forte no nesse processo. Alguns demoram muito para aprender. Para os poucos quatro ou cinco que têm uma família mais estruturada, mais organizada, o processo de aprendizagem é mais rápido, aprendem melhor. Já os outros que sofrem traumas de violência na família, demoram muito para aprender, às vezes eles não querem, mas percebo que é pelo sofrimento. Eu tenho um aluno de seis anos que o pai assassinou a mãe, então ele tem um comportamento muito agitado. Foi um crime muito comentado aqui no bairro. Isso aconteceu próximo a minha casa e eu não sabia que nesse ano iria receber o fruto dessa violência. Esse aluno vivenciou essa situação, porque de uma forma ou de outra teve que ficar sabendo. Ele perdeu a mãe e o pai está preso e isso é muito difícil. Outros, a mãe abandonou, os pais abandonaram, moram só com a avó ou uma tia toma de conta. Então tudo isso na cabeça do aluno é difícil. Ele não consegue compreender, por exemplo, porque outros alunos tem pai, mãe, irmão, uma família toda e ele não! Então isso na sala de aula reflete muito. Ele já chega agitado, grita involuntariamente, grita sem a gente saber de onde vem e porque aquilo, mas no fundo a gente sabe. Naquele momento se torna difícil para o professor porque tem que dar continuidade ao ritmo dos conteúdos, avaliar a aprendizagem.
	3	Na medida do possível é boa, embora o alunado seja muito difícil de lidar, é muito agressivo, trazem muitos problemas de fora para dentro e não sabem separar. Querem ver um ambiente escolar como um ambiente de vandalismo, quebram tudo e a gente fica meio de mãos atadas sem poder até mesmo dar disciplina e com medo do ambiente lá fora, como por exemplo, eu fui assaltada o ano passado e muitos professores também

B		foram. Às vezes a partir daqui eles já comunicam ao professor que vai saindo de bolsa que ele vai ser assaltado. Essa relação também está meio tumultuada. Os professores reclamam muito da falta de respeito, apesar de que alguns alunos ainda se apegam ao professor, abraçam, mas é difícil, não é fácil não.
	4	É uma relação aparentemente boa. Eu, por exemplo, não tive conflitos, mas tenho relato de vários colegas que tiveram, foram agredidos verbalmente, alguns até fisicamente. Não aconteceu comigo, mas é uma coisa costumeira aqui na escola. Eu denominaria de uma relação atribulada. É uma relação difícil, muito difícil. O diálogo é difícil porque muitas vezes a gente tenta empreender uma metodologia e não consegue, sobretudo por conta da agitação dos meninos em sala de aula. A relação deles conosco, considero como um pouco de conflitos. Muitas vezes falta para eles a ideia de respeito. Eu acho que esse conflito de fora eles trazem para dentro, porque eles não têm essa percepção de hierarquia fora do meio da escola.
	5	Eu classifico maravilhosamente bem. Eu me relaciono muito bem com eles, eu os amo, porque vejo que o que dá sentido a minha profissão são meus alunos, então nossa relação é muito boa. Eu tento fazer o melhor possível. Na minha sala nós não temos violência, porque eu não permito. A gente faz um acordo de convivência no início do ano e acredito que o professor é um exemplo. Se a gente trata bem os alunos consequentemente é bem tratada. Eu me sinto também amada por eles e vejo que a relação é recíproca. Eles me valorizam muito porque eu dou o melhor de mim e eu tento respeitá-los, por isso é que eu tenho o respeito deles. Meus alunos são muito especiais para mim. Às vezes eles chegam meio mimosos por conta de passar o dia trabalhando ou chegam meio estressados. Tem uma aluna que chegou bem agitada, jogou os livros no chão, bem nervosa, depois ela chorou e eu conversei com ela e a mesma me disse que estava passando por dificuldades no trabalho, inclusive aguentando muita coisa do patrão, pois ele é alcoólatra, quer dizer, ela estava sofrendo violência no trabalho. Então quando ela chega agressiva e a gente vai observar o porquê sempre tem uma história e depois ela pediu desculpas a mim e a turma dizendo que estava com a cabeça muito cheia. Portanto, a gente tenta criar um ambiente o mais harmonioso possível. A nossa turma fez uma eleição para escolher o nome da turma e o nome escolhido foi “turma da alegria”. Quando alguém chega triste ou agressivo a gente chama para conversar, chega pertinho e é assim, os problemas existem, mas a gente tenta não deixar ficar aquela agressividade. (3º e 4º série)
	6	Minha relação é boa porque eu trabalho os valores e valorizo cada atitude deles, cada ação e eles têm o hábito de pedir desculpas um ao outro. Então minha relação é sempre de muito diálogo e companheirismo com eles, mostrando os valores, valor do perdão da amizade, de conversar, dialogar. É claro que eles divergem pensamentos um do outro, é a nossa condição humana. Ontem mesmo aconteceu um caso de uma aluna mandar um bilhetinho para outra perguntando se ela queria ser sua amiga e que ela marcasse sim ou não. Então ela marcou não e devolveu o bilhete. A colega perguntou por que respondeu, ela disse: porque eu não gosto de você, pois uma vez você já mexeu comigo. Então a colega ficou insatisfeita e me mostrou o bilhete. Percebi que havia caso de desentendimento entre elas, inclusive a mãe dessa menina que não aceitava a amizade veio, dois dias antes, falar comigo dizendo que a garota estava incomodando a filha dela e que ela estava chegando frequentemente em casa chateada sem querer vir para escola. Eu conversei com a turma e com essa menina. No dia seguinte veio à reação novamente a menina mandou o bilhete e a colega disse não. Então tive que intervir e falei sobre a importância da amizade, do perdão, por que se a gente não exercita o perdão quando criança, quando adulto vai ficar tudo mais difícil. Falei sobre o perdão correlatei alguns casos, inclusive o caso dessa aluna que não perdoava a coleguinha e pude perceber por meio de conversas que havia algo por trás desse rancor. A relação com o pai era o motivo, pois ela não perdoava o pai por ter se separado da mãe e, consequentemente não perdoava a colega. Então, depois da conversa pedi para que a menina fizesse o bilhete com a mesma pergunta. Observei a expressão do rosto dela no momento que ela marcou o X e comentei que estava atenta a expressão do seu rosto e vi que o perdão não era verdadeiro. Ela mudou de atitude, ficou com a expressão mais amena, entregou o bilhete à colega e pediu desculpas pelo o que tinha feito e agora ia tratar ela como amiga. Percebo isso também com outra colega de trabalho, mas percebo também uma relação contrária com outra colega de trabalho, ela e os alunos... é uma relação de estresse, de

		grito então às vezes quero interferir e ajudar, mas é complicado a gente intervir na sala de aula de outro professor.
	7	É uma relação boa, de muito zelo por conta da faixa etária, do momento que a gente vive que é bem violento. É violência em todos os sentidos; doméstica, da própria rua, de morte, então eu tenho um cuidado bem especial de manter um relacionamento comum, não naquela que o professor é o bicho. Eu procuro ter um relacionamento bem humanizado. Em relação aos alunos, eu posso dizer que no 6º ano ainda é aquela relação de tia, respeito e muito cuidado para não fazer as coisas erradas. No 9º ano e no 8º já é mais amigável, já perde essa relação familiar.
C	8	Comigo é sempre boa. Às vezes o pessoal classifica e diz que eu sou muito amigo dos alunos porque eu procuro conversar muito com eles, saber se existe algum problema na família. Os problemas que existem na escola são porque já vem de casa, é distorção familiar. Eles me procuram, vem tirar dúvidas, procuram para participar do projeto, pedem para arrumar projetos para eles participarem, se interessam. Além de ser um pouco preguiçoso, mas eu fico atento nessa tecla para deixar a preguiça de lado.
	9	É uma relação boa, de sensibilidade, aproximação. Na minha perspectiva de educadora, há mais de vinte anos de educação, acho que para você construir o conhecimento precisa primeiro de que tudo se humanizar e eu sinto essa relação humana entre professor/aluno e nessa relação não tem aquela distância como, “eu sou o mestre, o dono da verdade, o inacreditável”. Sinto uma relação de amizade e são os laços de amizade que vão ajudando agente construir conhecimento.
	10	Comigo eu não tenho problema, mas escuto comentários de colegas que têm muitos problemas.
	11	Acredito que aqui deveria ter mais disciplina, porque tem escola que eu ensino e vejo que os alunos respeitam mais tanto o professor quanto direção. Aqui a disciplina deveria ser mais atuante. O convívio é bom. Eles interagem quando estão afim. Às vezes meio dispersos, mas sempre que sentem necessidade eles vão ali.
D	12	Meu relacionamento com os alunos é bom, lógico que há algumas divergências. A gente tem que pegar no pé de A, B, C que realmente vem para escola para atrapalhar, mas no geral são problemas que se contornam facilmente. Resumindo, como eu procuro tratar meus alunos da melhor forma possível, ou seja, da maneira que eu gostaria de ser tratado, a relação deles para comigo é muito boa.
	13	É uma relação de amizade, um respeitando o outro. Basta o professor considerar que não é dono da verdade, que não sabe de tudo, mas que cresce com o aluno, pois na medida em que eu me relaciono com eles, vou crescendo e aprendendo. Eu já estou perto de me aposentar, mas acho que aprendo com eles e sinto prazer em estar convivendo com eles, porque é através deles que eu posso exercer minha profissão e ganhar o salário numa profissão que eu tanto gosto. Essa relação tem que ser de amizade, respeito, amor, ver as dificuldades deles porque eles estão na idade mais difícil. Os adolescentes estão naquela fase de ter alguém que mostre um caminho e eu me sinto muito responsável por isso. Que eu passe na vida deles e que possa ser uma referência boa. Sobre a relação deles para comigo eu acho boa. Eles dizem que gostam da minha aula, que eu sou bonita, ou seja, é uma relação de carinho. Às vezes conversam, mas eu lido com isso de uma forma legal. E a relação é mútua porque quando a gente trata um aluno bem você também é bem tratada.
	14	Alguns conflitos mais tudo dentro da normalidade.

APÊNDICE 9: Quadro B - 3 (Percepção dos professores sobre as principais evidências de violência no ambiente de trabalho)

Para você, quais as principais evidências de violência nesta escola?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Olha, é como eu disse, começa tudo na sala de aula. Se o professor não tem autoridade na sala de aula, fica difícil para toda a escola controlar o aluno. Se o professor não controla na sala, o porteiro não vai controlar, o diretor não vai controlar, ninguém vai controlar e o descontrole vai ser geral. Então, eu volto novamente para a questão do professor. Só deveria ser professor quem realmente se identificasse, tivesse compromisso. Aquele testezinho que a gente faz quando vai prestar vestibular, aquilo é muito importante. Mas, às vezes as pessoas não fazem, não se preparam para saber o que realmente tem que ser na vida, dá nisso! Volto para o professor que tem competência, mas não tem o domínio. A violência que eu percebo não na minha sala, porque quando eu pego qualquer coisinha eu já corto, mas em geral é coisa besta, que se o professor tivesse autonomia, se fosse forte ele poderia até sanar com aquele problema, mas não! O aluno acha brecha na fraqueza do professor, depois na fraqueza dos técnicos, depois na falta de atitude da direção, então a desgraça está feita. É um mal, uma cascata de mal. O mal começa pequeno (a questão da impunidade), você não pune, aí leva para outra pessoa que leva para o maior que não pune. Então, tudo termina em pizza. Por isso que a violência está assim, a gente chama a mãe e o pai na escola, mas eles não vêm!
	2	Agressão entre alunos. Eles resolvem as coisas deles na base da violência. Não se faz mais assim de chegar para o professor e dizer, professor fulano fez isso comigo, fulano está fazendo uma careta para mim, fulano pegou meu material, não, eles já resolvem, já partem pra cima, quando você vê já está a briga. Só depois é que ele vai explicar porque foi e às vezes é um motivo tão banal que dava pra ser resolvido com um bom diálogo, mas como eles já estão acostumados a presenciar os atos de agressão e violência no bairro em que moram serem resolvidas também com violência, eles acham que essa é a forma mais certa, mais correta e mais comum.
	3	Agressão física entre alunos, o desrespeito, violência verbal, assédio moral aos professores (eles ficam com palavrões), a violência entre os alunos que é muito grande, a violência contra o patrimônio público porque eles quebram tudo, intimidação, pois sempre que eles têm oportunidade querem que a gente tenha medo deles. Por exemplo, se ocorre um problema na sala de aula e a gente leva o caso à direção, e conseqüentemente, a direção os chama, eles dizem assim: “eu vou pegar lá fora, não tem medo de morrer não professora?”
	4	A gente, às vezes, chega a ver um aluno machucado, vê que ele está com alguns sinais de violência, muitas vezes o próprio comportamento indica sinais de violência. O comportamento é fundamental, porque às vezes o aluno quieto se torna muito violento, a ponto de a gente chegar para conversar e ele já reagir. Às vezes ele é muito agitado e de repente está calado como aconteceu com um aluno o ano passado. Quando a gente foi investigar, ele estava sofrendo muito abuso sexual por parte do padrasto e era um menino. Então para você ver como a situação é complicada. Nós convivemos com esses alunos desde que eles chegam aqui até o momento que eles saem que é o nono ano, então desde o comportamento até uma observação física mesmo, que pode ser um machucado um bracinho roxo, a gente percebe logo.
B	5	A falta de respeito, tanto de professor quanto de alunos e pais, é o que gera mais violência, pois se a gente respeita é porque quer ser respeitado. A educação doméstica que também está faltando. Nós tivemos um caso de um aluno que bateu na mãe, quer dizer, veja o nível de educação que existe nesse lar, ou seja, nenhum. Acredito que a violência verbal e física que existe nesta escola parte, principalmente, de alunos provenientes de famílias desestruturadas e quando falo de família desestruturada eu não falo de família padrão, pai-mãe-filhos, mas de uma família, que mesmo que não tenha um membro, mas que tenha os valores básicos, porque aqui nós temos crianças que são criadas por avós e são maravilhosas. Muitos alunos perdem logo a paciência, eles brigam entre si, até meninas estão brigando. No geral, alguns jovens se desentendem, brigam, se

		agredem até mesmo os alunos da noite do EJA estão brigando.
	6	Brincadeiras inadequadas de empurrar, machucar, agredir mesmo. Tem uma brincadeira que eu mesma proibi. As brincadeiras são mais agressivas como, por exemplo, de subir em cima do colega, no pescoço do colega, de chegar e dar uma tapa na cabeça, chutar a canela na hora do futebol, não aceitar perder. Tem os apelidos, “bullyng”, pois causa muita violência por que o colega revida. Tem os palavrões que usam com frequência como xingar a mãe, a família, tudo isso é motivo para que eles batam um no outro, sem contar o que eles trazem de casa e refletem na escola, como por exemplo, os alunos que chegam machucados de casa e por estarem machucados tratam os colegas com agressividade falando com grosseria. Meu trabalho é sempre focado nisso, no combate à violência. Eu trabalho muito o lado humano, dou instrução mesmo e tento humanizá-los, pois eles chegam aqui (desculpem a expressão) como “bichos”, bichinhos que precisam ser domados, domesticados, por exemplo, um animal quando vai defender seu território ele não pensa, mas tem consciência e já chega armado pronto para brigar mesmo. Então com o passar do tempo eu tento mudar essa realidade mantendo o carinho, a amizade e o trabalho em grupo com muito esforço e trabalho.
	7	Desrespeito entre eles, o apelido, o bullyng, o desrespeito ao professor, funcionário e direção.
C	8	Violência do dia-a-dia; eles discutem entre si mesmo. A gente chega e mostra que eles são todos amigos e que a escola é uma extensão da família e eles têm que se comportar como irmãos. Eu converso direitinho com eles e no fim tudo fica tranquilo.
	9	Bullyng contra o homossexualismo, gordinhas, estrábicos, mas o que realmente acho que é o mais disfarçado, mas agressivo é o bullying praticado contra homossexuais. No convívio, na fala, na sala de aula, nas atitudes, no trabalho em equipe, vez por outra eles deixam escapar. Em relação ao professor existe o bullying, uma vez ou outra, porque agente sabe que é próprio da fase do aluno, porque a sociedade criou este estilo de pessoas lindas, físico bem trabalhado e o professor que não se encontra nesse padrão de beleza, sofre bullying. Eles disfarçam, mas existe. Eu tenho 25 anos de sala de aula e idade de me aposentar, mas eu não pretendo me aposentar, porque acho que de uma forma ou de outra a sala de aula sempre nos obriga a ser melhor. Por exemplo, na minha idade, com mais de cinquenta anos, fui obrigada a ser íntima do computador, a ter Facebook, a fazer um Blog. Eu tenho trabalho com meus alunos com Blog, que dizer, eu estou jovem e se eu não estivesse na sala de aula eu estaria uma velha.
	10	Violência verbal.
	11	Violência verbal, desrespeito e vocabulários de baixo nível.
D	12	Eu acredito que a violência maior é a verbal. A física acontece, mas são casos raros. Este ano mesmo já houve problemas aqui entre alunos do turno da tarde, mas o que a gente vê muito aqui é o bullying. De vez em quando a gente vê aquela confusão entre alunos por conta de alguns tipos de brincadeiras, apelidos e insultos que hoje em dia infelizmente está se alastrando.
	13	Aqui nós fomos privilegiados. Não há muita violência, o único defeito que eu acho é que eles não são muito motivados, não gostam muito de estudar. Mas eu vejo que eles são calmos, afetivos, não chamam palavrões, fazem barulho, mas é muito difícil violência aqui. Há discussão, mas que a gente pode controlar.
	14	Violência verbal, mas nada que tivesse grande relevância.

APÊNDICE 10: Quadro B - 4 (Violência praticada no ambiente escolar e vivenciada por professores)

Você já vivenciou algum tipo de violência na sala de aula ou dentro das acomodações da escola?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Eu vivenciei isso nesta escola. Eu não fui punida, mas eu fui injustiçada. Houve um fato no mês de maio. Tinha uma professora grávida já com muitos meses de gravidez e eu fui socorrê-la numa sala de aula de outra professora. Dois alunos já grandes, adolescentes, brigando de murro, empurrando carteira. Eu vi a hora a carteira bater na barriga da professora. Saí da minha porque a zoada foi grande, só eu não, todos correram, mas eu paguei o maior preço por minha atitude, pois entrei na sala de outra professora, que não era para eu ter entrado, mas eu fiz assim por questão humana. Entrei, tirei a professora grávida e os alunos continuaram dando murro um na cara do outro como se não tivesse entrado ninguém. Vieram outros professores, tiraram os alunos e encerrou a confusão. Eu pensei que a professora titular que estava na sala viesse depois me agradecer, porém a própria colega de trabalho me chamou na sala dela e na frente dos alunos me matou de vergonha, dizendo que eu não podia ter invadido a sala dela, porque ela tinha estudado muito para estar ali e eu era apenas prestadora de serviço (porque eu fiz o concurso, passei, mas ainda não fui chamada e ela foi). Eu me calei, mas passei três dias doente na minha casa com desgosto, de você querer salvar esse tipo de coisa dentro de uma escola, mas a gente vê que tem muita convivência do professor, da direção de todo mundo. Infelizmente é isso que ocorre.
	2	Já. Aluno partir para cima do outro, furar com o lápis. Estava acontecendo com frequência na sala de aula, praticamente todos os dias. Então, eu comecei a ter mais cuidado, a conversar mais com os alunos. Antes de começar as atividades eu faço um momento de oração. A gente faz um compromisso de naquela manhã, só fazer o bem para o outro, isso todo dia, todo santo dia, já para ir amenizando. Você furou o outro; você quer que ele fure você também? Você bate; você só resolve as coisas batendo fulano. Você gosta de apanhar também? Não, não gosta! Então, eu digo “não gosto de apanhar, por isso que eu não bato nos outros, porque se eu começar a bater os outros eles vão bater em mim”, vão partir para cima de mim também. Vamos ver se a gente só faz para o outro aquilo que a gente quer para a gente também. Ai todo dia é esse exercício, mesmo assim, ainda eles vão em cima do outro, agredem, puxam o cabelo, cortam o outro de unha.
	3	Já. ameaça verbal, intimidação, assalto. Há poucos metros da escola fui assaltada, espancada e tudo, saiu até na televisão. Na minha sobrelha tenho 11 pontos (deixa eu te mostrar a foto). Isso aconteceu com meu aluno que era matriculado no turno da noite, mas não frequentava as aulas. Nessa época eles faziam muito isso, diziam: cuidado que a gente faz pior do que fez com aquela professora, para intimidar. Na época saiu no jornal da Paraíba em outubro de 2011. Depois desse fato, a violência verbal, e principalmente, a intimidação cresceu muito dentro da sala de aula. Eles ficaram: “cuidado professora, você vai ser assaltada”. Eu sofri muito psicologicamente até porque nesse mesmo período eu estava enfrentando um divórcio, então esse problema na época ficou pequeno diante do que eu estava passando. Na realidade meu esposo me agrediu, ficou preso e esse fato também saiu no jornal.
	4	Violência a gente vê cotidianamente, seja ela, física ou verbal. Eles se agredem a todo o momento, e de bater mesmo! É como se para eles a violência fosse uma brincadeira, fizesse parte do convívio social, tanto se agredem entre eles como agredem qualquer outra pessoa. Por exemplo, ontem à noite um aluno da turma da educação de Jovens e Adultos – EJA foi agredido com socos dentro da escola por outros três alunos, e segundo o pessoal de fora, ele foi ameaçado de morte. O procedimento num caso desses é chamar a polícia, uma vez que o aluno já é adulto. Para controle interno da escola registramos a ocorrência, comunicamos a família e acionamos o Conselho Tutelar, que fica na incumbência de acompanhar o caso junto a família. Existem alunos que de acordo com o comportamento tem dezesseis ou vinte ocorrências, mas às vezes, o problema é mais familiar do que escolar.

B	5	Sim. Recentemente nós tivemos um caso de violência que envolveu polícia. Um aluno da noite agrediu outro e como a mãe do aluno que apanhou estava presente, ela foi defender seu filho e também apanhou do aluno. Em relação ao professor existe a violência verbal do tipo que ameaça como “cuidado professora”. Nós temos casos de alguns que estão envolvidos em outros caminhos. Falta de respeito quando os alunos respondem ao professor, não escutam, desobedecem. Antigamente, o professor era aquela autoridade (autoridade no bom sentido) não de autoritarismo, como por exemplo, agressão, porque eu sou contra professor que agride, porque o aluno tem que ser respeitado como o professor também deve ser, portanto, os valores estão invertidos. Agora o professor chama atenção, uma, duas, três vezes e chega até a gritar para o aluno atender. O aluno já traz esse costume de casa. Ele grita pai, mãe, aí chega aqui e quer fazer a mesma coisa com o professor. E a desobediência, quando a gente vai conhecer a família, então é tal pai, tal filho. Muitas vezes é até o jeito de falar e de se colocar.
	6	Sim, já presenciei alunos brigando e ao mesmo tempo alunos em volta deles incentivando-os, instigando-os a violência. Na sala de aula já presenciei xingamentos e palavrões. Um aluno que tomava medicação controlada derrubava carteira, rasgava prova.
	7	Já. Só nesta escola eu tenho 24 anos, então eu tenho uma história. A gente teve momentos aqui muito violentos e como a escola era aberta entrava todo tipo de pessoas. Eu fui ameaçada em sala de aula, mas hoje é que esta escola está mais tranquila. Entre eles a gente vê muita violência, não no grau que já foi um dia, pois está bem tranquilo hoje, mas antes tinha alunos com drogas, com armas. Eu atribuo que a violência diminuiu nesta escola, talvez pelo fato de serem estudantes filhos de ex-alunos nossos.
C	8	Discussão besta de namorico. Os meninos e as meninas discutem porque um olha para o namorado ou a namorada do outro e fica discutindo.
	9	Já vivenciei uma violência da qual eu nunca vou esquecer. Violência no sentido concreto e real da palavra com um usuário de drogas. Eu era diretora adjunta desta escola quando um aluno chegou cheio de drogas. As salas daqui são climatizadas, e portando, tem que ficar fechadas. O aluno que estava drogado jogou uma bomba nos pés de uma gestante com o professor dando aula. Ela me chamou, apontou para ele e disse: “foi ele”. Ela me cobrou uma postura como gestora e eu tive que expulsá-lo, mesmo sabendo que ele era da boca de fumo do cangote do urubu do Geisel. Eu tive que expulsar o aluno, botando minha cabeça a risco. Passei um mês sem dormir, mas expulsei porque todo mundo sabia que ele era da boca de fumo e muito perigoso, portanto sofri a violência e sei como é terrível. Então educar hoje é risco, você se expõe a riscos, risco de vida! É terrível essa situação de educador! Eu não sei como não criei fobia de entrar aqui à noite, porque eu entrava com muito medo. Deus que me perdoe, mas para mim, eu ia levar um tiro nas costas a qualquer momento. Eu tinha essa sensação toda noite.
	10	Sim. Falta de respeito. Também já presenciei um aluno que estava com uma faca, mas os policiais que estavam lá fora o pegaram antes de ele entrar na escola.
	11	Não, mas em outra escola sim. Na escola que eu ensino de manhã um aluno faltou com respeito à inspetora jogando um objeto na cabeça dela. Ela de imediato não chamou nem a direção, tomou atitude de chamar a polícia mesmo. Os policiais vieram e esse aluno disse que não teve a intenção de jogar nela, e por ser menor de idade, assinou apenas um termo se comprometendo em não agir com aquela violência, ou seja, não existe punição para os alunos. Também é comum entre eles jogar cadeira um no outro, ameaçar professores verbalmente e ficar por isso mesmo. Não se toma um posicionamento porque eles são usuários de drogas, fazer o quê?
D	12	Atualmente não, mas há uns dez anos, um aluno saiu da sala de aula algemado por que estava armado com um revólver e foi, inclusive, na minha aula. Segundo o que informou a polícia, ele estava armado para se defender de outro aluno. Eu acredito que tenha sido uma denúncia, alguém comunicou e a polícia veio aqui. O aluno foi expulso da escola e levado para o presídio do Roger.
	13	Já, quando fui diretora em uma escola a gente sofreu muito porque a violência era muito grande, do tipo dos alunos puxarem faca em sala de aula, jogarem pedras. Vi um aluno furando outro dentro da sala de aula, outra vez um aluno entrou com uma faca peixeira e agrediu o funcionário, mas a gente com um trabalho de acolhimento e orientação conseguiu mudar a escola. Quando eu assumi a direção trabalhamos com um projeto

		comitê antidrogas. Recebemos um prêmio com esse projeto da Secretaria da Cidadania de Brasília, aplausos da Câmara de Vereadores de João Pessoa, porque com esse projeto amenizou muito o problema das drogas e a gente conseguiu mudar o quadro e hoje é uma das melhores escolas do bairro. Quando existe uma direção que faz um trabalho por amor, com dedicação e que tem consciência que os alunos são vítimas de uma sociedade desumana, secular e desorganizada, que tem pais que não cuidam bem dos seus próprios filhos, então a escola só tem a crescer. Eu sempre digo: quando eu vejo um aluno desestruturado a gente já sabe que a família é desestruturada. Aqui na escola eu fiz um projeto de orientação educacional da família e a gente está notando que depois da implantação desse projeto, ocorreu uma grande melhora na escola. Os pais estão vindo para a escola porque eles estão assumindo as responsabilidades e a gente está mostrando a importância da parceria família/escola, pois a escola sem os pais não funciona bem.
	14	Alguns insultos.

APÊNDICE 11: Quadro B - 5 (Modalidades de violência praticadas contra os professores dentro e/ou fora da escola)

Quais as principais modalidades de violência praticadas contra os professores dentro ou fora das acomodações da escola?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Com os professores já ocorreu vidro quebrado de carro, pedrada no carro, arranhão no carro, tem professor aqui que tem o carro arranhado com o nome otária, uma série de coisas que entristece a gente. Isso é o tipo de violência mais comum, o aluno não se identifica, mas faz e já ocorreu aqui de professor quase apanhar do aluno. Tem professor que é transferido com medo de aluno, então todo tipo de violência já ocorreu nesta escola.
	2	Dentro da escola a agressão é mais verbalmente, principalmente quando se trata dos alunos maiores. Qualquer coisa eles agredem, chamam palavrões, mandam o professor tomar naquele canto e fora das acomodações da escola o professor também está exposto. Já teve agressão contra o professor fora da escola em assalto, mas a gente nunca sabe se isso foi reflexo ou não da violência do bairro. Às vezes o aluno não gosta de certa atitude do professor, e como eu já falei antes, ele não sabe dialogar, não sabe chegar à direção para tentar resolver, aí resolve com agressão. Às vezes quando não é com o professor é com um objeto do professor, por exemplo, carro já foi riscado, pneu já foi furado. Quando o professor vai pra casa e vê que os pneus do seu carro estão furados, quer dizer, isso também é uma agressão, é uma forma de demonstrar que não estão satisfeitos com alguma atitude. Ao invés de usar o diálogo, não, chegam e agredem. Já aconteceram casos de ameaças, de intimidação. Aluno que, dentro da escola, todo mundo tem medo dele, ele é o maioral, ele bate, intimida, ameaça e quando o professor quer tomar uma atitude, o mesmo enfrenta, mostra que não tem medo, que pode fazer alguma coisa contra o professor. Isso deixa o professor numa situação difícil, sem saber que atitude tomar.
	3	Violência verbal e ameaças como: ,vão ser assaltadas! não tem medo de morrer não!. Meu carro está todo riscado. Jogaram uma pedra em cima do retrovisor do carro da diretora adjunta. Primeiro, jogaram uma pequena, como não quebrou, jogaram outra que quebrou mesmo. No carro da supervisora colocaram o nome ALCAIDA, que é uma facção. Antes eu deixava meu carro aqui, mas agora, como ele está todo riscado, eu deixo mais distante da escola. Depois que fui assaltada e espancada por um aluno daqui da escola, da qual levei vários pontos, eu fiquei com medo, mesmo morando muito perto (na outra rua) eu fiquei com medo de vim para escola.
	4	Dentro da escola é a violência verbal, agressão, apelidos e expressão do tipo “vai pra aquele lugar!”. No ambiente externo da escola vários colegas, já foram assaltados por alunos da escola, inclusive eu. Alguns deixam a gente perceber que são eles mesmo que estão assaltando e depois estão aqui dentro da escola e a gente não pode fazer nada porque são menores e o que pode acontecer é uma advertência. Uma professora, colega nossa do Fundamental I, foi agredida com socos na porta da escola. A gente não aguenta mais! Não é culpa da direção, porque a gente encaminha para a Secretaria da Educação, o Ministério Público, a Polícia. Eventualmente, aparece uma viatura e quando vem a polícia, acalma um pouco, mas depois retorna toda uma rotina de violência. A gente pede a Secretaria da Educação um guarda municipal, mas infelizmente não vem. No começo desse ano quando chegaram 32 computadores, a escola foi assaltada às seis horas da manhã antes de abrir o turno e pelas próprias pessoas da comunidade e todo mundo sabe quem foi, mais enfim..., o vigia foi agredido e sempre que chega material , eles já sabem como é que funciona, ligam daqui mesmo para fora. Houve ocorrência de drogas na escola de alguém que trouxe para vender, então a gente vive num contexto de violência muito grande e pesado. Alguns meses atrás jogaram uma pedra (paralelepípedo) no carro da diretora em virtude de um problema que ocorreu com um professor, mas os alunos imputaram a culpa na gestora. O professor foi obrigado a sair da escola. Eles também arrombaram o carro da supervisora, quebraram o cano de escape e arrancaram a tampa de combustível. A gente não deixa mais o carro aqui, deixa na outra rua, mesmo correndo o

		risco de ser assaltada. Se chegar aqui de 13h e sair de 5h40m (início e término das aulas) corre-se o risco de o carro está completamente arranhado com os pneus baixos, pois enquanto os alunos estão dentro da escola os carros estão “seguros”, mas qualquer carro que fique aí fora no início e no término das aulas, período em que os alunos estão entrando e saindo da escola, o carro é arranhado e tem os pneus baixos. Eles não precisam gostar ou não gostar da gente, fazem isso, porque para eles a violência é uma coisa cotidiana, é como se fizesse parte da vida deles. Além do mais, a gente não tem estacionamento e como a quadra da escola fica do outro lado, então eles podem danificar os carros na ida e na volta à quadra.
B	5	Violência verbal, falta de respeito, falta de limites, o aluno quer fazer o que quer. Com relação ao professor é quando ele não valoriza o aluno como deveria ser valorizado. Se um aluno está chamando tanta atenção, se está agressivo, vamos ver o que está acontecendo com ele, vamos ouvir os pais, buscar ajuda aqui na escola, com a equipe técnica e não desistir do aluno, não rejeitá-lo. Eu sei que a missão do professor é muito difícil e árdua, e se a gente não está conseguindo sozinho deve buscar ajuda. Muitas vezes, o professor por ser essa pessoa limitada tem certa rejeição pelo comportamento do aluno que lhe é apresentado, mas se você começa a compreender, saber o porque, o que está acontecendo, a gente já começa a entender melhor o aluno e até mudar nossas atitudes também. Buscar outras alternativas, conversar, buscar o diálogo. Às vezes a gente sabe que aqui na escola não se pode fazer milagre, não se pode fazer o papel dos pais que é direcionado para eles mesmos. Não se pode abraçar tudo, tem que se fazer o papel que é realmente da incumbência da gente, mas se pode buscar também ajuda encaminhamento e não desistir.
	6	Tem a violência verbal e as ameaças dos pais. Já presenciei pai intimidar a professora com ameaças do tipo: estou de olho em você! Vou prestar atenção nas suas atitudes! Que ela cuidasse do filho dele, que era melhor para ela.
	7	Eu acho que hoje a gente não sofre como antigamente, mas normalmente são nomes de baixo calão, xingamentos, desrespeito, violência verbal. Segunda-feira retrasada três assaltantes entraram pela janela, por sinal, dois deles foram ex-alunos nossos. Eles entraram e assaltaram.
C	8	Às vezes quando tiram uma nota baixa eles dizem: olha tenha cuidado que eu vou lhe pegar! Mas, não fazem nada não.
	9	O desrespeito, a desobediência, se eles tiram uma nota baixa amassam a prova e joga na cara do professor. Essa semana eu fiquei escandalizada com o comportamento dos jovens na abertura da Semana Cultural, pois enquanto estava tocando o Hino Nacional, um menino batia bola sem nenhum respeito à Pátria. Se o aluno não respeita nem mais o Hino Nacional como é que ele vai respeitar o professor? Acredito que a família tem alguma culpa nisso, pois acredito que esse desrespeito vem de casa, não respeita nem pai nem mãe porque quem respeita pai e mãe não tem esse comportamento. Quem vem com regras aprende limites e quem recebe limites dentro de casa, não chega à escola desrespeitando diretor, professor, hino nacional e visitante.
	10	Violência verbal e violência física de professor e aluno. Em virtude de conflitos internos um professor aqui da escola teria também agredido um aluno.
	11	A violência verbal.
D	12	Essa escola comparada a outros é um paraíso. A gente não vivencia essa violência que se vê em muitas outras escolas. Através de depoimentos de colegas que já passaram por esse tipo de violência e continuam passando a gente tem que viver amordaçado porque a coisa está complicada. Não se respeita mais hoje o professor como antes. A gente vê agressões de alunos em sala de aula, em todo o Brasil e no mundo inteiro.
	13	Para mim, é o professor querer dar aula e não poder, pois os alunos não querem, não prestam atenção e o professor se sente solitário, ali na frente porque não interage professor e aluno; a falta de respeito. Por outro lado sei que se o professor sabe se portar bem, tem autonomia, liderança, ele é bem respeitado tanto na sala como fora.
	14	Violência verbal, insultos.

APÊNDICE 12: Quadro B - 6 (As armas como expressões da violência: uma realidade no contexto escolar)

Você já viu algum aluno portando arma nesta escola?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Encontrei uma faca na minha sala de aula, mas não foi só aqui, encontrei na outra escola também. A faca até uma pouco grande. Eu iria entregar, mas não entreguei porque eu sabia que se entregasse não iriam chamar a mãe, iriam deixar guardada. Então, para guardar, eu guardo. - E o aluno? - Eu o chamei a atenção. Mostrei para ele que ele não é bandido. Ele é um aluno e que eu não estou formando bandido e sim, cidadão de bem. Que fosse a última vez que ele trouxesse qualquer tipo de arma para minha sala, porque se a escola não desse jeito eu iria tomar uma atitude, ou seja, iria entregar o caso à justiça, e foi assim que não ocorreu mais. Porque hoje em dia para ensinar tem que ter pulso, ou então, deixe a profissão.
	2	Estilete, faca e arma caseira que eles fabricam: eles pegam a caneta, quebra e cola a parte da lâmina da lapiseira formando uma arma. Eles constroem muito. Eu já peguei na sala e tomei várias. Eu já fico de olho, quando o menino quebra a lapiseira na sala eu já coloco num saquinho e guardo. Eu não coloco nem na lixeira porque eles vão atrás ai, eles tiram parte da lâmina e colam. A gente não pode confiar porque eles furam o outro de lápis, imagine na hora da raiva. Também já foi pego faca na bolsa de alguns alunos maiores e ainda bem que pegaram antes, pois não se sabe para que trouxeram. O aluno diz: “eu trouxe pra fazer a ponta do lápis”, mas você não vai trazer a faca na bolsa pra fazer a ponta do lápis! Isso não é normal.
	3	Estilete, mas às vezes eles trazem uns ferrinhos.
	4	Canivete, pedaço de pau e estilete. Em outra escola eu já vi um aluno portando um revolver dentro da sala de aula. Eu fiquei apavorada. Logo informei à direção que tomou as providências devidas. Na realidade, o aluno disse que estava portando a arma para se proteger, pois fazia parte de uma facção rival e estava ameaçado.
B	5	O próprio lápis na hora da raiva.
	6	Faca (mas a aluna disse que era para apontar o lápis), estilete, a pesar de ser proibido aqui, e ainda, um tipo de arma feita com a gilete da lapiseira.
	7	Não vi.
C	8	A arma que eu já vi, eles portando aqui, que até eu não concordo em trazer para a escola, é justamente esses estiletos, eu digo: olha isso é uma arma, eu não quero isso dentro da escola, mas eles trazem e usam como apontador de lápis. Agora nos arredores ou portão de outras instituições já vi gente armada de revolver.
	9	Só estilete, mas a direção proibiu.
	10	Faca
	11	O estilete.
D	12	Revolver.
	13	Aqui não vi, mas em outra escola foi faca.
	14	Não tive essa experiência.

APÊNDICE 13: Quadro B - 7 (Surgimento da violência na escola: o que pensam os professores?)

A que você atribui o surgimento da violência na escola?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	<p>A questão da família. A família está se desintegrando. Por exemplo, a mulher é casada aí se separa do marido. Ela não espera muito tempo já coloca outro homem dentro de casa. Então começam os conflitos de paternidade, o menino está vendo um homem diferente na casa dele ou a menina vendo uma mulher diferente que não é sua mãe, não é seu pai, tem que engolir aquilo. E a mãe acha tudo muito natural, que o filho tem que ver aquilo, tem que participar e tem que gostar. E a criança começa a se revoltar, e a gente já percebe na sala de aula a mudança de comportamento. Outra coisa também que eu percebo, essa mudança é quando morre uma mãe ou quando morre um pai.</p> <p>Há outros casos também de criança que moravam na rua, porque a mãe era drogada (eu tenho esse caso na sala de aula), mas isso também não impede de a gente educá-los. Isso não é barreira nenhuma, porque ele não tem pai, é separado, porque a mãe morreu. Isso tudo são obstáculos, mas que a gente tem que passar por cima e dizer: sua mãe morreu, mas você está aqui. Sua mãe está olhando por você e você tem que vencer. Você não vai mais trazer sua mãe de volta fazendo isso. Vamos ter calma, vamos nos orientar. É o que eu faço na minha sala (Eu tenho um caso assim também). Então muitas vezes a gente chama a família. A família já vem com “sete pedras na mão” achando que a gente está julgando os filhos dela, os netos dela, que a gente é ruim, que o professor não presta. A gente só chama para ajudar a própria família. É para ajudar a criança e a família, porque ele não vai ficar criança, ele vai crescer e o descontrole vai ser total. A família se desestruturou, aí a mãe, o pai, a tia, jogam a responsabilidade toda para a escola, querem que a professora seja a mãe dele, a avó dele, a tia dele. Então é a transferência de educação, de responsabilidade. A família não quer ter mais essa responsabilidade. A criança só é bem tratada dentro de casa e bem aceita quando não dá trabalho, se deu um trabalhinho a família diz, esse menino não presta. Como é que você quer que uma criança preste se você diz que ela não presta? A família se desestruturou de uma forma que a gente não sabe mais o que fazer.</p>
	2	<p>Eu acho que é uma questão social. Eles já trazem do ambiente onde convivem, onde moram, do próprio ambiente familiar. Às vezes eu chamo a família para conversar, porque quando a gente chama o pai, a mãe ou o responsável, não é para ele dar uma surra na criança porque se uma surra resolvesse, todo mundo só levaria uma na vida. A gente chama a família para tentar ajudar, para ver se juntos possamos ajudar essa criança, mas aí tem pai que já chega e diz que vai matar a criança, vai dá uma surra quando chegar em casa. Quando o pai se comporta dessa forma eu não chamo mais, porque ao invés de ajudar ele vai complicar a situação. Se o professor chama o pai ou o responsável pelo aluno e ao chegar em casa o pai espanca a criança, qual o retorno desse aluno na escola? Vai querer se vingar do professor, dos colegas, do ambiente da escola. Ele vai achar que é uma continuação da violência dentro de casa. Se eu estou expondo o aluno, estou fazendo com que aquela violência que ele presenciou em casa dê continuidade lá fora também. Então, ele não vai ter mais confiança no professor. Enfim, acho que a violência dentro da escola já é um reflexo da família, da comunidade onde ele convive, porque a maioria da clientela desta escola vem daqui do bairro São José, onde a gente sabe que ali moram muitas famílias boas, organizadas. Quantos alunos eu já peguei quando eu cheguei aqui e agora estão moças e rapazes estudando à tarde na segunda fase com compromisso com os estudos. É porque vem de uma família estruturada, mas a gente sabe também que o bairro é muito violento. Lá dentro acontece o tráfico de drogas, a violência, crimes que as crianças presenciam, chegam aqui contando como se fosse uma coisa natural. Quantos alunos, mães de alunos eu conheci, que eu tinha um relacionamento mais próximo que foram mortos envolvidos com drogas, mas quando tentam sair dessa situação, os traficantes vem e apagam, ou seja, matam. Alunos que eu vi aqui pequenininho, de repente a criança chega e diz: oh tia, mataram fulano ali. Isso</p>

		para eles está se tornando comum. E eles acham que dentro da escola quando o colega o incomoda ou o professor faz alguma coisa que eles não gostem muito, eles acreditam ser correto resolver as situações também com violência. Então, já é um reflexo do meio social em que convivem.
	3	Acredito que é principalmente por causa da renda e do o acesso muito fácil as drogas, pois eles moram em bairros que é o foco do tráfico. Eles começam muito cedo a se drogarem, se prostituírem, e isso tudo repercute na violência. Colegas são mortos e para eles tudo é natural. Falam: “não tem medo de levar um tiro não”? Então um tiro para eles é normal.
	4	Eu acredito que seja o contexto em que eles vivem. Moram numa comunidade em que as pessoas morrem todo dia e já acordam escutando: fulano levou um tiro na cabeça, então é o acontecimento do bairro. “Professora, fulano morreu! Fulano foi preso! Falam ’ mortes com muita naturalidade e para eles é como se fosse o espetáculo do terror. uma pessoa morta, ver alguém que levou uma facada, um tiro, para eles, isso faz parte do cotidiano, e eu acho que eles trazem essa vida deles para dentro da escola. Acredito que o fator fundamental é que eles trazem a realidade deles aqui para dentro e muitas vezes há o conflito, porque aqui existem regras as quais eles não querem cumprir. Por exemplo, como é que eles vão se comportar ou aceitar as regras da escola se vivem no meio de tanta violência? “A gente tinha um caso de uma aluna que o pai ficava drogado e queimava as meninas com ferro quente e isso a gente absorve porque não tem como não viver. Então uma das nossas atitudes é chamar o Conselho Tutelar e ficar esperando que eles resolvam.
B	5	A falta de educação familiar, da estrutura familiar e falta de preparação do próprio professor. Ele precisa ter muito cuidado com o modo de se comportar, porque nós sabemos que somos espelhos e exemplos para eles. Um professor que chega agressivo está possibilitando também agressividade, porque violência também gera violência e generosidade também gera generosidade. Então eu vejo um todo, não vejo apenas o aluno e não apenas o professor, mas a escola em si, é tudo muito integrado, é que o comportamento gera o outro comportamento e assim sucessivamente.
	6	Duas coisas: 1º a relação familiar, como história de família, a vivência; o alcoolismo (mais do pai); ciúmes do parceiro que tem provocado brigas em casa, agressão física e as crises até relatam em textos situações em que o pai arrombou a porta e bate na mãe, caso de abuso sexual na própria família. Eu tinha uma aluna com 13 anos de idade e já vivia com um homem que era traficante muito conhecido aqui no bairro. Quando o caso foi descoberto tentamos um trabalho de conscientização na turma, fazendo um trabalho mais focado nela. Então essa menina convivia com esse parceiro que era traficante, já estava envolvida nessa situação de violência e passava isso para as outras colegas. A TV influencia muito, principalmente os programas de violência como, por exemplo, o “Programa de Samuca”, todos os dias eles sabem quem morreu e chegam à escola contando, o que eu não acho saudável. Eles assistem mesmo, sabem quem morreu, de que morreu, de que forma foi e contam o que aconteceu, praticamente é o primeiro assunto do dia. Depois da minha interferência eles passaram a assistir menos e como moram em um bairro que tem muita violência, sabem quem morreu na rua deles e relatam. Eles são muito soltos, os pais deixam brincar na rua, ficando expostos a escutarem, a ver, a passarem pela violência, então, a família não cuida, não orienta, não dá limites. E também há o roubo de aparelho celular e este roubo é uma forma de iniciar a violência.
	7	Primeiro, acredito que a escola perdeu sua autonomia, talvez tenha sido mal usada em algum tempo, não nesse daqui, mas mediante a história a gente sabe que houve um abuso de autoridade, mas acho que uma das principais é a falta de autonomia. A gente ser obrigada a conviver com certas coisas que nem a família conserta nem acata, nem o Conselho Tutelar dá jeito e a gente é obrigada a estar com aquele aluno. Eu até vejo de certa forma bom, mas a gente tem que pensar no momento. É um aluno que às vezes vem com um histórico familiar (violência na família) que a gente é obrigada a conviver, mas não pode falar sobre o fato. A própria autonomia da escola não dá certo, porque a gente tem 25 alunos, um traz esse tipo de problema e a gente não pensa no montante, pensa só naquele. Outro fato é a impunidade. Eu sou de uma época em que a escola com dois anos de

		repetência não aceitava mais. Hoje, a gente tem aluno que repete “mil vezes” e está de bom tamanho. É um absurdo! Alunos que no primeiro dia de aula perguntam: tem progressão? E é esse aluno que chega ao final do ano sem nota, sem nada, porque ele sabe que vai ter o direito. Eu tenho um caso de uma aluna que passou seis meses sem cursar as aulas de dependência em três disciplinas e agora a escola em vez de voltar para a série anterior, não! Não pode voltar, porque ela vai está fazendo de novo e não quer fazer, ou seja, falta de autonomia.
C	8	Ao desajuste familiar, pois já é uma questão social. Eles se sentem a margem da sociedade e procuram resolver de outra maneira buscando as drogas.
	9	Eu tenho plena certeza que é um reflexo da insatisfação social, desse capitalismo que destruiu as famílias, pois as famílias foram fragmentadas devido à necessidade das mulheres trabalharem fora, por isso colocam os filhos na escola, não dão a estrutura que davam e essa fragmentação reflete no comportamento do adolescente que só aprende o que a sociedade tem de ruim como droga, violência, moda, quer dinheiro sem ter. Então a escola é esse reflexo desses dois elos.
	10	A família, porém não podemos culpar só os pais, porque às vezes a mãe orienta o filho para um caminho, mas ele se desvia, acho que se você vier educando essa criança desde pequena ela não se desvia.
	11	Totalmente a desestrutura familiar, ao ambiente em que vivem. Eles não conhecem outra linguagem. Eu tenho alunos filhos de presidiários que moram naquelas “bocas”, convivem diariamente com a violência entre pai/mãe. Então, infelizmente, é o reflexo do meio onde vivem. Não, necessariamente, eles teriam que ser agressivos, mas o homem geralmente é produto do meio e eles vêm de um meio muito violento. É tanto que muitas mães já chegaram à escola e disseram: “professora o que é que eu faço que não consigo mais educar meu filho? Então a gente se sente até corresponsável mais ainda. Como a gente vai interferir diretamente na educação daqueles jovens e adolescentes se a própria mãe não tem condição? A própria mãe “lava as mãos” e têm muitas delas que quando a gente vai dizer que seu filho usa palavrões e agressões, ela não tem nem o que falar, pois também usa. Então muitos casos de violência que ocorre na escola a gente fica sem controle, porque isso é o reflexo da família, da desestruturação familiar e da desigualdade social que gera tudo esse processo.
D	12	A violência hoje em dia, não está só na escola, aqui é um momento que eles passam e eu acho que tudo está relacionado à família que hoje está desestruturada. Então, esses meninos hoje estão perdidos, se influenciam facilmente por conta de drogas e bebidas alcoólicas. Se vende bebida até em locais religiosos e é uma coisa complicada vender bebida a esses jovens. Eu imagino que o problema maior está nisso, os meninos que estão perdidos, sem objetivos, sem um alicerce e a escola é um momento onde eles se encontram e por motivos variados acontecem histórias de violências.
	13	Falta de amor, de família estruturada. Eu acredito muito na família e tudo parte dela porque o amor que a gente recebe leva para o ambiente que a gente for. Então as vezes esses meninos não são amados em casa e trazem aquela relação mal administrada para a sala de aula, para as pessoas e para o ambiente em que eles vão porque tudo que eles recebem cria ferida na alma e aquilo vai gerando insatisfação, descuido e isso faz com que essa violência aumente. Ainda tem as drogas, a bebida e o ambiente em que eles vivem. Eu vejo que os pais hoje não tem tempo. As vezes é porque precisa, mas muitas vezes o consumismo é muito grande e os pais trabalham muito para suprir essa necessidade de consumo dos próprios filhos e os pais não sabem que o ser humano precisa muito mais de amor do que de coisas. Então quando a gente dá tudo para os filhos e não dá o essencial, gera uma pessoa violenta. Muitas vezes eu vejo professores muito violentos, é como se fosse um porco espinho, são pessoas armadas, são professores insatisfeitos com a profissão, mal resolvidos espiritualmente. Resumindo, a violência é a falta de amor.
	14	Desestruturação familiar, problemas das drogas, da falta de perspectiva dos jovens e uma série de problemas que os alunos não deixam no portão da escola, esses problemas entram com eles nas escolas.

APÊNDICE 14: Quadro B - 8 (Desafio de liderar: as medidas tomadas frente à violência na escola)

Como a problemática da violência escolar é tratada por parte da gestão escolar e coordenação pedagógica?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Eu lhe disse, é uma “passada de bola de um para o outro”. Mandam para os técnicos então eles que não têm mais o que fazer, mandam para direção, que volta a “passar a bola” para os técnicos. O professor fica nesse meio sem ter o que fazer. Volto a questão do professor. Se você é um professor que é competente somente nas disciplinas e não tem a postura de um professor, você vai penar na sala de aula, porque não vai encontrar ninguém que lhe dê a mão, pois não estão interessados nisso. Eles não estão na sala de aula. Querem que fique tudo bem bonito, mas não querem saber do problema, nem como é o problema, nem de que tamanho é o problema. Então é isso que eu sinto. Não vejo nenhuma melhora, e eu creio que não vai haver mais melhora porque grande parte das pessoas que eles estão colocando na direção são pessoas fracas, que não têm postura. Às vezes são pessoas que têm muito tempo de serviço, como vinte e cinco ou trinta anos. Eu acho que o tempo é relativo, porque eu posso estar com um ano de formatura e ser mais competente do que uma pessoa que tenha mais de trinta anos ou vice versa. A questão é o dom, se você não tem o dom de mandar e também não sabe mandar ou se você não tem o dom de ensinar e não sabe ensinar e vai tentar exercer essa profissão eu vejo que não vai dá certo. A direção da escola tenta tomar uma posição, mas tem muitos entraves. Às vezes chama o Conselho Tutelar, que por sua vez puxa muito para o lado do aluno, isto é, tem os braços presos.
	2	Aqui tem um projeto sobre violência e disciplina escolar que tem contribuído muito com a escola. A gente está sempre promovendo palestras, debates, tem a patrulha escolar que é sempre convidada a entrar na escola para ver se consegue intimidar os maus elementos que gostam de se aproximar da escola e se aproveitar dos alunos para tentar passar algum tipo de droga para dentro da escola. Na sala de aula, a gente está sempre trabalhando essa questão da violência, de como resolver os pequenos problemas sem usar de violência, com diálogo, (a gente está sempre batendo nesta mesma tecla). A gestão escolar e equipe pedagógica também tem dado uma força nesse sentido.
	3	É preocupante, pois até eles mesmos são vítimas. Tem que ter muito cuidado, muito jogo de cintura. A violência não pode ser tratada como se não existisse, como se eles fossem os únicos. Colocar para fora quem acha que está fazendo violência, não! Tem que apelar para o sentimentalismo mesmo para ver se eles deixam, porque até para suspender ou expulsar um aluno da escola é difícil, pois corre o risco das autoridades também acobertarem, porque são menores e realmente a escola é um veículo de transformação, de mudança, só que está muito pesada, estão jogando muita responsabilidade nela, os pais também já não têm mais controle sobre os filhos. Tem pais que chegam aqui e dizem: “olha eu não aguento mais meu filho, eu não aguento mais”! Os próprios pais fazem isso.
	4	Bom, a gente no começo e meio do ano lê o estatuto da escola, explica para eles o que é o Estatuto da Criança e do Adolescente, que eles têm direitos, mas também deveres, que a violência não deve fazer parte da vida deles. A gente desenvolve projetos como bullying na escola porque, ocorre muito aqui, eles são agredidos e pensam que apelidar, xingar não é uma forma de violência, mas a gente fala que é. Então a gente sempre está promovendo essas coisas, nem sempre elas funcionam, mas a nossa parte estamos fazendo. É como se jogasse água em pedra, mas a gente promove isso. Quando acontece um problema com o aluno, conversa, entende a situação, faz um procedimento, liga para os pais e dependendo do caso se, por exemplo, for a primeira vez a gente tenta ver se não é recorrente, estão encaminhando para os pais e para o Conselho Tutelar, inclusive vários deles estão recebendo correspondência do Conselho. No caso da patrulha escolar, ela só passa aqui eventualmente quando a gente chama. Em relação às reuniões de pais e mestres só comparecem a escola os pais de alunos considerados “mais tranquilos ou mais comportados”. Percebo também que os alunos que têm uma orientação religiosa são mais participativos do que aqueles que não têm.

B	5	A gente convida os pais para ter uma orientação, ter uma conversa com eles, a equipe técnica chama os alunos para orientá-los, faz algumas advertências para que eles possam mudar de comportamento. A escola trabalha com projetos como “Projeto Bullying”, “Resgatando os Valores”, “A Paz”.
	6	Sempre que os casos são levados para a gestão escolar e coordenação pedagógica eles chamam a família para conversar, mandam um recado para os pais e no dia seguinte a criança só entra na escola com a família, porque se eles não tomarem essa medida, a criança vem para a escola e a família não comparece.
	7	A gente tem um projeto contra as drogas, um comitê antidrogas, temos um trabalho contínuo que acho que também conta muito para a diminuição da violência, pois constantemente a gente está falando da violência, termos trabalhos, gincanas que abrangem o tema e a direção e a equipe pedagógica está junto da gente.
C	8	Quando acontece discussão besta de aluno. Às vezes lá fora ocorre de algum aluno ingerir álcool ou coisa assim, então o pessoal da coordenação ou supervisor pedagógico chama eles, conversa e orienta direitinho para que não caiam nisso, não se repita, trata da melhor maneira possível orientando para que não seja prejudicado, pois pode acarretar uma suspensão ou até mesmo uma transferência.
	9	Primeiro qualquer problema detectado na escola como indisciplina, notas a gente chama o NAPE (Núcleo de Orientação Pedagógica). Se o NAPE não tiver condições de resolver a gente vai à direção e a mesma se encarrega de chamar os pais, se caso eles não compareçam, então a direção suspende até que compareça um responsável pelo aluno.
	10	Em casos de violência verbal a gente comunica ao NAPE e em outros casos quando o aluno reconhece que errou e pede desculpas a gente resolve na sala mesmo. O problema maior aqui é a quantidade de alunos em sala (50 em média)
	11	A gente leva para a coordenação e supervisão, mas eu como professora não deixo chegar ao último extremo. Quando percebo que o comportamento dos alunos está diferente (que dá para a gente perceber), eu chego para coordenação e digo: “acho que o aluno ou alunos estão assim”, então era bom você conversar com eles para ver se muda alguma coisa ou se eu estou enganada. Então, elas fazem isso, mas quando a coordenação não consegue filtrar muita coisa a direção entra no caso. Quando a direção toma conhecimento do fato é porque a gente já tentou até o último extremo e não conseguiu resolver.
D	12	Quando acontece um problema relacionado à violência, os pais são chamados. A escola tem uma psicóloga que acompanha esses meninos e é feita uma averiguação. Se constatado que o problema é sério, chama-se o conselho tutelar para resolver.
	13	A escola tem uma equipe pedagógica onde os professores são recebidos. Eu presenciei um dia na sala da equipe pedagógica quando um aluno chegou reclamando que foi colocado para fora da sala por ter corrigido uma palavra que a professora tinha escrito errada no quadro, e a coordenação disse para ele não discutir com o professor porque ele sairia perdendo. Eu achei isso um absurdo, porque vai gerando violência, pois na outra aula esse aluno não vai mais respeitar esse professor e criar antipatia. Tem professores aqui na escola que precisam de uma orientação e um serviço psicológico, mas no geral ainda têm pessoas para ouvirem esses meninos.
	14	Os pequenos conflitos que ocorrem são tratados com diálogo e temos segurança aqui pelo fato desse prédio também funcionar a Universidade Federal da Paraíba UEPB.

APÊNDICE 15: Quadro B - 9 (Interferência da violência escolar na vida profissional dos professores)

Você acha que a violência escolar pode interferir na sua vida profissional?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Não
	2	Pode, porque a gente presencia tanta violência, aí tem que chamar a família para conversar, o conselho tutelar ajuda nos casos mais graves e tudo isso deixa a gente exposto. Quando chega lá fora estamos totalmente expostos. Aqui acontecem muitos assaltos nos arredores da escola. Eu, graças a Deus, nunca passei por essa situação, mas colegas já passaram por assaltos que vêm acompanhados de violência, espancamento e tudo e às vezes a gente fica preocupado. Será que isso não é um reflexo das decisões que tomamos aqui dentro da escola em relação à violência? Porque quando chamamos a família do aluno ou o conselho tutelar para dar um maior apoio, estamos nos expondo dentro da sala de aula, que já é um ambiente agressivo em que os alunos brigam o tempo todo. A gente acaba naquele ritmo, ficando mais estressada, mais ansiosa isso interfere no relacionamento com o aluno, na aprendizagem, porque às vezes por conta do comportamento temos que tirar o aluno da sala de aula, pedir apoio a coordenação pedagógica, a psicóloga e quando o caso é mais sério, levá-lo a direção da escola. Isso deixa o aluno chateado com a gente. Eu faço de tudo para não tirar meu aluno da sala, inclusive já disse: eu acho que o aluno quando está na escola é para ficar dentro da sala de aula estudando, aprendendo, colaborando, fazendo amigos, mas quando não tem jeito eu tiro porque quando foge do controle do ambiente da sala de aula a gente tem que procurar ajuda para resolver.
	3	Sim, pois às vezes, deixamos de disciplinar um aluno mais severamente com objetivo de mudança porque a gente teme até por nossa vida. Um objeto da gente como um carro, eles sempre ameaçam e a gente deixa passar como se não estivesse ouvindo ou vendo nada. Tem coisas que até poderiam mudar, mas infelizmente não está ao nosso alcance, as estratégias não são suficientes. O barulho, a agressão verbal interfere muito no ensino, pois muitas vezes a gente está explicando e de repente um começa a espancar o outro, então a gente tem que parar para separar. Você está ensinando, aí de repente, um aluno dá um chute na porta, a gente toma aquele susto! Isso tudo interfere, tanto no meu caso como professora como para eles que estão aprendendo. Ainda tem o bullying entre eles que ficam ameaçando direto. No pessoal afeta a saúde. O barulho, por exemplo, prejudica muito meus ouvidos e eu fico tonta. Tem dias que eu fico com náuseas e já cheguei a me afastar das minhas atividades com problemas de saúde. Às vezes não durmo direito porque depois de um dia tumultuado a gente não relaxa.
	4	Com certeza. Nós somos apavorados. Chegamos à escola com medo de ser assaltada, saímos com medo, temos medo de sofrer alguma violência dentro da escola, inclusive apanhar mesmo. Teve uma professora de arte que chorou em sala de aula, porque ela não aguentou a pressão. Porque se a gente bate num aluno, a gente sabe que complicação vai ter, mas se ele bate na gente, sabe-se que não vai ter problema nenhum. Então às vezes eu chego a minha casa cansada, irritada, estressada, com dor de cabeça. Isso interfere em toda nossa vida. Eu quase fiquei com síndrome do pânico porque ando aqui nas ruas e já fico preocupada em ser assaltada, com a violência, fico com medo de um aluno me reconhecer; pois imagina se ele reconhecer; ele mata! Eu sou muito apavorada e os colegas também. A gente conversa muito na hora do intervalo de como essa violência interfere na nossa vida. Nós estamos virando sujeitos paranoicos, com medo de sofrer violência. Uma colega nossa apanhou aqui na frente, quebrou nariz, quebrou um monte de coisa. Um aluno da escola assaltou e agrediu essa professora. Ela estava vindo com duas bolsas: a dos livros e a dos documentos, e o aluno pediu a bolsa, ela não deu então ele arrancou a bolsa, jogou-a no chão, socou, esmurrou, deu chute e tudo. Ela foi direto para o hospital e não aconteceu nada com o aluno, porque quem viu não quis denunciar, pois na comunidade eles dizem: “se vocês entregarem a gente mata”. Eles usam até a expressão “X9” e “X1” que significa “tem que morrer”. Esse problema interfere na nossa vida pessoal, porque a gente se torna um sujeito preocupado, inseguro, estressado, não

		<p>consegue, por exemplo, trabalhar em casa. A gente fica sem motivação de fazer as coisas como sair de casa, fazer um bom trabalho, ter uma vida normal, fazer uma atividade física ou ir a uma festa, porque se sente cansada. A gente sai daqui da escola exausto, muitas vezes não é cansaço físico, é o cansaço mental. A gente não consegue fazer outra coisa a não ser dormir e, quando consegue dormir. Porque pensa nos problemas da escola, nos problemas dos alunos e pensa na gente, na violência que vai sofrer amanhã porque já está esperando. Aqui todos nós esperamos sofrer alguma violência a qualquer momento. Se a gente for fazer um diário de campo de toda a violência, acredito que dá uma tese, porque é muito violência, infelizmente.</p> <p>A minha saúde foi abalada. As duas últimas semanas eu não vim. Eu já tive problemas psicológicos, de ir ao psiquiatra, de tirar licença médica, virar alguém inseguro, de ter medo de sair, ou seja, doenças que são ocasionadas por conta do trabalho, de sentir dores no corpo, de não conseguir desenvolver o trabalho de forma legal, de não ter saúde, porque efetivamente não tem saúde por conta do pavor que aqui é aterrorizante. Se a gente chega com uma aliança, com um brinco, eles dizem: aí professora, já trocou de carro? Eles sabem toda a vida da gente, sabem o horário que a gente chega e que sai são bem consciente disso.</p>
B	5	<p>Sim, porque pode traumatizar. Uma violência é muito grave, a pessoa pode ficar traumatizada. Eu conheço uma professora que desistiu de ensinar à noite porque ela ia ensinar numa escola localizada numa periferia considerada perigosa e muito violenta. Uma coisa é a gente ir para o nosso ambiente de trabalho feliz sabendo que está em um lugar seguro (se bem que esse seguro é para estar entre aspas), porque a gente sabe que a violência está em todos os lugares e em todos os momentos, a gente fica insegura, mas a questão é a gente ir feliz, sem está sendo ameaçada diretamente. Se a gente ficar com medo de sair de casa, não vai nem viver, mas sabe que está fazendo ali o seu trabalho e você tem condição de fazer. Agora se o professor é ameaçado, se não tem nenhuma liberdade e está com medo, claro que ele vai adoecer, não vai ter condição de dar aula, muitas vezes ele desiste, é o caso dessa professora. Ela desistiu, porque não tinha condições de trabalhar, pois naquela escola a violência era abertamente. A questão do medo, do estresse, da fobia, do pavor, de a gente não ter nem liberdade de assumir seu papel de professor, sua missão, pela falta de respeito. O professor tem que ter muito cuidado quando se colocar diante da turma, pois de repente o aluno faz um entendimento distorcido do que está sendo exposto. Realmente, o tempo de hoje não é mais o tempo que a gente poderia trabalhar com mais segurança e com mais liberdade. A gente precisa ter muito cuidado no relacionamento que está tendo com os alunos, especialmente, os casos mais extremos como os drogados, os mais violentos, temos que ter muito cuidado com essas pessoas, porque eles já são vítimas. Em relação ao profissional, acredito que se o professor não está bem, não terá condições de dar uma boa aula. Se ele não tem condição de desenvolver um bom trabalho, isso vai interferir no seu lado profissional. Tem professor que tira licença médica por muito tempo, uma logo após a outra, porque não está com saúde, não está bem emocionalmente, por conta de tanta coisa que tem sofrido.</p>
	6	<p>Muito. Interfere na minha vida pessoal porque eu saio daqui, mas não saio. Fico pensando o que eu posso fazer para minimizar isso, como é que eu posso ajudar aquele aluno, como vou conversar com ele, e a família? Alunos que eu sei que foram abusados então eu olho para eles e me lembro constantemente, isso me faz mal. Graças a Deus eu faço tratamento psicológico e tratamento psiquiátrico, porque tem toda uma questão de ansiedade, transtorno do pânico eu já passei por roubo e tenho uma vida muito corrida. Trabalho o dia todo, estudo a noite. Portanto, a violência da escola tem um percentual de interferência na minha vida, porque eu olho para o aluno que foi abusado aí eu fico pensando: meu Deus como é que foi isso? Eu fico angustiada, perturbada, pensando neles o tempo todo. Quais são os direitos e deveres do aluno, é a minha primeira aula! O que é que pode e o que não pode? Como deve ser a sua conduta no dia a dia? Procuro fazer com que eles desde cedo sejam mais humanos, compreendam melhor uns aos outros, para que eu também não sofra, não chegue ao ponto de gritar e me irritar. No primeiro ano, que eu trabalhei aqui, gritava muito, logo tinha um aluno especial e não sabia muito lidar com ele, pois ele mexia com a sala inteira, eu gritava muito e isso me deixava nervosa a ponto de perceber que estava tremendo por dentro. A violência afeta a minha vida profissional de forma positiva porque eu busco ler mais, procurar alternativas para</p>

		ajudá-los, busco o conhecimento para que ajude os meninos e também me ajude. Então eu procuro solucionar os problemas deles e também fazer com que eu não tenha problemas, pois eu os ajudando eu vou ter um dia mais tranquilo e eu trabalho com mais satisfação, com mais alegria e mais tranquilidade. Agora, em relação a interferência pessoal eu vejo muitos colegas meu doentes. Eles saem da sala de aula, muito nervosos, muito estressados e essa violência atrapalha, porque eles falam alto, afeta as cordas vocais, saem mal-humorados da sala de aula, não cumprimentam ninguém. Isso tudo vem da relação da sala de aula, que alguma coisa não está bem, porque se tivesse bem, ela sairia com outra expressão. Elas relatam que aconteceu isso, que não aguentam mais os alunos, que não sabe mais o que fazer e o grande problema é que elas não se cuidam, não procuram um psicólogo, um psiquiatra. Há um tabu muito grande em torno do psiquiatra, às vezes você anda com um calmantezinho, algo que você está precisando, mas que não é para sempre. O professor adocece muito e essa violência dos apelidos, da agressão dos alunos da sala, de estarem se destratando, isso tudo estressa muito o professor, eu vejo isso constantemente. Eu escuto diariamente professor gritando e vejo que esse professor vai adoecer, como eu já adoeci um dia. Acho impossível a violência não afetar a vida pessoal e profissional do professor. Portanto, cabe ao professor procurar alternativas para que essa interferência não seja tão radical em sua via para que isso não atrapalhe sua vida pessoal, seu namoro, a relação com seus pais, sua família, seu marido. Cabe ao professor procurar ajuda profissional também, como eu procurei. Ainda tem os problemas provocados pelas ameaças dos pais. É como eu já falei, tem pai que diz ao professor "estou de olho em você, vou prestar atenção nas suas atitudes, cuide do seu filho que é melhor pra você"!
	7	Eu acredito que sim, eu vou citar um caso, é um fato isolado, mas que afetou. Alguns anos atrás a gente teve um aluno e esse aluno hoje é presidiário e ele me ameaçava, passei algum tempo sem sair de casa. Ele falou: a senhora tem costa professora? Eu não entendi, só conversando com outros alunos que também já tinha certa ligação com ele, eles disseram: professora, simplesmente ele lhe ameaçou. A senhora tenha cuidado, inclusive pelas costas. E isso me implicou porque eu deixei de sair de casa, mudei de bairro, pois ele é uma pessoa doente e quando eu perguntei quem era ele, todo mundo já sabia. Profissionalmente também me afetou porque foi uma discussão em sala de aula e na época ele foi expulso, mas como ele tinha atividade na escola ele estava presente e eu era obrigada a sair, porque eu não ia ficar no mesmo espaço com uma pessoa que tinha me ameaçado, pois a qualquer momento ele podia me pegar de surpresa e eu não saberia dizer se iria sobreviver. Muitos colegas meu vivem com problemas de depressão por ameaças, de ter que se afastar da escola por conta de ameaças de alunos, desenvolvem a síndrome do pânico.
C	8	Interfere, porque a gente fica preocupado. Eu mesmo trato esses meninos como filhos meus, é como se fossem da minha família. Eu tento orientá-los da melhor maneira possível para chegarem a ter um serviço profissional adequado.
	9	Interfere, porque bloqueia psicologicamente até as ações pedagógicas do professor porque amedronta. Se a gente se sente amedrontado o medo dói, inibe então eu não vou ser aquela pessoa de sempre, trava. A violência interfere diretamente no processo educativo, tanto na construção do conteúdo e na prática da sala de aula, quanto na vida pessoal do professor. Porque essa violência não fica aqui, agente leva para casa para o resto da vida. As marcas da violência sofridas na escola, estão marcadas, infelizmente. Eu falo pela experiência que eu tive e tenho essa marca que mancha a educação. Infelizmente é o lado triste que a gente não esquece. E se alguém disser: fulano é viciado, você já fica com medo.
	10	Pode, porque quando eu me estranho com um aluno fico perturbada, preocupada. Na verdade a gente quer o melhor para eles, logo não temos a intenção de agredir. Quando chamo a atenção do aluno, procuro não chamar a direção, pois para mim é um constrangimento tirar o aluno de sala, eu só retiro quando não estou aguentando mais. Tem aluno bom, ruim, mal educado, e tem aqueles que a gente procura fazer o melhor e ele não quer. A gente recebe aluno para a primeira série do Ensino Médio de toda parte da Grande João Pessoa. Eles veem de Santa Rita, Conde, Bayeux, Cabedelo, Espírito Santo e praticamente todos os bairros de João Pessoa. Então, a gente tem um alunado com uma educação bem heterogênea. Os alunos que iniciam nessa série trazem os vícios

D		<p>de suas escolas, suas regras e normas e querem agir da mesma forma aqui dentro. Portanto, a gente tem que adequar esses alunos a nossa realidade e isso às vezes dá trabalho. Então é por isso que a gente sofre mais no Primeiro Ano Médio. Quando o trabalho de readaptação na primeira série é bem feito, fica mais fácil trabalhar nos anos posteriores com esses alunos. Quanto às turmas do Segundo e Terceiro ano eu quase não tenho problemas porque eles já estão mais adequados à escola.</p> <p>No profissional, interfere, porque eu às vezes digo: eu vou lavar as minhas mãos, infelizmente chega um momento que a gente pensa assim. Porque a gente se prepara para dar uma aula, fazer o melhor e de repente a gente faz uma avaliação que o resultado não é o esperado (a maioria 2,0 / 3,0 / 5,0). Isso entristece a gente, porque a gente quer ver o resultado e eles não estudam e às vezes quando é dia de prova eles chegam na hora e perguntam: é prova de que? Eu acho que tem que ter um compromisso dos pais com a escola também, não é só jogar para o professor e a escola não.</p>
	11	<p>Interfere porque eu me sinto intimidada e quando a gente se sente intimidada a gente só vai até aquele limite que nos é dado. Infelizmente o aluno consegue intimidar e limitar a gente. Eu mesma não sou atrevida ao ponto de desafiar o aluno, porque em vários exemplos de escola em todo o país, a gente professor que é ser humano, pai de família com tantos objetivos de vida e sonhos a realizar de repente pode se expor a tanta violência, seja verbal, física ou psicológica. Há mais de vinte anos que estou em sala de aula, e constantemente, chego em casa com os nervos alterados, então, tento conversar com meu esposo, minha mãe, meu sobrinho e mostro que o quadro hoje de ser professor está bem diferente do de antes. Hoje ser professor é uma profissão de risco, porque a gente tem bastante bagagem só que fica limitado por conta dessa violência que a gente não consegue parar. Então a gente se limita a esse ponto e, é por isso que a educação é considerada, às vezes, um caos. Não é deficiência do docente é todo um processo e cada caso é um caso, cada escola é uma realidade. Tem uma escola no Alto do Mateus que existe disciplina. Faz muitos anos que a diretora está na direção e conseguiu. É incrível, mas os alunos do 1º, 2º e 3º ano ainda respeitam a gente e isso foi o diferencial que eu vi depois de muitos anos de ensino ainda existe respeito. Interfere no profissional, porque de uma turma você conta uns dois ou três que está captando a aula, o resto você percebe que está disperso. Em termos de aprendizagem o aluno é muito prejudicado.</p>
	12	<p>Não. Eu já estou com quase 30 anos de sala de aula e talvez por eu não ter trabalhado em bairros considerados violentos (porque dependendo dos locais onde as escolas estão inseridas elas podem ou não ser violentas), não tenha tido esse problema com relação a afetar a minha vida profissional. Então para mim, não há aquela barreira e professor X aluno. Existe um bom relacionamento, lógico com limites para que a coisa não desande, mas talvez isso ajude para que eu não passe por esse tipo de problema que hoje em dia é sério. Infelizmente há professores que não são educadores, tratam o aluno de uma forma... Lá fora eles já estão tão marginalizados que quando chegam aqui e se deparam com certos tipos de tratamento de professores é que muitas vezes gera até violência.</p>
	13	Hoje não, mas há algum tempo atrás sim.
	14	<p>Certamente, porque o professor que lida com a violência não vai estar à vontade para ministrar suas aulas, tanto à interferência pessoal (o medo) como profissional. Nenhum profissional vai ficar com vontade de trabalhar em uma sala onde ele se sente ameaçado. Nenhum professor está livre de se deparar com algum tipo de violência na escola, estamos sempre em alerta para eventuais casos de violência. De presenciar porque em outra escola que trabalhei o problema das drogas era bem diferente e em algumas vezes essa escola era fechada pela polícia e saíamos todos juntos com medo. Na época eu sofri muito com o medo, a instabilidade emocional, a ansiedade que trouxe reflexo para meu trabalho, pois quando se está com medo a aula não flui normalmente, o professor fica travado, com medo e em estado de alerta não se consegue trabalhar com tranquilidade</p>

APÊNDICE 16: Quadro B - 10 (Sugestões apontadas pelos professores quanto à redução da violência no ambiente de trabalho)

O que você sugere para minimizar as manifestações da violência no ambiente de trabalho?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Aqui pela manhã são as crianças pequenas, à tarde os pré-adolescentes e adolescentes e a noite os adultos. Acho que deveria ser feito um trabalho pela manhã visando melhorar esta questão. As escolas de modo geral não se preocupam com a prevenção ou não sabem fazer. Se não sabem fazer, peçam ajuda e vão a campo buscar alguém que trabalhe com esse tipo de coisa! As escolas não estão preparadas para violência, então há uma falha muito grande no que se refere ao processo da prevenção contra a violência escolar. Por exemplo, se você punir um aluno, você está dando exemplo para os outros não fazerem o mesmo, porém se você não pune, o que é muito comum, o aluno destrói a escola e fica por isso mesmo. Chama os pais fica por isso mesmo e às vezes o pai nem vem à escola, e por outro lado a escola nem procura saber por que o pai ou responsável não veio. A questão é a falta de prevenção pela manhã, pois os alunos que estudam de manhã serão os alunos do turno da tarde.
	2	O desenvolvimento dos projetos que trabalham indisciplina, violência na sala, a valorização do aluno, do profissional. Os projetos que trabalham os temas amor e vida. Por exemplo: que tipo de vida a gente quer ter? A gente quer ter uma vida boa, uma vida saudável? A gente vem trabalhando com ele a cada ano. Com esses projetos conseguimos envolver os alunos. Trabalhamos também com música. Temos procurado colocar músicas suaves e gospel no ambiente da sala de aula, no ambiente de entrada da escola e na hora do intervalo para suavizar o comportamento agressivo e agitado dos alunos. Através da música até as brincadeiras ficam mais suaves, porque às vezes eles estão num clima de violência tão grande aí fora que quando a gente vai falar do comportamento deles, aí eles dizem: “tia, a gente só tá brincando”. Se esmurrando, empurrando, isso para eles é uma brincadeira. A gente tenta resgatar também aquelas brincadeiras que gostava de brincar, como: as brincadeiras de roda, de sentar, as que trabalham a calma dos alunos. É o que eu costumo fazer com eles quando voltam do recreio. Gosto de contar uma história para ver, se com isso, essa agitação toda que eles trazem diminui mais. Essa música que você está ouvindo vem da sala do Mais Educação, que é uma sala muito usada para trabalharmos com esse projeto. Os alunos também ouvem músicas na hora da entrada, saída e intervalo das aulas.
	3	É uma questão de reeducação social mesmo. Trabalhar com a comunidade, conhecer os projetos que têm parceria com o Conselho Tutelar e que esse Conselho trabalhasse seriamente com a escola e não só a visitasse para dizer o que está errado.
	4	Acredito que esse não é um problema da escola, é um problema da família, porque não adianta a gente ficar no discurso, fazendo oficinas, se a criança chega em casa e tem uma realidade diferente. Acho que só fazendo intervenção na família, trazendo-a para a escola ou a escola indo a família é que pode minimizar ou resolver esse problema. Efetivamente pelas experiências que eu tenho em outros lugares, acredito que isso é possível mudar, porque já aconteceu isso em alguns lugares só que a gente conseguiu chegar à família. Sem isso, não se consegue, porque a família é a referência, é a base e eu sei que é difícil, mas não é impossível. Infelizmente a escola virou um depósito onde os pais jogam seus filhos.
B	5	Acredito que a gente precisa fazer o melhor possível como professor. Se você vai para sua sala de aula, preocupado com seus alunos, conhecendo um pouco da história de casa um, mostrando interesse pela vida deles, como é que ele está naquele dia, o que está acontecendo com ele, quando está apresentando algum sinal de violência, isso aí já é um meio de a gente chegar próximo, e compreender o que está havendo, assim ele vai encontrar um professor que não está ali só para criticar, mas que está preocupado além do ensino-aprendizagem, está preocupado com ele, porque parece que há uma distorção, exemplo: o aluno é aquele ser que está ali e tem que engolir todo o conhecimento independente da pessoa. Acredito que está ali um ser completo que precisa... sendo assim,

XXX

		o professor também precisa se desdobrar, porque tem que dar o conteúdo, que ser mãe, psicólogo, tem que ser tudo. Eu acho que não é por aí também, acredito que a gente pode fazer o que é possível dentro das nossas limitações que quando a gente conhece um pouquinho da história de cada um, conversando com eles, mostrando que está preocupado com a vida deles, que quer o melhor para eles. Acredito que a palavra chave é afetividade. Na minha sala de aula, eu abraço meus alunos, acolho, fico com eles fazendo com que eles se sintam valorizados e para mim, eles são muito importantes. Então eu não me vejo sem os alunos, como é que eu posso desenvolver minha profissão se eu não tenho alunos? Então para mim eles são tudo.
	6	Manter uma boa relação com o aluno, deixar bem claro os deveres deles, os direitos, como eles devem se comportar e tratar um ao outro. Sugiro ter uma relação aberta, perguntar ao aluno como foi o final de semana, o que aconteceu, conhecer o aluno, olhar para o rosto deles, saber se estão tristes, sorrindo, se estão falando muito alto. O professor tem que ter toda essa sensibilidade para poder lidar com o aluno e detectar casos de violência em casa e tentar ajudar esses alunos. Hoje, eu trouxe uma oração que foi lida na sala de aula e essa oração foi orientada para que eles lessem quando sentissem necessidade. Eu disse para eles que todo dia é dia de estudante, todo dia é de mãe, é dia de pai, então o professor tem que ter essa sensibilidade, trabalhar muito os valores e deixar o mundo mais colorido para eles, porque eu questiono muito essa restrição feita em sala de aula do professor. Por exemplo, aqui na escola, tem uma professora que só aceita o aluno escrever ou de caneta azul ou preta, então o mundo é colorido, não só ver lá fora que o mundo é colorido, mas perceber isso na sala da aula, e que ele pode copiar de verde, de azul, de roxo, porque o importante mesmo é o que ele está copiando, aprendendo e fazendo.
	7	Eu acredito que nesse trabalho constante professor X aluno que é mais próximo, como falar de violência, mostrar de forma carinhosa que eles já são frutos da violência em casa. O trabalho pedagógico da escola, gincana. Acho que diminuiu pelo fato de que os pais foram alunos nossos, de conhecerem a gente, de como a gente age, a questão do limite, que apesar de eu ser muito humana, de ter essa relação no 6º ano de tia para cá, que às vezes eles trocam, aí eu dou limites.
C	8	Esse problema é familiar. Se a família está bem tudo ocorre as mil maravilhas, por isso que Cristo valoriza muito a família. OBS: Eu atribuo aqui não ter violência justamente pela referência que o Lyceu tem. Hoje a gente sente uma defasagem muito grande do ensino, mas ainda eles procuram o Lyceu. Eu ensino aqui já há um bocado de tempo, e às vezes estou aqui na frente da escola olhando alguma coisa, chega gente que estudou aqui na década de 60 ou 70 que está na Alemanha, na Suíça, na Espanha, na Inglaterra tirando foto para levar para lá, para lembrar, o tempo que passou aqui e de como foi bom estudar no Lyceu.
	9	O problema da violência é tão sério e tão difícil que para minimizar esse problema primeiro deveria começar pelo fundamental que é a família. Começar, por meio da família, trazer de volta os valores que foram esquecidos como respeito e amor ao próximo. Tem que trazer essa leitura de mundo, leitura da linguagem da matemática e da sociologia enfim, todas essas leituras da linguagem que existem na escola, devem ser voltadas para a construção desse novo homem que não seja pautado nessa violência, pois essa violência também é pautada na insatisfação social de uma sociedade injusta, criada pelo capital que só vale quem tem, pois quem não tem nada e não pode ter dignamente, muitas vezes envereda por outros caminhos para se sobrepôr.
	10	Talvez reduzindo o número de alunos por turma, pois um dos problemas desta escola é a quantidade de alunos em cada sala: cinquenta em média.
	11	Primeiro passo é trabalhar com a família. Se conseguir um grupo na escola constituído por psicólogo, assistente social e apoio técnico para trabalhar mensalmente com as famílias acho que já é um passo, pois muitas vezes na escola a gente tem que ser psicologia, mãe, orientadora. Então se a gente conseguir mães com a visão educacional e ela infiltrada na sociedade acredito que vai ajudar ou pelo menos mudar um pouco o quadro que se encontra a educação nos dias de hoje. Outro problema que vejo é que a gente educa o menino na sala de aula, tenta dar limites e quando ele chega em casa não tem esse limite, então a gente tem que refazer o trabalho no outro dia. Acredito que se a gente conseguir resgatar na família um tio, uma avó, um irmão, alguém que tenha uma

		visão diferenciada, talvez a gente conseguisse caminhar.
D	12	Investir nas estruturas familiares, melhorar as condições de trabalho nas escolas, valorizar o professor, elaborar políticas públicas de combate às drogas e ao álcool, traçar metas para alcançar os jovens.
	13	Fazer um acompanhamento do professor resgatando sua autoestima para haver entre professor/aluno um amor recíproco. O difícil do professor hoje é fazer com que esse aluno tenha estímulo para buscar o conhecimento, até porque hoje vem tudo pronto. O que precisa é melhorar essa relação professor/aluno para que o professor veja que entre ele e o aluno não existe barreiras. Que a gente se coloque humildemente como aprendiz para que o professor não chegue lá na frente achando que é o dono da verdade. Que a gente tenha uma relação de amizade e respeito, pois quando a gente se coloca assim, a relação melhora.
	14	Teremos de elencar uma série de fatores que poderiam ser trabalhados para coibir ou minimizar essa violência, por exemplo: trabalhar e autonomia na escola. O projeto Político Pedagógico – PPP fazendo com que os sujeitos dessa escola se sentissem pertencentes à escola. Trabalhar com a família, os alunos e a comunidade escolar. A interferência do estado com ação que promovam esses alunos para que tenham perspectiva de vida e que em vez de brigarem, traficarem, a vida deles possa ter sentido e que eles procurem outro caminho que não seja a violência.

APÊNDICE 17: Quadro B - 11 (Percepção dos professores sobre os problemas encontrados na profissão)

Quais são os principais problemas encontrados na sua profissão?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Nesta escola, eu não tenho o que falar sobre isso, porque tem material didático, a direção não se omite em dar tudo o que a gente pede e a questão humana também é boa.
	2	Dificuldade de aprendizagem e violência no ambiente escolar são os problemas mais gritantes. Na realidade, essa dificuldade já é um reflexo da violência, da impaciência deles, da falta de concentração. Às vezes o aluno está sem querer fazer nada, sem ânimo para nada, diz não quero, não gosto, aí quando você vai procurar o motivo descobre que às vezes ele não tem tomado café da manhã, está chateado porque já apanhou logo cedo, por isso, a gente tem que trabalhar assim, para poder fazer com que essa criança produza alguma coisa. Acho também que o professor era para ser mais valorizado em termos salariais.
	3	O ambiente escolar tumultuado, sem estrutura, sem recursos, os alunos quebrando tudo, falta de recursos suficientes. O salário, que você precisa trabalhar em mais de uma escola para suprir as necessidades.
	4	A violência, a falta de motivação, falta de estrutura, péssimas condições de trabalho e acredito que a gente ganha pouco, nós somos mal remunerados.
B	5	Como eu sou da EJA fico muito triste quando perco um aluno, ou seja, quando um aluno desiste. Vou saber por que ele desistiu até para poder melhorar minha prática, se tem alguma coisa que eles não estão gostando, eu sempre faço auto avaliação, ou seja, peço para que eles também se avaliem e me avaliem também. Quando um aluno está faltando muito, eu ligo para ele, insisto não desisto dele. Eu tive um caso ano passado de uma aluna que eu ligava o tempo inteiro para ela. Outro problema é a questão da aprendizagem e do salário.
	6	A violência, a falta de apoio da família dos alunos nas atividades de casa, pois não tendo o apoio da família o aluno não dá um retorno para mim. Atrasa os conteúdos e eu tenho que está sempre retornando assuntos simples que com um pouquinho de ajuda dos familiares resolveria. Então, os alunos que sabem os conteúdos acabam se prejudicando e isso interfere no planejamento. Resumindo: falta de apoio da família na parceria, família/escola, na continuação do trabalho do professor em casa, falta de material, horário puxado, falta de repouso entre uma aula e outra, aumento da carga horária, o baixo salário, o curso de “desformação continuada,” porque os textos não agregam praticamente nada, as atitudes são mero cumprimento de horário, de normas, falta de transporte próprio, pois tenho que dá prioridade ao curso e ao apartamento que pago. A falta de transporte atrapalha muito para quem não tem transporte, pois o professor não pode levar o material de uma escola para outra, as provas, em fim, a dinâmica da educação. Eu não sei por que eu sou professora! Você trabalha em sala de aula e ainda tem que levar trabalho para casa, isso é terrível! O professor deveria ganhar o suficiente para trabalhar um expediente e o outro fazer as correções, preparar aulas, estudar etc.
	7	A indisciplina, a falta de limite em relação aos pais são problemas encontrados pelos professores de modo geral, principalmente hoje a educação doméstica, a relação dos pais e filhos que não existem mais aquele limite, o respeito, e eles trazem isso para sala de aula, Daí a gente adquiri esse respeito, conquistar esse respeito leva um bom tempo. Às vezes eu tenho que ensinar palavras “mágicas” como licença, boas tarde, obrigado, quando eles chegam em casa o pai diz: o que é isso? Que besteira é essa? Trata com desdém, coisas tão comuns, tão simples que às vezes até desarma uma pessoa quando está com certa raiva e a gente pede desculpas e ela muda. Também o salário e a falta de autonomia na profissão.
C	8	O salário.
	9	A primeira dificuldade que eu vejo, hoje em dia, é atingir o aluno, é chegar e provocar nele o interesse e a curiosidade pelo conhecimento. A tarefa mais difícil do professor é essa provocação obrigatória que todo professor deve ter. O professor tem que provocar o aluno para que ele sinta uma curiosidade, uma necessidade, tem que motivar o aluno. Portanto como é que eu motivo o aluno a aprender a construir se mal me dão um giz?

D		Porque muitas vezes na escola falta até giz e o professor precisa trabalhar os três expedientes para sobreviver.
	10	O excesso de alunos por turma, o material de trabalho, pois em grande parte das salas ainda se faz uso de quadro negro e giz. Então eu me prejudico porque sou alérgica ao pó de giz e ainda tenho sinusite.
	11	Às vezes tem direção que não deixa você ir mais adiante. A gente tem projetos, eles mandam a gente se juntar com outro professor e termina não acontecendo. A gente vai para um planejamento que eu sinto até raiva porque não amarram as ideias. Porque se a gente sai dali com tudo amarrado as coisas vão acontecer. Então de certa forma é essa resistência por conta de alguns profissionais, como professores, funcionários e gestão da escola que atrapalham nosso desempenho e outro problema é a questão do material que deixa a desejar e dos salários baixos.
	12	O problema maior é justamente a falta de interesse por parte da grande maioria que não tem objetivo. Acredito que o que mais desanima às vezes a gente é a falta de objetivos desses alunos de hoje, porque temos boas intenções. Agora por exemplo nós temos mais recursos que não tínhamos antes, pois com a vinda da UEPB para este prédio, os recursos apareceram. Nós temos hoje salas com data show e isso ajuda muito o processo ensino aprendizagem, mas continua a falta de interesse e isso é que nos machuca. É a gente se dedicar, dar o melhor de si e não ver o retorno. O sistema empurra isso de uma forma que a gente tem que lidar dessa maneira, tentando melhorar aqui e ali, mas não é o ideal e a gente vê os índices como estão baixos. Então é triste a gente ver isso apesar do esforço, mas continua a coisa ainda devagar. Então, acho que o maior problema está nesta questão do querer oferecer, do querer pensar no futuro que hoje em dia é a questão de a gente ter um diploma acabou. Pega o papelzinho dobra e vai tentar ser escravo do comércio. Tem também a carga de trabalho que é grande e o problema do salário baixo.
	13	A falta de interesse deles para estudar, pois nesta escola em todas as salas de aula tem data show, também temos laboratórios, reforço escolar no horário oposto, acesso aos cursos oferecidos pelo centro de línguas (inglês, Francês, espanhol e português), professores de matemática e física para dar aula de reforço no horário oposto e os projetos de letramento e meio ambiente e o aluno continua desinteressado.
	14	Os baixos salários, a falta de credibilidade dos professores, a sociedade que não valoriza os profissionais da educação, a falta de respeito, hoje em dia, dos alunos para os professores (não por uma questão de hierarquia, mas também por respeito ao ser humano). Eu particularmente me choco bastante com os palavrões em sala de aula. Eles chamam palavrões de forma muito normal e nem sentem que estão agredindo o professor com palavrões. Eles não fazem de propósito, fazem normalmente e isso me incomoda. A falta de disciplina em relação à abertura que foi dada aos alunos, eles confundiram essa abertura, então eu não consigo trabalhar com essa indisciplina. Tem alunos que entram e saem da aula na hora que eles querem e isso me incomoda. Alunos com celulares, pois o celular tem sido um grande problema na sala de aula, alunos com computadores e meninas que até ficam se maquiando.

APÊNDICE 18: Quadro B - 12 (A docência: vocação e amor)

Você gosta da profissão que exerce		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Amo. Se eu não amasse eu sairia, pois não consigo ficar numa coisa que eu não amo.
	2	Gosto, gosto muito. Eu até sofri um pouco. Eu passei um tempo readaptada porque fiquei sem voz. Tive um nódulo nas cordas vocais e chegou a um caso tão sério que a voz acabou. Eu entrei em pânico, porque sempre gostei de alfabetizar, não podia cantar e chegou o dia que eu não podia nem falar, fiquei só com um pinga de voz. Entrei em desespero, aí fui afastada e passei dois anos. Fiz um tratamento que a voz voltou. Pronto, está na hora de voltar para minha sala, então comecei de novo com os problemas da rouquidão. Voltei ao médico e ele descobriu também que eu tinha uma acidez no estômago e que eu tinha que cortar tudo que fosse derivado do leite. Graças a Deus surtiu efeito, às vezes eu fico assim com a voz mais afônica, mas não fiquei mais rouca, graças a Deus, até agora estar dando certo. Eu gosto muito do que eu faço, é por isso que eu insisto tanto, porque tem hora que fica tão difícil que a gente vai pra sala de aula fazer uma sequência de atividades e o aluno está cada um com seu problema, cada um com sua dificuldade como, eu não quero, não gosto, não vou, e você vai ter que fazer um jogo de cintura, mas é muito bom quando você vê os resultados, quando eu os vejo começando a ler, a traçar a letrelinha já cursiva, fugindo da letra de bastão isso para mim é motivo de alegria e de vitória.
	3	Gosto, sou muito criativa, gosto de trabalhos manuais, de inovar. Só que é uma profissão difícil. Como eu disse, a gente se depara em outra profissão que também não é flores, todas têm seu lado bom e se lado ruim, se fosse mais valorizado seria melhor ainda.
	4	Gosto, mesmo com toda dificuldade. Eu nasci para isso, mas eu não acho que a gente tem que ser “sofressor” (professor com sofrimento) e sim, professor por vocação.
B	5	Amo. Como professora eu tenho possibilidade de um trabalho mais eficaz.
	6	Eu não gosto mais. Eu estou procurando outro curso, outra forma de ganhar dinheiro, de sobreviver por causa da carga horária excessiva, do baixo salário terrível. Como é que pode o professor trabalhar tanto e ganhar tão pouco? Falta de transporte, falta de apoio da família.
	7	Muito! Eu adoro, inclusive já deveria ter me aposentado.
C	8	Gosto, embora já tenha gostado mais. Não sei se é por que eu já tenho muitos anos em sala de aula, a idade né? A gente vai cansando e eu vou vendo também o desestímulo com a educação, principalmente os gestores e as autoridades. A gente também perde um pouco do estímulo, mas enquanto der para eu contribuir com a educação eu faço em primeiro plano.
	9	Amo minha profissão.
	10	Gosto não. Eu trabalho por necessidade. Eu não morro de amor por ela não!
	11	Amo. Eu comecei a ensinar aos 14 anos de idade.
D	12	Gosto muito, apesar dos apesares, mas eu nasci para isso.
	13	Amo, eu não sei viver sem meus alunos.
	14	Gosto

APÊNDICE 19: Quadro B - 13 (A docência: prosseguir ou desistir)

Por algum momento já sentiu vontade de desistir desta profissão?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	Não, porque eu sei que cada momento ruim é tipo um teste. Eu gosto de desafios. É tanto que eu já tive vários casos em minha sala que teve jeito. Sempre tem, todos os anos. Eu sou dura e eles querem ser duros também. Então eu consigo ser pior que eles, aí o negócio se bate e eles veem que quem manda é eu e tudo se apazigua.
	2	Não, nem quando fiquei rouca, porque eu penso logo em me tratar e voltar. Eu sempre faço os exercícios de voz que eu aprendi no tempo de tratamento.
	3	Já, inclusive eu fiz outro curso. Eu terminei letras, já estava exercendo a profissão, fiz vestibular para pedagogia, estudei dois anos e fiz reopção de curso para ciências contábeis o qual conclui. Posteriormente, retornei para terminar pedagogia. Eu pensei em desistir porque no primeiro curso que fiz eu estava grávida. Passei toda minha gravidez trabalhando os três expedientes, aí meu filho nasceu e eu tinha que deixar com alguém. Quando meu filho adoeceu que eu tirei licença para dá assistência eu fui incompreendida por mais que eu tivesse direito à essa licença. Chegou até um pai a ir para o rádio e dizer que eu só vivia de licença que seria melhor eu ser demitida. Eu estava totalmente regularizada, mas a incompreensão dos pais me afetou bastante.
	4	Várias vezes. Nas horas de violência ou decepção, de falta de motivação, quando penso no salário que é baixo, na falta de infraestrutura da escola. Então eu penso, depois volto atrás e digo: o que eu poderia ser se não fosse professora? Eu não me vejo fazendo outra coisa que não seja dando aula.
B	5	Não
	6	Estou com vontade de desistir da profissão agora, mas isso só ocorrerá futuramente, contudo eu não desisto dos meus alunos. Apesar de todos os problemas, dessa desmotivação, é impressionante, como eu me renovo a cada instante. Tem o dia do estudante, eu quero trazer uma mensagem, tem um menino que está com dificuldade em matemática, eu quero ajudá-lo. Apesar dessa vontade de não ser mais professora eu não desmotivo meus alunos. Eu fiz um compromisso com a educação e eu vou levar até o fim, mas gostaria de acrescentar que eu acho que falta elo entre a Secretaria da Educação e os professores. Os cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria da Educação não acrescentam muito ao educador, pois eles não veem à escola conversar com os alunos. Eu acho que a educação não funciona só aqui nesse núcleo, acredito que quem está lá “em cima” não enxerga a escola como ela é, não está numa sala de aula para ver. Eles têm dados de quantos alunos estão frequentando, quantos estão merendando, mas conversam com seus professores. O ano passado eu tive uma grande dificuldade para falar com a secretária da educação, eu tentei por três vezes apresentar um projeto, inclusive esse projeto foi enviado para a revista NOVA ESCOLA, mas não conseguiu; secretária não me recebeu. Então eu não compreendo como é que uma secretária da educação não recebe seus professores, porque eu poderia até mandar um e-mail para Dilma, isso é inadmissível, que uma Secretária da Educação não receba um professor que queira apresentar um projeto tão importante para a educação. Nós temos os coordenadores do Pólo que vem aqui esporadicamente ver a caderneta, se está sendo preenchida. Se eu fosse uma professora que desistisse diante do primeiro obstáculo, do segundo e do terceiro, mas não desisto, eu vou até as últimas consequências, talvez seja por isso, que eu esteja um pouco doente. Porque, “danou-se”, desculpe a expressão. Como é que ela não vai escutar uma coisa que eu vi que foi positiva para meus alunos e ela não me escuta? Isso tudo causa indignação na gente, uma vontade de desistir.
	7	Nunca, mas eu me sinto um peixe fora d’água, pois dos quarenta e sete colegas de trabalho, eu acho que sou a única que digo isso, porque todos dizem: eu não vejo a hora de me aposentar!
	8	Não, eu nunca tive vontade de desistir. Eu sempre peço a Deus para me dar coragem.
	9	Eu nunca senti essa vontade de desistir, por mais dificuldade que eu tenha passado. Eu sempre trabalhei os dois expedientes fechados.
	10	Não

C	11	Por várias vezes veio aquele desânimo, então a gente reativa as energias e vê que pode dar mais. Tem alunos que precisam da gente, a comunidade precisa da gente, por isso, busco “aquele gás”, aquela energia que vem de Deus mesmo e vou a luta, vou em frente!. Porque se a gente for pensar nos obstáculos não caminha, não sai do canto.
	12	Não, inclusive eu fazia Engenharia Civil e no decorrer do curso eu já dava aula particular e vi que era aquilo que mais me chamava atenção. Deixei o curso de Engenharia e fui cursar matemática para ingressar no magistério e não me arrependi.
D	13	Nunca
	14	Sim, uma vez

APÊNDICE 20: Quadro B - 14 (A docência: sonhos e realização profissional)

Qual sua maior satisfação enquanto professor?		
Escolas	Sujeitos	Respostas
A	1	<p>É quando eu consigo fazer um aluno ler, escrever corretamente, quando eu faço um aluno mudar de comportamento que a mãe sente em casa e vem me agradecer, aí isso para mim é tudo. Eu mudei um moleque para ser cidadão, e eu acho que a maior satisfação dos professores é mudar uma vida, você está tirando uma pessoa da marginalidade e o que você resgata com sua atitude, você se sente bem. Às vezes meu marido diz assim: toma esse salário, não vai lá não, aí eu digo você me respeite, pois esse dinheiro todinho não vai comprar a minha satisfação de ver um aluno sendo gente, uma pessoa melhor, é o resgate daquela pessoa que estava perdida, coisa que família nem conseguia e você conseguiu. Então você se sente assim, como se Deus tivesse agindo com você. Eu acho que cada professor tem um anjo da guarda muito forte, a gente vê que o professor está fraco, está fracassando, está apanhando do aluno, sendo humilhado, ‘esculhambado’. Na realidade são pessoas fracas. Eu tenho colegas que são muito fracos, às vezes perderam até o emprego porque não tem autoridade em sala de aula. A gente fica triste né? Mas a gente não tem o que fazer (CHORO). É muito triste, eu já vi um caso desses. Ela precisava do emprego, mas não teve condição para está na sala de aula, chegou até a perder o concurso. Eu pedi muito a ela que não fizesse isso, tivesse calma, colocasse a cabeça no lugar, mas perdeu o emprego.</p> <p>E teve outro caso também de uma professora tão correta, mas os alunos conseguiram prejudicá-la. Ela perdeu o GSE, os alunos chegaram a sair de sala, humilhação para a professora, pois não tinha ninguém para assistir a sua aula. Quer dizer, fizeram o professor de cachorro. É muito triste a gente estudar tanto para ser humilhado desse jeito. Eu não permito que ninguém me coloque “debaixo do sapato” dele, porque se ele olhar nos seus olhos e sentir medo (é como animais, por exemplo, se o cachorro perceber que você está com medo dele, ele morde)”. Assim é o ser humano, se ele olhar nos seus olhos e sentir medo você está feita. Eu já tive medo de aluno, mas na hora eu “peitei” ele (enfrentei). Eu já tive muitos casos na sala, todo ano eu tenho, mas eles já conhecem minha fama. Tem que ter atitude viu, são atitudes duras, criticadas, mas dá certo.</p>
	2	<p>Ver o resultado do aluno é a maior alegria. Quando ele demonstra que está avançando, que está conseguindo aprender, ler, escrever, no meu caso porque eu alfabetizo, vir que ele está entendendo as coisas que está escrevendo, isso para mim é uma alegria muito grande, uma satisfação isto me deixa renovada, com vontade de começar tudo de novo. Se eu fosse falar de valorização profissional, eu acredito que o professor era para ser mais valorizado em termos financeiros. Era para ter um salário bom, porque os médicos, advogados, engenheiros passaram por onde? Então se a gente for pensar na questão do salário, a gente se desencoraja um pouco de seguir em frente. O bom mesmo é ver o fruto do trabalho, o resultado. A cada dia recomçar e sentir vontades de voltar para sala de aula.</p>
	3	<p>Ser independente, ter o meu salário, saber fazer, ser elogiada porque eu exerço com excelência minha profissão. Graças a Deus tudo o que eu faço eu procuro fazer bem feito. Todas as escolas têm os mesmos problemas, só que algumas são mais graves. Nesta escola, o tema violência é muito pertinente porque a área em que esta escola está situada, a clientela é bastante violenta. Esse bairro é considerado o mais violento da cidade de João Pessoa.</p>
	4	<p>Quando eu vejo um aluno bem sucedido, quando vejo que eu consegui tirar o aluno das drogas, quando vejo que ele está trabalhando, que me cumprimenta e que reconhece o meu trabalho. A gente tem um aluno que conseguiu passar em primeiro lugar para a Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Isso foi uma satisfação geral na escola. Então, quando a gente consegue mudar a realidade do aluno, acho que é o momento de maior satisfação do professor.</p>
	5	<p>Quando eu vejo o progresso do aluno, quando vejo o aluno evoluir. Apesar de toda essa violência eu acredito que a gente pode contribuir para um mundo melhor, depende de</p>

XXXVIII

B		cada um de nós. Muitas vezes a gente pensa a violência longe de nós, como se nós também não fôssemos violentos. O ser humano tem esse lado agressivo e mais sagrado, e a gente precisa conciliar isso. Eu não acredito num ser humano diabólico, mau, que mata, eu acredito num ser humano sagrado, por isso temos esperança e a educação é o meio para que a gente possa trabalhar essa violência através do amor.
	6	O respeito dos meus alunos. Quando eu os vejo tendo atitudes de honestidade e aprendizagem, ou seja, o retorno que eles me dão.
	7	É ver dá certo e quando eu falo em dar certo, eu não digo formado como a gente encontra advogado, juiz, médico... Isso é o extremo. É quando a gente vê que não caiu no mau caminho, pois aconteciam casos de alunos nossos levarem tiro, na época da maior violência (de 2000 até 2007) nessa escola. Eu tenho uma turma aqui que tem quatro alunos envolvidos com droga e que os pais nem sabem. Chamei os pais e falei: olhe, foi encontrado assim, assim e assim! A mãe disse: A senhora prova? Não preciso provar a você que seu filho está envolvido. Eu lhe chamei porque acho que a escola e a família devem estar juntas para a recuperação enquanto está nesse nível, mas eu não preciso lhe provar nada porque ele só será meu aluno até dezembro e seu filho será a vida inteira. A gente sabe que não é fácil ouvir de alguém que seu filho está numa situação difícil, mas se a gente não se abre para ajudar quem é que vai se envolver? Infelizmente dois desses alunos dos quais chamei para conversar, um foi encontrado morto e outro foi massacrado e queimado. Então minha maior satisfação é quando eles dão certo, mesmo que não seja o ápice da história que seria a formatura em si, mas que pelo menos não está fazendo algo errado.
C	8	É ver o aluno aprender e no outro dia ele me agradecer, principalmente quando ele passa em um concurso ou vestibular. Eu sempre trabalhei muito “em cima” do vestibular. Uma satisfação que eu tive um dia desses foi quando minha esposa estava num congresso em Brasília e um aluno foi lá. Ele estudou aqui no Lyceu, fez mestrado, doutorado em Brasília, hoje é médico, então perguntou cadê o professor Carlos? Dê um abraço muito grande nele e me dê o telefone dele porque eu vou ligar para ele e isso ele fez. Então foi uma satisfação imensa aquele aluno ter progredido e ter se lembrando de mim.
	9	É quando eu vejo que alguém se apropriou do conhecimento, se tornou dono de um conhecimento e atuar com eficácia nesse conhecimento. Então eu fico feliz, pois eu digo: agora esse menino se apropriou porque tem uma diferença entre se apropriar e se alienar, por enquanto ele está alienado ele não produz nenhum conhecimento, ele é imitador, ele não é nem coautor. Agora quando o aluno passa a ser o autor da sua vida, um aluno crítico reflexivo, um cidadão que conhece seus direitos e deveres eu me sinto realizada.
	10	Quando os alunos reconhecem o nosso trabalho.
	11	Quando eu passo em algum lugar e vejo que tem um aluno que está na Universidade, trabalhando, se profissionalizou, nesse momento eu digo graças a Deus o recado foi completo e fico em Paz. Quando a gente vê que um aluno da gente conseguiu, isso é a nossa vitória. E a minha tristeza é quando eu vejo que meus (filhos) alunos estão no mundo da droga, outros já morreram. OBS: Muitas vezes eu vou para cabedelo, pego um alternativo e alguém diz assim: mas moço sabe quem morreu? E quando diz o nome, pronto! É um dia de dor, porque vem na minha lembrança passo a passo eu tentando mostrar com os outros colegas que a vida era diferente. Eu tenho satisfação e gosto do que faço, porque se a gente for olhar o lado da remuneração, de valores materiais... A política do país está interferindo diretamente na vida pessoal e profissional dos educadores, porque castra a gente de ser melhor, nos castram. Eles subestimam o que nos oferecem por mês, é subestimar a capacidade da gente. A gente é como se fosse mãe, tem toda uma responsabilidade. A gente deixa tudo para ir para uma sala de aula, viver o universo do aluno, da escola, da comunidade, do político, fazer o trabalho do desenvolvimento da cidade, quando a gente volta que olha para si, materialmente, profissionalmente a gente se frustra. OBS: Eu já passei cenas assim inusitadas que eu não esqueço. Chegar à escola e um aluno já grande dizer: “Essa minha professora”! Eu agradeço à senhora pelo que sou hoje. Isso me emociona... sem palavras. Professora eu já era assim, mas eu mudei! “há não gosto mais de bagunça não, hoje sou pai trabalhador”.

D	12	É a gente poder ajudar no engrandecimento desses alunos. É tão bom quando a gente se depara mais na frente com um deles e ele diz: professor está lembrado de mim? Eu consegui isso, aquilo... Por menor que seja o cargo, mas só por a gente ter orientado aquela pessoa, gera uma satisfação enorme. Então essa é a minha maior satisfação: vê a pessoa seguindo um rumo, um caminho certo.
	13	Vê os resultados dos meus alunos.
	14	Quando eu vejo que eu consigo viabilizar conteúdos, discutir temas importantes, quando eu vejo que eu estou conseguindo fazer com que eles reflitam e fazer deles seres reflexivos isso me dá muito prazer.